

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

KRESLEY COLE

ARCANA RISING

THE ARCANA CHRONICLES





KRESLEY COLE

5º LIVRO DAS CRÔNICAS ARCANAS

ASCENSÃO ARCANA

Quando a batalha termina...

O Imperador abre as portas do inferno e aniquila um exército, colocando em risco o futuro da raça humana — mas Circe revida. O confronto épico entre eles devasta o mundo dos Arcanos e quase mata Evie, separando-a de seus aliados.

E toda esperança é perdida...

Com Aric desaparecido, e nenhum sinal de que Jack e Selenia escaparam de Richter, Evie se volta cada vez mais para a escuridão que se esconde dentro dela. Dois Arcanos emergem e alteram o jogo: um que poderia ser sua salvação e outro seu pior pesadelo.

Vingança se torna tudo.

Para enfrentar Richter, Evie precisa se juntar a Morte e remendar o laço entre eles. Mas quando ela souber mais sobre o seu papel no futuro — e sobre o seu assustador passado — ela se tornará um monstro como o Imperador? Ou poderá Evie e seus aliados se erguerem das cinzas de Richter, mais fortes do que nunca?

O CAMPO DE BATALHA

Durante o Flash, uma tempestade solar cataclísmica, a superfície da terra foi reduzida a cinzas e corpos de água evaporaram. Virtualmente toda a flora foi destruída, bem como a maioria dos animais. A maior parte dos humanos pereceu, as mulheres as mais atingidas. Após meses de uma seca total, chuva finalmente veio — e então caiu constantemente, até as primeiras tempestades de neve. O sol já não nascia, deixando o mundo em uma escuridão eterna. Pragas se espalharam.

OBSTÁCULOS

Milícias se unificam, consolidando poder. Traficantes humanos e canibais caçam novas vítimas. Todos empenhados em capturar mulheres. Os Bagmen (Baggers) ou saqueadores — zumbis contagiosos criados pelo Flash — vagam pelas Cinzas (terras devastadas), choramingando por sangue.

INIMIGOS

Os Arcanos. Em cada era de trevas, vinte e dois garotos com poderes sobrenaturais são destinados a lutar em um jogo de vida ou morte. O vencedor viverá como imortal até o jogo seguinte, os perdedores reencarnando. Nossas histórias são descritas nas cartas dos Arcanos Maiores do baralho de Tarô. Eu sou a Imperatriz; jogamos outra vez agora. Na minha mira: Richter, a Carta do Imperador, que massacrou um exército, possivelmente assassinando minha aliada Selenia e Jack, meu primeiro amor.

ARSENAL

Conhecimento sobre o jogo me ajudará a sobreviver a ele. Minha avó é uma Tarasova, uma sábia do Tarô, que pode me ajudar a desenvolver meus poderes de Imperatriz: regeneração e cura, a habilidade de controlar qualquer coisa que tenha raízes ou brote, tornados de espinhos e veneno.

Eu precisarei de todas essas habilidades para desafiar o Imperador. Mas para derrotá-lo, convocarei uma aliança de assassinos — renegados, feiticeiras, cavaleiros e guerreiros — com mais nada a perder...

1

Dia 382 D.F.

Morte continuava me levando para mais longe de Jack. Estendi os braços, os dedos abertos na direção do calor daquela poça de lava borbulhante.

— Ele não pode estar morto — eu chorava. — Não pode. *NÃO, NÃO, NÃÃÃÃO!*

— Você quer seguir o mortal? — Aric questionou — Vingue-se primeiro. O Imperador zomba da sua dor.

Eu podia ouvir aquele demônio na minha cabeça — dando risada.

A bruxa vermelha explodiu dentro de mim, uma força que *jamaís* poderia ser contida. Eu berrei:

— Você vai me *PAGAR!*

Enquanto o Imperador ria, Morte murmurou no meu ouvido:

— Estou com sua avó, *sievā*. Era esse o presente de que falava. Nós a ensinaremos como matar o Imperador. Você vingará Deveaux.

— Você não entende? Jack não está *MORTO!* — Eu gritei a mesma coisa várias vezes. — Ele está vivo!

Com a mente à beira de um colapso, avistei algo no céu acima da gente. Olhei boquiaberta, sem acreditar.

Real? *Irreal?* Pouco antes do esquecimento me tomar, uma montanha de água se curvou sobre nossas cabeças em disparada em direção às chamas.

A onda imponente de Circe. Maior que um arranha-céu.

Terror vem do abismo!

Trema diante de mim!

Os chamados de Circe e Richter retumbavam na minha mente me trazendo de volta da escuridão.

— Venha! — Aric me colocou nos braços e correu para longe do combate. — Quando eles se encontrarem, a explosão e então a enxurrada...

Parei de lutar com ele; a vontade de transformar a risada de Richter em gritos metia as garras dentro de mim, o que significava que eu precisava sobreviver.

Aric deu um assobio agudo; um relincho de cavalo respondeu. Thanatos. Comigo segura nos braços, Aric pulou na sela e esporou o cavalo de guerra em um galope frenético.

Quase que mergulhamos em um declive — passando pelo corpo mutilado da minha montaria — e subimos rápido a outra elevação.

Olhei por cima do ombro de Aric quando aquele maremoto formou uma crista sobre o lago de lava de Richter.

Com a respiração pesada, Aric manteve Thanatos em uma marcha perigosa. Subimos outra montanha. Descemos outro despenhadeiro.

Circe atacou.

Um silvo como o de uma fera gigante. Uma explosão similar a uma bomba nuclear. A onda de choque foi tão forte que meus ouvidos sangraram. Tão alta quanto o rugido que precedeu o Flash.

O ar foi ficando cada vez mais quente. O mundo balançou quando uma rajada de vapor escaldante veio atrás de nós.

BUM! A força rompeu o topo da montanha atrás de nós. Pedras colidiam à nossa volta enquanto passávamos por mais um vale. Ainda assim continuamos.

— A onda vem em seguida — Aric disse entredentes.

O solo tremeu do peso de um oceano de água. Eu conseguia ouvir a enxurrada rugindo voltada para nós.

— *Aric!*

Ele conseguir chegar o mais longe que se atreveu, no local mais alto que pôde.

— Espere — segurando-me forte, ele saltou de Thanatos, que continuou galopando. Atrás do topo da maior montanha por ali, Aric se preparou para o impacto. Ele prendeu a luva de metal entre as rochas, o outro braço em volta de mim.

Com o olhar preso ao meu, gritou:

— *Nunca vou te soltar!* — Ambos prendemos o fôlego.

A água abrasadora nos atingiu. O explosivo impacto me arrancou do peito dele, mas ele segurou meu braço, apertando os dedos acima do meu cotovelo.

A pegada de Morte. A força profana daquela enxurrada. Meu grito dentro d'água...

Aric realmente nunca me soltou...

Meu braço... não resistiu.

Separou-se.

Dia 383 D.F. (384?)

Por quanto tempo fui levada por aquela corrente furiosa?

Dias e noites. Noites e dias. Sem regeneração alguma. Um dos meus ombros terminava em uma mutilação irregular com a pele esvoaçando que nem uma franja. Minha clavícula estava quebrada, minha bochecha, meu nariz. Costelas fraturadas. Pele escaldada.

A chuva caía forte, a neve uma lembrança. Piscando contra o aguaceiro, eu disparava por picos de montanhas... por carcaças de velhos prédios... mal conseguindo manter a cabeça fora da água.

Aric, cadê você? Ele sobreviveu? Ou estava morto como Jack?

Não, eu me recusava a acreditar que Aric também tinha morrido. Ele era o Cavaleiro Eterno. Era invencível.

Ele acharia que *eu* estava morta? Provavelmente prestes a estar. Ele garantiria a vitória neste jogo, suportando noites infinitas até se juntar à mim outra vez.

Tontura. Girando... em um redemoinho? Um turbilhão me pegou! *Circe, por que está brincando comigo?*

Talvez por eu tê-la traído e assassinado em outros jogos?

Girando, girando... como a bola na roleta. O redemoinho era tão forte!

— A-acabe logo comigo, Circe! — Meu estômago revirou. Quando vomitei, água encheu minha boca, quase me sufocando.

Afundando?

Afundando!

Meus pulmões gritavam por ar. Minhas pernas dormentes chutavam. Consegui respirar rapidamente na superfície.

Lamentos. Apertei os olhos para enxergar. O redemoinho tinha aprisionado Bagmen, os saqueadores! Do lado oposto do turbilhão quatro das criaturas parecidas com zumbis giravam comigo. Suas peles gastas brilhavam, pedaços de carne faltando. Seus olhos eram brancos que nem giz — e cheios de fome.

O círculo estreitou. Gritei quando suas mãos por centímetros não tocaram meu rosto. Eles estalavam seus dentes para mim, desesperados para morderem.

Para beberem meu sangue.

Por muito tempo pensamos que eles desejavam qualquer forma de líquido. Toda aquela água ao redor deles e o que realmente preferiam estava dentro de mim. *Sede de sangue.*

Estava pronta para morrer. *Não* para ser transformada em um Bagger.

O redemoinho girou mais rápido, mais rápido. Sempre mais perto deles. Mais perto... Um puxou minha jaqueta!

Eu chutei, desprendendo sua mão. A próxima rotação seria a minha última...

Nós nos separamos, o turbilhão perdendo a força. Como? A correnteza nos levou na direção de um sino de igreja, a água se dividindo em volta dela. Sobreviventes, três homens se agarravam à torre. Os sinos tocavam na noite.

Os Baggers seguiram à direita do campanário; eu pela esquerda, lutando para chegar até ela com um braço. *Não vou conseguir segurar!* Um homem estendeu a mão para mim. Eu gritei quando minhas garras arranharam o telhado de ardósia.

À deriva. Mais à frente, a correnteza acelerou novamente. Uma montanha apareceu. Ao invés de se dividir nas laterais, a corrente se dirigia bem ao centro. Eu seria esmagada na rocha?

Meus olhos se arregalaram quando vi o caminho de uma queda d'água — para dentro de um túnel. Eu estava indo direto para ele!

Segundos depois fui engolida por aquela total escuridão. Breu total. *Não vejo nada, não vejo nada!* Chutei as pernas para manter a cabeça acima da superfície. Para respirar — e para ouvir.

Gemidos ecoavam pelas paredes do túnel. Girei a cabeça, incapaz de localizar os sons com exatidão. Escombros batiam em mim. Coisas passavam pelas minhas pernas. Também haveria Bagmen abaixo de mim? Choraminguei só de pensar.

Bati em algo flutuante. Com um grito, eu me agarrei a ele com o braço que me restava. Eu me preendi, balançando como uma rolha. Minha pele estava tão dormente que não soube dizer o que era.

A escuridão clareou um pouco e chuva voltou a tamborilar na minha cabeça. Estava fora do túnel!

Pisquei ao olhar minha balsa. Pisquei outra vez. Uma tatuagem de caveira com dois ossos cruzados? Uma barriga inchada. Eu estava agarrada a um corpo sem cabeça e sem membros.

— *Ahhh!* — Eu me debati para longe, mas ele pareceu me seguir. Mantive os olhos no cadáver enquanto ele flutuava ao meu lado pelo que pareceram dias...

Colidi com algo duro. Metal cortou minha pele. Virei a cabeça para cima: uma torre de celular! A correnteza me imobilizava contra a estrutura. Pregando minhas costas e braço.

Não conseguia me mover. A torre grunhia com as ondas, oscilante.

Mais Bagmen vinham rápidos na minha direção. Estava completamente vulnerável, exposta para uma mordida. Se eles me transformassem em um zumbi eu flutuaria para sempre?

Talvez fosse assim que o jogo seria ganho. Por um Arcano que nunca morreria totalmente.

Os Baggers se debatiam para me alcançar, os olhos brancos loucos. A enxurrada me defendeu, para variar, levando-os para longe como gravetos.

Ah, Deus, uma *casa* vinha na minha direção. Adrenalina irrompeu; apertei os dentes e de alguma forma virei o corpo e fiquei de frente com a torre. Com um braço, subi a escada de serviço.

Imaginei Jack saindo daquele lago de lava ileso. Nós dois chegaríamos ao topo. Ele estaria esperando por mim ali, oferecendo sua mão forte e seu sorriso de cortar o coração. *Senti saudades, bébé.*

Outro degrau. Lembranças surgiram como a onda de Circe. Agonia rasgou meu coração quando recordei minhas últimas palavras para Jack. Ele e eu tínhamos olhado maravilhados para a neve. Para pequenos pedaços de gelo branco.

Outro degrau. A casa se aproximava de mim...

Ela passou a centímetros da torre oscilante. Da próxima vez eu não teria tanta sorte.

Sorte? Ri para o vento.

No topo tempestuoso da torre, enrolei o braço em volta da escada e ri até chorar.

Jack está morto.

2

Dia 385 D.F.?

Tess.

Meus olhos se abriram, o braço tremendo apertado em volta de um degrau da escada. Tess tinha o poder de voltar no tempo!

Jack podia estar morto. Ele não precisava continuar assim.

Ela e eu salvamos a visão dele revertendo o tempo; poderíamos salvar sua vida! E a de Selena. Poderíamos salvar todo seu exército Azey. Eu só precisava chegar até Tess.

Ela, Gabriel e Joules estavam a uns dois dias de distância do Forte Arcana. Os três teriam ouvido o ataque, teriam voltado.

Eu precisava chegar lá. Como? Não sabia sua localização — nem a minha. Acreditava que o forte ficava na parte norte do Tennessee. Ou no Kentucky. Talvez.

A tempestade tinha diminuído, os ventos não estavam mais tão fortes e a água recuou até não parecer ter mais de meio metro de profundidade. O que queria dizer que eu estava pendurada a uns quarenta metros do chão.

Daquela altura, virei a cabeça para os lados. Na escuridão sombria, avistei montanhas rochosas à esquerda. À minha direita, só consegui decifrar os restos de uma cidade. Poderia determinar minha localização ali.

Energia me encheu, minha mente faiscando com um objetivo. A parte que sobrou do meu braço finalmente se contraía com a regeneração, minha pele queimada começando a se curar. Meus glifos irradiavam como um refletor, um farol no breu.

Com um braço, comeci a descer a escada. Músculos muito rígidos. Cada vez que soltava a mão, precisava me escorar na torre para equilibrar o corpo e depois, cuidadosamente, colocar os pés mais embaixo. Muito devagar.

E cada momento desde aquele massacre contava. Cada segundo que Tess voltava no tempo drenava sua vida; ela quase morreu quando eu a forcei a voltar só uns onze minutos. Com as garras afundadas em seus braços, ela atrofiou até virar uma casca, o cabelo caindo, os ossos salientes.

Quanto tempo passou desde o ataque do Imperador? Eu poderia estar inconsciente há horas — ou dias. Até onde a enchente me carregou?

Por que Circe não me matou? Não importava. *Tenho que chegar a Tess.*

Precisaria muito mais do que de minutos dela. Mas poderia trabalhar com ela até que seu poder desabrochasse, até que ela conseguisse suportar as exigências de sua habilidade.

E se eu conseguisse que voltasse dias e ainda assim perdêssemos Jack por um instante? Precisávamos voltar tempo suficiente para derrotar o Imperador antes que ele atacasse. Podíamos convencer Circe a atacá-lo antes!

Franzi as sobrelanceiras. Ouvi a risada demoníaca de Richter em minha cabeça... *depois* da enxurrada de Circe, não só pouco antes. Como ele sobreviveu? Se a Sacerdotisa não conseguia matá-lo, Richter era invulnerável?

Não podia me preocupar com isso. Ainda não. Aric matou o Imperador em um jogo anterior, então ele conhecia as fraquezas de Richter. Minha avó também seria uma fonte de informações. Por causa de Aric, ela estava viva e a salvo em seu castelo.

Com a ajuda deles, eu poderia aprender como destruir Richter. Por enquanto, só precisava chegar a Tess. *Rápido. Tic-tac.* Não havia tempo para descer um degrau de cada vez.

Respirando fundo, fechei os olhos e me deixei cair para trás, caindo em queda livre da torre.

Caindo...

Aterrissando...

Dor!

Um vergalhão saía da lateral do meu corpo. *Merda, merda! Não entre em pânico...* Eu me forcei a examinar o ferimento. Não era tão profundo quanto eu pensava, mas estava presa no metal curvado. *Não há tempo para isso!*

Soprei o ar por entre os dentes cerrados e então empurrei com o braço. A barra me cortou por dentro, centímetro a centímetro, até eu me libertar. Lutei para me levantar, dançando para me equilibrar. Minhas pernas instáveis não queriam me segurar. Cada respiração era uma agonia.

Se eu conseguir dar um passo, será um passo mais perto de Jack.

Dei aquele passo. E mais um. E outro, até estar avançando pela água imunda até a cidade. Desviei do caminho de escombros — e de Baggers meio submersos presos debaixo dos entulhos da tempestade.

Esse poderia ter sido meu destino. Como aqueles Bagmen chegaram perto de me morderem! Não era de admirar Aric ter me segurado com tanta força.

Aric, onde está?

Sem resposta ao meu chamado telepático. Nenhuma voz arcana também.

Baggers estalavam os dentes para mim conforme eu passava. Para cada um que eu via, quantos não estavam visíveis? Eu pisaria em um? Como um campo minado de Baggers?

Foco. Nesta situação, Jack manteria a calma e calcularia a logística. Tudo dependia de que eu alcançasse Tess o mais rapidamente possível.

Quando Aric me sequestrou da mina do Papa ou Hierofonte, acreditei que Jack havia morrido e decidi continuar viva para me vingar. Mas desta vez, eu simplesmente me recusava a acreditar que ele não tinha salvação.

Virava a cabeça para a esquerda e direita, procurando alguma pista sobre minha localização. Enquanto caminhava penosamente, provisões passavam por mim — comida, garrafas de água. Nunca passei por tesouros assim quando peguei a estrada com Jack, mas eu não estava com a minha mochila, nem nada onde guardá-los.

Eu a perdi quando perdi o braço.

O treinamento de Jack ainda ressoava dentro de mim; preciso de equipamentos de sobrevivência. Para salvá-lo eu precisava sobreviver tempo suficiente para encontrar Tess. Então agarrei uma caixa de pesca flutuante com várias divisórias e encontrei um estilete. Um bom começo. Eu o meti no bolso da jaqueta.

Já havia algo lá dentro?

Dei um grito. A fita vermelha! A fita que ele pegou de mim há uma vida atrás, na noite antes do Flash. Aquela que ele tinha salvado e carregado consigo por mais de um ano. Era para devolvê-la quando eu o escolhesse acima de todos os outros, quando estivesse pronta para construir uma vida com ele.

Era o que eu pretendia.

Jack estava... morto.

Mas não para sempre.

Havia outra coisa no meu bolso... A carta dele! Eu a tirei. O papel encharcado desintegrou na minha mão trêmula e eu só pude olhar. Ele tinha me deixado esta carta me encorajando a ir embora com Aric para viver em um lugar com lâmpadas ultravioletas, comida e segurança.

Porque eu te amo, Jack havia escrito. Essa pode ser a coisa mais nobre que já fiz na vida. Nobreza, só pra constar, corta como uma faca no coração.

Por que nunca lhe disse que o amava? Em todos os meses que o conhecia, nunca falei essas três palavras.

Não lamentei pela carta por que eu sabia que voltaria a tempo. Ela nunca se perderia. Eu coloquei a fita de volta no bolso. Um dia, jurei a Deus, eu a entregaria a ele. Apertei o passo com ainda mais determinação.

Finalmente cheguei a um agrupamento de edifícios de tijolos — as únicas coisas de pé aqui depois da tempestade de fogo do Flash. Manquei até o meio deles. No que deve ter sido a praça da cidade havia um monumento: um homem a cavalo com lixo preso em volta dele. Não era sempre a droga de um homem na droga de um cavalo?

Com a luz das minhas inscrições, eu li a placa: GREEN HILLS, INDIANA.

Meu coração parou. Minhas inscrições faiscaram. *Indiana?*

Um estado completamente diferente da localização do forte. Alcançar Tess poderia levar uma semana — se eu tivesse um meio de transporte, combustível e instruções para chegar lá.

Deixei o corpo cair contra o monumento e lágrimas se formaram.

Chorar é perda de tempo, Evie!

Tic. Maldição. Tac.

Enxuguei as lágrimas com a manga molhada e levantei o queixo. Meu plano ainda era forte. Eu encontraria Tess e então não descansaria até que ela pudesse reverter o tempo — em meses. Em anos! Inferno, eu voltaria para antes do Flash e salvaria minha mãe e Mel!

O primeiro passo era conseguir um veículo para a viagem. O segundo: gasolina. O terceiro: direções.

Eu tinha uma missão. Seria como Lark, com seu foco obstinado. Teria força e bravura. Eu me imaginei como um cavalo com viseira, vendo apenas a estrada na minha frente. Nada mais importava. Enterraria meu pesar e destruiria qualquer coisa que atrapalhasse minha missão.

Veículo.

Combustível.

Direções.

Qualquer veículo próximo a esta cidade estaria afundado, preso ou foi levado pela correnteza. Precisava sair do caminho daquela enchente. Precisava ir para uma área montanhosa. Eu me virei na direção da base da cadeia de montanhas.

Corri.

Segurando a lateral ferida do corpo, lutei contra a resistência da água, movendo as pernas por pura determinação.

Corri até pisar nas poças da beira da enchente que já retrocedia. Subi para a linha de colinas rochosas. Uma estrada as rodeava. Segui por ela.

Minhas pernas anestesiadas me fizeram tropeçar. Eu caí pra frente: com uma mão para me segurar. Caí de cara em uma plataforma de pedra.

Tic-tac. Lutei para voltar a me erguer. Cuspi sangue. *De viseira.*

Corri.

3

Dia 389 A.F.?

“Quem deixou os cães saírem? QUEM? QUEM? QUEM?”

Mesmo com os ventos congelantes e a garoa, ouvi uma música tocando alto do outro monte.

Talvez estivesse enlouquecido e sofrendo de — do que os médicos da ala psiquiátrica tinham chamado? — uma alucinação auditiva. Muito provavelmente. Não dormia há dias. Não tinha parado de correr.

Chegar a Tess. Chegar a Tess. Chegar a Tess.

Embora estivesse cheia de determinação, meus glifos tinham escurecido, minhas habilidades parando de funcionar. A regeneração estava lenta de um modo agonizante — meu braço tinha voltado a crescer só alguns centímetros e o ferimento ao meu lado ainda estava aberto. Meus ossos quebrados não se ligavam. Exaustão ameaçava me consumir.

Mas minha mente era toda poderosa. Minha mente dizia ao meu corpo que não parasse e ele obedecia. A fita era um talismã que me mantinha continuando.

Aric disse que eu possuía um potencial inexplorado. Eu tirei forças de qualquer coisa — de tudo — que eu tinha. Lembrei a mim mesma que Deméter havia varrido a terra atrás de sua filha sem nunca descansar. Minha busca por Tess seria tão implacável quanto.

Corri na direção da música. Música significava pessoas. Pessoas significavam vítimas que eu poderia roubar.

Nos últimos dias, eu havia me tornado um dos caras maus de chapéu preto, ameaçando alguns sobreviventes que encontrava (mesmo que tudo que tivesse conseguido fosse uma minúscula exibição de uma videira).

Você tem um mapa? Eu roubaria de você.

Comida? Passe pra cá.

Gostei da sua mochila. É minha agora.

Para me manter viva por Jack, por Aric — e por Richter — eu me tornei o monstro espreitando nas sombras.

Como chapéu preto, eu entendia tão melhor como Baggers, canibais e milícias funcionavam. *Sempre busque pessoas; elas terão algo que você vai querer.*

Eu não tinha escrúpulos por estar deixando outras pessoas perdidas ou famintas. Como eu dizia a elas: — *Tic-tac.* O relógio está correndo. Nada disso vai ter acontecido — por que eu iria reverter o tempo.

Graças aos meus roubos, agora eu vestia um poncho com capuz por cima da jaqueta e uma de luvas sem dedos. Nas minhas costas uma mochila com utensílios: rações do exército para mais uns dois dias, uma faca, bastões de iluminação e sal para Baggers...

Subi a colina me arrastando, cavando com a mão na sujeira e lutando contra correntes de água. Entre inspirações, perguntei:

— Está aí, Circe?

Quanto mais pensava no conflito épico, mais percebia que a enchente foi uma consequência não intencional de seu ataque ao Imperador.

Enquanto a onda gigante tinha vibrado com sua presença e hostilidade, a enxurrada foi violenta, mas... sem vida.

Controlar uma onda como aquela não pode ter sido fácil para ela. Inferno, eu quase envenenei Jack com meus poderes. Tess quase morreu por causa dos dela.

Decidindo que Circe não tentou me matar, eu a saudava em poças. Ela conseguia ver e ouvir de qualquer corpo d'água. Ela saberia onde Aric estava.

Ela nunca respondia. Ninguém respondia. Não ouvi uma chamada telepática Arcana sequer. A não ser que estivesse correndo em círculos — possível — eu já deveria ter percorrido uma boa distância. Não me aproximei de nenhum Arcano?

Droga, nós deveríamos convergir!

Tentei novamente: *Aric? Tess? Gabriel? Joules?*

Nada. Eu estava tentada a chamar Matthew — mas ele tinha *permitido* o massacre.

Mesmo assim, ele também me falou sobre a viagem no tempo de Tess. “Às vezes o Mundo gira em reverso. Às vezes batalhas também. A palavra carrossel quer dizer *pequena batalha*.”

Quem sabe tudo isso fosse um exercício para aumentar o poder inimaginável de Tess? Ele pode ter sabido o tempo inteiro que eu iria trazer Jack de volta! Matthew sempre fazia coisas assim.

Eu o chamei. Mais uma vez, nada.

Enquanto eu corria, temores ameaçavam o meu foco. Até Aric — o rei das transmissões — não tinha me respondido. E se ele estivesse ferido? E se o Imperador foi capaz de se esquivar de Circe e avançar? Claro que eu sentiria se outro Arcano tivesse morrido.

Foco, Evie. Cada segundo contava. O relógio não para.

Cheguei ao topo do monte e estreitei os olhos cheios de terra. No vale abaixo de mim, a névoa criava um cobertor. A alguma distância, luzes brilhavam tenuemente abaixo dela. A música vinha daquela direção.

Desci derrapando o declive imundo até a base. Lá o ar pareceu mais quente, quase sufocante. Corri.

Mais dentro do vale, consegui ver mais detalhes. Um estacionamento do tamanho de um shopping estava situado em uma rodovia cheia de carros carbonizados. Baggers devem estar passeando por aquele labirinto nebuloso de veículos; lamentos eram levados pela noite.

Entrei no estacionamento. A névoa ficou mais espessa ao meu redor, justo quando eu precisava enxergar. Merda! Deveria estar aterrorizada — em um labirinto escuro, cercada por Bagmen — mas não tinha tempo. Coloquei a viseira no lugar.

Uma estrutura finalmente apareceu. Tigelas queimando óleo iluminavam uma parede muito alta. A batida da música vinha de um pouco mais além.

Um coliseu? A arena tostada pelo Flash tinha resistido ao apocalipse! Uma nova música — “Welcome to the Jungle” — retumbava de dentro, a letra clara: *“Eu quero te ver sangrar...”*

Real? *Irreal?* Eu estava sonhando?

Então senti algo que fez minhas garras de espinhos coçarem. *Não pode ser. Estou enlouquecendo.* Com uma sacudida forte de cabeça, ignorei. *Foco, Evie.*

Veículo.

Combustível.

Direções.

Este lugar era uma locação genial para um assentamento com uma defesa já erguida — Bagmen espreitando por todos os lados. O estacionamento me lembrava do campo minado em frente ao Forte Arcana. A ideia brilhante de Jack. *Viseira de cavalo*.

Então, quem morava ali?

Desacelerei. Droga, não podia negar meus sentidos mais. Em algum lugar aqui perto... plantas cresciam. Muitas delas.

Como? Mesmo que a terra não tivesse ficado improdutiva, não tínhamos luz solar.

Corri em torno do coliseu tentando chegar às plantas. Esta coleção não vista devia ofuscar até a extensa chácara de Aric.

A proximidade delas me abastecia, empolgando a bruxa vermelha, aquela parte sombria e assassina minha. Quando minha videira brotou do meu pescoço, tirei o capuz do poncho. A videira se dividiu atrás de mim até se alargar como uma aura.

Ou a cabeça de uma cobra.

Um choro veio por trás de mim — os Baggers tinham sentido meu cheiro e estavam me seguindo. Um estava bem próximo. Enquanto a música estrondava, endireitei o corpo e enrijei uma videira — então golpeei como uma espada a cabeça da criatura.

“... sinto minha, minha, minha serpentina. Eu quero te ouvir gritar...”

Outro Bagger se arremessou; golpeei outra vez. Uma gosma podre cobria a videira. Eu a deixei cair, fazendo uma nova crescer.

Pude ver um brilho maior bem depois da curva do coliseu seguindo-o, dei de cara com uma fileira de caminhões militares. Perfeito! Eu precisava da chave de uma e do máximo de combustível que pudesse transportar. O que queria dizer que precisava aprisionar o cara responsável por este lugar nas minhas vinhas — com minhas garras envenenadas em sua garganta.

Vozes soaram. Abaixando atrás das carretas, dei a volta em uma e espiei dois homens sem camisa vigiando a entrada. Eles tinham armas automáticas e não pareciam nem um pouco preocupados com os Bagmen vagando na névoa nas proximidades.

Em minha condição enfraquecida, um ataque direto não era aconselhável, mas se eu me “entregasse”...

O bom de ser mulher D.F. — ninguém queria atirar em mim a não ser que fosse obrigado.

Logística: eu só podia levantar uma mão, então eles poderiam pensar que eu estava para pegar uma arma e iriam atirar. Um tiro não me mataria, mas atrairia mais guardas e Baggers.

Ordenei que as videiras descessem e se enrolassem dentro da manga vazia do poncho, estufando-a. Movi meu braço verde; parecia ser de verdade. Perfeito.

Em batalhas passadas, tentei limitar o número de casualidades. Agora só me importava com as ações que seriam mais *rápidas*. Assim que completasse minha missão, nada disso teria acontecido.

Manqueei para dentro do campo de visão deles, trabalhando meu ângulo de donzela em perigo.

— P-por favor, ajudem! — Gritei, os braços erguidos, o verde emitindo esporos venenosos. — Podem me ajudar?

Os dois guardas giraram e me olharam embasbacados. Um disse:

— Uma mulher! — e correu para me apreender. O outro pegou o rádio.

Nenhum completou suas ações antes de cair.

Voltando a cobrir a cabeça com o capuz, passei por seus corpos e me aproximei da entrada. Dei uma espiada dentro; ninguém por ali, então entrei.

Enfileirando um corredor escuro havia celas cheias com o que deviam ser uns duzentos homens. Passando das celas, no fim do corredor curvo, havia uma entrada aberta. Luz, calor e música vinham dela.

Dava para notar que me aproximava das plantas! Minhas garras brotaram e afiaram, e senti o primeiro formigamento real da regeneração.

Ninguém tinha me visto ali no escuro. Todos os olhos estavam voltados em outra direção, para mais dois homens sem camisa vigiando aquela entrada.

Gemidos e murmúrios vinham das celas. “O que vai acontecer agora?” “Alguém conseguiu fugir?” “O que eles farão com a gente?”

Nada de bom, quis responder.

Desde o Flash, fui enjaulada por uma milícia, empurrada para dentro do laboratório de um *serial killer*, arrastada até a dispensa subterrânea de um canibal e forçada a entrar em uma câmara de tortura tipo casa dos horrores.

Aqueles prisioneiros não se dirigiam a um destino agradável. Seriam mortos como gado? Ou usados como alvo enquanto alguma facção os fazia em pedacinhos?

Eu me infiltrei mais próximo das celas. Em uma, um garoto de cerca de nove anos estava chorando enquanto um homem mais velho — que parecia seu avô — tentava confortá-lo. Mas o avô claramente estava tão abalado quanto ele. O menino o chamava de Pops.

Cheguei perto deles, mantendo a discrição até conseguir mais informações.

— Em que estado estamos? — Perguntei a Pops.

Ele se assustou, talvez por ter acabado ouvir a voz rara de uma mulher ou por eu estar andando do *lado de fora* das celas.

— Indiana.

Ainda? Droga!

— Quem manda este lugar?

Ouvindo nossa conversa sussurrada, um cara musculoso com uma bandana na cabeça se virou para mim e disse:

— Solomón, o líder dos Skins.

— Skins?

Pops disse:

— São os seguidores fanáticos de Sol.

Bandana acrescentou:

— Eles nos consideram os Shirts — Shirts e Skins¹ como no futebol? *Quem bolava essas coisas?* — Sol vem juntando sobreviventes por todo o estado.

— Por quê? Por que colocá-los em jaulas?

— Porque Sol gosta de joguinhos — disse Bandana. — Pra se divertir. Você verá logo, logo.

Um homem sentado ao lado de Bandana me perguntou:

— Você por acaso sabe como abrir uma trava eletrônica sem a senha?

Não, mas eu poderia passar uma árvore no meio de duas barras fazendo com que crescesse até o metal dobrar. Talvez devesse libertar esses prisioneiros.

Então me lembrei da lição que aprendi com Jack e Aric: *uma pessoa acorrentada* não era automaticamente *uma pessoa boa*.

1 Em português os times dos com camisa (shirts) e dos sem camisa (skins).

Além disso, estes homens vagando livres por aí apresentavam muitas variáveis e atrapalhariam minha missão. Em um futuro alterado, eu nunca teria vindo aqui de qualquer maneira.

Como chegar neste Sol mais rápido? Se eu me entregasse, aqueles guardas poderiam não me levar ao seu líder imediatamente, podiam até se rebelar para ficar com uma mulher só pra si.

Um zumbido eletrônico soou e as portas de todas as celas abriram. Ninguém foi corajoso o bastante para ser o primeiro a dar um passo, para tentar escapar.

Os dois guardas sem camisa — Skins — desceram pelo corredor com as armas a postos. Um deles gritou:

— Vocês estão prestes a fazer história!

Nos *jogos* de Sol? Se estes prisioneiros eram parte do seu entretenimento, então minha melhor esperança de ter acesso a ele seria me juntando a eles. Deslizei para a cela de Pops me misturando aos outros antes dos guardas passarem. O par marchou para a outra extremidade do corredor.

— Todos saindo e andando — falou o segundo guarda. — Qualquer um de vocês que ainda estiver dentro da cela quando passarmos pela porta leva um tiro. Melhor se apressar para saírem antes disso.

Homens correram para a saída e eu me juntei a eles. Fingir que era um deles — por enquanto — parecia o mais rápido. Ainda assim, a impaciência me tinha pela garganta.

Bandana chegou perto de mim.

— Eu poderia cuidar de você, garotinha — ele disse. — Se sobrevivermos a isto.

Franzi a testa para o meu novo pretendente.

— Você é otimista. E não preciso que cuide de mim.

O amigo de Bandana sorriu.

— Você diz isso agora, mas espere até o sangue começar a escorrer.

Esse era o meu problema; eu *mal conseguia* esperar. A bruxa vermelha ladrava por sangue.

Pops murmurou:

— Deveria avisar que é uma mulher. Será poupada do que quer que está prestes a nos acontecer.

Eu podia *sentir* que nos aproximávamos daquelas plantas; tive que abafar a vontade de correr na frente de todos aqueles homens.

— Vou ficar bem.

Bandana encontrou o olhar do amigo e girou o indicador perto da têmpora. Ele achava que eu era louca? *É justo*.

— Você não parece com medo — disse Pops. — Sabe de alguma coisa que não sabemos?

O neto dele me encarava com olhos de coruja; eu pisquei para ele.

Bandana perguntou:

— Tem alguma coisa debaixo desse poncho?

Eu tinha uma manga cheia de videiras. Se não estivesse tão impaciente — dava pra estes caras serem mais lentos? — poderia ter dado risada.

— Pode-se dizer que sim.

Enquanto passávamos por mais celas, homens feridos rastejavam até as saídas. Outros arrastavam desesperadamente os inconscientes. Do estádio “We Will Rock You” do Queen estrondava, parecendo zombar daqueles prisioneiros.

Atrás de nós, aqueles dois Skins varriam o corredor, cumprindo sua promessa. Tiros disparavam no espaço com eco; todos os Shirts pareceram se abaixar ao mesmo tempo.

“... *you got mud on your face. Big disgrace...*” (você tem lama no rosto. Grande desonra...)

Outro tiro e mais outro. Os guardas assassinavam os inconscientes, os feridos, os lentos.

Eu segui com o rebanho de prisioneiros até que emergimos no que uma vez foi um campo de futebol. Agora era um pasto. Com grama de *verdade*.

Varri o olhar perplexo ao redor do interior do coliseu. Plantas cultivadas cobriam a arquibancada em três lados, vasos enchendo as fileiras como jardins de varandas. Como??? Levantei a cabeça esperando ver lâmpadas ultravioletas inestimáveis, mas não vi nenhuma. Talvez este assentamento guardasse as lâmpadas trancadas, só fazendo uso quando necessário.

Descobriria depois. Assim que voltasse no tempo, poderíamos atacar este lugar com o exército Azey de Jack. Eles assaltariam os cultivos, libertariam qualquer pessoa presa e destituiriam Sol de suas lâmpadas.

Por enquanto, eu tinha um arsenal à disposição para usar contra o meu mais novo adversário.

Junto à linha lateral, no meio campo, havia um palco enorme decorado com faixas de tecido roxo. Faixas roxas com letras douradas — palavras em Latim? — penduradas em postes.

O filme Gladiador chama. Quer as colunas do cenário de volta.

O que tinha que ser mil homens sem camisa ocupavam assentos na arquibancada flanqueando o palco. Eles bebiam e faziam baderna, cantando junto com a música. Todos eram bem alimentados e musculosos, as peles com cicatrizes, mas excepcionalmente bronzeadas. Quantas lâmpadas ultravioletas esta facção controlava?

Enquanto marchávamos para o centro do campo, o chão foi ficando molhado, depois mais molhado, até minhas botas chapinharem. Olhei para baixo: estava até os tornozelos... em sangue.

Do lado oposto da arena, um desfile de guardas — alguns com armas rudimentais em mãos — emergiram em uma fileira. Como o time da casa saindo do vestiário.

Pisquei sem acreditar quando eles se aproximaram. Eles eram... Bagmen. *Centenas* deles.

Eles cercaram o campo, cercando a gente. Ainda assim não atacaram, só permaneceram parados nas extremidades. Por que não estavam gemendo, tentando nos morder? Quem — ou o que — os controlava?

Com um grito assustador, um prisioneiro se virou e correu de volta na direção do corredor. Dois Bagmen o derrubaram com mais força e velocidade do que eu já tinha visto neles.

O homem gritava enquanto eles tomavam seu sangue. O som das chupadas deixou todo mundo nervoso.

Os alto-falantes do estádio estalaram e a música passou para “Seven Nation Army.”

“... A seven nation army couldn't hold me back...” (“...um exército de sete nações não poderia me deter...”). Exatamente o que eu pensava.

Enquanto a música retumbava, uma plataforma subiu debaixo do palco. Pouco a pouco, um homem no começo dos vinte anos se tornou visível, primeiro a cabeça — ele tinha cabelos pretos, olhos escuros e um belo rosto — e depois a pele bronzeada de seu peito nu. Ele era alto e com o corpo bem proporcional, usando apenas uma toga até a altura do joelho.

Dois Baggers o flanqueavam, um macho de um lado e uma fêmea do outro, ambos bem vestidos com roupas normais.

Um ofego passou chiando pelos meus lábios quando uma imagem tremeluziu acima dele — um tableau Arcano: uma criança envolvida por uma bandeira vermelha ondulada, cercada por girassóis e trigo. No céu azul acima, o sol tinha um rosto e era ameaçador.

Sol. Sol. Encontrei a Carta do Sol. Meus lábios se curvaram. *Eu vou te servir...*

Sol ergueu a mão e todos se calaram, a música desaparecendo.

— Bem-vindos ao Olimpo! Eu sou El Sol! — Ele urrou. Sotaque espanhol? — Em um mundo de escuridão, eu trago a luz!

Com seus seguidores beijados pelo sol e a plantação crescendo a todo vapor, Sol deve ser capaz de emitir luz solar. Então, como essa habilidade me afetaria? Carregaria as minhas baterias ou me secaria até virar uma casca? Vasculhei minha mente avariada para lembrar. Eu não ouvi o chamado de sua carta. Ele ouviu o meu?

Os homens nas arquibancadas bateram os pés, entoando em coro:

— *Victi, vincimus* — ou sei lá o que.

Eles se calaram quando ele gritou:

— Saúdem o Glorioso Iluminador! Perto de mim, tudo é sombra.

Os homens entoaram:

— Perto dele, tudo é sombra.

— *Eu sou o seu deus!*

Uau. Até mesmo Guthrie, a Carta do Papa, tinha se considerado apenas um pastor guiando seu rebanho. El Sol acreditava que era uma verdadeira divindade. Considerando sua toga e seu refúgio de coliseu, eu apostaria em um deus *romano*. Nós éramos seu sacrifício?

Apertei a ponte do meu nariz, murmurando:

— Arcano maluco — mas eu podia mesmo falar?

Assim que Tess e eu voltássemos da nossa viagem de volta no tempo, eu me estilhaçaria em vários pedacinhos de Evie.

Por ora, optaria por não assistir a parte dos sacrifícios do programa da noite. Eu tinha uma missão. Sol estava entre eu e meus três objetivos. O que significava que ele estava entre eu e Jack. Sol poderia muito bem estar matando-o bem na minha cara.

Minhas garras afiaram. Eu já havia estabelecido conexão com todas as plantas do estádio. Seria forte o bastante para lutar com tantos Skins?

Os Shirts poderiam ser tão perigosos quanto. Parecia que a notícia de eu ser mulher se espalhava entre eles.

Sol continuou:

— Apenas gladiadores de valor encontrarão um lar entre as riquezas do Olimpo! Preparem-se para lutar por seu lugar!

Eu tinha que admitir uma coisa: ele sabia como montar um espetáculo, era um verdadeiro mestre de cerimônias. No meu humor atual, aquele *performer* estava prestes a quebrar muito mais do que a perna².

Os futuros gladiadores à minha volta ficaram ansiosos ao compreenderem seu apuro — uma luta pela sobrevivência. Quantos morriam em cada disputa?

Não era de admirar que todos aqueles Skins fossem grandes e cheios de cicatrizes. Para ganharem seus lugares na arquibancada, eles tiveram que sair vivos de um tudo ou nada.

Eu poderia não *precisar* ter que matar Sol. Mas eu *queria*. O que era mais um ícone?

Não, foco! Tic-tac.

Sol acenou com a mão e os Bagmen deram uma guinada à frente. Eles depositaram aquelas armas rudimentares no campo — lanças, enxadas, machados — depois retornaram à periferia, como se tivessem

² O equivalente em Inglês do “Merda” ou boa sorte, antes de apresentações teatrais é a expressão “Quebre a perna.”

ensaiado uma coreografia. Sol deve ter controle sobre eles do mesmo modo que eu controlava as plantas! O que fazia sentido — afinal, os Bagmen foram criados pela radiação soltar durante o Flash.

Quando o sol havia brilhado à noite.

Entre os Shirts, olhares iam de um lugar a outro e punhos se fechavam, homens se preparando para lutar. Quando eu deveria atacar? Teria esporos suficientes para eliminar mil Skins? E quanto aos Bagmen?

Sol levantou as mãos e seu corpo começou a... brilhar.

Me encher de poder ou me queimar?

Ao meu redor, os Shirts arfaram em choque. Os seguidores de Sol ergueram os rostos e se deleitaram enquanto a luz irradiava de seu corpo — cada vez mais forte em sua intensidade. Ficou tão clara que eu quase gritei. Fechei os olhos me preparando...

Quando meus glifos tremeram, abri os olhos. Logo aquelas luzes serpenteando na minha pele estavam brilhando quase tão forte quanto Sol. Sol estava me sobrecarregando! Mas ninguém notou; estavam todos ocupados demais olhando para ele.

Eu tirei o capuz e videiras se abriram atrás da minha cabeça, mais uma vez no formato de cobra. Minhas garras gotejavam veneno. Meus ossos quebrados e ferimentos se curavam cada vez mais rápido. As videiras na minha manga deram lugar ao meu braço que crescia conforme a carne se multiplicava de si mesma. Já estava na altura do cotovelo!

Bem dentro de mim, a bruxa vermelha espreguiçou e ronronou.

As plantações das arquibancadas se moveram em prontidão. Eu poderia transformar aquilo em um banho de sangue se assim escolhesse. Jack foi um dos meus últimos elos com a humanidade, com a bondade. Até que o recuperasse... a bruxa vermelha poderia soltar suas rédeas.

Um Arcano sobrecarregado com zero humanidade. E um ícone disponível para ser conquistado. Se ao menos derrotar o Imperador pudesse ser tão fácil...

Franzi a testa. Richter. E se ele não fosse invulnerável afinal? Talvez... simplesmente necessitasse de uma bateria solar portátil. Poderia levar *Sol* de volta no tempo comigo no carrossel de Tess. Mas poderia controlar Sol o suficiente para manter seus poderes sob controle? Qual era a *extensão* dos seus poderes?

Sol diminuiu sua luz, então ele e seus dois zumbis de estimação ocuparam assentos no palco. De repente, um sinal de início de partida soou.

Homens gritando correram na direção daquelas armas. Lutas irromperam. Uma luta coletiva ao meu redor. As armas brutas tornavam matar um negócio pavoroso. Sangue esguichava, membros despedaçados caíam.

Atrás de mim, o neto de Pops gritava histericamente. Joguei uma vinha na direção dele e de Pops. Ela ramificou na frente deles — um escudo verde.

Atenção de volta a Sol.

Ele tinha entrelaçado os dedos com os Baggers que ficavam ao seu lado. Sol *gostava* daqueles dois? Se fosse o caso, eu podia explorar isso. Mas primeiro precisava de uma distração.

Como aprendi a fazer no porão dos Enamorados, tirei outra videira do pescoço e a atirei na direção dos guardas Bagmen da periferia. Minha granada de fabricação própria; eu a abastecia com a força dentro de mim. A videira se abriu, formando dentes como em um garfo para subir em corpos e perfurar crânios. Bagmen caíam como dominós.

Shirts por perto correram para longe de mim. Ótimo. Estava prestes a precisar do espaço.

Invoquei a bruxa vermelha — e quase senti pena dos meus inimigos. *Eu SOU a bruxa vermelha*, uma parte de mim pensou. *Evie é uma fatia MINHA*.

Outros Baggers se mobilizaram para localizar a ameaça, empurrando através da massa de homens.

Do meu capuz de cobra, estirei a ponta de uma videira enorme, outra lança. Ela disparou, perfurando

um Bagger no olho.

Mais criaturas se voltaram para mim, lamentando ao atacarem. Perfurei mais uma e outra. Logo eu usava duas lanças. Três lanças. *Dez*. Como uma hidra.

Nunca me senti mais monstruosa. Inflamada. Cruel. Garras transbordando de veneno.

Shirts gritavam e saíam do caminho com mais medo de mim do que de qualquer outra coisa naquele lugar. Bandana me olhava com repulsa e medo.

Dei um risinho. *Mas eu achei que fôssemos ficar juntos...*

Uma lança verde perfurou um Bagman e pegou mais dois atrás dele. Zumbis mortos se amontoavam. O fedor quase me deixou com ânsia de vômito.

A bruxa vermelha ansiava a sua carnificina, exigindo controle total. Mas minha missão era importante demais para deixar que ela reinasse.

Lutando para me concentrar no que importava, mandei caules de rosas farpados rastejando na direção do palco. Sol não notou quando as plantas subiram por sua cadeira e de seus companheiros.

Caules de repente fecharam em volta de seus pescoços. Eu os usei para erguer os dois Baggers no ar.

Sol gritou:

— Nããão! Pare! — Ele apertou o caule em volta da garganta e puxou, então apertei mais as três coleiras farpadas.

Os Bagmen no campo cessaram seus ataques. A luta coletiva desacelerou até todos estarem olhando meu trabalho manual.

Com uma mexida de mão, aquelas plantas se inflamaram. Os Skins nas arquibancadas reagiram tarde demais; atrás deles uma leva de verde os inundou, minha própria onda apavorante. As videiras os prenderam, uma enorme teia viva. Quando mais os homens lutavam, mais presos ficavam.

Um refletor pareceu brilhar dos olhos de Sol enquanto ele varria a multidão com o olhar para identificar seu agressor.

Eu me coloquei naquela luz e gemi. Deus, era *maravilhoso*.

— Quem é você? — ele questionou, os dedos sangrando em volta da coleira. — *O que você é?*

Minhas videiras cheias de sangue tiraram os corpos do meu caminho conforme eu caminhava até o palco, para mais perto daquela deliciosa luz solar.

Mesmo com todas aquelas plantas, só fui capaz de fazer crescer metade do braço. Agora ergui o toco para a luz que ele emitia. Minha carne regenerava diante de nossos olhos. Até meus ícones retornaram.

Arquejos e gemidos soaram ao meu redor.

Flexionei meus novos dedos e garras. Girei o punho. Com a minha mão restaurada, apontei para Sol.

— Você vem comigo.

5

— Eu sou a Imperatriz e você é meu prisioneiro.

Quando continuei a avançar, um raio diferente brilhou saindo dos olhos de Sol. Este nada fez por mim, nem *comigo*. Mas os homens próximos a mim gritaram. Alguns caíram em posições fetais, rolando pela grama ensanguentada. Um caiu de joelhos, batendo com os punhos na cabeça.

Insolação? Sol tinha acabado de enlouquecê-los? Poder número três.

Apertei as coleiras dos Baggers; o par choramingou no ar.

— Tente mais alguma coisa contra mim e esses dois perdem as cabeças.

— Espere! — Sol ergueu as palmas, diminuindo a luz dos olhos. Com o sotaque carregado, disse: — Eu parei. Só não os machuque, *por favor!*

— Eles estarão seguros contanto que você faça o que eu digo.

Os olhos dele ficaram em pânico.

— Qualquer coisa!

Eu o chamei curvando o dedo. Ainda encoleirado com o caule de roseira, ele baixou o palco ao nível do campo, suas sandálias Birkenstocks fazendo um ruído molhado ao pisarem no sangue e na gosma de Bagger.

Quando ele ficou de pé na minha frente, calor irradiou dele. Era ainda mais alto e mais musculoso do que eu tinha achado, então usei outro caule para atar seus pulsos e apertei em volta do pescoço. Sangue correu pelos seus ombros e peitoral bronzeado.

Usando uma página do manual de estratégia dos Enamorados, disse a ele:

— Sua coleira, e as coleiras dos seus zumbis de estimação, são ativadas por pressão. Se eu morrer, ou enlouquecer, ou perder o controle de qualquer forma, as três coleiras irão se fechar, decapitando vocês.

Com a testa enrugada, Sol perguntou:

— O que quer de mim?

— Uma carreta com toda a gasolina que der para carregar. Você e seus dois Baggers virão juntos como meus reféns. Se chegarmos a salvo em nosso destino, é possível que não mate vocês.

— Para onde vai nos levar?

Infelizmente eu teria que revelar para onde desejava ir; não chegaria lá de outra maneira.

— Para um lugar chamado Forte Arcana. Quero que pergunte se algum de seus homens já ouviu falar nele.

— *Eu* já ouvi.

Estreitei os olhos.

— Prossiga.

— De soldados Azey capturados. Esse é o Exército do Sudeste.

— Eu sei o que é Azey — Jack estava marchando com eles para a Louisiana para estabelecer um assentamento próximo a Haven. Um refúgio.

— Esses soldados ficavam acampados na outra margem do rio desse forte — ele dizia a verdade! — Planejamos invadi-lo no futuro.

Boa sorte com isso.

— Onde estão esses homem agora?

— Não sobreviveram.

Merda.

— Qual a distância do forte?

— Dois dias.

Dias! Eram tantos minutos!

— Tem um mapa?

Ele negou com a cabeça.

— Mas sei o caminho.

De qualquer modo eu deveria obrigá-lo a desenhar um mapa, mas não tínhamos tempo. Além do mais, navegar não era meu ponto forte.

— Por que deveria acreditar em você?

Ele deu de ombros, fazendo careta quando espinhos se cravaram em seus ombros.

— Se não levá-la até lá em dois dias — com exceção no caso de bloqueios imprevistos na estrada — pode me matar.

Revirei os olhos.

— Posso? Obrigada pela permissão — eu tinha mais umas mil perguntas pra ele, mas poderia interrogá-lo no caminho.

Ele me olhou de um jeito estranho.

— Mesmo que eu tivesse um mapa, gosto da ideia de ser útil a você.

— Ótimo. Pode dirigir.

O que você tem quando mistura dois Baggers, uma carta com sede de sangue usando uma toga e uma Imperatriz meio louca?

Uma viagem de carro no estilo D.F.

Eu estava prestes a viver uma das piadas de Finn...

Com os Skins de Sol presos, os Shirts tinham invadido a plantação, Pops e seu neto entre eles.

Libertei alguns Skins para ajudarem com os suprimentos da viagem. Oh, se olhar pudesse matar... Eu ousei desafiar o deus deles e eles estavam putos. Havia criado uma coroa de rosas, um halo vivo em cima do meu cabelo avermelhado, para lembrá-los do meu poder.

Então dei as ordens.

As únicas carretas que Sol tinha aqui eram as militares enormes que vi estacionadas lá fora, então ordenei que seus seguidores abastecessem uma e a enchessem com galões de gasolina e água. Ordenei que mais dois me trouxessem comida empacotada para a minha mochila e que descobrisse que dia era.

Fiquei abalada com a resposta: 389 D.F. Eu perdi uma semana. Acrescente mais dois dias para chegar até o Forte Arcana.

Tic-tac.

Agora enquanto esperávamos a carreta ser abastecida, falei para Sol:

— Vamos sair do seu coliseu seguro e quentinho. Precisarás de casacos e botas — ele estava com uma sandália Birk, pelo amor de Deus. E com um *lençol*. Um relógio de pulso inútil completava o conjunto.

Ele me deu seu primeiro sorriso.

— Preocupada comigo, *querida*? — Aposto que ele podia ser bem charmoso quando não era um homicida.

O mesmo poderia se dizer de mim.

— Suas ulcerações pelo frio ou hipotermia me atrasariam — tirei a outra luva sem dedos da bolsa e a calcei. Antes de ocultar a mão, notei que ele percebeu meus ícones, mas nada falou deles.

— Não sofrerei de nenhuma situação — falou Sol. — Estou sempre aquecido.

Deve ser ótimo. Eu me lembrei de estremecer de frio em cima daquela torre de celular.

— Vidro pode cortar os seus pés descalços.

Ele olhou para baixo.

— Eles não estão descalços.

— No primeiro passo que der nas cinzas, a sucção da lama irá devorar essas sandálias — eu o inspecionei. — E quanto a uma calça jeans? O tecido grosso protegeria suas pernas das quedas. E não sei como se pega a febre quebra-ossos, mas não iria querer estar sem roupa se passarmos por uma colônia da praga.

Ele engoliu em seco e sutilmente endireitou sua postura.

— Deve ter uma bolsa se emergência que queira trazer.

— Bolsa de emergência? — Sol piscou para mim.

Jack sentiu tanta frustração assim com a minha ignorância?

— Uma mochila. Com material de sobrevivência. Para te manter vivo.

Um dar de ombros despreocupado.

— Acho que posso me preparar para um ambiente mais adverso. Importa-se em voltar aos meus aposentos para eu me vestir? — Ele me lançou um olhar quente e quase dei risada.

Está latindo para a árvore errada. Ele não tinha ideia do quanto eu era intocável.

— Mande um dos seus homens recolher roupas e botas. Se ele não voltar antes que as latas de gasolina estiverem no carro, você pode furtar de cadáveres como o resto de nós.

Ele acenou para um Skin e deu as ordens. Depois se voltou para mim.

— O que fará com os meus adoradores?

Sério?

— Todos cometeram assassinato, só por andarem por aí sem camisa. — A maior parte deles permanecia sob minha teia.

— Ouviu quando disseram *vict vincimus*? Em Latim quer dizer *vencidos, nós vencemos*. Alguns podem ter matado em legítima defesa.

Talvez alguns fossem bons; talvez alguns não fossem. Respondi:

— Talvez alguns consigam se libertar. Talvez alguns não consigam — nada disso importava de qualquer forma! — Estamos com pressa.

Um dos Skins sinalizou que a carreta estava abastecida.

Ordenei a Sol:

— Coloque suas criaturas de estimação na parte de trás, depois entre.

Com um aceno de mão, os dois zumbis marcharam pela rampa de carregamento. Gesticulei para que um dos Skins fechasse a rampa, e Sol e eu entramos na cabine da carreta.

Ele sentou atrás do volante.

— Agora que estamos viajando juntos, eu não deveria saber seu nome?

— Não.

Seus lábios se curvaram para baixo.

— Meu adorador não voltou com minhas roupas. Depois de me instruir sobre meus erros, espera que eu vá sem botas e calça?

— Não se houver um corpo por perto quando pararmos para reabastecer.

— Não pode estar confortável com essas roupas molhadas e enlameadas — ele assinalou. — Posso fornecer um jeans seco e um suéter. Um par quente de meias. Qual a pressa?

Chegar a Tess. Chegar a Tess. Chegar a Tess. Onze minutos no carrossel versus nove dias. Milhares e milhares de minutos.

Quando forcei Tess a reverter o tempo e ela sobreviveu por pouco, eu me preocupei que ela fosse me odiar para sempre. Mas Joules havia me dito: “Ela ficará feliz por ter ajudado. A jovem gosta de ajudar.”

Aquela menina tão doce tinha ficado *feliz*.

O que significava que estaria disposta a *trabalhar*.

Juntas, poderíamos fazer isso! Mas eu não vacilaria acrescentando minutos desnecessários. Falei para Sol:

— Isso é assunto meu — usei um caule de roseira para apertar um de seus punhos no volante, o outro no câmbio de marcha.

Ele suspirou.

— Gosto de coisas não convencionais na cama, mas essas amarras são bem dolorosas.

— Oh, Deus. São mesmo? — Eu as apertei. — Vamos.

Apertando sua mandíbula larga, Sol colocou a carreta em marcha meio sem jeito. Ele poderia ser um motorista pior do que eu? Nunca nem tirei minha licença de aprendiz de direção — por que estava confinada em uma ala psiquiátrica no verão antes de completar dezesseis.

Depois do Flash, Jack tinha dirigido a maior parte do tempo.

Eu um tom grave, Sol disse:

— Tudo que precisava fazer era me pedir para ir com você. Eu iria sem suas ameaças pairando sobre a minha cabeça.

— Você *pediu* permissão aos seus prisioneiros para vê-los lutando pela sobrevivência? Agora *dirija*.

Ele deu de ombros e acelerou mais. Nós nos dirigimos para a estrada.

Vi pelo retrovisor um adorador sem camisa correndo atrás de nós com uma bolsa de lona. Ele a arremessou na caçamba da carreta... a bolsa caiu na pista por muito pouco.

Hoje simplesmente não era o dia de Sol.

6

— Já que se recusa a me dizer seu nome, do que devo te chamar? — Sol perguntou. Estávamos subindo mais as montanhas, a estrada ficando mais traiçoeira. — Ó Grande Imperatriz? A Loira? Que tal a Rainha do Verde?

Andei olhando pela janela em silêncio, ignorando suas tentativas de conversa. Enquanto absorvia uma cena fritada pelo Flash após outra, alternei de Evie para total Imperatriz — cabelo ruivo polvilhado de folhas, coroa de rosas, garras gotejando espinhos, glifos brilhando. Em certo ponto, bati com as garras no descanso de braço com impaciência, distraidamente fazendo buracos nele. Veneno havia se juntado.

Sol tinha estremecido, aterrorizado.

— Me chame de Imperatriz.

— Não vamos nos chamar pelo primeiro nome? Tudo bem. Pode me chamar de Iluminador.

— É. Isso nunca vai acontecer, *Sol*.

Neve começou a cair. As palavras de Jack soavam na minha cabeça, sua voz pelo rádio quando eu saí cavalgando para encontrá-lo: *então isso é neve...* Um garoto do canal, ele nunca tinha visto neve.

Eu me deleitei com os sedimentos brancos e limpos. Depois de um ano com chuva de cinzas sempre presente, o branco tinha parecido telhas brancas.

Com nossas vozes conectadas, Jack e eu tínhamos nos maravilhado com a neve.

Meu peito se apertou tanto que quase gritei. *Viseira!* Acreditava realmente que o traria de volta. Mas a mera *ideia* de que não estávamos no mesmo plano me deixava louca.

Sol disse:

— Ainda não acredito que a Imperatriz é uma garota de verdade. Durante meses eu ouço essas vozes na minha cabeça e então aparece uma delas, em carne e osso muito atraente — ele tinha ouvido os nossos chamados Arcanos.

Matthew me disse que o meu era mais alto do que todos os outros.

Aparentemente meu chamado tinha se transmitido até Indiana. Ainda assim, nunca ouvi o de Sol.

Ele imitou a minha voz:

— Venha, toque... mas vai pagar um preço — ele passou os olhos pela minha figura. — Quem não pagaria?

Jack pagou. Ele ainda estaria vivo se nunca tivesse me conhecido. Ou se eu o tivesse libertado depois da minha batalha com a Carta do Eremita.

Aric pagou várias vezes.

Ele ainda não havia me contatado. Talvez a mesa telefônica Arcana estivesse desligada outra vez. Afinal, não ouvi o chamado de Sol a meros passos de distância. O que significaria que eu não possuía conexão mental alguma com meus aliados e amigos.

E nenhuma ideia de onde meus inimigos estavam.

Ou talvez eu só não conseguisse considerar a alternativa: que Aric estivesse ferido demais para responder. De qualquer modo não importaria, por causa da viagem no tempo. Assim que voltasse, eu o deixaria em segurança.

Deus, eu enlouqueceria pensando nisso! Durante dias, não dormi e comi muito pouco. Não estava exatamente muito bem. E o olhar safado do Sol não ajudava.

— Já terminou, Sol? Só preste atenção no caminho.

Ele não tinha terminado.

— Vi uma imagem piscar sobre você. Estava de braços abertos me chamando — meu tableau Arcano. — Alguns soldados do Azey falaram de pessoas sobrenaturais chamadas Arcanos. Mesmo depois de tantos acontecimentos desconcertantes — e dos meus próprios poderes — mal acreditei. — Eu também não havia acreditado. — Então se as vozes são reais, o jogo também deve ser. Já ouvi o bastante para entender o básico. Há mais de uma dúzia de nós, certo? E todos devemos lutar? Para tomar os nossos, como são chamados? — *ícones*.

Eu poderia confirmar que uma marca na mão acompanhava cada morte. Ao invés disso, dei de ombros. Não confiava nem um pouco naquela carta; mantê-lo ignorante parecia sensato.

— Você tem ícones, certo? Achei ter visto algo em sua nova mão antes que a cobrisse — quando não respondi, ele perguntou: — Haverá outros deuses no Forte Arcana?

Outros deuses. Ugh. Aric tinha me chamado de deusa, mas ele quis dizer no sentido figurado.

— Isso faz sentido — continuou Sol. — Este forte de Arcanos deve envergonhar o meu humilde Olimpo.

O forte não parecia muita coisa, mas era forte. Jack o tinha construído com as próprias mãos.

— Forte Arcana foi construído com tudo que havia disponível por pessoas lutando por uma vida melhor nas cinzas. Nem todo mundo teve a sorte de dar de cara com uma fortaleza já pronta.

De certo modo, Sol era como a Carta do Eremita, um verme que se arrastava de uma concha a outra.

— Quem iniciou o jogo? — Sol perguntou. — O que acontece se não desejar lutar com os demais? — Olhando pra mim de maneira significativa, ele disse: — Eu sou um amante, *querida*, não um lutador.

— Não, só obriga os *outros* a lutarem. Para o seu prazer.

— Eu poderia ter desenhado um mapa até o forte e então poderia ter me matado. Por que me sequestrar? Porque eu a ajudei a regenerar?

— Tenho planos pra você — se eu estava usando Sol no passado para enfrentar o Imperador, ele precisaria estar no carrossel de Tess junto conosco? Mais pessoas iriam tornar ainda mais difícil para ela? Talvez eu pudesse voltar ainda mais no tempo, então dirigir até o Olimpo para pegar Sol antes do conflito.

Enigmas de viagem no tempo faziam minha cabeça doer. Eu descobriria alguma coisa...

Sol disse:

— Planos pra mim? Como me usar e depois me matar?

Bingo. Mas não queria que ele pensasse que seu número acabaria tão cedo.

— Dirija mais rápido.

— Mais uma vez, qual é a pressa? Devemos nos apressar para nos encontrar com os outros deuses.

Eu estava presa naquela cabine com um cara que se achava divino.

— Por que não se concentra na estrada?

— *Sí.* Ok — dois minutos depois: — De onde você é? Com essa fala arrastada, eu diria que do extremo sul.

Meu coração doeu ao pensar na minha nativa Louisiana. Enfie a mão no bolso, tocando a fita vermelha.

Apesar do meu silêncio, Sol disse:

— Eu sou de Barcelona. Vim cursar universidade nos Estados Unidos. Você fala espanhol? — Não. Francês Cajun. — Não fala muito, não é?

Há muito tempo, fui animada e amigável com todo mundo que conhecia.

— Talvez só não seja de falar muito com assassinos.

— Isso é valioso, vindo de você. Aprendi o suficiente sobre o jogo para dizer: basta ser um para reconhecer outro, Imperatriz.

— Eu matei em legítima defesa. Você forçava outras pessoas a matarem por esporte. Até mesmo crianças.

— Ou talvez eu selecionasse meus seguidores baseado em suas ações na luta. Estava bem ciente do garoto chorando. Meus árbitros Bagmen não permitiriam que a criança fosse ferida, e qualquer um que o visasse teria sido desqualificado do Olimpo.

— E mesmo assim nas suas arquibancadas não havia crianças. Não minta para mim outra vez — apertei as coleiras dos Baggers na caçamba.

Quando eles choramingaram, Sol apertou o volante e luz solar brilhou de seu rosto.

Obrigada pelo toque final. Minha videira corporal brotou do pescoço, roçando minha bochecha.

Ele fez uma careta ante a visão e então disse:

— Eu mando filhos e pais embora.

Ergui a mão para ferir os Baggers um pouco mais. Fiquei contente por ter *dois* zumbis para usar. Talvez tivesse que acabar com um só para mostrar a Sol que eu falava sério.

— É verdade, Imperatriz! *Mierda!* Eu juro que é verdade.

Talvez fosse. Mas...

— E quanto aos prisioneiros feridos que não conseguiram sair das celas? Seus guardas atiraram neles a sangue frio.

— Um ato de misericórdia — ele disse com firmeza. — Qualquer um ferido no D.F. vive literalmente em um mundo de desgraça. Além disso, eu diria que oito de dez daqueles homens já mataram.

Eu não podia discordar. Raramente encontrava pessoas decentes na estrada. Mas isso não me dava o direito de aprisioná-los e fazer joguinhos com eles.

De qualquer forma, não importava. Eu não ia ficar amiga desta carta. Sol podia ser melhor que os Enamorados ou do que Richter, mas esse comparativo era de um nível tão baixo quanto o abismo de Circe.

— Você ameaça os outros com tanta facilidade — ele disse, parecendo magoado. — Sem nem pensar. Por que é tão cruel?

— Bagmen não são *outros*. Eles são monstros — minha mãe estaria viva se não fossem eles.

— Não para mim. Eles são meus amigos.

Os Enamorados chamavam seus carnates de *crianças*.

— Então você é doente.

— E você não? Você tem aí no seu pescoço uma videira que mais parece uma cobra. Até onde sei, pode ser a mais cruel dos deuses. Talvez eu devesse me aliar com outros Arcanos para destruí-la.

— Talvez.

— Ouvi falar de um que poderia acabar com você. O Imperador não controla o fogo, vulcões e terremotos? Ele deveria ser capaz de cuidar de algumas miseráveis plantas.

Já chega!

— O Imperador é um assassino em massa! Pra se divertir, ele aniquilou centenas de homens, mulheres e crianças não Arcanas, pessoas que não tinham nada a ver com este jogo.

— Oh, sério? E como sabe disso?

— Eu o vi fazer isso! Ouvi Richter rir enquanto sua lava os queimava vivos.

Pouco antes de... *Jack e eu nos maravilhamos com a neve.*

WISEIRA!

Sol enrugou a testa.

— Por que deveria acreditar em você?

— A meio dia de distância do Forte Arcana há um vale. Você conseguirá notar que ele atacou — apertei a ponte do nariz. — Nem sei por que estou te dizendo isso. Você não tem simpatia por pessoas inocentes.

Ele perguntou em voz baixa:

— Quantas pessoas são inocentes depois do Flash?

Eu odiava que ele tivesse certa razão.

— Imperatriz, da minha posição, você é meramente o *diablo* que eu já conheço.

Não, o Diabo era uma carta totalmente diferente.

7

Dava pra ouvir o uivo do vento mesmo através das paredes grossas do bunker da subestação elétrica onde tínhamos nos escondido. Jack sempre amou ficar nesses cubos de concreto com portas de aço e sem janelas. Bons abrigos no D.F.

Rajadas de tempestade tinham frustrado minha necessidade de prosseguir. A lona na carroceria da carreta capturava o vento como uma vela; quando deslizamos em um pedaço de gelo preto, quase caímos de um penhasco. Manutenção de grades de contenção era coisa do passado.

Embora estivesse perdendo minutos que eu não tinha, calculei que não poderia ajudar Jack se estivesse no fundo de uma ravina em algum lugar.

Fiz uma jaula de espinhos ali dentro para os Baggers, deixando-os perto para minha vantagem. Quando usei pedras para começar uma fogueira, minhas videiras desmontaram um caixote de madeira para a lenha. A fumaça subia e desaparecia por alguma rachadura ou saída lá em cima. As chamas eram um lembrete da morte de Jack, mas logo eu o teria de volta.

Olhei para Sol do outro lado da fogueira. Ainda estava mal-humorado por eu ter gritado com ele. Com certeza havia um cadáver razoavelmente recente quando paramos para reabastecer. Eu ordenei que Sol removesse as botas do homem morto.

Sol tinha empinado o nariz.

— Isso é repulsivo. Prefiro ficar sem.

Eu me lembrei do tempo em que me desesperei por ter que tirar o óculos de sol de um corpo. Ou de recuperar uma flecha preciosa de um Bagger. Como Jack tinha me aguentado aquele tempo todo?

— Você anda com Bagmen gosmentos — frisei — e chama um cadáver de repulsivo? Baggers *são* cadáveres.

Ele me olhou como se eu tivesse insultado sua mãe.

— Botas, Sol. *Agora!*

Ele se recusou, lançando-se numa ladainha em espanhol e as coisas pioraram dali...

Agora eu mexia na mochila atrás de um pacote de sopa liofilizada e uma panela dobrável, cortesia dos “adoradores” de Sol. Sempre dependi de barras energéticas fáceis de carregar. Mas a cavalo dado não se olha os dentes, blá, blá.

Quando comi pela última vez? Não conseguia lembrar.

Coloquei o conteúdo do pacote na panela, misturando com a água do meu cantil. Depois da última semana, nunca dei por garantido ter as duas mãos. Coloquei a panela em cima das chamas e a mexi com um utensílio multiuso.

O estômago de Sol roncou.

— Vai dividir um pouco com o seu cativo? — Ele gesticulou para a sopa com as mãos amarradas.

— Eu poderia se meu cativo tivesse se oferecido para aquecer o ambiente, e esta refeição, com seus poderes.

Ele apertou os lábios.

— Se não for mais gentil comigo, garantirei que um Bagman a morda. Talvez não hoje, nem mesmo esta semana. Mas algum dia.

Tirei a panela do fogo.

— Tente Sol. Veja onde isso o leva. Tenho certeza que sou imune — bem, tinha cinco por cento de certeza. Quando ele enrugou a testa, eu disse: — Veneno é o meu lance — comecei a comer, soprando para esfriar primeiro minha primeira colherada. *Muito bom.*

Os Bagmen não injetam veneno, peçonha e nem sequer um patógeno. É uma mutação baseada em radiação. Como algo que se encontra em quadrinhos.

— Vou confiar em sua palavra. Além do mais, eu regenero. Não posso adoecer — menti. Eu não tinha ideia de como meu corpo reagiria a uma mutação de quadrinhos. Não peguei a febre quebra-ossos — mas também não tive a praga injetada na pele através de uma boca de zumbi.

— Um dos meus adoradores é um cientista — disse Sol. — Ele andou estudando os Bagmen. Além do mais, eu não ordenaria uma mordida para transformá-la, eu o faria só de pirraça.

— Ah. Então devo tomar cuidado com eles? — Apontei para os seus zumbis de estimação enjaulados. Calados e imóveis, os dois olhavam pra frente sem expressão, pavorosos com suas peles enrugadas.

— Aqueles em particular não mordem ninguém.

A panela tinha esfriado, então bebi diretamente dela.

— Mais uma vez acreditarei em sua palavra — *e tirei seu ícone, se você não calar a boca.*

Assim que terminei cerca de metade da sopa, olhei para sua expressão aparentemente sincera. Talvez eu não devesse calar Sol quando deveria aprender mais sobre um inimigo.

— Então... você se cansa de brilhar? — Dei um último gole do jantar e passei a panela pra ele.

Ele sorriu de alegria.

— *Sí*, canso — ele bebeu a sopa toda e passou o braço musculoso por cima da boca. — Quanto mais frio o tempo, mais difícil se torna. Mas estou ficando mais eficiente com a prática, então uso menos energia. Logo serei capaz de iluminar o mundo inteiro, comandando uma legião de Bagmen.

Que bom ter objetivos, Sol. Eu me perguntei se a Carta Sol havia possuído esse tipo de controle sobre Baggers em jogos passados, latente dentro dele, mas nunca tinha descoberto sua habilidade. Afinal, não havia zumbis com quem experimentar, nenhum Flash para criá-los.

— Como descobriu que conseguia controlá-los?

— Sofri um ataque no Dia Zero — seu olhar perdeu o foco e ele fez uma careta ao pensar no que estava lembrando. — Quis que parassem de me machucar e de repente eles pararam.

Então ele era imune às mordidas deles também.

— Por que seus Bagmen não reagiram quando estava brilhando? Achei que eles temessem a luz do sol.

— Se eles não estiverem famintos nem secos, a luz não parece incomodá-los muito. Na verdade, eles são atraídos para mim, parecendo sentir minha presença, mesmo os que não estou controlando — ele deu de ombros. — A não ser que simplesmente sintam atração pelo que temem.

Como eu com Morte? *Aric, onde você está?* Silêncio. Olhei para os dois Baggers.

— Consegue falar com eles?

— Posso mandar neles com os meus pensamentos, ver através de seus olhos e ouvir através de seus ouvidos. Posso fundir minha mente com a de qualquer Bagman a uma certa distância.

— Você toma os sentidos deles emprestados? — Como os Enamorados com os carnates e Lark com os animais.

— *Sí* — seus olhos ficaram com uma película branca. — Posso ver a Estátua da Liberdade chamuscada pelos olhos de um Bagger. Outro Bagger acabou de descer por uma saída da Disney World.

— O que mais? — Vincent tinha dito que seus carnates tinham se estendido por todo lugar, encontrando apenas cinzas e ruínas. — E quanto a pessoas?

— Muitas brigas. Assassinatos. Estupros — os olhos de Sol clarearam. — Se visse o que vejo todos os dias, não teria tanta simpatia pelos homens naquelas celas.

Provavelmente.

— A cada semana meu alcance se estende e sou capaz de me fundir com Bagmen de lugares mais distantes. Um dia espero alcançar minha nativa Espanha — em um tom mais suave, ele disse: — Talvez minha família tenha sobrevivido.

— Você saberia se eles tivessem... se transformado?

Ele assentiu.

— É provável que sim. Tantos foram transformados.

Eu pensei naqueles garotos na tenda dos Enamorados, os que eles infectaram de propósito. Eu me encolhi de medo ao lembrar de um garoto na metade da transformação chorando sobre um canal de sangue, completamente ciente do que estava lhe acontecendo. Perguntei a Sol:

— O que dar de alimento para esses dois?

— Sangue. Haverá um jarro na carroceria da carreta. Meus adoradores saberiam que é necessário.

E de onde eles conseguiam o sangue? Dos homens mortos no campo do Olimpo?

— Os seus não fedem tanto quanto os outros.

Ainda assim, desabrochei rosas vermelhas em sua jaula de espinhos para aromatizar o ar.

— A gosma é o que fede. Demora alguns dias para apodrecer depois que ela escorre. Eu mantenho suas peles limpas.

— Por que esses dois em particular são especiais pra você?

Seu olhar se fechou.

— Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem — mudando de assunto. — Como conseguiu terra fértil para as plantações?

— Tiramos terra de cavernas. Se for fundo o bastante, ela ainda é fértil.

Ele e seus seguidores descobriram uma maneira de cultivar e descobriram a mutação dos Baggers. Se Sol pudesse acreditar em mim, então eles estariam fazendo *algo* de bom.

— Cultivamos há mais ou menos seis meses, então nada de árvores ainda — ele disse. — Nada de maçãs, peras ou laranjas.

Fiz uma laranjeira para Tess para compensar quase tê-la matado. Como se isso fosse reparar o risco que eu a forcei a correr quando ela havia liberado seu poder. Ao menos os meus poderes não podiam me matar.

Sol perguntou:

— Você não precisa de terra pra fazer as coisas crescerem, precisa?

Neguei com a cabeça, achando que essa revelação não me faria mal.

— Tem sementes? Talvez de maçã? Eu poderia lhe dar um pouco de sol e teríamos maçãs esta noite! — ele disse, como se este fosse um sonho do tipo “torta de maçã no paraíso”.

Cortei meu polegar com uma garra e comecei uma árvore. Quando ela cresceu até um broto, disse:

— Sinta-se em casa.

Encanto iluminou seu olhar — olhos castanhos quentes emoldurados por cílios espessos e escuros. Ele riu de prazer, luz do sol se derramando do peito, braços e pernas.

Minhas pálpebras pesaram conforme a árvore chegava ao teto.

— *Dios!*

Dirigi um dos troncos para ele e um para mim. Cada um de nós pegou uma maçã de um vermelho vistoso. Na primeira mordida, ele grunhiu.

— Acho que jamais me acostumarei a isso.

Eu experimentei a minha. Nada mal.

— O que fazia antes do Flash?

— Era estudante de história e dirigia um serviço de produção de festas com uns sócios. Dávamos festas *raves* em prédios abandonados. Todos achavam que nós ganhávamos para nos divertir, mas na realidade tinha muito trabalho envolvido.

— Então foi de *raves* a tudo ou nada sanguinários?

Ele respondeu com uma imitação de Russel Crowe em *Gladiator*:

— Não está *entretida*???

— Você não fez isso.

Ele deu de ombros.

— Por que usou Roma?

Seus olhos voltaram a se iluminar. Eu comparei o olhar estrelado de Aric a um nascer do sol, mas os olhos flamejantes de Sol eram como a tarde na linha do equador. Suas íris iam de castanho escuro a um caramelo iluminado de trás.

— Apreendi com meu trabalho: apresentação é tudo. E estamos falando de uma cultura que adora apresentação! Os Romanos tinham emblemas, símbolos, uniformes elaborados, cerimônias. Eram impiedosos, mas tinham códigos de honra. Amavam guerreiros e torneios. E me idolatravam.

Ugh!

— Pra sua informação, você não é um deus sol. Nós somos ativados por deuses, mas não somos divinos.

— Fale por si mesma, *querida* — ele me deu um sorriso sedutor. — Beije meus lábios e então me diga se não sou divino.

Se não o tivesse visto fazer uma competição mortal, eu o teria achado encantador. Ele era tão brincalhão quanto Finn, mas também possuía um carisma latente.

— Na época romana, um guerreiro com uma espada podia mudar o mundo — ele disse, sua empolgação o deixando mais jovem.

— Quantos anos tem? — Eu me vi perguntando.

— Vinte e três. Você deve ter — ele demorou me avaliando — vinte?

— Dezesete.

Seus lábios se abriram.

— Andei desejando uma garota tão nova assim?

Revirei os olhos. O efeito foi arruinado por um bocejo. A sopa havia me aquecido, deixando-me sonolenta. Além do fato de não dormir há dias.

— Você parece arrasada. Compreensível, já que é uma criança, *pequeña*.

— O que isso quer dizer?

— Pequenina. Deveria dormir um pouco.

— Com um refém por perto? Um refém maléfico? — Não, a não ser que ele estivesse contido.

— Maléfico? Eu tenho *camadas* — ele ficou sério. — Imperatriz, o que posso fazer para te convencer que não sou de todo mau? O que a fará confiar em mim?

— Ainda que fosse *metade* mau ainda não confiaria em você.

Ele era um Arcano. Poderia estar visando me trair da mesma forma que Lark. Poderia saber mais sobre o jogo do que demonstrava, assim como Selenia fez.

Não ouvi música saindo do Olimpo justo quando estava no limite? Ela tinha me atraído direto para o refúgio de Sol. *Cuidado com as iscas*.

Com um gesto de mão, estiquei a jaula dos Baggers em sua direção também e então soltei seus pulsos — mantendo a coleira.

Que irônico que Sol quisesse que confiasse nele — do mesmo modo que eu tinha desejado que Aric e Circe confiassem em mim. Mas também, uma vez já fui tão má quanto os piores.

Eu podia não confiar em Sol. Nem querer sua amizade. Mas não podia *julgar-lo*.

Ele testou a jaula.

— Rosas vermelhas, *pequeña*? Apenas rosas amarelas combinam com um deus do sol.

O atrevimento desse cara. Eu o olhei com raiva, tão irritada com ele quanto comigo mesma.

Senti o mais breve dos impulsos de transformar o vermelho em amarelo.

8

Eu acordei dando um grito, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Imperatriz! — Sol estava rasgando a jaula, tentando chegar até mim. — Você está tendo um pesadelo! Acorde, *pequeña*! — Sua pele brilhava de emoção e suas mãos estavam ensanguentadas por causa dos meus espinhos.

Olhei de um lado a outro enquanto lentamente me lembrava da vida real. *Subestação. Sol como meu prisioneiro. A caminho do Forte Arcana*.

Enterrei o rosto nas mãos quando minhas lágrimas continuaram vindo. Tinha reprimido tanto o meu pesar que deveria esperar que ele extravasasse enquanto dormia.

Em meu pesadelo, Jack me dissera:

— Por que não me deixou ir? Eu ainda estaria vivo. Pedi que me libertasse. — Então ele queimou de dentro pra fora, lava se derramando de seu corpo.

Seu berro de dor ainda soava em meus ouvidos. Seguido pela risada do Imperador...

— Sobre o que foi esse pesadelo? — A pele de Sol se apagava, mas meus espinhos tinham crescido devido ao seu esplendor de luz.

— O-o massacre do Imperador — murmurei. — Richter...

— Teme outro ataque?

— Você também temeria. Deveria temer — um detalhe me importunava na fuga de Richter ao ataque de Circe. Naquela noite, eu tinha ouvido um... helicóptero? — Olimpo não está fora de alcance — algum lugar estava?

— Você gritou um nome. Quem é Jack?

Minhas lágrimas vieram mais rápido.

— Ele é da família? — As sobancelhas de Sol se juntaram. — Ou o Imperador matou o homem que ama?

Corri a manga pelos olhos.

— Richter o matou, e uma amiga leal e um exército inteiro — liberei Sol de sua jaula, sobretudo para ter o que fazer.

Ele passou as mãos na toga, o sangue nítido no tecido. Ele se machucou tentando me ajudar. Depois de atirar madeira nas brasas da fogueira, ele sentou do lado oposto.

— O que aconteceu com Jack?

De guarda baixa, eu me vi falando:

— Eu estava cavalgando para encontrá-lo, para ir embora com ele, começar um futuro juntos — *começar do zero*. — Estávamos falando por um rádio... ele me disse que ia se casar comigo... e nós falamos sobre a neve.

— E depois?

— E-eu estava prestes a dizer a ele que o amava, me perguntava por que nunca tinha dito essas três palavras, quando ouvi outras: “Trema diante de mim”. O chamado do Imperador. Em segundos, o vale inteiro era um lago de lava. Todas aquelas pessoas, mortas instantaneamente.

Os lábios de Sol se entreabriram.

— Por que ele atacaria tantos?

— Richter gosta de matar. Ele se excita usando seu poder para destruir. Fui avisada sobre ele. Ninguém está seguro enquanto ele viver.

— Mas nós não devíamos nos matar?

— Alguns de nós vem lutando para não fazer isso — eu disse. — Nós formamos uma aliança.

Sol pareceu considerar isso e então falou:

— Deve sentir muita falta de Jack.

— A cada segundo — e cada segundo o levava para mais longe do meu alcance. Droga, os ventos ainda uivavam lá fora. Desesperada por uma mudança de assunto, eu disse: — E quanto a você? Já se apaixonou?

— *Sí*. Antes do apocalipse.

Minha mão tremia quando levantei o cantil para um gole.

— Sua namorada morreu no Flash?

Ele me deu um sorriso brincalhão.

— Assume que seja uma garota?

Considerando o jeito como ele paquerava comigo... sim.

— Perdeu seu namorado então?

— Eu tinha os dois.

— Você amava duas pessoas? — Eu passei o cantil para ele.

Ele o pegou, dando um gole farto.

— Desesperadamente.

Deus, eu podia me identificar. Sol e eu agora tínhamos algo em comum fora do jogo. Ele provavelmente só se assegurou que eu nunca o mataria.

— Bea, Joe e eu tínhamos um compromisso — ele endireitou os ombros com orgulho. — Todos duvidavam que pudéssemos tentar ser um trio, mas ficamos juntos por anos.

Nunca conheci alguém que viveu um relacionamento assim.

Ele inclinou a cabeça para mim.

— Você me julga? Nos julga?

Uma risada amarga saiu dos meus lábios.

— Está brincando?

— Bom, *pequeña* — ele disse. — Acredita que um coração pode ser grande o bastante para amar dois?

— Sei de fato que é possível. — Os Enamorados, com todos seus defeitos pavorosos, conseguiam detectar o que havia no coração de uma pessoa. O meu era dividido uniformemente. — Estou apaixonada por dois — Jack era o principal em minha mente no momento, claro. Estava louca para trazê-lo de volta por que eu o vi morrer. Mas estava atormentada de preocupação com Aric também. Embora sua armadura pesasse tão pouco, ela teria que protegê-lo na água. *E se...*

Bloqueei este pensamento. Voltar no tempo também iria protegê-lo.

Sol franziu a testa, como se eu pudesse estar brincando com ele.

— Sêrio?

Eu assenti.

— Jack e Aric.

— Então agora ficará com Aric?

— É complicado — uma das minhas não-respostas favoritas.

— *Sí*, pode ser — ele olhou para a fogueira. — Eu os amava muito.

— Como eles eram?

Levantando o rosto, ele disse:

— Beatrice era um anjo carinhoso e afetuoso com uma determinação de aço. Ela era voluntária no hospital todas as segundas, lendo para crianças com câncer. Era corajosa e os ajudava a serem corajosos, mas ela enterrava o rosto em meu peito quando víamos filmes de terror. — Os olhos dele se encheram d'água. Ele não parecia perceber que esfregava o peito como se ainda conseguisse senti-la. — Joe era um ex-linebacker, estudante de direito. Ele planejava ser um grande advogado, mas não sabia dar um nó na gravata. Eu tinha que fazer isso para ele. Comprei anéis de noivado para os dois. Teria me casado com os dois — olhando para além de mim, ele disse: — Mas então, no nosso aniversário, eu os... machuquei.

Arrepios subiram pelas minhas costas.

— Não entendo.

— Aconteceu no Dia Zero. Nós três, sócios também, estávamos em um porão montando uma *rave*. Precisei de mais suprimentos. Ao invés de tirá-los da van eu mesmo, pedi que Bea e Joe fossem — sua expressão era desolada. — Eu os tirei de um abrigo perfeito, bem a tempo de ver o Flash.

Rodei a cabeça para a jaula dos Baggers. Oh, meu bom Deus, aquelas criaturas eram sua namorada e namorado. Joe, estudante de direito, e Bea, a voluntária do hospital. Eles fitavam o nada, os lábios rachados se movendo sem emitirem som.

Eu os tinha ameaçado. Não era de se admirar Sol ter surtado. Em sua mente, *eu* era o monstro.

Por tanto tempo eu vinha lutando com os Bagmen ou correndo deles. Eu os odiei por terem causado o ferimento da minha mãe. Mas raramente parei para pensar que eles já foram pessoas um dia.

Talvez Sol não fosse mau. Sim, ele se deleitava com torneios sangrentos. Mas se perdesse Jack e Aric eu faria muito, muito pior.

O olhar perturbado de Sol caiu em Bea e Joe.

— Enquanto estava só no porão passei mal, senti como se estivesse girando e desmaiei pelo que devem ter sido horas. Acordei justo quando eles estavam encontrando o caminho de volta para lá. Eles me atacaram e me seguraram no chão para tomar meu sangue.

Não conseguia imaginar o horror que isso deve ter sido. Ver entes queridos transformados?

— Me entenda: eu teria *morrido* antes de machucá-los. Resisti, mas não conseguia bater neles. Então, como eu te contei, eles me obedeceram — ele fez uma pausa para limpar a garganta. — Quando mais Bagmen desceram para o porão, comecei a suspeitar que o Flash havia criado legiões incontáveis deles. Nós emergimos de lá e vimos que o mundo estava destruído.

Eu me lembrava da primeira olhada que dei depois do apocalipse. Se não tivesse minha mãe comigo...

Sol esteve completamente sozinho? Olhei para os Baggers mais uma vez. Não — não na mente dele.

— Imperatriz — murmurou Sol, a testa enrugada. — Acha que Bea e Joe poderiam voltar a ser o que eram?

Nunca. Seus corpos estavam estragados demais, suas mentes ausentes. Mas disse:

— Talvez nada disso seja permanente, Sol. Talvez eles retornem quando a terra voltar. Eu não apostaria contra nada neste momento.

Ele estreitou os olhos para mim, toda a luz extinta.

— Você não acredita nisso. Mas foi bondosa o bastante para fingir que acredita...

9

Dia 391 D.F.

Sol e eu paramos em uma divisória na estrada. Um caminho não era pavimentado e cheio de pedras. O outro era uma pista, livre de entulhos, mas cheia de lixo por todo acostamento.

Como se um exército imenso tivesse marchado naquela rota, tirando o lixo do caminho.

— A área está começando a parecer familiar — eu disse. Estávamos na divisória entre a traiçoeira rota dos traficantes de escravos — a que Jack, Aric e eu pegamos para chegar ao esconderijo dos Enamorados — e a estrada do exército Azey. — Acho que sei onde estamos.

Sol expirou aliviado.

— Ah, *gracias a Dios*.

Franzi a testa para ele.

— Como é?

— Depois da última interestatal eu não fazia ideia de para onde estava indo.

— Você mentiu — baixe a voz de forma ameaçadora. — *Não deveria me deixar com raiva, Sol.*

— *Por que está sussurrando?* — ele sussurrou. — Em um segundo está chorando e no outro é assustadora. Depois é extremamente sexy. E então fica sexy/assustadora.

— Você mentiu *para mim*.

— Eu não queria que me matasse!

Girei minhas garras de espinhos para ele.

— Por que não deveria matar agora?

— Porque eu a torno mais forte — com a expressão ficando perturbada, ele disse: — Eu me pergunto se alguém como você *deveria* ser mais forte.

Eu abaixei a mão.

— Apenas pegue a rodovia. Siga o lixo. E não minta para mim outra vez — a única razão para eu querer mais força era para que pudesse estripar o Imperador enquanto ele ainda vivia. Eu me imaginei usando as garras nele, cortando-o em tiras. Ou eu deveria sufocá-lo com as videiras? Esfolar sua pele com o meu tornado de espinhos...

— Quanto tempo ainda acha que falta? — perguntou Sol me tirando do meu sonho acordada.

Dei de ombros.

— Poderíamos chegar lá tarde da noite ou amanhã.

— O que acontecerá comigo assim que chegarmos ao forte? Os outros deuses vão ferir Joe ou Bea?

— Nós não somos... esqueça — deixei pra lá. — Para responder sua pergunta, não vou deixar que ninguém os machuque nem que machuquem você. Se você se comportar.

— Vamos nos comportar. Juro por mim mesmo.

— Jura por si mesmo? Você. Não. É. Um. Deus.

Ele me dispensou com um gesto de mão.

— Me fale da sua aliança. Como espera derrotar alguém como o Imperador? Ele não pode simplesmente bombardear o esconderijo de vocês? Atacar com a sua lava?

Bingo.

— Temos vantagens das quais não vou te contar. E força em números.

— Com quais Arcanos tem aliança?

Com a maioria. Circe era uma aliada? Sempre que eu passava por um corpo d'água, lembranças do nosso passado surgiam. Quanto mais me lembrava dela, mais sentia falta da sua amizade.

Disse a Sol:

— Não vou falar com você sobre estratégia, nem forças ou fraquezas. Mesmo se confiasse que está ao meu lado — o que não é o caso — você poderia ser sequestrado. Richter poderia te forçar a falar.

— Imperatriz, *você* está me forçando a me envolver com este jogo. Eu não quero lutar. Especialmente contra um homem que é tão forte quanto um vulcão.

— Eu também não quero lutar, quero me vingar do Imperador, mas depois disso...

Depois disso, *o que?* Eu tinha ligação com quase todos os jogadores restantes. Mas Aric havia me avisado que o jogo não aceitaria ser negado, chamando-o de “um inferno para o qual todos fomos amaldiçoados”. Não acreditei nele até Richter ter entrado na arena — com Jack pego no fogo cruzado.

Com isso em mente, meu plano de fugir para a Louisiana foi extremamente ingênuo.

Depois que trouxesse Jack de volta e destruíssemos Richter, o que faríamos?

— Você deveria vir viver comigo no Olimpo — Sol me deu um olhar sedutor. — Poderia ser a minha deusa rainha. Juntos, construiríamos o maior assentamento da terra! Com suas plantas e o meu sol, nós alimentaríamos milhares. Entre seus espinhos e os meus Bagmen, manteríamos a ordem.

Ordem. Jack havia desejado a mesma coisa. Falei distraidamente:

— Isso é algo a se pensar. Bem, exceto pela parte da deusa rainha.

— Não despreze essa parte, *pequena*. Esse é meu detalhe favorito sobre o nosso futuro. Nós cumpriríamos nosso dever e repopularíamos o mundo. Porque somos generosos. Eu mesmo seria *devoto* da generosidade.

Arqueei uma sobrancelha para ele.

— Nada de crianças para mim. Realmente traria filhos a um mundo assim?

Os olhos acesos de bom humor, ele disse:

— Não. Era só uma desculpa pra tirar sua calcinha.

— Ugh. Comporte-se. Ou vai tomar uma videira naquele lugar onde o sol não bate.

Ele ficou de boca aberta e então começou a rir. Rir de se curvar.

Apesar de tudo, senti meus lábios mexerem. Se ele não fosse um projeto de deus homicida e eu não tivesse uma bruxa vermelha assassina dentro de mim, nós poderíamos ser amigos.

Quando sua risada morreu, ele falou:

— Nos velhos tempos teríamos dado um excelente reality show. *O programa do Sol e da Imperatriz.*

— Um programa de merda — murmurei. Do jeito que a situação estava no momento, o *meu* nome viria primeiro.

Dia 392 D.F.

— Dirija mais rápido! — Disse a Sol, só faltando pular no banco do caminhão. Da ponte avistei o contorno do Forte Arcana lá em cima do penhasco tempestuoso.

Eu me preocupei com a falta de iluminação, mas talvez eles estivessem poupando depois do massacre. Ou ficaram no escuro como cobertura.

Estar perto assim fazia com que me sentisse mais próxima a Jack. Eu me enchi de entusiasmo enquanto corria os dedos pela fita em meu bolso.

Quando Sol deu sua primeira olhada no forte, seus lábios se afinaram em desprezo.

— *Pedazo de mierda.* Que lugar de merda é esse?

Coloquei a mão em volta do seu pescoço muito rápido, minhas garras gotejando.

— Esse é um lugar onde pessoas sonharam viver vidas melhores. Enquanto estava entocado em sua fortaleza no coliseu, outros estavam nas Cinzas brigando por qualquer coisa que conseguiram.

— P-perdão, Imperatriz.

Eu o soltei com um olhar fulminante.

— Você é como a Carta do Eremita, rastejou para uma concha já feita. Ela não te custou *nada* — sufocando minha fúria, eu ordenei: — Dirija em volta daquela extensão de terra.

À beira do campo minado, uma trilha sulcada serpenteava o caminho aqui e ali. Marcas de pneus. Como de uma fuga em massa.

— Siga esses sulcos. *Cuidadosamente.* Há minas por todo lado.

Ele engoliu em seco e dirigiu pela trilha. Quando o caminhão chegou perto da muralha externa do forte, passamos por um pedaço queimado de algum animal. De um animal enorme com pelos pretos e frisados.

— Oh, meu Deus — Cyclops. Ou metade dele.

— O que era aquilo? — Sol arregalou os olhos. — Um cachorro gigante?

Eu murmurei:

— Algo assim.

Trilhas e sulcos separavam as pernas e o rabo, como se o lobo tivesse se arrastado mesmo depois de mutilado. Por que seu couro estava todo perfurado por buracos de bala?

Quem teria atirado nele?

Embora um favorito meu, ele tinha ficado ali para ajudar Finn a se encontrar com Lark assim que o Mago se recuperasse o bastante para conseguir fazer a viagem.

Eu me lembrei que o lobo não podia morrer, não enquanto Lark vivesse. Cyclops podia se esconder na floresta rochosa ali perto se regenerando. Ele podia até mesmo me farejar e então Lark ficaria sabendo que eu sobrevivi.

Falei a Sol:

— Dirija até a entrada e estacione.

Enquanto nos aproximávamos dos portões, revivi a lembrança de Jack cavalcando por eles com o queixo erguido, a postura orgulhosa. Todos os soldados do exército tinham respeitado o lendário *Caçador*, como ele era conhecido. Eles o tornaram seu general. Tantos daqueles homens morreram.

Não permanentemente. *Não se eu puder evitar.*

Sol tinha acabado de desligar o motor quando os portões se abriram, o vento fazendo com que batessem contra a muralha. Ninguém os abriu. O metal grunhiu como o lamento de um Bagman.

— Venha comigo — falei, descendo da cabine. Quando Sol se juntou a mim no chão, estirei os caules que circulavam seus pulsos para atar seus tornozelos também.

— Isso é mesmo necessário, *pequena?*

— Realmente é, Sol — quando me aproximei da muralha, gritei: — Olá! Tem alguém aí? Por favor, me respondam! — *Aric! Finn! Tess!*

Meio que esperei encontrar Aric aqui esperando por mim. Eu ouviria seu cavalo relinchando no estábulo? Thanatos tinha sobrevivido ao dilúvio?

Aric tinha?

Claro, ele teria. *Então, onde ele estava?*

Dentro, varri com os olhos e encontrei uma cidade fantasma. Nenhuma fogueira, animais ou vozes. Só ventos furiosos e desolação.

O lugar era uma casca vazia. Forte Arcana havia... morrido.

Caixas de provisões foram abandonadas. Os habitantes do forte devem ter achado que o Imperador continuaria com o seu caminho de inferno bem na direção deles.

Talvez alguns sobreviventes do Azey Sul estivessem acampados do outro lado do rio? Pulei em um caminho de tábuas e corri até a torre. Sol andava com dificuldade atrás de mim, mas não podia esperar por ele.

Subi a escada e então espiei do ponto de observação, esperando ver uma fogueira, algum sinal de vida. Nada.

Eu me volvei para o forte. Em um canto, vi a laranjeira que fiz crescer para Tess. Sem o sol, suas folhas já tinham começado a ficarem marrons.

Ao lado da árvore havia um monte de terra. Aquilo era um... túmulo? De quem? Uma ideia horrível surgiu — não. *Não.* Eu a reprimi enquanto descia os degraus correndo e passei por Sol.

Tropecei em outro caminho de tábuas, errando o caminho e passando por cercados sem animais. Passei pela barraca de Jack e imaginei sua voz grossa dizendo: "*Ma fille aux yeux bleus.*" Minha garota dos olhos azuis.

Com o coração na garganta, desacelerei quando o monte de terra ficou visível. O chão estava pisoteado como se alguém tivesse sido enterrado às pressas. Um cajado estava fincado na terra para marcar a sepultura.

O cajado de Tess.

Um grito deslizou por meus lábios. Não, não, isso não queria dizer que Tess estava enterrada aqui! Sua morte era o cenário do meu pesadelo: o único que não poderia ser possível.

O cenário em que Jack havia sido queimado vivo por um monstro — e eu nada poderia fazer para salvá-lo.

Alguém só quis marcar um túmulo e o cajado dela estava disponível. Ela já o tinha deixado para trás. Só havia um jeito de ter certeza.

Sol tinha mancado para mais perto. Sem ligar que estivesse me olhando, eu me ajoelhei e comecei a cavar, cravando as garras no solo gelado em um frenesi.

Um palmo; dois palmos. Três. Quatro.

Alcancei um tecido e o puxei. Mais terra cedeu para revelar...

Uma casca seca envolvida em um lençol.

Contendo a bÍlis, tirei o tecido e encontrei o que um dia foi uma doce menina chamada Tess.

Seu corpo estava como aquele forte — uma casca do seu antigo eu. Sem vida por dentro.

Meu pesadelo. Um olhar para seu corpo destruído e eu soube como ela havia morrido. Ela *já* havia tentado reverter o tempo. Para salvar Jack, Selenia e o exército...

Tess tentou tanto que perdeu o controle dos seus poderes incompreensíveis. *A moça gosta de ajudar.* Ela se matou para trazer outros de volta. E ainda assim havia falhado.

Jack está morto.

Aninhei o que restava de Tess nos braços e, sem pensar, balancei seu corpo como quem coloca uma boneca para dormir.

À distância, Sol assistia o sofrimento me destruir.

10

Dia 393 D.F.

Eu estava coberta de lama e sem fôlego, meus músculos cheios de nós. Mas chegava perto do topo daquele pico.

O pico onde fiquei de pé enquanto testemunhava um massacre.

Quando cheguei a este ponto de vantagem na última vez, tinha me enchido de esperança, cavalcando uma égua esforçada que nem cheguei a dar um nome. Seus restos devem ter sido levados pela enchente.

O que eu encontraria no topo daquele pico agora? Sem ter ideia, continuei a subir.

Lembrei mais do ataque do Imperador e cada detalhe confirmava que Jack havia morrido. Mas também tinha disse a ele que nunca mais voltaria a subestimá-lo. Talvez pudesse encontrar alguma pista, alguma dica de que houve sobreviventes.

No mínimo, precisava ver com meus próprios olhos o seu... lugar de descanso final.

Então apertei os dentes e escalei. O dilúvio de Circe tinha erodido aquele declive, tornando-o muito mais íngreme.

O que encontrarei no topo?

Eu disse a Sol que esperasse no caminhão. Eu o tinha amarrado? Estava tão entorpecida de dor que nem me lembrava.

Enquanto procurava um apoio para a mão, recordei a visão que Matthew me passou antes de desaparecer. Ele tinha me mostrado dez espadas em minhas costas — como a carta de dez de espadas do Tarô — jurando que os dias mais sombrios estavam por vir. Ele me disse: “Matthew sabe mais”.

No caminho de volta do refúgio dos Enamorados, perguntei a Selena o que ela entendia da mensagem. Sua resposta brusca:

— Que ele é a droga de um lunático? — Depois da minha expressão desaprovadora, ela acrescentou: — Eu sei que a carta dez de espadas significa que alguém está para ser esmagado por um poder impiedoso, sem aviso. Quero dizer, *aniquilado*. Ela deveria representar o fundo do poço, quando não dá mais para afundar — seus olhos escuros tinham ficado sérios. — Isso não parece bom, Evie.

Matthew esteve me preparando para a morte de Jack. Ou tentando.

O Louco não fazia ideia. *Não havia* como se preparar para ter o coração destruído. Aquele dez de espadas tinha perfurado o meu.

Ele me perguntou o que eu sacrificaria. Não fui capaz de responder na época, mas agora seria.

Não Jack.

Eu me obriguei a ir mais acima. *O que encontrarei no topo deste monte?*

O Louco também tinha me implorado para nunca odiá-lo. Eu lhe daria a mesma piedade que me mostrou. Ele poderia ter impedido a morte de Jack e de Selena, de todo exército.

Todas aquelas pessoas tinham partido cheias de esperança sobre um lugar chamado Acadiana. Jack teria cumprido sua promessa de refúgio.

Matthew sabe mais? Ele tinha fugido como um covarde antes do Imperador atacar, dando uma última declaração misteriosa a Finn: *eu fiz as pazes com isso*.

Fez as pazes consigo mesmo por permitir que Jack morresse.

Culpava Matthew tanto quanto Richter. Uma daquelas dez espadas era do Louco. *Ele* me esfaqueou pelas costas.

O que encontrarei no topo...?

Eu também me culpava. Deveria ter sido eu. *Eu* tinha sido destinada a morrer.

Ao menos se eu tivesse escutado o conselho de Circe — de deixar Selena nas mãos dos Enamorados — Jack e toda aquela gente poderiam ter sido poupados. Selena havia morrido de qualquer maneira.

Eu fiz essas escolhas — fingi ser uma líder — então essas mortes pesavam sobre minha cabeça. A de Tess também.

Ontem, depois de ter enterrado seu corpo de novo, corri pela costa do lado de fora do forte, onde Circe e eu uma vez conversamos. Tinha gritado para o rio:

— Sei que está aqui, Circe! Apareça! — Nada. — Você viu Aric?

Ela não me deu nem uma ondulação da superfície.

— Estava certa sobre tirar o Imperador do jogo!

Quando ela ainda se recusou a me responder, caminhei para dentro do rio e chutei a água para provocá-la.

— Maldita! Por que não aparece?

Silêncio. Mesmo quando minhas lágrimas se derramaram em seu domínio...

Finalmente alcancei o topo. Ofegando, apoiei os pés e subi — e encarei tudo em choque.

O pico não era mais um pico. O maremoto de Circe deve ter esfriado a lava de Richter porque um mar de uma rocha preta e suave ia do topo desta montanha a outra bem distante, do outro lado do que costumava ser um vale. A garoa fazia sua superfície brilhar.

— Marque esta imagem — Aric me disse ao apontar para o caldeirão de lava borbulhante. — *Onde* procuraria por ele?

Um choro explodiu do meu peito. Eu assisti o assassinato de Jack.

Não, eu me recusava! Deve ter havido uma maneira dele escapar. Lutei para clarear minha mente nublada, para lembrar o que vi antes do ataque.

A fila comprida da caravana do exército marchava devagar se aproximando do outro lado desse vale, um vaga-lume no escuro. Carros e caminhões se espalhavam por mais ou menos um quilômetro, uma fração da extensão do vale. Jack e Selena estariam cavalgando na frente, mas voltaram quando eu falei com ele por rádio.

Jack e eu tínhamos ficado maravilhados com a neve. Com os minúsculos pedacinhos brancos caindo. Ele ficou maravilhado por eu o ter escolhido.

Ele e Selena podem ter cavalgado um quilômetro ou dois no máximo antes de Richter atacar. Lava havia enterrado a fileira de caminhões da frente para trás — como também este vale inteiro e vários montes ao redor.

Mesmo se Jack e Selena tivessem percorrido mais de quinze quilômetros ainda estariam no meio.

Selena, a garota que tinha acabado de suportar o inferno dos Enamorados, tinha morrido. Parte de mim havia *pressentido* aquela morte. Outros Arcanas também tinham, e Matthew, do seu próprio modo, tinha confirmado isso.

Ela possuía velocidade sobre-humana, agilidade e sentidos aguçados, e ainda assim pereceu. E ela estava bem ao lado de Jack.

Ele está morto.

Ninguém poderia sobreviver a isso.

Aquela batalha deixou para trás uma vasta lápide. Enterrados debaixo dela estavam centenas de vítimas. Meu Jack estava enterrado ali.

Por que tomei a decisão de não lutar neste jogo? Talvez o jogo estivesse me punindo por ousar desafiá-lo. Ou os deuses estavam.

Ao tentar reverter o tempo e trazer Jack de volta, eu também tinha desafiado o destino. E falhado.

Isso queria dizer que *sempre* falharia? Podia algum dia o destino ser alterado?

Atordoada, andei pela rocha com dificuldade. Mais ou menos na metade, eu parei. Aqui o vento soprava ainda mais forte, a chuva alfinetando.

Com um soluço, caí de joelhos para marcar os túmulos de Jack e Selena. Como eu poderia resumir suas vidas em poucas linhas? Eles foram tão mais que isso.

Alargando as garras, comecei a fazer gravações na rocha, começando por Selena.

Depois... Jack. Suando, sangrando, hiperventilando, eu entalhei. O tempo passou. Quem sabe quanto? Noite deu lugar a mais noite.

Quando terminei, tinha ralado as pontas dos dedos ensanguentadas até o osso e a insanidade me chamava tão sedutora quanto uma flor. Desabei de costas e deitei entre os dois memoriais, gotejando sangue neles.

Fiz nascer uma hera da amizade para Selena.

E madressilva para Jack.

Perguntei se o sofrimento do luto seria tão forte a ponto de ser fatal. Meu coração doía tanto que devia estar sangrando dentro do peito. *Eu* devia estar sangrando até a morte. *Dez espadas me perfuravam.*

Mas algo mais competia com a minha dor, uma corrente de fúria.

Depois de Jack e eu termos visto a fumaça da pira do funeral da minha mãe virar nuvem, ele me disse:

— Ela morreu em estado de graça. Eu só espero partir de forma parecida.

Não foi o caso. Por causa do Imperador. Richter tinha dado risada ao matar Jack e todas aquelas pessoas.

Richter morreria. A bruxa vermelha iria aniquilá-lo. Ódio me fez levantar. Ódio forçou um pé na frente do outro conforme eu seguia oscilante para longe das sepulturas.

A cada passo, sangue pingava dos meus dedos rasgados, marcando uma trilha de gotas pela vasta lápide negra. Uma amarra de mim para Jack.

Ao me aproximar da beirada da pedra, lembrei dos meus últimos momentos com Aric, meu braço novo dolorido. E se ele não tivesse sobrevivido ao dilúvio abrasador? Talvez não fosse invencível.

Não! Nenhum Arcano havia se gabado da morte de Morte; nenhum de nós a havia sentido.

Então franzi a testa. Estávamos todos desconectados agora. E eu não sabia *quando* nossa mesa telefônica tinha saído do ar.

E se ele tivesse... se afogado? Ele poderia ter chamado meu nome ao morrer. Seu corpo sem vida pode ter sido levado para algum lugar ao longo do caminho da enchente. Talvez fosse por *isso* que o rio de Circe não me respondia.

Eu tinha assumido que a morte de Jack era a pior coisa que poderia suportar. Matthew podia ter tentado me preparar para a morte de *ambos*.

Santo Deus. Ambos.

Berrei com fúria e dor. Enquanto gritava e gritava, caules de rosas brotaram da minha trilha de sangue, espalhando-se até cobrirem a lápide e as montanhas ao redor.

Se Aric vivia, eu precisava encontrá-lo. Mas como, quando eu estava morrendo de pesar?

Imaginei um torniquete em volta do meu coração perfurado, interrompendo o sangramento e me mantendo viva tempo suficiente para chegar a Aric e depois me vingar. Sim, eu rodaria o torniquete, apertando-o para constriuir meu coração, privando-o de sangue. Estrangulando-o.

Um coração sem sangue não podia *sentir*.

Girar, apertar, constriuir.

Um torpor caiu sobre mim. Minhas emoções se fecharam. Desse jeito, refleti que Aric ainda devia viver. Ele viveu por tanto tempo. Ele era forte.

Podíamos simplesmente ter nos perdido no correr de toda aquela distância. As águas do dilúvio se dividiram com frequência; ele pode ter sido levado em uma direção diferente. Eu me agarrei a esse pensamento.

Sim. Era disso que eu precisava. Entorpecimento. Só até completar minhas duas missões:

Encontrar Aric.

Aniquilar Richter.

Depois disso, soltaria o torniquete e me deixaria sangrar.

Jack e eu tínhamos nos maravilhado com a neve.

11

O Louco

Localização desconhecida

Meus olhos se abriram de repente.

Os gritos da Imperatriz tinham despertado a escuridão dentro de mim. *Reverso, perverso.*

O Chamado da Escuridão.

O sorriso dela estava quebrado. Era hora. *Eu sempre sabia que era melhor.*

12

A Imperatriz

Sol estava sentado na beirada da rocha negra. Quando me aproximei dele, inclinei a cabeça.

— Você me seguiu. Estava me observando.

O ícone do Sol ficaria tão bem na minha mão.

Ele se levantou, o olhar indo dos meus olhos ao meu cabelo avermelhado, e para meus dedos cheios de sangue.

— Você, uh, já cuidou de tudo? — Ele recuou um passo. E mais um.

Eu avancei.

— Devia ter escapado de mim enquanto podia.

— Eu considere isso — disse Sol enquanto eu me segurava para não cortá-lo em fatias. — Mas estou tentando ganhar sua confiança.

A bruxa vermelha se doía para matar alguém. Até que chegasse a vez do Imperador, essa carta aqui serviria.

— Me espionando?

Ele tropeçou para trás, quase caindo.

— O que entalhou na rocha?

— Epitáfios. Já escreveu algum? Já resumiu a vida de alguém em poucas linhas?

— Não, nunca.

— Vou me vingar do Imperador por essas mortes — Aric e minha avó me ensinariam as fraquezas de Richter e eu saberia como usar Sol também. O que significava que não o mataria.

Fervilhando de desagrado, a bruxa vermelha recuou.

Eu precisava levar o Sol até Morte. Talvez com esta carta me fortalecendo — e a ajuda de todos os jogadores em nossa aliança — poderíamos eliminar Richter.

Mas por outro lado, nossa aliança recentemente se resumiu a dois Arcanos.

O jogo parecia estar acelerando, construindo-se sozinho. Na mesma época das mortes de Tess e Selena, eu encontrei o Sol.

Estávamos girando para um fim?

Que idiota fui em pensar que poderia evitar a luta — que Jack e eu pudéssemos viver felizes para sempre. Os Arcanos realmente convergiam; eu os enfrentaria para o resto da vida. A menos que todos morressem.

Isso não quer dizer que eu tenha que matá-los, pensei, mesmo que minhas garras coçassem pela carne vulnerável de Sol.

— O que fará com o Imperador? — ele perguntou.

— Videiras vão crescer pelo seu corpo como veias, oh, mas tão lentamente, flagelando sua carne. Raízes se enterrarão e se alimentarão de seus órgãos. Quando ele me implorar para matá-lo, eu o forçarei a escolher sua próxima refeição: espinhos ou pedaços de si mesmo.

Sol tossiu.

— Me lembre de nunca me tornar seu inimigo.

— Você e eu vamos fazer outra pequena viagem — logicamente, chegar ao castelo de Aric era o que fazia mais sentido. Então Lark poderia me ajudar a encontrá-lo. Eu não sabia exatamente a localização da sua casa, mas fiz a jornada de lá até o Forte Arcana não faz muito tempo.

— Para onde vamos agora? — perguntou Sol.

Eu sorri de maneira diabólica.

— Bater na porta da Morte.

Day 396 A.F.

— Tem certeza que sabe para onde está indo? — Sol perguntou pela terceira vez só nesta hora.

Eu o ignorei e continuei andando.

Há dois dias o caminhão havia pifado, provavelmente devido à direção de Sol. Mas não senti muita falta do transporte. As estradas tinham ficado tão ruins que nós ficávamos presos em buracos de quilômetro a quilômetro. A cada vez, Sol e eu tirávamos o veículo com a ajuda das minhas videiras e dos seus Baggers.

Empurrar o caminhão ombro a ombro com zumbis tinha sido bizarro.

Fomos forçados a continuar a pé nos arrastando por terreno montanhoso. Sol havia encontrado roupas e botas no Forte Arcana, então ele não estava me atrasando. Ele, Bea e Joe tinham reabastecido nossa comida e água das provisões de lá, enquanto eu...

Franzi a testa. Huh. Eu não lembrava o que estava fazendo.

Agora Sol perguntou:

— *Pequeña*, podemos parar por um momento?

Continuei andando.

Desde a lápide ele tinha tentado ser gentil. Falava palavras de consolo. Nós dividimos a comida e a água de maneira educada enquanto viajávamos através das Cinzas juntos.

Mas eu não tinha mais nada em mim. Bea e Joe tinham mais ânimo do que eu.

Qualquer amizade desabrochando — ou ao menos um entendimento — entre eu e Sol tinha desaparecido.

Jack foi um dos meus últimos elos com a humanidade. Sem ele, eu *era* cruel.

Sem Jack. Eu já estava pensando nele no passado. Podia ter caído em prantos, mas meu torniquete estava firme e forte. Mesmo assim minha mente sofria, formando ligações estranhas.

O redemoinho que me prendeu a uns dias atrás girando como uma roleta... *roleta* significa *rodinha*...

Tess revertendo o tempo como um carrossel girando para trás... *carrossel* significa *pequena batalha*...

Torniquete vinha da palavra francesa *tourner*, rodar ou girar...

Tudo estava girando; *eu* estava girando. Entrei no Forte Arcana de um jeito; depois de encontrar Tess eu mudei para sempre. Não acreditava mais com certeza que estivesse no comando do meu próprio destino.

No meio de uma clareira, Sol parou.

— Imperatriz, você está perdida.

Eu o encarei.

— Eu *não* estou perdida — estava completamente perdida. Nunca pensei que fosse sentir falta das vozes. Ainda não tinha ouvido nenhuma. Estava confiando no meu próprio senso de direção — que era uma droga.

Mesmo se eu pudesse navegar usando o sol ou as estrelas, nenhum desses estava visível. O amanhecer nunca chegava e nuvens ocultavam o céu da noite. Noites sem fim.

Agora que assumi que Aric estava vivo, tinha começado a saudar Circe em todas as poças que encontrava, esperando que me ajudasse, mas ela nunca ajudava. Imaginava ouvir seus sussurros em cada gota de chuva — até achar que tinha enlouquecido. Eventualmente eu enlouqueceria.

Eu só precisava evitar isso até completar minhas missões.

Encontrar Aric.

Aniquilar Richter.

Sol girou a cabeça, alongando o pescoço.

— Por favor, me diga onde estamos indo. *Por favor.*

— Eu te disse. Estou te levando para Morte — Aric seria imune aos poderes do Sol? Sua armadura o protegeria?

— O que ele vai fazer comigo?

— A menos que ele saiba algo sobre você que eu não saiba, vai deixá-lo algemado com os movimentos limitados — Aric uma vez me manteve prisioneira; eu conhecia os detalhes. — Eu vou pedir que seus Baggers sejam colocados em um local seguro — dentro do enorme zoológico do castelo, os animais de Lark agora circulavam livres, suas contenções não mais necessárias desde que ela desenvolveu seus poderes. Eu poderia pegar uma das jaulas emprestada. — Vai comer bem e terá uma cama quente onde dormir.

Em uma voz baixa, Sol observou:

— Eu não sinto frio e já estava comendo bem antes de...

— Espere — congelei. Um grito mudo soou de algum lugar. — Ouviu isso?

Ele negou com a cabeça.

Outro grito mais perto. Um animal! Um pássaro? Passei os olhos pelo céu avistando um falcão, um usando um pequeno capacete de couro.

— Lark! Estou aqui! — Eu dei pulos e acenei com os braços. — Ei! Aqui embaixo!

O falcão inclinou o voo, pairou no ar e então mergulhou em minha direção.

— Graças a Deus — ele voava rápido, direto para mim. — Lark, está vindo rápido demais. Cuidado!

Em um abano de penas, a ave pulou no meu ombro, as garras cravando.

— Já chega! Isso dói pra caramba — ele batia as asas, parecendo me incitar em uma direção. — Ok, ok, estou indo!

Atrás de mim, Sol disse:

— Não tinha que ser desse jeito, Evie.

Eu franzi a testa me virando.

— Como sabe o meu nome...

Seu braço balançou na minha direção, uma pedra grande na mão.

Dor.

O guincho do falcão.

Escuridão.

Acordei com um ruído horripilante. Um ruído de sucção.

Consegui abrir um pouco os olhos e quase perdi o que restava da minha mente.

Quatro novos Bagmen... *bebiam de mim*.

Eles tinham me mordido. Rasgado minhas roupas para chegar à minha pele. Chupavam meu sangue com vigor, sacudindo meu corpo débil.

Lutei para me livrar deles, para invocar meu poder... *fraca demais*. Não conseguia mover os membros. Não conseguia gritar. Sol deve ter fraturado meu crânio. A perda de sangue me enfraquecia ainda mais.

O falcão rasgava os rostos dos Baggers, o bico puxando seus olhos.

Outro pesadelo? Era real? *Não era* real? Isso não podia estar acontecendo. Não era para eu morrer assim!

Sol observava com os seus dois Baggers favoritos, sem os seus colares de espinhos. Ele tinha passado na minha frente. Sol não estava se gabando, não parecia contente nem descontente. Mas ainda estava fazendo isso comigo.

Me matando.

Consegui soltar uma palavra meio engasgada:

— Por que? — Embora não tivesse confiado nele, não esperava por isso.

— Já estou em uma aliança — ele mexeu naquele relógio no pulso. Então ergueu o rosto para o céu da noite e luz reluziu disparando de seus olhos. Dois refletores. Um sinal. Ele piscou e os holofotes piscaram em um ritmo.

Para sinalizar o que?

Arfei:

— Então me... mate logo — o falcão ainda lutava, mas os Bagmen nem pareciam cientes da presença dele.

— Esse não é o plano. Eu fiz com que mordessem você por que suas mordidas neutralizam poderes Arcanos — ele pretendia me manter viva? — Ao menos neutralizou o último jogador que me atacou.

Quem? Sol já jogava o jogo por um tempo.

Mas ele tinha razão. Eu não era capaz de invocar uma videira. Até a minha regeneração tinha parado.

Um Bagger acima de mim soltou a mordida, mas apenas para afundar os dentes na pele intocada da minha cintura. Eu gritei, indefesa para impedi-lo. O falcão ficou louco.

Eu me juntaria a Jack, minha mãe e Mel em algum outro plano? Ou me tornaria um Bagman, amaldiçoada a vagar pela terra?

— Vai me manter por perto... como Bea e Joe?

Sol tinha se encolhido?

Apesar do risco de me transformar, eu deveria estar feliz de ter ao menos a chance de me unir aos meus entes queridos. Mas não poderia deixar de imaginar a reação de Morte ante meu terrível assassinato.

Aric tinha acreditado em mim quando disse que também o amava?

Acima dos gritos furiosos do falcão, ouvi outro som: *swoop swoop swoop*. Familiar, mas extremamente inesperado; precisei de alguns segundos para identificar. Um... helicóptero?

Não ouvi um na noite do massacre? Foi assim que Richter escapou de Circe!

O Imperador se aproximava agora? Sol devia estar trabalhando com ele o tempo todo!

Refletores acenderam quando um helicóptero ficou visível. As letras diziam RESGATE DA GUARDA COSTEIRA. Ele circulou acima, uma ave de metal. Se Richter estava ali dentro, eu precisava trazê-lo ao chão!

Mas estava indefesa, Baggers continuavam a me drenar. Meu corpo logo seria uma casca como o de Tess.

O helicóptero aterrisou no campo a uns sete metros de distância, levantando cinzas. As rajadas de vento atirou o falcão para longe dos meus agressores em cambalhotas.

Eu voltei meu olhar para Sol. Ele dizia algo para mim. Não tive certeza do que.

Os quatro Bagmen abruptamente pararam de beber. Eles se levantaram e se afastaram, os lábios manchados com meu sangue.

Os rotores da aeronave desaceleraram. Não era Richter — uma *garota* desceu do assento do piloto. Cabelo comprido e totalmente negro ondulava abaixo do capacete. Atrás do seu microfone, seus lábios eram de um vermelho vivo. Ela vestia um macacão verde e luvas, e tinha uma pistola num coldre em uma perna e uma faca enorme atada à outra. Para cortar minha cabeça?

Ela andou até nós tirando o capacete. Seus olhos eram de um mel vívido, a expressão lívida. Um tableau tremeluziu por cima dela. Eu vi uma roda girando em um céu escuro com esfinge correndo no topo dela e um dragão alado dançando na base. Dados antigos de barro choviam.

A Carta da Roda da Fortuna!

Lark estava vendo isso? O falcão havia levantado voo, circulando acima de nossas cabeças.

— *Que porra é essa?* — Fortuna disparou para Sol.

— É bom vê-la também, Zara — ele disse entredentes. — E mais uma vez: não entendo o seu português. — Eles se *conheciam* o tempo inteiro — Sol e Zara. — *Dios mío*, que sotaque!

— Que porra é essa? — ela disse. — Por que invocou uma horda de Bagmen malucos?

Hã? Só havia quatro além dos de estimação de Sol.

Ele deu de ombros.

— Não posso evitar que eles sejam atraídos por mim.

Minha cabeça estava se partindo, meu estômago revolvía e aquelas mordidas queimavam feito ácido. Mas eu queria respostas. Por que Sol tinha jogado o meu jogo? Ele sabia quem eu era no momento que meu tableau apareceu no Olimpo, talvez até antes, se ele conseguia ver através de seus Bagmen.

Sol perguntou a ela:

— Onde está Richter?

— Relaxando, recarregando para o grande final — ela disse. — Ele não sai para pegar uma merdinha do time B que nem ela. Descobriu onde fica o refúgio de Morte?

Sol tinha me usado para localizar o lar de Aric? Para o *grande final*.

Eu precisava muito viver para alertar Aric e Lark. Mas tinha perdido tanto sangue e a mutação me enfraquecia ainda mais.

Porque já estava me transformando?

— A Imperatriz pareceu confiante que a casa dele fica em algum lugar por aqui — disse Sol. — Já que estamos na área, deveríamos fazer um voo de reconhecimento.

Zara sacudiu a cabeça.

— Não dá. Estou na reserva de combustível só para vir te pegar. Meu helicóptero não está equipado.

Sol esfregou a nunca.

— Precisamos decolar — ele apontou para o falcão lá em cima. — Aquele é um dos escoteiros de Fauna. Ela é aliada da Imperatriz.

O falcão guinchou e mergulhou outra vez. Zara tirou a pistola do coldre, mirou no alvo em movimento e disparou. O falcão caiu sem vida.

Meus olhos doeram, mas eu me lembrei de que a ave se regeneraria.

— Pronto. Acabaram os escoteiros — Zara perguntou a Sol: — Seus Baggers gostam de aves?

— Vadia — eu disse com desprezo, ou tentei. Só um sopro cruzou meus lábios.

Zara chutou a minha perna, perguntando a Sol:

— Ela está contida?

— Ela já foi mordida o bastante — mais uma vez, Sol não parecia orgulhoso nem arrependido. — Ela tentou reunir seus poderes, mas não consegue.

Zara apontou a arma para o meu peito.

— Só pra garantir — ela disparou.

Uma. Duas. Três vezes.

Três tiros — no *coração*? Eu ri para ela me engasgando em sangue. Balas não podiam machucar algo que já tinha sido destruído.

— Que louca — Zara devolveu a arma ao coldre, balançando a cabeça para mim. — Não acredito que *você* tem ícones. A grande Imperatriz? Você é só uma garotinha fraca — ela se ajoelhou ao meu lado tirando uma luva. — E está prestes a se tornar uma garotinha bem azarada — ela estendeu a mão para o meu rosto...

Um lobo uivou não muito longe, e então outro. Lark!

Zara ficou em pé num pulo, olhando para os lados.

— Fauna outra vez? — Ela retirou a pistola outra vez, mirando-a em todas as direções.

Sol assentiu.

— Faz sentido.

— Pegue a Imperatriz e vamos embora — ela correu para o helicóptero. — Vamos Sol, *anda logo*!

Quando Sol fez um gesto com a mão, um dos Bagmen agarrou meu tornozelo e me arrastou pelo chão até o helicóptero.

O Sol e a Fortuna estavam me levando para o Imperador.

14

Enquanto Sol prendia meu corpo mole em um assento do helicóptero, ele gritou para Zara:

— Temos que IR! — Com outro aceno de mão, ele direcionou os seus Bagger de estimação a mais dois acentos.

Na cabine do piloto, Zara ligava chaves e girava controles. Os motores roncaram mais alto. Vento soprava pela porta lateral aberta.

— Agora, Zara!

Ela respondeu com um discurso sobre "overtorque³" e "RPM máximo" e "controle coletivo", terminando com um "idiota".

Ela parecia saber o que estava fazendo e certamente conhecia as limitações de Sol. Então o helicóptero era uma arma para ela. Parte do arsenal da Arcana Fortuna.

Sol tinha acabado de amarrar Joe quando ela disparou:

— Porra! — e puxou um tipo de alavanca entre os joelhos. Nós decolamos de supetão.

Eu fui jogada e amparada pelo cinto de segurança. Sol se jogou para fechar a porta lateral, mas escorregou no chão de placas metálicas antes de alcançá-la. Meu sangue e a gosma dos Baggers o tinham deixado escorregadio.

Ele agarrou uma alça para se equilibrar. Então seus olhos se arregalaram.

— Oh, *estoy jodido*! Morte está vindo a cavalo!

³ Refere-se à habilidade de controlar o acelerador ou manete da aeronave com o motor acima de seu limite de 100%.

para fora e vomitei sangue; ele manchou o focinho do lobo.

Girando, girando. Como um redemoinho em uma enchente.

À minha esquerda: Scarface. À minha direita, Bea estava pendurada pela beirada.

Sol tinha uma mão em volta do meu tornozelo e outra em volta do dela. Mas ele deslizava pelo chão.

Ele tinha que fazer uma escolha: me salvar ou salvar Bea.

Uma última sacudida de Scarface — o golpe de morte da aeronave.

Sol escolheu.

Eu caí pelo céu, sem sentir meu peso.

Avistei o helicóptero mergulhando em um cânion próximo prestes a colidir como eu; o lobo se soltou no último segundo.

Então.....

Impacto. Eu caí em uma posição de pé. O chão pulverizou minhas pernas.

15

— Estou com você — Aric disse com voz crua. — Aguenta, *sievā*!

Consciência vacilava. Eu queria avisar Aric, mas falar parecia impossível. Então tentei alcançá-lo mentalmente. *O Imperador está vindo. Ele está recarregando.*

Aric me segurava forte com um braço. Com o outro ele empunhava uma espada, criando um caminho entre os Bagmen.

Tantos. Milhares. Seus lamentos eram ensurdecedores.

Aric precisava das duas mãos ou nunca sairia daquele enxame com vida. Eu provavelmente me tornaria um Bagger de qualquer forma. Eu o estava deixando em desvantagem. *Me deixe.*

Se Aric me ouviu, não reagiu, apenas continuou a lutar. Enquanto girava e talhava, vi flashes do cânion: uma explosão e então uma onda de fumaça. O helicóptero tinha explodido! Aric ganharia os ícones de Sol e Zara? Ou seria Lark?

A bola de fogo gigante da colisão iluminou nosso caminho.

Dois uivos soaram acima dos lamentos. Scarface e Maneater saltaram na frente de Thanatos, formando um caminho entre os Baggers como um trator de limpar neve.

Aric murmurou:

— Ótima exibição, Fauna.

Eu estava prestes a desmaiar.

— M-morrendo... sinto muito...

Ele esporou Thanatos.

— Você *não* está morrendo! — Galopamos mais rápido. — Imperatriz?

— *Sievā*? — A última coisa que ouvi foi seu berro cheio de agonia...

Quando despertei de novo, ouvi o retumbar de cascos. A respiração irregular de Aric. Chuva forte.

Abri um pouco os olhos. Tínhamos escapado dos Bagmen? Sussurrei:

— Aric? — Nunca senti tanto frio; meu corpo estremeceu.

— Ah, deuses, está acordada — ele levantou o visor do elmo. — Não fale. Estamos quase em casa — ele parecia exausto. Chuva salpicava em sua armadura e escorria por seu rosto orgulhoso. Se ele tivesse se queimado no dilúvio abrasador, sua cura acelerada já reparou sua pele.

Quando seus olhos ficaram estrelados ao baixá-los para mim, soltei o torniquete em meu coração e comecei a sangrar, estava morrendo de qualquer jeito.

— Meu poderoso cavaleiro — olhei para ele com todo o amor que sentia. — Sabia que você... não podia ter morrido — tentei tocar em seu rosto, mas meu braço despencou na metade do caminho.

— Poupe suas forças, *sievā*.

— Baggers me morderam... bastante. Você vai... me matar... antes que me transforme. Certo?

— Não vai chegar a isso — ele disse com a voz grossa. — Farei com que melhore disso.

Névoa nos cercou enquanto cavalgávamos em um ritmo acelerado. Como ele ainda continuava?

— Você vai cuidar... da vovó?

— Você não vai morrer! Eu não permitirei.

Tentei sacudir a cabeça. Um erro. Pescoço quebrado?

— Imperador vai encontrar sua casa... destruir você. Grande final.

— Você guiou o Sol exatamente na direção contrária, amor.

Guiei? Naturalmente.

— Você vai matar... Richter por mim?

— Não fale! Se poupar suas forças, vai regenerar.

— Sol disse que as mordidas... neutralizam poderes Arcanos. Me curar... é um poder — tinha algo muito errado dentro de mim. A doença me segurava pela garganta, não me soltaria.

Como um lobo *lentamente* quebrando meu pescoço.

Depois da mais leve das hesitações, Aric disse:

— Não importa. Isto será diferente.

Eu discordava. O que significava que precisava falar com ele.

— Tenho que... te contar coisas — todas as coisas das quais podia ter me arrependido. Comecei murmurando os pensamentos na minha cabeça, não ciente realmente do que estava dizendo.

Confiei que Aric separasse o que era importante das minhas divagações. Falei até ficar a ponto de perder a consciência novamente.

O que quer que tenha dito o afetou. Ele arrancou o elmo para poder pressionar os lábios em minha testa ao me apertar mais perto do corpo...

Devo ter desmaiado outra vez; voltei de repente quando Aric gritou:

— Circe, deixe-nos passar!

O som de ondas e então da água recuando. A Sacerdotisa estava por perto?

Thanatos galopou para cima, para cima, o ar ficando ainda mais frio. Justo quando eu estava para apagar outra vez, Aric me disse:

— Estamos em casa.

Estava de volta ao castelo do tempo perdido? Abri os olhos, forçando a vista. Cavalgávamos pelo portão gigante e pelo pátio. Cascos batiam no ladrilho. Lâmpadas a gás feriram minha vista.

— Vou conseguir ajuda. Apenas aguarde — Aric me aninhou no peito ao saltar de Thanatos e correu para dentro, as esporas tinindo. — Lark, chame a emergência.

Lark... senti falta dela naquelas últimas semanas. Ela guiou Aric até mim. Os dois lutaram para me salvar.

— Estamos preparados para irmos ao viveiro, chefe — ela respondeu. — Sob as luzes ultravioletas, exatamente como disse.

Luzes ultravioletas. Aric inteligente. Elas tinham me fortalecido antes. Mas sentia que estava além de qualquer ajuda. Ele desceu correndo os inúmeros degraus até o viveiro subterrâneo me dizendo:

— Fique comigo. Você precisa ficar comigo.

Ele me deitou em uma cama. Fechei os olhos com força por causa da intensa luz acima. Ouvi tesouras cortarem minhas roupas.

Lark deu uma inspiração brusca.

— Ela é uma enorme ferida. Já vi animais atropelados em estradas em situação melhor.

— Chega! — disparou Aric.

Um homem disse:

— Ela foi mordida múltiplas vezes. Estes são ferimentos de *bala* mo peito — o cara da emergência? Seu nome não era Paul? Ele cuidou de Lark depois do ataque de Ogen. — As pernas dela... não existem mais. O que espera que faça por ela?

Seu tom homicida, Aric disse entredentes:

— A menos que deseje morrer por minha espada, sugiro que a *salve* — eu sabia o quanto seu rosto pareceria ameaçador no momento. Já estive na posição de recebimento de suas ameaças o suficiente.

— E-eu tentarei limpar estes ferimentos, senhor — disse Paul, a voz escalando. — E começarei um soro. Lark, pode me ajudar? Ela perdeu muito sangue.

— Eves já não deveria ter começado a se curar? — perguntou Lark. — Quando cortei seu silício aqui embaixo, ela estava se regenerando em segundos.

— Dê-lhe tempo — disse Aric. — Os ferimentos são significantes — ele tirou o cabelo molhado da minha testa. — Sinta a luz, *sievā*. Vai se curar. Sempre se cura.

Eu *podia* sentir as luzes, mas não senti nenhuma contração da regeneração...

O grito de uma mulher.

— E-evie! — Esta era... minha avó?

Eu tentei dizer, “Vovó”. Sangue saiu pela minha boca. Por tanto tempo lutei para chegar até ela. Finalmente estava comigo, mas eu não conseguia falar uma palavra.

— Sol fez isso com ela — disse Vovó. — Você o matou, cavaleiro? — Eu sentia ela e Paul de um lado, Lark e Aric do outro.

— Não. Creio que eles sobreviveram à queda do helicóptero.

— Então por que não deixa o cuidado de minha neta conosco? Enquanto vai *terminar o trabalho*? — Ela soava tão homicida quanto Aric soou com Paul.

— Não me ausentarei até que ela esteja curada.

— Você devia tê-la achado antes! Como não conseguiu achá-la antes que isso acontecesse? — Por que minha avó o provocava? — Já a localizou muitas vezes antes.

Eu sabia que ela o considerava um vilão, mas não conseguia ver que ele se importava comigo? Ele a resgatou na Carolina do Norte, trazendo-a para este castelo — por mim. Ele derrotou dois Arcanos e um exército de Baggers para salvar a minha vida.

Para *tentar* me salvar.

Eu ainda poderia me transformar.

Soando como se estivesse a ponto de estrangulá-la, Aric disse:

— O Louco silenciou nossa comunicação — não era de admirar eu não ter ouvido nada. O que Matthew estava aprontando? — Depois de seguir cada milha da direção do dilúvio, cada bifurcação e desvio, varri toda a área rural pela Imperatriz, daqui ao Forte Arcana. Por alguma razão, ela tomou a direção oposta à deste castelo. Eu sabiamente fiz Lark despachar sentinelas em *todas* as direções.

— *Sabiamente*? Evie está morrendo! Ou pior.

— Ela pode ouvi-la. Olhe a sua língua ou se retire.

— Eu sou a avó dela!

— Até *minha* eterna paciência tem seus limites, Tarasova.

— Você está ameaçando... ameaçando... — suas palavras silenciaram.

Ouvi um grito estrangulado. O que estava acontecendo? Por que eu não conseguia enxergar?

Aric soltou uma praga em língua Letã.

Lark perguntou:

— O que está acontecendo com a senhora?

Um som de queda. Um gemido.

— Jesus — murmurou Lark. — Eves, você está tendo as piores duas semanas da história.

16

— Estou aqui, *sievā* — Aric passava um pano frio na minha testa.

A vigília da Morte. Há quanto tempo ele cuidava de mim? Estava suspensa em uma espécie de crepúsculo; eu não morria — e também não me curava.

Achei que entendia dor física. Alguns meses atrás, amputei meu polegar para me livrar das algemas para poder lutar com Morte. Quando me afoguei não muito tempo depois disso, senti como se meus pulmões fossem estourar. Então um ogro tinha me estrangulado, quebrando meu pescoço. Ultimamente? Perdi um braço, fui arrastada por uma enchente, mordida e drenada por Baggers famintos.

Ainda assim, dor *de verdade* e eu nunca fomos apresentados antes de agora.

A mutação dos Bagmen me rasgava por dentro. Qualquer poder da Imperatriz que eu ainda possuía batalhava contra isso. Uma guerra tinha eclodido dentro do meu corpo.

— Lute contra isso. *Lute* — Aric me encorajava. Ele sentou ao meu lado na cama me tomando nos braços. — Precisa voltar para mim.

Tentei falar, dizer a ele que o amava e perguntar sobre vovó, mas nenhuma palavra passou dos meus lábios.

— Eu sei por que morrer pode parecer tentador — porque eu poderia seguir Jack? — mas *eu* preciso de você. Volte para mim.

Outra onda de agonia me atingiu. Eu ouvi um grito.

Meu?

Com a voz espessa, ele disse:

— Pedi aos deuses que eu pudesse tirar esta dor — ele me balançou. — É forte demais para morrer e teimosa demais para se transformar. Seu único caminho é voltar para mim.

Como ele podia ser tão bom para mim quando eu o magoei tão profundamente? Lembrei do seu berro de coalhar o sangue quando eu cavalguei para longe dele — para ficar com Jack...

Enquanto horas — dias? Semanas? — passavam, Aric continuava comigo. Às vezes, podia notar que ele continha sons de sofrimento.

Outras vezes ele conversava comigo. Ele me contava da minha avó:

— Vê-la assim provocou-lhe um... choque. Mas ela vai se recuperar. Exatamente como você.

Ele me contava sobre outros Arcanos:

— Lark enviou um sentinela de volta à clareira para recolher seu falcão e minha espada. Não havia corpos no local da queda. Como suspeitava, Fortuna e o Sol sobreviveram.

Uma vez ouvi um gemido de lobo e uma língua molhada lambeu minha mão.

— Você tem visita — disse Aric. — Seu favorito — Cyclops? Ele sobreviveu! — Eu sempre apreciei o *potencial* dos lobos, mas nunca achei que deveríamos a vida a eles.

Agora outra onda de agonia me atingiu. Meus gritos ecoaram. Eu não queria assustar ninguém, mas não conseguia contê-los.

— Preciso ajudá-la — ele soava tão dilacerado, como se sua dor espelhasse a minha. — Como posso ajudá-la?

Eu não achava que algo pudesse ser feito. E portanto eu tinha duas novas missões.

Fazer Aric me matar antes que eu começasse a me transformar. E extrair uma promessa de vingança contra o Imperador. Assim que eu conseguisse falar.

Aric ficou tenso contra mim.

— Ela retorna.

Passos se aproximaram.

— Há alguma... mudança? — minha avó perguntou numa voz fraca. Suas palavras estavam arrastadas?

Ela estava muito perto. Se ao menos eu pudesse me comunicar com ela. Ela sabia que Haven ficou em cinzas? Que sua filha tinha morrido?

Aric respondeu:

— A Imperatriz vai reagir.

— Senhor... — Paul também estava lá embaixo? Ele fazia basicamente de tudo no castelo, de cozinhar todas as refeições a dar pontos. Eu não invejava o trabalho de Paul no castelo Morte.

O homem foi corajoso o bastante para dizer:

— Ela pode estar começando a se transformar. Se esperar demais, ela pode morder outra pessoa.

A ideia de ferir outra pessoa me deixou ainda mais doente. Eu sussurrei:

— *Me mate* — mas ninguém pareceu me ouvir.

— Não farei coisa alguma — Aric disse — até, ou a menos, que ela anseie sangue.

Estremeci.

— Deixe-a comigo — disse vovó. — Não deveria estar nessa cama com ela, abraçando-a desse jeito. Ela é uma garota de dezessete anos.

— Ela é uma Imperatriz milenar.

— *Eu* devia tomar conta dela — insistiu vovó.

— Você esquece que esta é minha casa, Tarasova. Eu farei como desejar.

Eu me perguntava por que ele não disse que éramos casados. Aric não teve vergonha em anunciar esse fato para Jack.

Mas isso foi antes de eu rejeitar Aric e seus direitos sobre mim. Antes de ter partido o coração deste homem...

Meus olhos se moveram por trás das minhas pálpebras enquanto eu flutuava entre sono e despertar. Estava em uma cama. Senti plantas por todo lado à minha volta.

Quando a dor finalmente diminuiu para um nível suportável, abri um pouco os olhos. Só consegui ver um vazio branco.

Ah, Deus, por que não conseguia enxergar? Minha visão retornaria? Pisquei várias vezes. Talvez estivesse me transformando, meus olhos membranosos?

Não, alguma espécie de claridade ardia. Ah. As luzes ultravioletas. Eu estava no viveiro.

Imagens borradas começaram a tomar forma. Por que havia uma cama aqui embaixo? Videiras e caules de roseiras passeavam por cima do meu corpo e nos pés da cama.

Debaixo da massa verde, mudei meus membros de posição, flexionando meus músculos. Meus braços e pernas estavam fracos e doloridos como o inferno, mas se curavam.

Eu levantei a cabeça. Aric recostado na cabeceira com os olhos fechados. Videiras e caules de roseira também o cobriam.

No sono, sua testa vincou, os lábios afinaram. Ele tinha o começo dourado de uma barba nas bochechas delgadas e círculos escuros debaixo dos olhos, parecendo mais velho e mais exausto do que eu já tinha visto. Usava calça preta e um suéter fino escuro, mas dava para ver que tinha perdido peso.

Há quanto tempo estava aqui comigo? Depois de nossa história, fiquei surpresa dele conseguir tolerar o excesso de plantas.

Fragmentos de memórias da minha recuperação chegaram de surpresa: suas palavras de acalento, seu cuidado, suas atualizações sobre a vida no castelo. Ele tinha me desafiado a me curar e ficou comigo o tempo inteiro.

À nossa volta, plantas — até mesmo árvores — se fundiam para formar paredes. Ele tinha escolhido permanecer dentro da minha toca verde. Estiquei o braço por cima dele, saboreando seu calor e força.

Seus olhos âmbar piscaram. Ele me encontrou fitando-o e seus lábios se curvaram.

— *Sievā* — pontinhos de luz irradiavam do seu olhar que enfeitiçava.

— Tudo bem com essas plantas? — Murmurei com a garganta arranhando.

Seu sorriso se alargou.

— Sou grato a elas. Elas a confortaram mais do que eu jamais poderia.

Quanto a isso eu duvidava.

— Por quanto tempo fiquei desacordada?

— Semanas.

Meu queixo caiu.

— Não pode ser verdade.

— Aqueles Bagmen a morderam mais de uma dúzia de vezes. Suas pernas foram gravemente feridas e você foi baleada. Sua habilidade de regeneração teve muito o que enfrentar.

Eu realmente lembrava de cair de pé.

— Eu vou... me transformar?

— Não creio. Já teria a esta altura — Aric jamais mentiria para mim.

Relaxe um pouco. Com um aceno, movi as videiras de cima da cama, de cima dele.

Ele também pareceu relaxar um pouquinho.

— Se alguém dissesse alguns meses atrás que eu cochilaria cercado pelas videiras da Imperatriz, eu o teria chamado de louco — ele estendeu a mão para um copo com água em uma bandeja. Ele me ajudou a sentar e trouxe o copo aos meus lábios. — Devagar.

Bebi o suficiente para matar o pior da minha sede.

— O Imperador está planejando atacar o castelo. Em breve.

— Eu sei. Você me disse. Felizmente, guiou o Sol na direção oposta a nossa casa.

Nossa casa.

— Guiou? — Foi totalmente de propósito.

Em um tom estranho, ele disse:

— Não se lembra de *nada* das coisas que conversamos durante a jornada até aqui? De alguma das coisas que me falou?

Eu tentei lembrar. A jornada inteira era um borrão.

Seu olhar procurou em meu rosto, lendo minha confusão. Por alguma razão, ele parecia se fechar bem na minha frente. Ele endireitou os ombros, sua atitude se tornando distante e formal.

— Deve ter muitas perguntas.

Milhares.

— Por que não fomos capazes de nos comunicar? — Eu vagamente recordava de Aric falando no assunto, mas não lembrava do que tinha dito. — Eu te chamei e chamei várias vezes.

— O Louco desconectou todos. Não sei o motivo. Talvez para ocultar alguns jogadores dos demais. Ou talvez por estar enfraquecido.

Nos dias antes de me abandonar, Matthew sofreu hemorragias nasais e uma desorientação ainda maior. Normalmente, eu odiava pensar nele sofrendo. Mas depois de sua traição, adorei a ideia.

— Imperatriz?

Pisquei.

— O que aconteceu com você depois do maremoto de Circe?

— Comecei a procurar por você assim que me libertei do dilúvio. Temi que não pudesse sobreviver sem... seu braço. Deve me perdoar por aquilo.

— Não há nada a perdoar.

— Como *você* sobreviveu?

Lembrei-me de ficar presa naquele redemoinho com os Bagmen morrendo de medo de ser mordida. Aparentemente esse sempre foi meu destino.

— Eu me agarrei a uma torre de celular. Eu a escalei e esperei que a água baixasse.

— Escalou com um braço?

— Não disse que escalei *bem*. Circe é uma aliada, não é?

Assentimento de cabeça.

— Ela vai nos ajudar a matar Richter?

Ele passou a mão pelo rosto cansado.

— Quando a hora chegar.

— A hora? Assim que eu me recuperar — então me lembrei: minha avó estava aqui! Estendi a mão. — Preciso ver minha avó. Achei que ouvi... ela está bem?

Ele tomou minha mão e então fitou nossos dedos entrelaçados. *Ainda tão desacostumado ao toque*. Ele pigarreou.

— Ela estava debilitada quando a encontrei e sua saúde não melhorou. Mas se encontra estável.

— Mas ela veio aqui embaixo.

Seu polegar esfregou minha pele.

— Depois do primeiro dia mais ou menos, os inúmeros degraus até este nível se provaram desafiadores.

— Vai me mudar para perto dela?

Uma negativa firme da cabeça.

— Não está pronta.

— Poderia levar uma luz ultravioleta e algumas plantas. *Por favor?* — Apertei sua mão.

Ele exalou.

— E ainda não posso te negar nada — ele me ergueu nos braços e me carregou para a escada. — Pode ficar no quarto de hóspedes ao lado do dela. Colocarei todas as suas coisas da torre lá.

Por que eu não era mais uma prisioneira.

— Talvez só algumas roupas. Gosto do meu quarto lá em cima — tinha pintado as paredes e me sentido em casa.

Quando ele me colocou na cama em meu novo quarto, minha camisola subiu e fiz uma careta quando vi os hematomas em minhas pernas, minha pele toda manchada de preto e azul. Então segurei sua mão, sem querer que fosse embora.

Ele franziu a testa e se afastou.

— Voltarei logo — tirou as luvas do bolso da calça, calçando-as enquanto ia até a porta.

Lark passou por ele e entrou no quarto.

— Evie! — ela gritou. Na última vez que a vi ela estava com dois gessos, um no braço e outro no tornozelo, mas agora estava totalmente curada. — A impura voltou! Achei que você já era impura *antes* de ter coisa de Bagger nas veias. Sentiu saudades de mim, não sentiu?

— Senti. Obrigada por ajudar a salvar minha vida.

— É, bem, você me deve uma — seu sorriso morreu. — Será que por acaso não viu Finn por aí?

Sacudi a cabeça.

— Sinto muito. Achei que ele estaria no Forte Arcana, mas o lugar estava abandonado. Eu vi... uma parte de Cyclops — o lobo não tinha vindo me ver? Ou sonhei com aquilo? — O que aconteceu no forte?

— Depois do grande ataque, Fortuna o sobrevoou com Richter. Ela estava tipo passeando com ele, como se os dois estivessem num encontro superdivertido ou coisa assim. Ele deve ter ficado sem sua gasolina de Imperador por que começou a atirar no lugar.

Enquanto eu vivesse, os dias de Richter estavam contados. *Vou atrás de você, Richter*. Eu substituiria sua risada com gritos.

Lark continuou:

— Finn não conseguiu correr com a perna ruim, quase não conseguiu chegar a um caminhão em fuga. Eu saltei no helicóptero para ganhar tempo.

Tão estranho ouvi-la falar assim, como se estivesse lá. O que ela meio que esteve. Na forma de Cyclops. *Rubra de presas e garras*. E depois tinha atacado Fortuna através de Scarface — me salvando.

— Aqueles helicópteros me deixam, quer dizer, deixam meus lobos, malucos. Enfim, Richter atirou em Cyclops até eu não conseguir mais aguentar. Caí bem no meio da droga do campo minado. E *ai*. Não preciso dizer que não consegui alcançar o caminhão de Finn — seus olhos piscaram em um vermelho animal quando ela disse: — Quando nos encarregarmos de Richter, deixe Fortuna para mim. Aquela vadia e eu temos um encontro marcado.

— Anotado. Seu falcão sobreviveu?

— Sim. Ela é uma das sentinelas que eu coloquei à procura de Finn — Lark trocou o peso do corpo de pé. — Morte me disse que você estava indo se encontrar com Jack para ir embora com ele.

E mesmo assim Aric veio atrás de mim e salvou minha vida.

— Eves, sinto muito mesmo pelo Cajun.

Engoli saliva com um bolo preso na garganta. Minha recuperação parecia ter afrouxado o torniquete. *Aperte-o!*

Um pensamento repentino me ocorreu.

— Lark, onde estão as roupas que eu usava?

— Não sei. Paul provavelmente queimou. Parecia que você tinha mergulhado em Ragu⁴ ou se sabe lá o que...

⁴ Tradicional molho feito com carne.

— Tem uma fita no bolso — meu último laço físico com Jack. — Por favor, encontre! Por favor!

— Vou tentar — inclinando a cabeça, ela murmurou: — Estou escutando sua avó vindo. Tenho que vazar. Venho te ver depois.

Eu tinha tantas perguntas mais, mas Lark foi embora.

Aric entrou com vovó, ajudando-a com suas mãos enluvadas.

Ela parecia tão diferente da última vez que a vi. Seu rosto estava desgastado e o cabelo ainda mais grisalho. Tinha perdido bastante peso e seus olhos castanhos escuros não brilhavam mais.

— Evie! — ela gritou, mancando até minha cama. Ela passou os braços magros em volta de mim.

Eu retribuí o abraço.

— Vovó — seu cheiro levou minha mente de volta à minha infância, trazendo uma leva de lembranças: ela me empurrando no balanço em Haven... Vovó e mamãe dando risadas enquanto um pato me perseguia... Vovó me ensinando como cuidar do seu adorado jardim de rosas; o solo estava tão morno...

Esperei nove anos e um apocalipse para vê-la outra vez.

Por cima do seu ombro, capturei o olhar de Aric. Ele estava no vão da porta, a postura tensa. Eu não tinha ouvido conversas tensas entre eles? Não conseguia lembrar. Movi os lábios em um *obrigada* para ele.

Um aceno curto.

Vovó se afastou e sentou na cama.

— Olha só você! Está toda crescida. E tão linda — suas palavras pareciam *mesmo* arrastadas. — Fiquei tão preocupada quando te vi — um canto dos seus lábios estava caído?

— A senhora está bem, vovó?

— Eu ficarei. Precisamos nos concentrar em você. Temos muito o que conversar.

Quando pensei em todas as coisas que precisávamos falar — a morte de mamãe, a destruição de Haven, meu relacionamento com Morte — exaustão me tomou.

Olhei para Aric pedindo apoio, mas ele tinha ido embora.

— Senhor, mal consegue manter os olhos abertos — ela estalou a língua e ajeitou o cobertor em volta de mim. — Estou aqui, cuidando de você. Vamos dar um jeito em tudo. Por enquanto você tem que recuperar suas forças. Durma um pouco, Evie.

Eu precisava fazer tantas coisas que não fosse dormir. Como tramar a morte pavorosa do Imperador.

Porém minhas pálpebras se fecharam.

— Só um minutinho...

18

Dia 424 D.F.

Vovó estava sentada na beirada da cama escovando meu cabelo. Ela falava sobre a comida daqui e sobre o tempo que piorava — qualquer tópico exceto aqueles que precisávamos discutir.

Quando acordei por volta da hora do jantar, ela estava ao meu lado — não Aric. Mas, como prometido, ele havia enchido o quarto com plantas e luzes ultravioletas, e colocado minhas roupas no closet.

Vovó me trouxe uma bandeja com sopa, depois me ajudou a tomar um banho e me vestir. Ela tinha murmurado:

— Que roupas lindas Morte providenciou para você — mas não tinha soado com aprovação.

Agora ela colocava a escova de lado com a respiração cansada.

— Eu sou um prumo velho.

Virei para encará-la.

— Me diga qual é o problema.

Ela alisou o cabelo grisalho, a extensão presa em um coque frouxo.

— A preocupação não me deixava dormir. Mas agora você está melhorando.

Lentamente.

— E a senhora?

— Eu ficarei bem logo, logo — ela tinha desviado os olhos?

— Vovó, como sobreviveu ao Flash?

— Meu hospital era antigo, então havia um abrigo antibombas. Pressenti algo vindo e desci para lá. Fui a única sobrevivente, o que significou que tive comida e provisões em abundância.

Todos tinham me dito que ela não teria sobrevivido esse tempo todo, mas eu tinha acreditado.

— Eu tentei alcançá-la.

— Eu sabia que tentaria, por isso que fiquei onde estava — ela disse. — Achei que a única coisa mais forte que o meu desejo de voltar a Haven seria a força da determinação de Karen a se reencontrar comigo, assim que ela descobrisse que eu estava certa — os olhos de vovó brilharam. — Morte me contou que ela... morreu alguns meses atrás.

Vovó já sabia; ela não teria descansado até descobrir o destino da minha mãe.

— Ela se arrependeu por não ter acreditado na senhora. Isso acabou com ela.

— Detesto que tenha sofrido por isso.

Peguei sua mão. Seu aperto parecia fraco, os ossos frágeis.

— Sobre Haven...

— A casa sofreu no Dia Zero? Tinha certeza que os carvalhos a protegeriam.

— Eles protegeram — aqueles doze carvalhos imponentes tinham dado suas vidas. — Meses depois do Flash os Enamorados se aproximaram com um exército. Eu não queria que eles ficassem com a nossa casa. Então nós, uh... nós a queimamos.

— H-Haven não existe mais?

— Eu sinto muito mesmo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Não sinta. Pelo que ouvi, os Enamorados eram tão ruins quanto sempre foram. Prefiro que tenha destruído nossa casa a deixar que a tomassem — ela enrugou a testa. — Você disse *nós* a queimamos.

— Jack e eu — só dizer seu nome testou meu torniquete. — Ele era um garoto do *bayou* que conheci na escola. Ele me salvou dos Enamorados e mais uma dúzia de outras vezes.

Seu olhar perceptivo passou pelo meu rosto.

— Está apaixonada por ele?

Eu assenti.

— Mas ele... morreu no ataque do Imperador.

— Ouvi Morte e Fauna falarem de um massacre — vovó colocou um cacho atrás da minha orelha. — Jack era humano? Um homem comum?

Comum? De maneira nenhuma.

— Ela era um não-Arcano extraordinário — eu me encontrei relatando uma fração das coisas corajosas e incríveis que ele tinha feito. Através dessas histórias, vovó ficou sabendo dos últimos meses da minha vida e sobre alguns de meus encontros com outros Arcanos.

Eu deixei de fora a parte de Aric ter me sequestrado, e me torturado física e psicologicamente.

Ela me deu outro abraço, dizendo:

— Sinto muito que Jack tenha falecido. Eu teria gostado de vê-la com um garoto do Basin — ela tinha amigos lá, visitava-os o tempo todo. Ela se afastou. — Falava francês Cajun com ele?

Girar, apertar, constriuir.

— Ele amava que eu soubesse. Obrigada por me ensinar.

— Ah, Evie, você perdeu seu amor jovem, não foi? Igualzinho a sua mãe.

Quando meu pai tinha desaparecido no Basin, mamãe tinha varrido mais de um milhão de acres de pântano tentando encontrá-lo. Eu havia tentado voltar no tempo para recuperar Jack.

No fim, mamãe foi forçada a simplesmente... *aceitar* sua perda. Eu entendia bravura em batalha e em morrer; agora entendia o que era dor de verdade. Mas não conseguia compreender o conceito de... prosseguir.

Aceitar parecia estar fora da minha esfera de habilidades.

— O Imperador tirou Jack de mim para sempre. Preciso matar Richter. É tudo em que posso pensar — tive mais pesadelos com Jack queimando. Minha mente parecia estar cheia de névoa, mas eu recordava claramente desses sonhos. Eles borbulhavam como lava.

— Você terá sua vingança no momento certo — ela me garantiu. — Mas a coisa mais importante é a abrangência do jogo. Você fez um ótimo trabalho armando este aqui — ela finalmente sorriu. — Não podemos arruinar todo o seu trabalho agindo por impulso.

— Perdão?

— Morte anda por aí sem sua armadura por que você o desarmou. Muito bem, meu amor. Ele já está derrotado.

O jantar que eu tinha conseguido engolir agora ameaçava voltar.

Ela deu tapinhas na minha mão.

— Olhe só esses ícones. Você já matou duas cartas e já preparou a tacada em mais duas. E se eu não estiver errada, a Sacerdotisa está próxima. Logo ela estará dentro do alcance. Você sempre a atrai pra fora dos seus esconderijos sombrios.

Eu temia que minha avó fosse extrema sobre o jogo, sobre matar todos os Arcanos. Mas ver e ouvir...

— Eu não vejo as pessoas aqui como inimigas. Nunca machucarei nenhuma delas — disse firmemente. Aric trouxe-a para mim; gratidão ou decência não deveriam suavizar sua atitude? Ao menos em relação a ele?

Ela piscou e sussurrou:

— Não precisa fingir. Eles estão jantando lá embaixo. Não podem nos ouvir.

Oh, Deus. Não era surpresa Aric não confiar em mim por tanto tempo. Tirando meu histórico de apunhalá-lo pelas costas, ele acreditou que eu pensaria como vovó.

E eu poderia pensar — se minha mãe não a tivesse mandado embora.

Como eu diria a minha avó que eu não saí do jeito que ela esperava? O choque a machucaria mais? Eu precisava saber o que havia com sua saúde antes de jogar essa bomba nela.

Minha videira corporal brotou, como se para me confortar.

Ela ficou encantada com a minúscula amostra dos meus poderes.

— Nós colocaremos um fim a este jogo mais cedo do que eu pensava. Minha Imperatriz é uma assassina ousada e uma manipuladora astuta. A vitória será sua.

Não vomite, não vomite.

— Aric salvou a minha vida repetidamente, arriscando a própria. Assim como Lark. Estou viva agora por que ela o guiou para que me encontrasse.

— Eu sei! É impressionante como você fez com que trabalhassem a seu favor — entendeu tudo errado.

— Oh, me escute. Há muito tempo para criarmos estratégias. Por enquanto você precisa voltar ao que era.

— *Estou cansada* — eventualmente eu faria vovó mudar de ideia, mas enquanto isso, planejava me encontrar com meus aliados escondido dela.

— Descanse. Eu a verei assim que acordar amanhã — ela voltou a bater na minha mão. — Não poderia estar mais orgulhosa, Evie — ela disse, mas não olhava para o meu rosto; traçava aqueles ícones.

19

— Vocês nunca podem dar as costas à minha avó — disse a Aric e Lark assim que a porta do estúdio dele se fechou atrás de nós. Só de ir de uma ala do castelo a outra fez minhas pernas cantarem de dor.

Aric sentou-se atrás da mesa, Lark e eu nas cadeiras em frente a esta. Ela tinha um furão enrolado no pescoço, um cachecol vivo. Com olhos atentos, Lark inspecionava a área; ela nunca tinha vindo aqui?

Provavelmente não. Este era o espaço particular de Morte. Ele era detalhista quanto aos seus santuários e limites, e eu era a única pessoa que tinha deixado entrar.

O que Lark pensaria do seu estúdio pessoal? Atrás da mesa havia uma fileira de altivas janelas góticas. Em uma parede ele tinha uma coleção de espadas antigas em exibição. Prateleiras que iam do chão ao teto continham as edições inestimáveis de sua biblioteca.

Durante séculos, ele havia protegido aqueles estimados livros — por que não tinha mais nada para estimar.

Foi aqui que comecei a me apaixonar por ele. Nós sentávamos juntos no sofá em frente à lareira e enquanto eu lia seus livros favoritos, ele me olhava com uma satisfação que enchia sua expressão até a borda.

Agora eu não sabia dizer o que ele pensava ou sentia.

Ele juntou as pontas dos dedos formando um triângulo. Como sempre, ele usava roupas escuras e sua vibe de *poder-sobre-tudo-que-observo* estava firme em seu lugar.

— O que acha que a Tarasova seja capaz de fazer?

— Ela espera que eu mate vocês dois. Quero explicar para ela meus sentimentos sobre o jogo sem filtro, mas me preocupo que sua saúde piore.

— Paul acredita que ela sofreu um derrame — disse Aric. — Quando a encontrei, ela não estava bem. Estava no final de suas provisões e enfraquecida em geral.

— Obrigada por resgatá-la — eu apostaria que agora ele se arrependia desse gesto. — Acha que poderia machucá-la mais quando lhe der a notícia?

Lark disse:

— É D.F., Eves. Todos nós vamos bater as botas bem rápido. Mas digamos que ela viva por mais trinta anos; você vai ficar ouvindo-a falar de assassinato o tempo inteiro?

Bom argumento. E se vovó descobrisse como eu realmente me sentia e decidisse resolver o assunto com as próprias mãos?

— Vou ter que fazer com que mude de ideia sobre tudo, mas até lá não posso prometer o que ela faria ou deixaria de fazer. Não arriscarei nenhum de vocês. Fiquem alertas.

Aric me deu um aceno curto. O que se passava naquela mente brilhante dele?

Durante minha recuperação, ele deve ter me acostumado à sua proximidade e calor; meu olhar desceu para o seu peitoral e me imaginei descansando a cabeça ali, meu ouvido sobre o seu coração. Seus braços fortes me abraçariam contra o corpo.

Arranquei meu olhar dali me voltando para Lark.

— Vou ficar alerta me cercando de peles vivas — ela acariciou o furão. A criatura acordou, bocejou e depois apagou de novo. — Então agora que a Imperatriz está de volta, você tem algum plano grandioso sobre como eliminar Richter e sua aliança?

— A carta Sol *era* o meu grande plano. Ele me dava poder — eu não tinha ouvido que tanto Sol quanto Zara tinham sobrevivido ao acidente? Devem ter sobrevivido; nem Lark nem Morte levavam seus ícones. — Achei que se todos nós uníssemos forças, poderíamos desafiar o Imperador. Mas aí Sol atirou seus Bagmen em cima de mim — a lembrança disso fez minha cabeça começar a doer.

— Por que confiou nele? — perguntou Aric.

Lark disse:

— Não aprendeu sua lição quando *eu* te ferrei?

Estreitei os olhos neles.

— Aprendi sim, e eu *não* confiei nele — contei a eles sobre a ligação de Sol com aqueles dois Baggers e de como eu os ameacei. Acabei com: — Ele se antecipou.

Aric não tinha mais as pontas dos dedos unidas. Eu apostava que debaixo da mesa ele apertava os punhos. Era o gesto que o entregava. Embora seu rosto frequentemente estivesse sem emoção, suas mãos diziam muito.

— Eu vou trazer a cabeça dele, Imperatriz.

— Eu... Sol não é como Fortuna — eu me apressei em dizer. Deve haver algo de bom em um cara que já amou tão profundamente quanto ele. Mas por outro lado, Vincent também tinha se considerado apaixonado por sua irmã, uma gêmea absorvida. Ainda assim, tentei argumentar com Aric e Lark. — Ele não é cruel como Zara.

Aric ergueu uma sobrancelha.

— Ele fez zumbis contagiosos jantarem seu sangue.

Lark acrescentou:

— Ei, o que tem de cruel nisso?

— Eu disse a Sol que era imune. E posso argumentar que ele salvou minha vida naquele ataque — isso já era exagero, mas... — Zara poderia facilmente ter arrancado minha cabeça; ela não fez isso por que eu

estava contida. De qualquer forma, por que Sol *não* me atacaria? Eu o fiz prisioneiro, ameacei as "vidas" dos seus entes queridos. Eu me comportei como uma lunática e não dei sinal de que seria sua aliada. Disse que o estava levando para Morte e descrevi seu cárcere aqui — *não precisava ser desse jeito...* As palavras de Sol para mim bem antes dele ter me atacado. — Naturalmente, ele revidou. E usou os meios que tinha disponíveis.

Lark revirou os olhos.

— Ela quer ser amiga de outro!

— Não é isso! Só estou dizendo que não lhe dei motivo para escolher nossa aliança ao invés da dele.

Na cabeça dele, provavelmente sou tão ruim quanto Richter.

Olhando para trás, eu podia dizer que Sol tinha se chocado com a minha descrição do massacre do Imperador — e depois pela *evidência* quando me seguiu nas montanhas fora do Forte Arcana. Mas ele já estava muito envolvido com o Imperador e com Fortuna. Talvez Sol acreditasse que era tarde demais para fazer algo a respeito de sua aliança.

Ou eu poderia estar projetando meus instintos e sentimentos nele.

— Repito: ele fez zumbis jantarem seu sangue — os músculos do braço de Aric flexionavam debaixo do suéter fino. Sim. Punhos fechados. — Talvez será que aquelas mordidas afetaram seu raciocínio?

Lark fez um som de zombaria.

— Não pode ser *tão* idiota assim.

Eu estava confusa com um número de coisas. Estava meio louca. Mas esses dois tinham muita cara de pau de me criticarem sobre isso.

— Dos últimos quatro Arcanos que me sequestraram, cada um me deu um motivo para suas ações. Arthur queria fazer experiências comigo. Guthrie tentou me transformar em uma canibal. Vincent planejava mutilar partes do meu corpo e assisti-las voltarem a crescer. *Morte* quis cortar minha cabeça por vingança, ameaçando a "criatura" todos os dias de que realmente faria isso.

Aric franziu o cenho.

Eu olhei dele para Lark.

— Quando perguntei a Sol por que estava me machucando, sabe o que ele disse? "Já estou em uma aliança" — esfreguei as têmporas. Minha cabeça agora latejava. — Se não por isso, deveríamos mantê-lo vivo porque ele abasteceu as minhas habilidades como nada antes.

Em um tom calculado, Aric disse:

— Isso é algo a se considerar.

— É. Claro, Eves.

Eu não tinha mudado nada a opinião deles. Então mudei de assunto.

— Como Sol e Zara sobreviveram àquela queda?

Aric levantou, indo até o serviço de bar para pegar uma garrafa de vodca e um copo.

— Fortuna possui o divino poder da sorte — ele serviu uma dose, então decidiu trazer a garrafa para a mesa. — Quando totalmente cheia de poder, ela é capaz de superar probabilidades insuperáveis.

Ele não me ofereceu um copo? Também tomamos vodca neste estúdio, conversando noite adentro.

Lark perguntou:

— Tipo, ela sempre faz uma jogada de sorte?

Ele voltou a se sentar.

— Naquela colisão, inúmeros cenários podem ter se desenvolvido. Ela pode ter sido atirada do helicóptero, aterrissando perfeitamente nos restos de uma árvore, aninhada entre dois segmentos de tronco. Ou pode ter mergulhado em um lago profundo o bastante para apagar sua queda. Tudo que sei é que ela saiu daquele desfiladeiro provavelmente ilesa.

Lark franziu a testa.

— Achei que ela estivesse associada ao destino. Seu nome Arcano é Nossa Senhora do Destino.

— Como ela desejou que fosse — ele disse. — Mas é uma tradução muito liberal.

Achei que aquelas coisas Arcanas eram verdades absolutas. Agora as traves do gol se moviam.

Ele bebeu aquela dose e então verteu outra.

— Ela *aparenta* controlar o destino, mas não possui qualquer influência sobre o que lhe ocorre. Seu poder é passivo. Ela não lê o futuro e conscientemente o afeta — não como o Louco faz — o olhar de Aric ficou distante. — Eras atrás, Fortuna era conhecida mais perfeitamente como Senhora da Sorte. Louco era conhecido como a Mão do Destino. Ela o desprezava por isso e invejava seu poder.

Uma vez chamei Matthew de a mão do destino. Ele conseguia ver mil anos no futuro, mas também foi capaz de me guiar por uma chuva de balas.

— Mas como *Sol* teria sobrevivido?

— Os aliados de Fortuna geralmente se beneficiam de sua sorte, a não ser que ela a roube deles. Ela também é uma ladra de sorte. Esse é o seu poder ativo.

Eu murmurei:

— Ela pode roubar através do toque — como Morte roubava a vida. Ela esteve a ponto de me tocar antes de ser interrompida. — Quando Matthew disse que o destino havia me marcado, ele quis dizer *destino* em geral? Não Zara?

— Acreditaria que sim.

Ajustando a criatura em volta da nuca, Lark puxou um papel dobrado de dentro do bolso do jeans.

— Eu vou atualizar minha nova lista de Arcanos — ela se levantou e então desdobrou a folha na mesa.

Eu cruzei as pernas me abaixando para massagear uma panturrilha dolorida.

— Achei que você tinha uma lista de ímã de geladeira.

Ela pegou uma das canetas de Aric, fazendo algumas anotações.

— Não exibo mais a lista. Não depois que um Arcano decente morreu. Posso não ter sido amigona de Selenia, mas eu a respeitava.

Selenia e eu tínhamos acabado de virar boas amigas. Eu lembrava da Lua erguendo seu belo rosto para a garoa enquanto conversava sobre o meu plano de cessar fogo para o jogo: "Jesus, Evie e se isso der certo? E se pudermos mesmo viver em paz? Usar nossos poderes para o bem?"

E se o destino tivesse me marcado por que eu tinha tentado evitar o jogo? Eu perdi Jack como castigo?

Matthew uma vez me disse: *Destino exige o que lhe é de direito*. Em outras palavras, o jogo exigia sangue...

Lark fez uma última anotação.

— Acho que consegui. Querem dar uma olhada?

Livrando-me de meus pensamentos, levantei e me apoiei na beirada da mesa de Aric, desafiando-o a falar alguma coisa. Nós três começamos a ler a lista:

Os Vinte e dois Amaldiçoados

0. O Louco, Guardiã dos Antigos (Matthew)

I. O Mago, Mestre das ilusões (Finneas)

II. A Alta Sacerdotisa, Soberana das Profundezas (Circe)

Aric tocou na página ao lado do nome de Circe.

— Apenas *Sacerdotisa*. Também conhecida como a Feiticeira das Águas.

Lark escreveu "Mão do Destino" próximo ao nome de Matthew e depois editou o de Circe.

— Considerando que a Poseida⁵ das profundezas, ou *sei lá*, anda estacionada do lado de fora do castelo há semanas, acho que deveríamos discutir essa feiticeira. Quais são as fraquezas dela, chefe?

Eu acrescentei:

— Se ela permanece no abismo, como poderá ser derrotada?

Aric pareceu achar graça.

— Entregar as vulnerabilidades da minha aliada?

Minha? Eu levantei a cabeça. Lark também.

Perguntei:

— Se somos suas aliadas e ela também é, isso não nos faz todos aliados?

Seu tom era monótono quando ele respondeu:

— Não, não faz.

Abri os lábios para discutir, mas ainda não confiava na minha mente embaralhada. Mordi a língua e continuamos a ler.

III. A Imperatriz, Nossa Dama de Espinhos (Evie)

⁵ Aqui a personagem brinca dando um feminino à Poseidon

IV. O Imperador, Soberano das Rochas (Richter)

— Como derrotou o Imperador jogos atrás? — perguntei a Aric.

— Sua ira é sua força, mas também sua fraqueza. Ele expande seu poder muito prontamente e muito extremamente. Usei outra carta para atraí-lo até o Imperador ficar exaurido. Depois disso, ele era um mero mortal.

Então como atraí-lo? *Estou indo atrás de você, Richter...*

~~V. O Papa, O dos Ritos Sombrios (Guthrie)~~

~~VI. Os Enamorados, Duque e Duquesa Mais Perversos (Vincent & Violet)~~

~~VII. O Carro, Campeão Cruel (Kentarch)~~

Levantei os olhos.

— Quem é Kentarch?

Aric disse:

— Meu outro antigo aliado.

E eu era a antiga *inimiga* de Morte.

— Qual é o poder dele?

— Teletransporte e intangibilidade — para Lark, ele disse: — Em jogos passados, ele era mais conhecido como Centurião.

Ela rabiscou outra vez.

— Por que ele não está aqui? — perguntei. — Ele vai nos ajudar?

Aric deu de ombros.

— Ele procura pela esposa. Duvido que fará muita coisa até localizá-la.

Mas poderíamos usá-lo!

— Não pode convencê-lo a lutar por você? Usar sua amizade?

— Ele e eu não somos amigos — Aric parecia ficar mais distante a cada segundo. — Nossos interesses já se alinharam.

Contive minha frustração, planejando continuar trabalhando por esse ângulo.

~~VIII. A Força, Senhora da Fauna (Lark)~~

~~IX. O Eremita, Mestre da Alquimia (Arthur)~~

~~X. Fortuna, Senhora do destino da Sorte (Zara)~~

~~XI. Justiça, Aquela que Atormenta (Spite)~~

~~XII. O Enforcado, Nosso Senhor Misterioso (??)~~

— A Carta Justiça era conhecida como Fúria — falou Aric. — Seu título, Aquela que Atormenta, é o mesmo.

Lark atualizou sua lista.

— Quais eram os poderes de Spite?

— Ela era um demônio feminino com presas e asas similares as de um morcego, e a habilidade de cuspir ácido. Estranhamente, seu ácido não surgiu quando nos enfrentamos.

— Um Bagman pode tê-la mordido — falei. — Sol falou sobre uma carta cujos poderes foram neutralizados.

— A propósito, chefe — os olhos de Lark se tingiram com um vermelho animal — eu oficialmente peço a morte de Fortuna. Zara e os seus helicópteros estúpidos são meus.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Boa sorte com isso. Precisarás de toda que conseguir.

— Quais são os poderes do Enforcado? — tentei lembrar mais sobre aquele jogador.

— Eu não sei — admitiu Aric. — Eu nunca o encontrei, nem o vi mencionado em quaisquer crônicas que li. A Estrela tinha seu ícone no último jogo. Mas o Navegador Arcano o adquiriu sozinho ou colheu de outro? — Aric girou seu copo em cima do seu bloco de papel mata-borrão. — O Enforcado permanece um mistério. É por isso que é chamado de misterioso. Neste jogo, todos já se apresentaram, exceto ele.

— Então ele é a carta inativa? — Um Arcano estava dormente até que ele ou ela matasse outro

jogador. — Matthew me disse para ter cuidado com esse jogador, mas não revelou sua identidade — le só tinha dito, *Não pergunte se não quiser saber*. Só pensar em Matthew fazia minha raiva ferver. — Claro que o Louco é um mentiroso covarde, então não vou apostar em algo que tenha dito.

Tanto Aric quanto Lark pareceram surpresos pelo meu tom.

Como poderiam? Fumegando, voltei minha atenção para a folha.

XIII. A Morte, o Cavaleiro Eterno (Aric)

~~*XIV. A Temperança, Coletora de Pecados (Calanthe)*~~

~~*XV. O Diabo, Vil Profanador (Ogen)*~~

XVI. A Torre, Senhor dos Raios (Joules)

~~*XVII. A Estrela, Navegador Arcano*~~

~~*XVIII. A Lua, Portadora da Dúvida (Selena)*~~

Exatamente como eu tinha reduzido Selena e Jack a epitáfios, Lark reduziu a Lua a um nome riscado. Por causa de Richter, Selena fora banida para a história.

XIX. O Sol, Saúdem o Glorioso Iluminador (Sol)

XX. O Julgamento, o Arcanjo (Gabriel)

XXI. O Mundo, A Extraordinária (Tess)

Oh, Deus, eles não sabiam.

— Deixei um sentinela com Tess por um tempo — disse Lark. — Ela é provavelmente a pessoa mais legal que já persegui.

— Seus poderes sofrerão neste jogo, tornando-se instáveis — disse Aric. — Ela precisa de grandiosas somas de calorias para exercer suas habilidades e há pouca comida disponível na devastação.

Com a voz espessa, eu disse:

— O Mundo... se foi.

— Quer dizer *morreu*? — Os lábios de Lark se abriram. — Richter pegou o ícone dela? Claro que seria ele!

Eu sacudi a cabeça.

— A morte dela foi um acidente. Joules ou Gabriel devem ter o seu ícone — no caso da morte acidental de um Arcano, o jogador mais próximo o recebe.

— O que aconteceu? — perguntou Aric com o que pode ter sido simpatia nos olhos.

— Acredito que Tess reverteu o tempo e seu poder se descontrolou — quando Lark franziu o cenho, eu expliquei: — Cada minuto que ela volta no tempo a drena. Seu cadáver estava destruído, do jeito que seu corpo ficou quando ela reverteu o tempo anteriormente. Ela gostava tanto de ajudar...

Lark dobrou a lista e a colocou no bolso.

— Você viu o corpo dela? Gabe e Joules a deixaram para apodrecer?

— Alguém a tinha enterrado no Forte Arcana.

— O que você fez Eves, andou cavando túmulos?

Aric uma vez disse a Jack, *Se não consegue falar de seus feitos, então não os faça*.

— Eu... cavei. Precisava saber se era o túmulo de Tess, se voltar no tempo era ou não uma opção — ainda mais evidência do meu amor por Jack.

Olhei para Aric. Seus olhos tinham ficado frios como cinzas.

Lark emitia um som de descrença.

— Caramba garota, você vai até o fim, hein?

Não tinha importado. Não fui capaz de alterar o destino. Isso significava que eu *nunca* seria capaz de modificar o curso da minha vida? Eu sempre falharia — por que tinha zero controle sobre meu destino?

Eu estava aprendendo uma lição, dolorosamente: talvez o destino *não pudesse* ser mudado.

E todos estávamos destinados a lutar. Ou morrer.

Quando Aric e eu só ficamos nos olhando, Lark murmurou um palavrão.

— Esqueço que vocês dois tem... assuntos não resolvidos.

Minha necessidade de vingança ofuscava tudo. O Imperador era tudo em que eu conseguia pensar agora. Sentia como se não tivesse respirado de verdade desde o massacre, nem dormido realmente entre os

pesadelos. Direto ao ponto, perguntei a Aric:

— O que acha que Richter fará em seguida?

O comportamento de Aric era igualmente sem emoção.

— Em seu tempo, ele e sua aliança vão nos localizar. Se Fortuna encontrar outro helicóptero, ela pode trazer o Imperador até aqui quando ele estiver recarregado. Se ela adquirir um helicóptero *militar*, pode nos bombardear sozinha, até mesmo utilizando mísseis. Mas as criaturas de Fauna serão nossos sentinelas alertando de ataques antecipadamente.

Lark levantou o queixo.

— Isso mesmo.

Os animais dela seriam o nosso PEW, um sistema de alarme perimetral. Jack me ensinou sobre eles no dia em que minha mãe morreu. No dia que incendiámos Haven e fugimos juntos.

Para evitar reagir, imaginei como Richter ficaria quando eu injetasse meu veneno — da primeira vez.

— Mas estaremos cegos sempre que ela dormir — disse Aric. — Então a Sacerdotisa mantém a vigilância através de seus rios. Ela cercou esta área com água e controla a única estrada que traz ao castelo.

Eu meio que me lembrava dele gritando com Circe para que o deixasse passar.

— Ela me poupou por sua causa?

Ele virou uma dose de uma só golada.

— Pergunte a ela.

Eu pretendia perguntar. Vinha falando com poças por todo esse tempo; por que parar agora?

Então compreendi uma coisa.

— Opa, opa, parece que estamos nos preparando para... uma *defesa*. Eu preciso do Imperador morto.

O olhar de Aric caiu em uma de suas prateleiras.

— Eu perdi a única arma que poderia tê-lo derrotado de longe — o dardo de raio? Ele o roubou de Joules e o guardou durante um milênio. Para salvar Selenia dos Enamorados e ganhar meu favor, ele usou a arma intencionada a Richter.

Para me ganhar. Outra decisão da qual ele devia se arrepender.

Selenia havia morrido de qualquer maneira. Escolhi outro homem e Aric perdeu uma oportunidade de eliminar Richter na noite do massacre.

Não se pode mudar o destino.

— Então *eu* o matarei. Você prometeu que você e minha avó me ensinariam como — em um jogo anterior, eu havia destruído embarcações, quebrando-as como ovos. Se eu pudesse alcançar o meu potencial total...

— A Tarasova terá mais informações acerca de suas habilidades — ele disse. — Posso ajudá-la no treinamento. Mas ainda que venhamos a sentir a confiança de uma vitória, como encontraremos o Imperador sem as chamadas Arcanas?

A ideia de esperar para me vingar me nauseava. Não conseguiria continuar assim por muito tempo. Isso tudo parecia muito com *prosseguir* — que era uma descida escorregadia na direção da *aceitação*.

— Lark e Circe o encontrarão.

Os olhos de Lark brilharam.

— Tenho meus patrulheiros passando um pente fino na área em busca de Finn e de Richter. Eu me fundirei ao máximo com meus animais. Por falar nisso, vou dar um perdido por aí — ela levantou com o seu furão. — Oh, aqui — ela disse, enfiando a mão no bolso. Ela me passou a fita vermelha e então saiu do aposento.

Sentindo o olhar de Aric em mim, lutei para não reagir. Ele suspeitaria que aquilo tinha algo a ver com Jack...

— Uma lembrança do mortal, sem dúvida — claro que Aric saberia. — Está tomando tudo melhor do que eu esperava.

Ele deve ter me visto na lápide. Eu apertei a fita e permaneci muda.

— Exterioamente, ao menos. Não devemos falar sobre Jack?

Seu nome era como um disparo repentino prestes a liberar uma avalanche.

— Não, não devemos. Eu não consigo — ainda não.

— Isto a consome, porém não compartilha seus pensamentos comigo? Então voltou a me virar as costas.

— Não pense assim, por favor — se Jack tinha sido o amor da minha vida, Aric era a minha alma

gêmea. Eu amava este homem, lamentava sua existência solitária e apreciava tudo que ele já fez por mim. Mas sentia como se tivesse perdido Jack há poucos dias.

As semanas que passei inconsciente não tinham diminuído minha dor. Quando eu tinha a esperança de voltar no tempo, não tinha me permitido sentir o pesar. Depois disso, estive ocupada demais tentando chegar até Aric. — Estou pendurada por um fio aqui — como Jack uma vez me disse.

— Então me deixe ajudá-la — Aric parecia estar dizendo tanto com os olhos, ainda assim eu entendia tão pouco. Tinha a impressão de que ele queria que eu lembrasse de algo, mas minha mente não acompanhava.

Sacudi minha cabeça dolorida lutando para não sangrar. *Ainda não.*

Ele passou os dedos pelos cabelos.

— Se não me deixa ajudar, então o que sou para você?

Agora, nesse minuto, eu deveria rotular nossa relação? Nós nos amávamos, mas não estávamos juntos romanticamente. Se eu acreditava que o jogo exigia sangue e que o destino não podia ser alterado, então nós nunca *deveríamos* ficar.

Eu não queria dizer a coisa errada, então optei pela mais segura:

— Eu... não sei?

— Então Fauna está equivocada — seu tom era como gelo. — Não há nada não resolvido da minha parte.

— O que isso quer dizer? — Onde estava o homem que tinha me encorajado a viver, que cuidou de mim?

— Você é bem-vinda na minha casa. Somos aliados de certa maneira. Esta será a extensão do nosso relacionamento.

De certa maneira?

— Entendo — o que *meus* olhos diziam a *ele*?

Eu te amo, mas não tenho mais nada dentro de mim. Sou uma casca seca como Tess. Minha cabeça não está bem e não ficará até Richter me implorar que o mate.

O jogo exige sangue?

Eu me levantei para sair.

— Por insignificante que pareça, obrigada pelas duas últimas vezes que me salvou.

Com a voz baixa, ele perguntou:

— Está contente de não ter seguido Deveaux para dentro das chamas?

— Não, você estava certo. Eu preciso vingá-lo.

Eu não percebi até tarde o quanto fui involuntariamente cruel em minhas últimas palavras para Aric. Como seu eu não tivesse mais nada na vida?

Onde está com a cabeça, Evie?

20

Dia 425 D.F.

Eu acordei com meus próprios gritos, sem fôlego de outro pesadelo com Jack. Lágrimas caíam pelas minhas bochechas como sangue vazando de um torniquete.

— Girar, apertar, constriar — murmurei, olhando em volta confusa. Onde eu estava?

Meus glifos iluminavam minha suíte. Enruguei a testa ao encontrar Cyclops ocupando metade da cama. Ele deve ter entrado sozinho aqui.

Ele piscou o olho para mim. *O que você vai fazer?*

Deitei em seu pescoço e cocei suas orelhas cheias de cicatrizes até os galos começarem a cantar (sempre que achavam que deveria estar amanhecendo). Então me levantei e fui tomar um banho.

Debaixo da água quente, lutei para clarear a névoa em minha mente e decidir que caminho tomar.

Agora que alertei Aric e Lark sobre vovó, eu passaria mais tempo com ela, podendo suas crenças dia após dia — enquanto juntava o máximo de informações sobre as outras cartas. Eu podia não concordar com ela sobre meus aliados, mas ela e eu estaríamos na mesma página quanto aos meus inimigos.

Vestida com um suéter e um jeans, deixei Cyclops sair, depois bati na porta da vovó. Sem resposta. Achando que ela ainda devia estar dormindo me dirigi à torre. A escada foi um sofrimento para as minhas pernas em processo de cura, mas consegui chegar ao topo.

Pelas janelas panorâmicas, vi além do teto de ardósia do castelo a escuridão acompanhada da garoa. O rio na base da montanha corria como uma vala, parecendo pequeno desta altura.

Eu me volvei para o quarto, observando as paisagens alegres que tinha pintado nas paredes. Esta torre era uma cápsula do tempo por si só.

Sentei na cama e liguei o laptop — um presente entre tantos que Aric havia me dado. Eu tinha armazenado o conteúdo de um disquete das minhas fotos de família dentro dele. Uma parte de mim sempre deve ter sabido que eu retornaria ao castelo do tempo perdido.

Da cama, pude ver minhas sapatilhas de balé penduradas atrás da porta. Aric as tinha achado para mim. Dançar para ele era puro prazer e a cada dia eu me fui me apaixonando mais. Sonhei com ele nesta cama. E me odiei por sentir falta de Jack...

Forçando-me a tirar os olhos daquelas sapatilhas, fui passando as fotos no meu laptop. Vovó vai gostar de vê-las. Deus, tudo era tão verde. Foi assim que Jack tinha visualizado Acadiana. Bati no bolso do jeans, onde eu guardava a fita...

Meus olhos se arregalaram. Eu não tinha uma foto sequer dele. Fui atrás de um dos meus cadernos de desenho em branco e de um conjunto de lápis. Eu não desenhei muito enquanto estive aqui. Nada tinha me impulsionado.

Com meu lápis voando pelo papel, desenhei Jack como ele ficou depois de tomar o comando do exército Azey Sul. Ele entrou a cavalo no Forte Arcana com uma expressão de cortar o coração de orgulhosa. Ele gostava de ser um líder e era bom nisso. Eu diria que ele nasceu para isso, mas sua vida foi interrompida cedo demais.

Em outra página, tentei capturar a expressão de seus olhos quando ele os baixou para mim na piscina de Selenia, pouco antes do nosso primeiro beijo. Depois eu o desenharia entre o refúgio de ciprestes que ele descreveu para mim, quando me contou a história do nosso dia dos sonhos juntos: *"A gente decidiu que aquele era o nosso canto. De mais ninguém. Porque foi lá que viramos Evie e Jack."*

Enquanto meu lápis se movia, eu sussurrava repetidamente:

— Girar, apertar, constringir...

— Sua avó está procurando por você — Aric entou da porta. Eu não ouvi suas esporas. — Ela não pode subir estes degraus, então solicitou que eu viesse buscá-la.

Apertei o caderno de desenhos contra o peito.

— Eu tentei vê-la mais cedo, mas ela ainda estava dormindo — que estranho que eu pudesse estar tão dormiente por dentro, mas que ainda sentisse amor por Aric. Meu coração sedento de sangue pulou com a aparição dele.

— Estou certo de que esteja ansiosa para conversar com ela sobre os velhos tempos — sarcasmo?

— Ela e eu vamos falar do passado? Espero que sim — em seu devido tempo. — Mas também tenho em mente que Richter pode estar a caminho. Preciso aprender tudo que ela possa me ensinar.

Ele apoiou um dos ombros largos no vão da porta.

— E ela ficará deleitada em instruí-la, eu asseguro.

Estreitei os olhos.

— Você a trouxe aqui. Disse pra mim que queria que eu aprendesse.

— Após salvar sua vida e reunir vocês duas, não achei que sua primeira lição seria *me* eliminar. Na melhor das hipóteses, é uma estratégia de jogo falha, já que sou motivado a protegê-la.

— Eu posso escolher no que decido acreditar — garanti a ele. — No que decido *usar*.

— Cuide para que ela não envenene sua mente.

— Não ouviu? Eu sou imune a veneno.

Aric abriu os lábios para dizer alguma coisa e então pareceu pensar melhor. Enquanto ia embora, o som das suas esporas tinha em meus ouvidos.

Olhei de volta ao meu desenho. Quando eu tinha desenhado chamas em volta de Jack?

O Caçador

Em algum lugar longe no Oeste

— Vou morrer nesse buraco — murmurei. — Aqui embaixo no escuro.

Não tinha engolido nada a não ser bolacha água e sal durante semanas, estaria condenado antes de comer a "carne". Meus ossos estavam aparentes, mas eu não duraria o bastante para morrer de fome.

A febre logo me levaria.

Eu tremia suando no chão gelado. A respiração sibilante. Terra e sal empanavam minha pele molhada, por todas as marcas de chicote das minhas costas nuas. Ardia que nem fogo.

Os traficantes davam aos prisioneiros quatro horas de sono por noite, mas eu me recusava a apagar. Não conseguia suportar os pesadelos, os *fantasmas*. Eles vinham atrás de mim — porque eu estava prestes a andar entre eles.

Fechei os olhos com força. Mas isso fazia os sons dos fantasmas ficarem ainda mais altos.

A garrafa de bebida de *maman* batendo em um copo. As contas do seu rosário sussurrando enquanto eu as tirava de seu pescoço. O francês suavemente falado de Clotile. O estouro agudo de um tiro quando ela atirou em si mesma.

Eu ouvia o pessoal do meu exército Azey. Pouco antes de Richter atacar, houve risadas e música. Todos estavam felizes. Cheios de esperança.

Repetidamente eu ouvia o grito de fúria de Selena:

— *Imperador!* — Ela sentiu a presença de Richter uma fração de segundo antes do seu ataque.

Eu me lembrei da expressão feroz dela quando me empurrou de um cavalo em movimento para dentro de uma mina abandonada. Eu caí, quebrando as tábuas podres dentro daquele fosso profundo bem quando a explosão aconteceu.

Rádio quebrado... lava me perseguindo pelo subterrâneo... um dilúvio me levando por dentro da montanha me fazendo sair do outro lado... quilômetros... dor... escuridão... andando acorrentado...

Traficantes me venderam para o oeste. Agora eu estava preso em mais uma mina.

Evangeline me assombrava mais do que todos eles. Estava ela entre os vivos ou os mortos? Eu a levei direto ao Imperador. Ela estava longe o suficiente da explosão? Às vezes eu achava que sim, às vezes que não, me atormentando, indo de uma hipótese a outra.

Morte não estava longe. Ele pode ter pressentido a aproximação do Imperador como Selena. Domínija pode ter usado sua velocidade sobrenatural para resgatar Evie.

Eu daria tudo para saber se ela estava bem. Venderia minha alma para ver seus olhos uma última vez. Sempre que ela se animava, eles cintilavam. Eu os imaginei iluminados quando ela me falou da neve pelo rádio. Ela tinha dado risada e meu coração flutuou. Ela tinha *me* escolhido.

Pouco antes da explosão...

Meus olhos se abriram na mina escura. Ouvi *sussurros* junto com as vozes dos fantasmas? Não consegui decifrar as palavras.

Olhei para os lados. Depois da minha última briga com os traficantes eu ainda enxergava em dobro — o que me fez pegar esta febre pra começo de conversa. Desesperado para escapar, apertando os olhos no escuro, tinha metido minha picareta na fechadura de uma algema no tornozelo.

Errei aquela porra.

Eu tinha cortado um bom pedaço de carne. Na melhor das hipóteses, eu perderia a perna por infecção. Que uso os feitores teriam de um escravo que não conseguia extrair sal? Nenhuma. Eles cortariam minha garganta e me dariam de comida para os demais.

Provavelmente o motivo de outros prisioneiros me evitarem.

Porque eu já estava morto.

O sussurro retornou:

— *Caçador.*

As alucinações estavam piorando. Estava perdendo a cabeça junto com a perna.

— *Caçador, Caçador, Caçador.*

Parecia tão real. Eu quis gritar, "Eu não sou o caçador!" O caçador era o idiota que fez com que toda aquela gente morresse. O idiota que pode ter matado Evie.

— *Caçadorrrrr.*

— *Va t'en! Laisse-moi tranquille!* — Vá embora! Me deixa em paz!

— *CAÇADORRRRRRR!*

Eu me levantei do chão de um pulo. Porra, quase apaguei. Aquela era... a voz do Louco?

22

A Imperatriz

Chuva fria caía lá fora, mas vovó e eu estávamos quentinhas em sua luxuosa sala de estar em frente a uma lareira com fogo crepitando.

Se as chamas me lembravam de Jack, não dei nenhum sinal externo, entorpecida novamente depois desta manhã. Preenchi furiosamente metade de um caderno com desenhos dele.

Vovó bebericava o seu chá. Embora eu pressentisse uma energia tensa nela, ela parecia mais exausta do que ontem.

Ela indicou com a cabeça a pomposa bandeja de chá com suas seleções de queijo e fruta.

— Apesar de todos os defeitos de Morte, ele realmente oferece algumas vantagens.

— Ele definitivamente está equipado para passar por um apocalipse com estilo — o interior do castelo era tão luxuoso quanto seu exterior sombrio.

O Flash tinha queimado suas muralhas de pedra com linhas pretas. Névoa parecia estar presa às premissas. Luzes a gás tremeluziam iluminando o pátio frontal, o de treinamento e o longo caminho até a entrada.

Eu me lembrava de pensar que este castelo era assombrado por Morte. Pela sua solidão. Falei a vovó:

— Pode chamá-lo de Aric, você sabe. O nome dele é Aric Domīnija.

Ela deu de ombros.

— Eu sei. Morte se apresentou quando veio me buscar.

Minha pequena tentativa de humanizá-lo foi por água abaixo.

— Quando cheguei aqui, andei bisbilhotando — ela disse. — E fiz perguntas a Paul. Nós conversamos muito — ela parecia gostar do homem. Paul tinha cerca de vinte e seis anos, com cabelo preto com corte militar. Seus olhos azuis eram bem distantes entre si e ele tinha um sorriso cheio de dentes que o deixava acessível. — Ele me contou que Morte chama este lugar de Lethe, o nome de um dos cinco rios em Hades, o rio do esquecimento. Você sabe por quê?

Eu chamava este lugar de castelo do tempo perdido, o que não passava muito longe.

— É bem próximo de *letal*. Mas não tenho certeza — Aric era tão insistente com significados e detalhes, que eu tinha certeza que o nome foi escolhido por um motivo.

No passado, ele me disse que nunca quis esquecer minhas traições anteriores. Mas nos agonizantes séculos entre os jogos, ele tinha fumado ópio, provavelmente tinha *ansiado* esquecer.

— O cavaleiro preparou este lugar para praticamente qualquer catástrofe — disse vovó. — Fica fora da área de uma inundação e longe de setores com chuva radioativa. Há escudos grossos de metal para cobrir todas as janelas. Eu até encontrei revestimentos de cobre para proteger contra tempestades elétricas.

Sem sol e com as temperaturas caindo, este castelo era um oásis autossustentável. Eu o imaginei como uma espaçonave em uma lua árida com o único suporte vivo próximo: plantas, rebanho, água limpa, luzes ultravioletas, ar filtrado, e navios-tanque de combustível.

Que pena que ele não suportaria um ataque de mísseis de um helicóptero. Ou um vulcão.

Vovó pegou o bule de chá para reabastecer sua xícara.

— Não estamos próximos de magma ativo, então se o Imperador atacar, ele terá que derramar sangue para gerar sua própria lava.

Richter a criava com seu sangue?

— Do jeito que eu gero plantas quando não tem nenhuma por perto? — Do jeito que os Enamorados tinham criado seus carnates.

Circe me disse que as mãos do Imperador sangravam lava. Eu não tinha feito a ligação. Não era surpresa ele estar se recuperando.

Vovó assentiu.

— O que drena seu poder — ela colocou o bule de lado, parecendo cansada só de levantá-lo. — Há outra forma de germinar. Vou te mostrar — ela tossiu, os movimentos sacudindo sua frágil forma.

Levantei para esfregar suas costas.

— A senhora dormiu?

Quando o ataque passou, ela alisou o cabelo.

— Por dez horas. Mas acordei mais cansada. O estresse deve ter me pegado.

Voltei a me sentar.

— Vovó, e se a senhora sofreu um derrame?

— *Morte* te disse isso? — O repentino veneno em seu tom me assustou. — Depois ele dirá que estou perdendo o juízo. Ele pretende cavar um abismo entre nós — sua xícara tremeu quando a levou aos lábios.

— Aric não faria isso. Ele não mente. Ele poderia ter mentido umas cem vezes para favorecer os próprios planos, mas se recusa — o que ele disse pra e mim e pra Jack? *Mentiras são maldições que você joga em si mesmo.*

Ela bateu a xícara no pires com força.

— *Todos* os Arcanos mentem. E fingem emoções e traem. É a natureza da fera.

No passado eu tentei seduzir Aric, fingindo afeição. Finn tinha se passado por Jack para seduzir Selena. Ela tinha mentido pra mim, Lark também. Matthew mais que todos: *Imperatriz é minha amiga.*

Minha negação morreu em meus lábios. Ainda assim, eu não acreditava que Aric mentiria.

— Ele me disse que você saberia de muitas coisas sobre o jogo e que pode ter o poder de previsão.

Ela permitiu a mudança de assunto.

— Nada comparado às profecias do Louco. Mas tenho sensações quanto ao futuro. Elas me guiam, dirigindo meus movimentos. No momento sinto que você não estará preparada para a próxima fase do jogo.

— Por que não? — perguntei, vingança sempre em minha mente.

— Seus poderes não estão maduros. Se estivessem, poderia ter combatido aquelas mordidas de Bagmen instantaneamente. Precisa praticar, começando pelas suas habilidades básicas — ela mexeu no bolso, recolheu três sementes e as colocou na bandeja. — Sente uma conexão com elas?

— Sinto o seu potencial — e sabia dizer sua espécie: romã, hera e glicínia.

— Agora tente fazer nascer um broto sem sangue. Imagine-as germinando. Perdendo suas conchas.

Conchas. Cascas. Um cadáver murcho plantado na terra. O corpo de Tess era como uma semente eternamente morta.

— E-Eu vou tentar.

— Assim que dominar isto, será capaz de sentir sementes enterradas lá fora nas Cinzas. Seu arsenal estará em qualquer lugar da terra.

Eu me concentrei nas sementes diante de mim e as imaginei crescendo. Arfei de surpresa quando elas começaram a vibrar. Nenhuma sangria foi necessária. Um pequenino broto saía de uma semente, ganhou apenas cerca de um milímetro. Eu me concentrei, começando a suar.

— Você está indo muito bem. Olhe só você! — Suas palavras me lembraram da minha infância. Eu me lembrava de como ela me elogiou por encontrar ovos coloridos em uma Páscoa. Eu tinha erguido minha cesta com orgulho e alguém tirou uma foto de mim, mamãe e vovó. Minha mãe abraçava aquela foto quando faleceu com Jack ao seu lado.

Ela morreu por causa dos Bagmen. Nós queimamos seu corpo por causa dos Enamorados. Jack morreu num estado oposto ao de graça por causa do Imperador.

O discurso fúnebre de Jack tinha sido a risada de Richter. Ira se juntou dentro de mim, tão poderosa quanto a onda gigantesca de Circe. *Substituir a risada do Imperador por gritos...*

As sementes brotaram; plantas explodiram para rastejarem e bifurcarem pelas paredes e teto.

— Santo Deus, Evie! — Vovó me olhava... com assombro. — Acho que você pode ser a Imperatriz mais perigosa de todas que já viveram — ela inspecionou as plantas.

Independente da espécie da semente, todas tinham se tornado videiras com espinhos similares a adagas. Eu desabei na cadeira.

— Desde que isso signifique que o Imperador vai morrer.

— Está a um passo de verdadeiramente se tornar a Imperatriz.

Eu enxuguei a minha testa e peguei um copo d'água.

— Não sou agora? O que vai mudar?

— Quando se entregar completamente ao calor da batalha seu cabelo ficará ruivo permanentemente e as marcas em sua pele sempre se mostrarão. Será mais poderosa do que é capaz de imaginar.

Tudo o que eu precisava fazer era me entregar para sempre à bruxa vermelha. Eu aceitaria esse risco para matar Richter?

Um problema: a bruxa vermelha poderia não parar depois dele. *Evie é uma fração de MIM!*

Vovó enrugou a testa.

— Na verdade fiquei surpresa do seu cabelo ainda estar loiro. Mas não importa. Continuaremos trabalhando. Você dominou isso tão rápido que acho que há outra coisa na qual possa trabalhar. Feche os olhos e cubra os ouvidos.

Eu obedeci. Pressenti movimento, um arranhão de metal. Uma das minhas videiras se moveram, então abri os olhos.

Vovó estava na minha frente com uma faca de cozinha a centímetros acima da minha cabeça — e aquela videira segurando seu pulso.

Fiz um gesto com a mão para que a soltasse.

— Você realmente ia, uh, me esfaquear?

Ela colocou a faca de volta na bandeja.

— Sim — esfregando o pulso, ela voltou a sentar. — Você se curaria e o ataque precisava ser real para suas videiras reagirem.

Meus soldados tinham mente própria. E eu parecia ter sentido através deles.

No esconderijo dos Enamorados, libertei minhas vinhas ordenando a elas que matassem os Bagmen, até sentindo a destruição através delas. Mas nunca as senti trabalharem no piloto automático antes, sem um pensamento consciente de minha parte.

— Eu nem teria que olhar para trás pra mirar?

Ela assentiu.

— Suas videiras têm consciência. Mesmo quando dorme elas continuam vigiando. Infelizmente elas não são à prova de defeitos. Alguns jogadores, como Morte, são rápidos demais. Ele já passou pelas suas sentinelas antes. Outros jogadores, como a Torre, atacam de muito longe para suas plantas detectarem.

— O que mais eu posso fazer? — perguntei, ávida para aprender.

— Pode se tornar uma talentosa curandeira. Tem um conhecimento nato de plantas medicinais e eu ensinarei mais. Também pode manipular madeira. Imperatrizes passadas esculpiam peças inestimáveis de joias, presenteando-as como sinais de favor. E com um aceno de mão, uma Imperatriz construiu pontes e santuários, erguendo toda uma civilização, guarnecendo com facilidade seu exército de homens.

Aric me disse que eu comandeie um exército no passado, um que confrontou o do Imperador.

— Outra Imperatriz conseguia espiar os inimigos através de qualquer planta na terra. Ela até conseguia fundir o corpo com uma árvore se transportando de um tronco a outro.

— Mentira! — Eu poderia me fundir com uma árvore? Uma vez não senti vontade de enfiar os dedos no solo e criar raízes?

— Não que haja árvores pelas quais se locomover — vovó suspirou. — Eu te mostrarei mais depois que você descansar. Ainda está se recuperando.

— Estou bem. Eu consigo — mas parecia que o meu exercício havia cansado a *ela*.

— No seu tempo. Por enquanto, por que não me fala das suas interações com Morte? Ele era a *última* pessoa que eu esperava aparecer na minha porta.

— O que a fez vir com ele?

— Tive o pressentimento de que era o meu caminho, e de qualquer forma meu tempo lá estava limitado. Além disso, ele sabia coisas a seu respeito. O nome do seu cavalo. Sua arte. Seu balé. Ele disse que você passou meses tentando me encontrar e que ele planejava lhe dar tudo o que desejasse. Fiquei absolutamente surpresa.

Apesar de saber tudo sobre mim, até meu passado malicioso, Aric ainda me amava. Eu não queria magoá-lo mais. Mas toda vez que contemplava minha vida, tudo o que via era o meu passado — Jack — e meu futuro — Richter.

— Morte é bem protetor com relação a você — ela disse. — Ele não consegue evitar. É amaldiçoado a desejá-la a cada jogo.

Ai.

— Vovó, é mais do que apenas desejo.

Ela suspirou.

— Ele fez você acreditar que a ama, não fez? Ele a matou duas vezes nos últimos três jogos. Ele a *decapitou* — como eu assinalei para ele ontem à noite. — Ele é um vilão, Evie.

Hora de explicar a nova programação para vovó.

— Aric daria a vida pela minha. Eu confio nele.

— Admito que ele se esforçou muito para resgatá-la. Mas só por que pode tocá-la. Ele é um homem de sangue quente e você é a única mulher com quem ele pode estar. O que ele não faria para preservar a sua vida?

Mais uma vez, ai.

— Então por que ele traria a senhora para mim?

— Como um presente para lhe fazer a corte, para influenciar sua lealdade. Ele é notoriamente calculista, faz tudo por um motivo.

Ela estava certa sobre a corte. Aric mesmo admitiu. Ele pretendia usar minha avó para me coagir, mas no final, não foi até o fim. Ele queria que eu o escolhesse — mas só se o amasse mais que Jack.

Como eu poderia explicar isso para minha avó? Bem, ela nunca acreditaria.

— Usaremos isso em nossa vantagem — ela falou. — Ele continuará a protegê-la, então deve mantê-lo vivo até o final — Aric ficaria feliz em saber que a estratégia de jogo dela não era mais falha. — Sua vitória está tão perto.

Eu estremeci com a ideia de *vencer*.

— O jogo pode ser parado? — O destino pode ser mudado?

— Não entendi — ela piscou para mim como se eu tivesse acabado de perguntar: ei, posso pegar seu cartão de crédito emprestado e dar uma passada no shopping?

— Eu sei que outros já tentaram pará-lo.

— Alguns jogadores se uniram fazendo uma grande exibição de paz. Mas no fim, todas as alianças fracassaram. Arcanos nasceram para matar. Eles só adiaram o inevitável.

— Por que é inevitável?

— Os deuses decretaram este jogo — disse ela. — Eles o colocaram em movimento eras atrás. Alguém tem que vencer. Não importa o que, alguém *vencerá*. Digamos que duas cartas se aliem por algumas décadas: as duas envelheceriam. Assim que uma morresse, a outra viveria — mais velha, mais fraca. Numa posição desvantajosa para o próximo jogo.

Quando ele perseguiu um futuro comigo, o inteligente Aric já tinha aparecido com uma solução para esse problema. Ele e eu viveríamos nossas vidas juntos com Lark acompanhando. De alguma forma nós iríamos falecer antes dela (essa parte foi vaga) e ela aguentaria por séculos, forçada a jogar o próximo jogo com Arcanos jovens o bastante para serem seus netos. Ainda assim ela se voluntariou para a tarefa!

Ficar com Aric me pareceu tão complicado, tão carregado de intrigas.

Quando escolhi Jack, também escolhi o futuro que ele representava: construir Acadiana, longe do jogo, mudando o propósito das minhas habilidades para ajudar os outros.

Vovó disse:

— Não que os Arcanos Menores fossem permitir tal união.

Meus olhos arregalaram.

— Eles existem? — No meu baralho de tarô, havia cinquenta e seis cartas de Arcanos Menores divididas em quatro naipes: ouros, espadas, copas e paus.

Como a assustadora carta de *dez de espadas*. Eu não conseguia imaginar aquela carta como uma pessoa.

Vovó franziu a testa.

— Claro — ela disse, como se estivesse me dizendo algo que eu já deveria saber. — Elas podem ser tão perigosas quanto os Arcanos Maiores. Principalmente as cartas da corte.

— Onde eles estão? — Eles também convergiam? — Como eu os acho?

— Você *não acha* — falou ela. — Melhor evitá-las. Vamos esperar que o Cavaleiro de Espadas tenha perecido no Flash. A Rainha de Copas também. Sinceramente, uma boa dúzia deles é um pesadelo

ambulante.

— Aric disse que vê evidências deles por todo lugar em alguns jogos; em outros, nem um sinal. Ele também disse que alguns acreditam que Tarasovas são Arcanos Menores.

Vovó cruzou os braços em cima do peito.

— Estrume de touro. Não sou um Menor. Eles têm suas próprias funções: esconder evidências dos Arcanos Maiores, apressar o jogo e depois reconstruir a civilização depois dele. *Minha* função é garantir que você ganhe.

Por que Matthew não tinha falado sobre eles? Ou tinha? Na última vez que o vi, ele disse que agora havia cinco obstáculos para ter cuidado: Bagmen, traficantes, milícias, canibais, e... Menores.

— O Louco me disse que os Menores nos observam, planejando contra nós. Achei que ele falasse de *mineiros*⁶. — Quantas vezes eu não entendi sua fala em códigos? Às vezes eu podia jurar que ele me confundia de propósito. — Por que conspirariam?

— Eles querem a terra de volta ao que era o mais cedo possível. Menores gostam de ver Maiores *mortos* por que as catástrofes acabam com o final do jogo.

Eu fiz promessas sobre o corpo da minha mãe para encontrar vovó e ver se poderia consertar o que o apocalipse havia quebrado. *Morrer* era a coisa mais útil que eu poderia fazer para alcançar esse objetivo?

— Assim que você coletar todos os ícones, a terra deve retornar — disse vovó. — O sol também.

— *Devem* retornar?

— Nunca houve um desastre como este. Não sei dizer ao certo — ela esfregou as têmporas como eu fazia sempre que minha cabeça doía. — Quando você era menina, eu sabia que seria importante para o futuro da humanidade, mas não sabia como. Talvez esteja destinada a replantar o planeta.

Porém eu não poderia fazer isso de modo permanente até que o jogo acabasse e a luz do sol voltasse — se eu ganhasse. Para que isso acontecesse, eu teria que perder Aric, Lark, Circe, Finn, Joules e Gabriel. Em outras palavras, eu ficaria louca.

Agora vovó só confirmava uma nova ameaça — a todos eles. Eu teria que pensar nos Menores depois. *Colocar eles na lista*.

— Quando a Imperatriz ganhou, o que ela fez até o jogo seguinte?

Aric tinha revelado como ele passou seus séculos solitários: "Eu vago pela terra e vejo homens envelhecerem debaixo dos meus olhos. Leio qualquer livro ou jornal em que possa pôr as mãos. Observo as estrelas no céu; durante a minha vida algumas se apagam, algumas se intensificam. Durmo semanas de uma vez e caço o dragão⁷."

Quando ele me fez essa confissão, agradei a Deus por não ter sido amaldiçoada a isso. *Seu cavalo parece doente e ele não tem amigos*. Por que ele teria feito amigos? Só para vê-los morrer, várias e várias vezes?

Vovó enrugou a testa.

— O que a Imperatriz fez? Ela era imortal.

— Mas como ela passava o tempo? Como era a sua vida? — *Minha vida*.

— Eu não sei — falou, claramente desconcertada. — Os cronistas só documentam os jogos. Ela provavelmente governou os homens como uma deusa. E reviveu suas vitórias mais gloriosas.

Então a Imperatriz passou séculos olhando para os vinte e um ícones nas costas das mãos. *Eu dispenso*. Quanto mais pensava no jogo, mais eu via minha batalha com Richter como uma passagem só de ida. Não esperava sair ilesa de um confronto com um assassino que aplanava montanhas e sangrava lava.

E eu nunca sossegaria até que ele estivesse morto.

— Vovó, a senhora iria preferir que eu vivesse feliz por alguns meses ou infeliz por centenas de anos?

— Não temos tempo para perguntas bobas — ela falou, exasperada. — Sua vida imortal será um tributo aos deuses. Você será a ganhadora. Tem que ser — ela indicou as videiras que pareciam pulsar à nossa volta. — E por que *não deveria* ganhar? Você já fez jogadas brilhantes. Sua aliança é em sua maior parte bem escolhida. Embora Circe possa ser trapaceira. — Um sopro de chuva repentino respingou chuva contra a janela. Seus olhos foram na direção do vidro. — O Flash deve tê-la enfraquecido. Seu ataque ao Imperador também. Mas ela readquire força a cada gota que cai — vovó voltou a encontrar meu olhar. — Ao menos aquela pequena Fauna será fácil de remover.

⁶ Em Inglês, a diferença entre menores (minors) e mineiros (miners) é de uma letra, o que levou à confusão da personagem.

⁷ Referência ao consumo de ópio, que é referido em culturas asiáticas como "dragão".

Minhas garras afiaram mesmo com a ameaça imaginada contra Lark. As videiras no teto sacudiram. Já chega.

— Preciso que entenda algumas coisas. Eu não sei como a senhora esperava. Se fosse me dada a escolha, eu jamais lutaria ou jogaria este jogo. Estes ícones na minha mão me enojam, eu só os tenho porque lutei pela minha vida. Vou ajudar a eliminar o Imperador e os seus aliados, mas jamais poderia machucar meus amigos.

Os olhos dela se arregalaram.

— Amigos? *Amigos*? Eles a trairão na primeira oportunidade! — Saliva salpicou em seus lábios. — A única razão pela qual Morte pode não trair é porque sua luxúria é mais forte que sua necessidade milenar de matar — ela se inclinou para mim com agressividade. — Acha que eles se importam com você?

Eu ergui os ombros.

— Sim, acho.

— Não achará por muito tempo — ela me prometeu. — Não depois que tiver lido suas crônicas de frente pra trás.

— Do que a senhora está falando? Não temos crônicas escritas.

— Você *sabe* que temos.

Com a boca completamente seca, eu sacudi a cabeça com força.

— A senhora teria... a senhora teria mostrado para mim.

— Evie — ela disse em um tom calculado. — Eu *mostrei*.

23

O Caçador

— *Coo-yôn*?

Uma luz se aproximou, ficando mais forte. Uma lanterna? Sombras se movimentavam pelas paredes de pedra. Eu levantei a mão para a testa, protegendo os olhos. Não via tanta luz assim há dias.

Dei uma olhada. Pisquei. Pisquei outra vez. A imagem permaneceu.

Na minha frente estavam dois de... Matthew.

— Caçador!

— Você é um fantasma? Vai me levar pro inferno?

Ele enrugou a testa.

— Você sabe o caminho?

Parecia com algo que ele diria! Poderia ser mesmo o *coo-yôn*? Meu coração começou a martelar — fez minha perna latejar como o diabo.

— Você é de verdade?

Em uma voz muito alta, ele respondeu:

— Vamos embora.

— Shhh! Você é de verdade — consegui arrancar as palavras: — Evie... a minha garota... está viva? — Prendi a respiração, esperando a resposta. Os segundos seguintes decidiram se eu esperava um futuro — ou aceitava o fim de uma vida que já parecia muito longa.

Cada momento da minha existência pareceu me levar até as próximas palavras desse garoto estranho. Toda a dor. Toda a confusão. E aí aquela vez doce, doce, quando Evangeline Greene foi toda minha...

— Imperatriz vive. Seu sorriso morreu.

— Ah, Deus, minha garota está viva — alívio me deixou ainda mais tonto. — *Viva* — estremeci e meus olhos ficaram úmidos. Não conseguia controlar as emoções. — Como? Achei que a tivesse matado junto com o resto.

— Tredici a salvou.

— Tre-o quê? — Ele falava de Domīnija? Foi o que pensei.

— Morte!

— Silêncio, *coo-yôn* — eu dormia isolado dos outros cativos, mas alguém logo o ouviria. — Tenho que

ir até Evie — tentei me levantar com a perna boa. Só consegui cair de bunda no chão.

Ondas de tontura me atingiram. Eu tive que ranger os dentes para evitar desmaiar.

— Como passou pelos guardas? — Escravos acorrentados podiam andar aqui embaixo no terminal, mas dois guardas armados evitavam que qualquer um se aproximasse do elevador da mina.

Coo-yôn deu de ombros.

— Habilidades malucas.

— Quem veio com você? Eles vêm armados? — Eu sairia desse buraco! Voltaria para minha garota.

Ele abaixou a lanterna.

— Estou *desgarrado*.

Eu tentei sentar de novo, devagar.

— O que isso quer dizer? Evie está perto? — *Deus, que ela esteja.*

— Estou sozinho.

Mas que porra?

— Nenhum outro Arcano com você? Então eu tô preso aqui. E logo você também vai estar se não for embora — afundei na parede de pedra. — Diga a ela que eu a amo. Diga a ela... diga a ela que a gente vai se ver de novo. Em algum lugar, algum dia. Agora vá!

Ele sacudiu a cabeça e cobriu os lábios com o indicador. Ele estava me mandando falar baixo? Depois de gritar?

— Hora de você ir.

Comecei a perguntar se ele era louco. Já sabia a resposta para isso sim.

— Quer dizer que estou pra morrer. Veio pra me ver apagar?

— Para te ver *subir*.

— Tá falando lá pra cima? — Forcei a vista de novo. Aquilo era sangue nas costas das mãos dele?

Sangue nas mãos. Igual eu tinha nas minhas. O equivalente a um exército.

— Por que não me avisou sobre Richter? — Mandíbula apertada, agarrei a gola do seu casaco. — Perdemos Selena para aquele *fiis de pute*. Perdemos um exército.

— Eu vejo longe.

— Droga, *por que*? Me diga que tinha um motivo pra deixar todo mundo morrer.

— Eu tinha um motivo.

— Mais importante que o futuro da humanidade? Porque é isso que tá em jogo aqui — talvez o ataque tivesse evitado que Richter visasse ainda mais pessoas. Talvez o exército inteiro pegasse a febre quebra-ossos e morresse em agonia. — Como posso voltar a confiar em você?

— Tente escapar, Caçador. Ou será cortado como carne.

Confiar nele seria como brincar de roleta russa com mais de uma bala no tambor do revólver.

Ele inclinou a cabeça.

— É hora de você ir. Achei que ia querer vê-la.

— Claro que quero! Tô desesperado. Mas a não ser que você tenha uma serra... — Meus olhos turvos tentaram seguir seus movimentos.

De uma mochila, *coo-yôn* retirou uma maldita serra! O Louco estava salvando a minha pele? O que resgata sendo resgatado?

Tontura fez a mina girar. Eu sacudi a cabeça com força.

— Posso desmaiar, *coo-yôn*. Tem um plano pra nos tirar daqui?

Ele se ajoelhou para serrar.

— Sem plano.

Merde!

— Está pronto para lutar pra sair daqui, garoto? — perguntei, embora ele nunca tenha levantado um dedo para lutar no passado. — Se a gente não ganhar, eles vão nos pegar e te trancar aqui.

Quando ele levantou os olhos para mim de novo, minha visão borrada falhou em localizá-lo um segundo, quase como se eu visse outro rosto. Ou uma... máscara. Ele não se parecia com o menino com quem passei meses trabalhando junto.

Então ele me deu seu sorriso vazio de costume, de volta ao Louco mais uma vez. Ele realmente *não* tinha um plano.

De repente *eu* pude ver o futuro. Esta noite, ele estaria acorrentado e eu abatido...

Com o livro sinistro nas mãos, sentei ao lado da lareira no quarto da vovó.

Sem dúvida, a linhagem da Imperatriz possuía crônicas.

Ou eu estava ficando louca ou minha avó estava mentindo. Ela tinha mesmo me mostrado o livro na primeira metade da minha vida? Como minhas memórias ficaram tão dispersas?

Tanto Matthew quanto Selena disseram que minha linhagem escrevia crônicas, mas pensei que o conhecimento tinha sido passado verbalmente ou coisa assim.

Depois da revelação de vovó, ela tirou um livro de aparência antiga da bolsa, tendo dificuldade em levantar o volume pesado. O couro gasto da capa parecia com a pele de um Bagman.

Ela ficou chocada com a minha falta de reconhecimento, afundando na cama, parecendo dez anos mais velha.

— Não é surpresa você hesitar em matá-los — ela disse como se explicasse a pior tragédia...

Agora me observava como um falcão.

— Nada? — Eu sacudi a cabeça. — Como pode não lembrar?

— Eu só tinha oito anos quando a senhora foi embora e fui proibida de falar sobre qualquer coisa que tenha me ensinado — nova como eu era, tinha idade suficiente pra saber que mamãe tinha banido minha avó por causa de suas crenças. Por que eu não tiraria tudo que fosse Arcano da mente para evitar um destino similar? — Quando fiquei mais velha e tive visões do apocalipse, mamãe culpou a senhora, então me mandou para um lugar com psiquiatras, como o que a senhora foi. Eu fui... desprogramada.

Eles me enchiam de drogas e então perguntavam, *Você entende por que deve rejeitar os ensinamentos da sua avó?* Aqueles médicos tinham afetado a minha cabeça, mas achei que tinha me livrado da maior parte da "terapia" deles.

Contudo eu falhava em recordar eventos vitais do passado. Não, a situação era pior que essa: eu nem tinha ciência de que estavam faltando memórias, pra começo de conversa.

— Eu tenho... lacunas em minhas lembranças — meu cérebro parecia um queijo suíço a esta altura. Aparentemente, as lacunas antecederam a desprogramação.

Se vovó estivesse falando a verdade...

Então, por que eu sentia que ela estava mentindo para mim — sobre *alguma coisa*?

— Eu me lembro do dia em que a senhora foi detida. A senhora falou comigo sobre as cartas.

— Conversei sobre elas com você por toda sua vida, sempre contando suas histórias — quase que para si mesma, ela disse: — Eu sabia que Karen odiava minhas crenças. Mas não sabia o quanto.

— Talvez ler desperte algumas memórias — eu reconheceria estas páginas da minha infância? Por que ela mentiria sobre isso?

Mas hesitei em abrir o livro. Ele me dava arrepios. Até vovó me dava arrepios.

— Isso foi passado de geração em geração?

— Para minha mãe e antes para a mãe dela.

Mamãe tinha me dito que toda nossa linhagem era perturbada. Eu achava que era apenas a última de uma longa fila.

— Qual a idade dessas crônicas?

— Há relatos detalhados dos últimos dois jogos, mas os jogos antes desses foram resumidos — ela acenou para mim. — Abra-o.

Se este livro era o portal para me transformar permanentemente na bruxa vermelha, eu estaria provocando o destino só em lê-lo?

Com a mão tremendo, abri a capa de couro gasto. O cheiro de pergaminhos antigos se levantou das páginas. Um manuscrito ordenado enchia a página. Ele começava com: *O que se segue são as verdadeiras e juramentadas crônicas da Nossa Dama de Espinhos, A Imperatriz de todos os Arcanos, escolhida para representar Dêmeter e Afrodite, incorpora vida, todos seus ciclos e os mistérios do amor...*

— Quem foi o cronista aqui? — perguntei. — Quem escreveu estas palavras?

— Elas foram traduzidas por cronistas no passar das gerações, transcritas e retranscritas. Mas foram

originalmente registradas pela mãe da Imperatriz.

— *Minha* mãe, nessa outra vida. Minha mãe também reencarnou? A senhora?

Vovó deu de ombros.

— Talvez. Não podemos saber com certeza.

— Essa cronista era uma Tarasova?

— Provavelmente. Tivemos sorte em nossa linhagem. Nossas cronistas geralmente são dotadas com intuição.

Eu respirei fundo me preparando para ler...

Ao começo das transcrições mais antigas, a mãe da Imperatriz — possivelmente minha mãe em outra vida — havia resumido o que coletaram sobre os jogos anteriores, até o primeiro deles.

No jogo inaugural, meus aliados foram o Louco, Fauna e a Sacerdotisa. Minhas vítimas: a Estrela, o Papa e o Eremita.

Embora eu transbordasse poder, isso não me salvou. Minha morte foi pelas mãos de um amigo confiável, o vencedor final...

O Louco.

Meu queixo caiu. Meu estômago embrulhou. Ele a matou.

Ele *me* matou.

Matthew, meu ex-melhor amigo, tinha me decapitado. Sua aliada.

O tom de vovó era convencido quando ela perguntou:

— Ainda se sente da mesma forma quanto aos seus amigos?

Não. Não, não me sentia. Eu mal cheguei a abrir o livro e quase tinha vomitado.

Matthew tinha vencido o jogo inteiro. E ele se lembrava do passado! Ele *sabia* da sua traição. Minha náusea piorou ao olhar para as costas da mão, para os meus ícones.

O Louco olhava tanto para as mãos por que sentia falta dos seus ícones doentios? *As marcas devem ser merecidas...*

25

O Caçador

A segunda algema de metal caiu, revelando a parte de baixo da minha perna. Fiz cara feia. Infectada daqui até o inferno. Eu disse a *coo-yôn*:

— Se você não tem um plano, nem um exército, pra nos tirar daqui, então vamos precisar de armas.

Digamos que de alguma forma a gente consiga chegar à superfície. Eu só conhecia duas saídas: uma para pessoas e uma para caminhões. A primeira era intensamente vigiada, a segunda a vigilância era *impossível*.

— Armas não — ele esticou meu braço por cima dos ombros me erguendo com uma facilidade surpreendente. Mas por outro lado, perdi peso e ele ganhou músculo. Também ficou mais alto, agora estava da minha altura.

Ele começou a descer pelo fosso da mina. Que pena que nunca chegaríamos *até* o elevador e muito menos *lá em cima*.

Passamos por escravos tossindo e deitados. Todos aqui embaixo pareciam ter problemas nos pulmões, inclusive eu.

Os outros homens não gritaram para serem soltos nem para se juntar a nós. Porque todos eles sabiam que essa tentativa de fuga era perdida. Ouvi alguns deles murmurarem: “idiotas.” “Onde eles pensam que vão?” “Vamos jantá-los a semana toda.”

Matthew e eu nos aproximamos do elevador.

— *Coo-yôn*, não vejo merda nenhuma. Mas sei que os guardas tem automáticas.

— Sim.

Mais uma vez, que chance eu tinha a não ser confiar naquele garoto? Quando chegamos ao elevador, franzi o cenho. Nenhum guarda?

Maldito o meu coração por bater tão forte. Tudo isso só fazia minha cabeça girar e o latejar da perna piorar. E não era como se fôssemos passar por mais de uma dúzia de traficantes lá em cima mesmo.

Matthew empurrou a grade do elevador de lado me ajudando a entrar. Precisei de três tentativas para apertar o botão certo. Nós começamos a subir.

— Se não tiverem esperando pela gente, então se prepare para correr para a porta.

Estávamos prestes a chegar no primeiro nível! Nunca achei que fosse viver para ver aquilo de novo.

O elevador ressoou quando parou. Ele recuou a porta com um chiado e fiquei tenso me preparando pra lutar...

Com ninguém.

— Maldição — saímos no dormitório dos feitores, uma área enorme com paredes onduladas de metal. Luzes fracas fluorescentes estavam penduradas no teto de pedra. Camas e cadeiras estavam por todo lugar.

— Onde está todo mundo? — Talvez o Louco tenha cronometrado esse resgate enquanto os homens estavam fora.

— Pense — *coo-yôn* disse. — Segurança começa por você — hein? Ele apontou para uma placa velha de área de trabalho que eu quase não consegui ler.

— *Ouais.* Obrigado por ler pra mim — abaixo da placa havia uma caixa de armas. Eu apertei os olhos e vi um cadeado. — Preciso abrir essa caixa.

Ele me ajudou a ir até ela, circulando algumas mesas cheias de mapas.

— Por que não tem uma alma viva...? — parei de falar quando algo fez um barulho molhado debaixo dos meus pés descalços.

Sangue? Ele tinha congelado na sujeira.

Olhei para além das mesas. Minha visão não podia estar certa porque vi corpos cortados e cheios de balas.

Olhos vidrados, línguas de fora. Uma cabeça quase decepada. Respingos pintavam as paredes.

Quem causou esse massacre?

— Você... você tá trabalhando com Gabe? Joules?

Embora Matthew nunca tenha olhado em meus olhos, ele me encarou. Em um tom de gelar a espinha, ele disse:

— Caças. E campanhas.

— *Você fez isto?* — Ele nunca tinha ferido alguém antes. Nunca nem levantou sua voz, a não ser por medo.

— Eles fizeram isso. Facas e armas.

Dois feitores mortos tinham machados ensanguentados nas mãos. Outros tinham rifles. Estive tão fundo na mina que não ouvi disparos.

— Mas de algum jeito você fez isso.

— Eu cacei e fiz campanha.

Outra vez eu me senti ao lado de um estranho.

A voz de um homem soou da entrada:

— Onde inferno está todo mundo?

— *Putain!* — soltei num sussurro. — O próximo turno deve ter chegado. Mais uma dúzia de homens vai ficar entre nós e a saída. Tem alguma ideia brilhante?

No espaço de um segundo, ele voltou a ser um garoto indiferente de dezessete anos.

— Não fui mais além que isso. Meu poder se esgotou.

— Vá pegar uma arma dos mortos!

Expressão vazia.

— Tudo bem, *me* leve até uma arma.

Ele me guiou até um feitor caído e me ajudou a abaixar para pegar um rifle automático. Eu me endireitei...

Uma bala passou chiando pela minha cabeça.

— Vai, vai! — disparei sem ver por cima do ombro. Um grito me disse que eu tinha acertado alguém.

Quando Matthew começou a correr, mais balas cravaram na parede de metal do nosso lado.

Ele estava quase me carregando enquanto eu mancava apressado em uma perna, atrasando o garoto. Odiava ser a porra de um peso morto! Disparei sem ver novamente. *Click. Click.* Sem munição!

Os traficantes pararam de disparar suas preciosas balas, provavelmente por que estávamos *entrando* na mina. Ficaríamos encurralados. O único outro caminho era a saída impossível: a seção de veículos.

Coo-yôn me levou mais adentro de um labirinto de corredores. Nós viramos à direita. Depois esquerda. Direita de novo. A menos que alguns aliados estivessem aqui atrás esperando por nós, estávamos apenas indo na direção da nossa perdição.

O corredor se ampliou para uma área maior. Ele foi me arrastando junto e então me escorou em alguma coisa. Uma roda de caminhão de quase um e noventa de altura? Ele tinha parado ao lado de uma daquelas carretas monstruosas.

— Aqui, Caçador! — Ele indicou alguma coisa.

Um lance de degraus borrados se movia em frente aos meus olhos. Devia ser uns três metros até a cabine da carreta.

— Me deixa. Não posso subir esses...

Matthew me colocou no ombro como um bombeiro e subiu os degraus. Do mesmo jeito que eu fiz com ele no seu porão inundado — na primeira vez que salvei seu pescoço.

Coo-yôn estava *me* carregando? Cima era embaixo. Ele me jogou no chão atrás do banco do motorista. O mundo girou. *Fique consciente ou morra.*

— Você não sabe dirigir essa coisa! — Eu só tinha uma idéia geral. Antes, quando planejei minha fuga, estudei os motoristas e como eles lidavam com essa carreta lá embaixo no andar dos escravos. — Você nunca nem dirigiu um carro, *non?* Eu tenho que ficar atrás do volante. É automático? — Não conseguiria usar essa perna na embreagem de jeito nenhum.

— Não automático.

Droga!

— Tem alguma ideia de como dirigir um veículo manual?

— Em teoria!

Se eu de alguma forma conseguisse guiá-lo nisso, nós poderíamos — *poderíamos* — ter uma chance de sair pela ala de veículos.

— Chaves da bateria... do lado de fora em uma caixa. Ligue todas elas — *por favor, que a caixa não esteja trancada.*

Ele ligou. Um minuto depois as luzes na cabine acenderam.

Mais tiros, ainda longe. Eles não sabiam que estávamos aqui. Por enquanto.

Quando Matthew subiu de trás do volante, eu disse:

— Vou te ajudar a dirigir essa coisa — tentei sentar. Péssima ideia. Definitivamente, a ponto de desmaiar. Eu caí para trás. Mas isso significava que não conseguia ver nada acima do painel. — Procure pela ignição do motor.

Coo-yôn começou a apertar todos os botões e a puxar todas as alavancas. A caçamba da carreta pesada grunhia enquanto subia e descia. Correias zuniam. Luzes piscavam.

— Droga, você acabou de dizer onde a gente está. Não previu isso?

— Eu disse. Poder. Vazio.

— Encontre a ignição e desligue os botões!

Tarde demais; balas fizeram uma peneira na porta da carreta. Homens gritavam pedindo reforços.

— Ignição? — Matthew perguntou. O motor rugiu à vida.

Meus olhos se arregalaram.

— É isso aí, agora tire o freio de mão! — Entre tragos de ar, eu o ensinei como usar os pedais, como colocar o câmbio na primeira.

Rangido. Metal com metal. Os dentes da engrenagem pareciam prestes a entortarem. E então...

Estávamos andando!

Para trás?

BUUM!

Colidimos com uma pilastra gigante. Uma pilastra de *sustentação*.

— Coloque a marcha no oposto do *R!* — Eu ouvi pedras rachando. — Rápido, rápido!

Rangendo de novo. Estávamos andando... para frente.

— Isso aí, garoto! — Tínhamos que estar indo na direção da ala de veículos! Agora os traficantes estariam bloqueando a via com caminhões.

Quando ganhamos mais velocidade, fomos batendo nas paredes da mina como em um Pinball, *coo-yôn* puxando demais o volante tentando ajustar.

— Tente *NÃO* bater nos lados!

Ele virou a cabeça para trás e meu deu um sorriso.

— Olhe pra frente! — Raspamos outra parede. — Não tente mudar de marcha. Continue nessa velocidade.

As luzes ficaram mais claras na mina. Os tiros mais altos. Mais tiros. Tínhamos que estar chegando perto.

— Eles estacionaram uma fila de camionetes — ele disse. — Bloqueando os portões da via.

— Tem carga na carroceria dessa carreta?

Ele olhou por cima do ombro.

— Sim.

— Vá acelerando mais! — Talvez com o tamanho dessa carreta e com o peso de uma carroceria cheia, poderíamos atravessar o bloqueio. — Mire no espaço entre as camionetes menores, mas bata de frente. Não tente angular, e não solte o acelerador, você me ouviu? — apoiei a perna boa na lateral da cabine. — Mais rápido! Vá até o limite do motor!

— Segure! — Ele meteu a mão na buzina...

BUUM!

Batemos no bloqueio. Mal consegui evitar ser arremessado nas costas do banco de Matthew.

A cabeça dele foi jogada para frente, o rosto batendo no volante. Ele tinha soltado o acelerador?

— Estamos presos entre as camionetes, Caçador!

Balas salpicaram na porta. Estilhaçaram o pára-brisa. A carreta pesou, parecia que ia parar.

— Pisa fundo! Acelera mais! — Um som agudo de metal. O motor sofreu. A cabine vibrou até parecer que meus dentes saíam batendo para fora da minha cabeça. — Pisa no pedal! — Mais esforço. Mais balas. Motor prestes a explodir.

Eu ouvi uns homens gritando, pulando na carreta, subindo até a cabine.

— *Coo-yôn*, encontre a alavanca que sobe a carroceria!

Ele estendeu o braço.

— Esta?

O sistema hidráulico ligou.

— Vire aquela também! — Setas giraram. Pistões bombearam. A carroceria subiu mais rápido, derrubando sal.

Então... a resistência cedeu! Estávamos avançando entre as camionetes, derrubando homens e vomitando toneladas de sal.

— Caçador, segure-se. Estamos para atingir as...

CRASH!

— portas.

Lutando para afastar mais tontura, eu disse:

— Tente a próxima marcha.

Ragendo, rangendo. A transmissão trocou e a carreta continuou a seguir fazendo barulho, arrastando algo que chiava.

— O sal enterrou as camionetes deles! — *Coo-yôn* virou a cabeça para me olhar outra vez. — Tudo

livre — sangue escorria de sua testa caindo pelo seu rosto, uma máscara vermelha.

Outra vez minha visão borrada viu outro rosto.

— Vai me levar pra Evie? — Minha vida estava nas mãos de alguém que eu não reconhecia. — Diga a ela que estou indo.

— Se você sobreviver. Meio a meio.

Não conseguia mais lutar contra a escuridão.

26

A Imperatriz

Bati na porta do estúdio de Aric com força. Depois de reler a traição do Louco pelo que deve ter sido a centésima vez, percebi uma coisa.

Esse assassinato devia ser o segredo que Aric guardou em favor de Matthew.

Eu tinha fechado o livro com agressividade e anunciado que desceria para falar com Morte. Enquanto mancava para fora do quarto, vovó me chamou:

— Lembre de não matá-lo ainda!

Agora Aric murmurava de dentro do estúdio:

— Deixe-me em paz.

— Abra, Ceifador — ao descer até aqui, a dor prolongada em minhas pernas e cabeça tinha aumentado minha irritação. — Ou vou usar uma garra para arrombar a fechadura.

Depois de um tempo, ele abriu a porta.

Passei ao lado dele e tomei minha cadeira de costume.

Ele não me ofereceu uma dose de vodca, mas se serviu de uma — da garrafa que já estava em sua mesa. Seu cabelo estava desgrenhado, os olhos âmbar turvos.

Apesar de tudo me enchi de preocupação por ele, sossegando um pouco minha raiva. Eu sentia o mesmo carinho por ele de sempre. Talvez mais.

— Aric, por que está bebendo tanto?

Ele me olhou de cara feia.

Quando ele tinha me procurado e cuidado de mim durante minha recuperação, ele tinha enterrado os sentimentos quanto à minha escolha? Talvez estivesse entorpecido demais pra reagir. Até agora. Eu não queria que ele sofresse, mas não sabia o que fazer para aliviar essa dor.

Então me lembrei do trato de Matthew e minha irritação reacendeu.

— Por que parar na vodca? Poderia voltar a fumar ópio.

Sorriso falso.

— A ideia me ocorreu.

Cortei o polegar e fiz crescer uma papoula bem dentro de sua mesa.

Ele exalou.

— Eu gostava desta mesa.

— Então deveria fumá-la, Ceifador.

O sorriso se aprofundou.

— E a que devo este ressentimento?

— Por que não me contou que o Louco me matou?

— Isso aconteceu há um bom tempo — ele tomou a dose e derramou outra. — Ah, eu apostaria que sua perspicaz avó tem crônicas, não tem? Eu me questioneei o porquê dela não se separar de sua bolsa. Suspeitei que levasse uma pistola para usar contra mim. Quem sabe suas crônicas vão se provar mais perigosas?

— Responda à pergunta.

— Guardar esse segredo foi o preço que tive de pagar para ouvir seus pensamentos e ver a sua vida.

Eu sabia! Matthew tinha dito, *estou no bolso de Morte, então ele está em meus olhos*.

— Então para me impedir de descobrir o seu passado homicida, Matthew lhe deu acesso à minha mente?

Aric ergueu os ombros.

— Eu a alertei que não o subestimasse.

— Você tem tanta culpa quanto ele! Fez esse acordo com ele. Como o acordo que fez com Lark? Para fazê-la ganhar o jogo?

— Sim — ele disse, sincero como sempre, o que tornava difícil continuar com raiva dele. — Obviamente ambos foram imprudentes.

— Como o Louco poderia me decapitar? Eu era poderosa naquele jogo.

Com o copo encostado na boca, Aric murmurou:

— Você não deve recordar como ele luta — ele engoliu a bebida.

— Matthew não tem um osso violento no corpo — ou eu *achava* que ele não tinha.

— Eu te disse que ele era o Arcano mais inteligente no jogo, mas você continua a vê-lo como um colegial desajeitado.

Não mais.

Aric serviu outra dose.

— No quesito segredos, você não me contou que sua linhagem possuía crônicas.

— Eu não sabia.

— Por que a Tarasova não te contaria?

Esfreguei a cabeça. Quando as dores de cabeça passariam?

— Eu era muito nova quando fomos separadas. As coisas na minha mente ficaram... confusas — na melhor das hipóteses. Na pior, minha avó estava jogando seu próprio jogo.

Mesmo com todos os jogos de poder de Aric — e apesar do nosso histórico — ele era o único na terra em que eu verdadeiramente podia confiar. O que, novamente, tornava difícil continuar com raiva dele.

Os olhos dele passaram por mim, avaliando.

— Você não *recordava*. Suponho que deva agradecer por isso — depois de hesitar, ele disse: — Tem a resposta à sua pergunta, então saia.

— Está me expulsando? — Agora que tinha dominado meu temperamento, achei que poderíamos conversar.

Ele afundou de volta ao assento.

— Você pode estar de volta, mas as coisas jamais serão as mesmas que antes.

Nas semanas antes de fugir do castelo, fui feliz com ele me apaixonando mais a cada dia.

— Eu sei disso. Mas ainda posso sentir falta de como éramos.

Tensão se infiltrou nele, os punhos fechando.

— Sente falta daquelas noites? — Ele não estava perguntando só das noites em que lemos, bebemos e conversamos neste estúdio. *Da minha última noite no castelo. E da noite a caminho dos Enamorados.* — Alguma vez pensa sobre como éramos então?

Aric nunca mentiu para mim; eu não mentiria para ele.

— Sim.

— E ainda assim... — Ele exalou. — Não só escolheu outro homem, como tentou reverter o tempo por ele.

— Não só por ele. Por todas aquelas pessoas, e por Selena, e por você.

— Por que por mim?

— Não conseguíamos nos comunicar, então temi que estivesse ferido — engoli em seco. — Ou... afogado. Estava usando a armadura... em um dilúvio! Imaginei coisas horríveis acontecendo com você. Quando achei que tinha perdido tanto você quanto Jack, eu quase enlouqueci — o amor da minha vida e a minha alma gêmea.

Aric parecia querer acreditar em mim, mas não acreditava totalmente. Porque Arcanos mentiam.

— Deixe-me, Imperatriz.

Embora sua rejeição ferisse, eu fiquei. Mesmo que nosso relacionamento tivesse sido rompido por escolha minha, ainda tínhamos um inimigo a derrotar.

— Em que está trabalhando? — Papéis e livros estavam espalhados por todo lugar. — O que aconteceu com as crônicas dos Enamorados? Há algo sobre o Imperador nelas?

— Ainda estou traduzindo.

— Como sempre, sabe mais do que está me dizendo.

Ele engoliu o líquido do copo, depois o bateu na mesa.

— Andei preocupado demais para traduzi-las, por que vivi no maldito viveiro durante semanas enquanto a incitava a viver.

Ele tinha razão. Abri os lábios para me desculpar, mas ele disse:

— Sua avó já está semeando suas sementes da discórdia. Talvez eu deva ficar alerta quanto a você mais uma vez. Diga-me, Imperatriz, nossa trégua foi apenas temporária?

Argh!

— Você *sabe* que eu nunca o machucaria. Tive a chance de injetar veneno no seu pescoço, mas não injetei. Eu poderia ter te matado com um beijo, mas ao invés disso garanti sua proteção. Ao primeiro sinal de problemas com a minha avó, eu vim te avisar. Então pra que dizer coisas assim? Pra me castigar pela minha escolha? Isso não deveria desfazer a confiança que construímos.

Olhando para o copo vazio, ele disse:

— Talvez eu esteja castigando você.

Como se já não tivesse castigado o bastante nesta vida?

— Então deveria trazer seu instrumento de tortura favorito: o cilício — nunca esqueceria a dor daquela algema farpada nem a frustração de não ter poderes. E depois de cortar aquela coisa fora... — Aposto que ainda tem pedaços da minha pele nele.

Ele levantou o rosto, um ressentimento perturbador em seus olhos.

— Talvez eu tenha feito uma *escolha* em ser cruel com você. Se não gosta dela, deveria ficar longe de mim.

Eu me levantei e virei para ir embora. Por cima do ombro, disse:

— Vá pro inferno, Aric.

— Já estou nele, *esposa*.

27

Fiquei deitada na cama revivendo o meu dia estranho, mas especialmente minha interação com Aric. Depois de deixar seu estúdio, fiquei embaixo das cobertas odiando que ele estivesse sofrendo. Odiava que tivéssemos brigado.

A maioria das mulheres e homens que dividiam uma história romântica tinha dificuldades com as quais lutar. Às vezes um rompimento feio. Possivelmente mentiras. Talvez uma traição.

Ele e eu tínhamos milênios de coisas ruins — e de assassinatos.

Ainda que eu não dançasse na ponta da navalha com a morte de Jack, não via como Aric e eu poderíamos superar tanto para remendar o laço que uma vez tivemos.

Ou que devêssemos fazer isso. *O jogo exige sangue*. Eu também faria como que ele morresse?

Perturbada e sozinha, eu finalmente adormeci... tive um sonho tão vívido que eu sabia ser uma lembrança de uma vida prévia. Eu era a Imperatriz conhecida como Phyta.

— *Tem certeza de que a Imperatriz está adormecida?* — O Mago pergunta a Fauna.

Os dois Arcanos se encontram novamente sob a luz da lua — no meu jardim. Fauna acredita que não tem nada a temer quanto a mim.

Ela diz ao garoto:

— *Phyta dorme.*

Não é verdade. Eu os observo da minha sacada. Como venho observando pelas últimas três noites.

Ele vira a cabeça ante um ruído.

— *O que foi isso?* — *Seus olhos dardejaram procurando.*

— *A Imperatriz move suas vinhas enquanto sonha.*

Em um tom seco, ele diz:

— *Acredito que esta seja a coisa mais perturbadora que já ouvi.*

Eu também movo minhas videiras de propósito, então um Arcano como Fauna ignora quaisquer sons que possa fazer aqui. Sua audição é fora do comum, assim como seu olfato.

Fauna certamente farejaria minha presença — se ela e o Mago não se encontrassem entre minhas flores.

Ela sorri para o garoto.

— E as minhas criaturas o perturbam? Ou minhas presas?

Ele lhe dá um sorriso travesso.

— Por que eu ficaria perturbado? Adoro suas presas. E todas as suas criaturas me adoram.

O garoto tinha exibido uma surpreendente falta de medo dos leões dela. As grandes feras vagavam por entre minhas plantas, os focinhos ainda manchados de sangue de uma matança mais cedo naquele dia. Eles tinham destruído um bando de seguidores dementes do Papa (Hierofante).

Fauna diz timidamente:

— Adoro suas ilusões.

O Mago conjura uma bola de luz acima dos dois e então a molda em um símbolo do infinito: uma linha contínua que segue até a eternidade — e retorna a si.

Fauna fica devidamente impressionada. A luz reflete em seus olhos.

Ele se volta para ela e roça os dedos por sua bochecha.

Eles estão apaixonados? Como se pode saber? Se o amor os motivou a serem tão descuidados, parece uma emoção perigosa.

Ele se abaixa, capturando seu olhar, pouco antes de pressionar os lábios nos dela.

Eu inclino a cabeça, correndo a polpa do indicador pelos meus lábios. Qual é a sensação de beijar? Pelo som dos suspiros dela e dos grunhidos dele, deve ser divino.

Por alguma razão, meu último encontro com o Ceifador dança em meus pensamentos. Ele continua a me seguir por este jogo. Observando, vigiando; esperando seu momento, sem dúvida. Por que sua atenção está tão fixa em mim? Porque ele é Morte e eu sou vida?

Como seria beijá-lo? Estremeço e meu coração começa a acelerar, o que me envergonha. Ele é meu pior inimigo, capaz de matar com a própria pele. Apesar de sua aparência como de um deus, ele é um monstro que orgulhosamente empunha seu Toque da Morte...

Mesmo que pudesse me beijar, não duraria muito — pois eu expeliria veneno pelos lábios para matá-lo.

Fauna se afasta, então ela e o Mago juntam as testas, recuperando o fôlego.

Ele diz:

— Quero que fuja comigo.

Eu reviro os olhos. Isto já foi longe o suficiente. Terei que matar Fauna e seu admirador mais cedo do que tinha antecipado...

Eu despertei com um grito, os olhos procurando pelo quarto.

Cyclops estava na cama outra vez. Ele olhou para cima, mas não consegui encontrar seu olhar de lobo.

Oh, só estava me lembrando de como planejei matar sua dona. Nada demais. Como fui casual ao decidir assassinar um casal de jovens.

Eles não tinham ideia que uma força maligna tramava puni-los por que eles tinham ousado se apaixonar — e por quererem abandonar o jogo.

Enquanto eu ficava deitada no escuro séculos depois, não podia deixar de traçar paralelos entre a minha própria vida — e a qualquer futuro que poderia imaginar com Aric.

28

Dia 432 D.F.

Eu me enterrei nas crônicas, descobrindo um segredo atrás do outro. Segredos chocantes, agonizantes.

Todos os dias no decorrer da última semana, eu ia até o quarto de vovó para ler. Naturalmente, ela não me permitia levar o livro para outro lugar. Mas para vigiá-lo quando eu não estava por perto, ela na verdade... dormia com ele na cama.

Agora eu a olhava. Ela tinha cochilado depois do jantar. Estava dormindo cada vez mais, mas comendo

cada vez menos. Enquanto todos os meus ferimentos se curavam, ela continuava a se deteriorar. Mas não importava o quanto eu pedia, ela não deixava Paul examiná-la, insistia que ia se recuperar.

Embora eu não acreditasse mais nela, eu me recusava a pensar nela morrendo...

Quando nós não estávamos discutindo o livro — tudo, desde a seção sobre os Arcanos Menores até os prós e contras das minhas últimas alianças — eu lia sozinha.

Eu sabia mais do que tinha pensado sobre os jogadores só pelos meus próprios encontros com eles, mas o livro trazia muitas surpresas.

Em cada uma eu pensava, *Jack vai achar isso legal*. Então me lembrava. Ele foi assassinado.

Jack e eu olhávamos maravilhados a neve.

A temperatura continuava a cair. Logo a chuva se tornaria neve outra vez. Eu achava que perderia quando esse momento chegasse. O torniquete se romperia, meu coração incharia e eu sangraria no branco da neve.

Por enquanto, eu estrangulava a dor e continuaria estudando as minhas crônicas.

Também tinha começado a editar e atualizar o livro. Acrescentei detalhes dos meus sonhos-visões e registrei batalhas deste jogo. Eu até havia ilustrado certas partes. O processo era lento, mas não tinha mais o que fazer.

Aric me evitava, parecendo nem suportar me olhar. Não nos falamos desde a nossa briga, e eu odiava termos deixado as coisas assim.

Será que ele sentia a minha falta?

Eu sentia falta *dele*, tinha começado a sonhar com ele cada vez mais. Sentia falta de simplesmente estar com ele — discutindo livros e jogando cartas, dividindo refeições. Quando as coisas estiveram boas entre nós, amei cada segundo que passei com ele, entrando em pânico sempre que ele saía pra se aventurar no mundo perigoso.

Também não falei com Lark. Ela caçava Finn — e Richter — com um foco obcecado do nome que sua carta recebera, levando Scarface, o falcão e um time de outras criaturas pelas Cinzas. Ela mantinha Cyclops na propriedade como arma (embora ele dormisse comigo), e Maneater continuava lá — porque a loba estava grávida.

Muitas criaturas estavam. Os animais de Lark se reproduziam que nem loucos...

Fui ao rio algumas vezes procurar Circe, mas ela não respondia. Ela também estava me evitando? Ocupada demais lembrando minhas traições?

Eu sabia que tinha sido má; as crônicas me diziam que eu estava em boa companhia.

Dois jogos atrás, o Imperador tinha me capturado e torturado por meses. Ele queimou meus membros com sua lava, mantendo-me fraca até finalmente cortar minha cabeça.

Sol tinha tentado me entregar a um destino similar?

Em outro jogo, Ogen me submergiu em um rio, brincando comigo, roubando meu ar. Embora conseguisse aguentar mais que a maioria, eu *poderia* morrer afogada. Antes dele terminar comigo, Circe o havia puxado para as profundezas.

Neste jogo, Ogen tinha medo de água. Talvez ele guardasse alguma lembrança animal do feito de Circe.

Em uma batalha contra Joules e Gabriel (aliados desde então), o Senhor dos Raios tinha explodido meus carvalhos em lascas, e me perfurado o coração com um dos seus raios. Enquanto eu estava golpeada, Gabriel tinha subido aos céus derrubando óleo quente em mim e em minhas plantas.

Fiquei a segundos de morrer quando os leões de Fauna me arrastaram das chamas.

Joules e Gabriel ainda não sabiam que eu — e minhas árvores — podíamos regenerar. No fim, meus carvalhos e meu furação de espinhos tinham derrotado aqueles dois. A menos que algo tenha sido deturpado na tradução — *vamos esperar que sim* — eu tinha quase certeza de que profanei seus corpos.

E posso ter pendurado as asas negras sedosas de Gabriel acima da minha lareira.

Eu era como o monstro do filme que nunca morria, voltando para mais sustos. Decapitar era a única forma de ter certeza que ele não voltaria.

Regeneração era uma habilidade bem útil de se possuir, mas os poderes dos outros também eram invejáveis.

Fúria possuía asas como de morcego que mudavam de cor como a pele de um camaleão, camuflando-a. Um Arcano poderia estar ao lado dela sem saber que ela o seguia — até uma chuva de ácido cair.

O Imperador podia viajar através de sua lava — surfando-a como uma onda.

Quando se teletransportava o Centurião se tornava intangível, nenhum golpe ofensivo funcionaria com ele pelo tempo que seus poderes aguentassem. Consegui matá-lo uma vez ao dar de cara com uma batalha já em progresso. Assim que suas reservas acabaram, lancei meu furacão de espinhos dilacerando seu corpo até os ossos.

Fauna tinha a habilidade de reviver animais, e não apenas os seus familiares, os mais ligados a ela. Da mesma forma que meu sangue semeava plantas, seu sangue conseguia reanimar uma criatura, trazendo um pássaro de volta só com uma pena ou um touro com um fragmento de chifre.

Lark sabia do seu poder de ressuscitar animais? Aric sabia? Quando eu contaria a eles?

O livro, com seus contos constantes de traições, estava me deixando quase tão paranoica quanto minha avó. A distância de Aric não ajudava. Eu entendia por que ele me evitava, mas não queria que essa fenda entre nós alargasse — por mais de uma razão.

Um sentimento agourento se abateu sobre o castelo do tempo perdido. Eu tinha a sensação de que algo *grande* estava descendo pelo encanamento. Algo além da ameaça de Richter ou da saúde decadente de vovó. Mas o quê??

Se não fôssemos uma frente unida...

O Louco me disse que coisas que iam além da minha imaginação mais louca aconteceriam. Eu não achava mais que essas coisas seriam *positivas*.

Mordendo o lábio, voltei a atenção para o livro. A próxima seção era intitulada "Lua Minguante". Às vezes enquanto eu lia tirava os olhos da página em um transe, *lembrando* de certa batalha ou dia. Agora me lembrei de Circe e eu relaxando no meio da minha fortaleza de plantas — meus "assassinos verdes", como ela os chamava. Um rio nos circulava de maneira protetora. Estávamos rindo de algo...

Uma flecha passou pelas minhas videiras, atingindo a árvore a centímetros da cabeça de Circe.

Ela e eu pulamos e viramos.

No topo de um monte distante estava uma garota com cabelo prateado, um arco e uma aljava. Seu tableau revelou ser a Lua. Ela gritou:

— Eu poderia ter matado a Sacerdotisa — verdade. De alguma forma, a flecha da Lua desviou perfeitamente das minhas videiras. — Não o fiz por que quero fazer parte de sua aliança.

Circe e eu nos olhamos, sorrindo uma para a outra.

— Ela é ousada — eu disse. Minhas videiras se arrastavam como cobras.

O rio de Circe ressoou com poder, preparando-se para atacar.

— Normalmente poderíamos recompensar tal ousadia...

—... mas não hoje — eu terminei por ela.

Nós matamos a Lua. Circe tinha recebido seu ícone.

Não era surpresa Selenia não ter confiado em mim! Nem ter ficado chocada quando eu enfrentei os Enamorados determinada a resgatá-la.

Eu nunca soube o quanto ela superou pra se tornar minha amiga. Estreitei os olhos, meus glifos brilhando. Matthew podia ter me dito. Circe também. Ela tinha me ameaçado como se eu fosse uma traíra cruel; ela foi tão má quanto eu.

Quando ela finalmente se dignasse a falar comigo, ouviria o que eu pensava! Não que estivesse pensando muito bem ultimamente...

— Era isso que eu queria ver — vovó disse de sua cama. Ela esfregou os olhos, livrando-se do sono.

— O que? — fechei o livro e o coloquei de lado.

— Sua raiva — com dificuldade, ela se recostou na cabeceira e eu me apressei a ajudá-la. — Leu sobre uma cruz dupla?

— Não exatamente — afundei na beirada da cama.

— Sonha com jogos anteriores? — Quando assenti, ela disse: — Então o Louco transferiu suas lembranças.

— Sim. Mas elas surgem lentamente — franzi a testa. — Por que ele teria feito isso?

— Não por uma gentileza à você, eu prometo. O Louco deve acreditar que o conhecimento do passado de alguma forma a deixará mais descuidada ou enfraquecerá suas alianças — ela esticou o braço para pegar um copo d'água na mesa de cabeceira e eu me apressei a passá-lo para ela. — Sempre que vir o passado procure símbolos. No presente também. Cartas de Tarô estão cheias de símbolos porque assim também é a vida.

— O que quer dizer? Qual é o propósito?

— Lembrá-la de marcar algum detalhe ou de recordar algum momento. Símbolos são marcadores ou placas em sua jornada — ela tomou um gole de água. — Aprenda isso: assim como na vida, também é nas cartas.

Era por isso que tantas coisas tinham começado a parecer conectadas?

— Gabriel vê símbolos dos céus, coisas que ele diz não poderem ser aleatórias. Ele me disse que possui os sentidos de anjo e de animal, e que reconhece o retorno dos deuses.

— Ah, o Arcanjo, o espírito errante — li que ele algumas vezes atuava como um mensageiro entre aliados. Como um emissário ou entregador. — Ele é um híbrido inquieto de anjo e animal, ambas as metades guerreiam dentro dele. Seus sentidos de animal são tão bons quanto os de Fauna, e ele tem garras nas pontas dos dedos como ela. — Suas garras pareciam mais as de aves de rapina. — E ainda assim ele possui asas angelicais. Elas são sua força e sua fraqueza.

— Ele está certo sobre o retorno dos deuses? Eles ouvirão as preces agora?

— Talvez eles tenham retornado. Ele reconheceria tal coisa. Se retornaram eles nos ouvirão. Preces os alimentam, como comida a nós — seus lábios afinaram. — Mas eles não ouvirão preces pedindo para encerrar seu jogo, se é isso que se pergunta. Só há uma maneira possível de consertar a terra: terminando isto.

Ante a minha expressão ela suspirou, como se eu a tivesse exaurido. Outra vez. Ela não escondia mais sua decepção.

— Você leu a origem dos Arcanos?

— Eu já tinha ouvido a história de Aric — ele contou para mim e para Jack a caminho dos Enamorados. Nós três tínhamos dividido uma garrafa de uísque sentados em volta de uma fogueira. Quando eu apaguei, Jack e Aric tinham terminado a garrafa juntos. Em uma época e lugar diferentes, eles poderiam ter sido amigos.

— Que estranho Morte andar te ensinando — ela disse. — Eu esperaria que ele fosse mesquinho com o seu conhecimento.

— Oh, em geral ele ainda é um mão de vaca. — Sim, minha recuperação o tinha distraído de traduzir as crônicas dos Enamorados, mas ele já tinha recomeçado. Ele poderia revelar *um pouco* daquelas páginas.

— Ele te contou sobre Tar Ro?

Assenti.

— Era um mundo sagrado tão grande quanto mil reinos. No primeiro jogo, vinte e dois jogadores foram enviados para lutar lá.

— Pense em Tar Ro como uma arena — como o Olimpo de Sol? — com divindades nas arquibancadas. Você pararia o SuperBowl por que um atleta não quer jogar?

Os deuses pareciam uns filhos da mãe — não eram exatamente do tipo que ligariam se o seu "divertimento" provocasse um apocalipse. A não ser...

— Se eles consomem preces, quantas pessoas os alimentam agora? Demetra recebe preces por uma boa safra? Não existem safras. E quanto a Afrodite? Poucas pessoas pensam em amor depois do Flash. Uma divindade da morte? Quem mais reza pelos mortos? A maioria dos sobreviventes deixam seus mortos no acostamento da estrada.

Se eu fosse a um enterro para cada amigo ou ente querido que havia morrido desde o Flash, eu teria ido a mais de uma dúzia.

— Não lhe cabe questionar isso — vovó disse, aço em seu tom. — Seu propósito é seguir as regras dos deuses. Qualquer outra coisa é blasfêmia.

Aric tinha dito, "Eu blasfemei duas vezes." Eu também blasfemei. E fui punida.

— Pretendo seguir as regras com Richter. Me fale como derrotá-lo.

— Morte já o matou antes. Sua melhor jogada é seduzir o seu protetor para te trazer a cabeça do Imperador. Podemos ter esperança de que os dois morram no confronto.

Apertei os punhos. Por dentro, soltei um grito primitivo.

— É isso? — Eu não ia a lugar algum com ela.

— Até que abrace completamente sua crueldade, não terá chance alguma contra o Imperador. Não posso ensiná-la a desenvolver poderes que ainda não possui.

Não era a primeira vez que ela me dizia isso. Outro impasse.

Talvez eu devesse buscar informações sobre os meus pais. Ela era o meu último elo com mamãe, e até com meu pai.

— Vó, como mamãe era quando criança?

— Teimosa. Ela se recusava a acreditar no que estava bem diante dos olhos! Como *você*.

Eu tinha orgulho de ser como a minha mãe.

— E o meu pai? Mamãe costumava falar muito dele, mas com o tempo fui ouvindo cada vez menos.

— David Greene era bondoso e tinha senso de humor. Ele fazia sua mãe dar risadas.

Isso era tudo que vovó conseguia dizer?

— A senhora não gostava dele?

— Ele não era um grande crente do Tarô. Tirando o humor, ele era um homem bem prático. Da *Nova Inglaterra* — ela acrescentou, como se isso explicasse tudo. — Eu tinha convencido Karen dos Arcanos, até ela conhecê-lo. Antes que eu percebesse, sua mãe estava grávida. Nesse momento eu já pressenti que *você* era a Imperatriz.

— Ele não queria que fôssemos morar no norte?

— David planejava se mudar para lá — seu olhar ficou distante. — Levar *você* “a grande Imperatriz” embora de Haven — isso deve ter ido longe. — No fim, eu os convenci a não irem.

Meu pai tinha desaparecido no Basin só dois anos depois que eu nasci. Se ele tinha insistido em mudar para o norte, ele ainda estaria vivo? Ou teria vivido — ao menos até o Flash? Eu poderia ter crescido com um pai.

— Ele morreu tão jovem — vinte e nove anos.

Ela assentiu.

— Aquele homem só adorava uma coisa tanto quanto adorava Karen: *você*.

Mamãe me disse que ele me mimava tanto....

Joguei a cabeça para trás. Senti algo do lado de fora: energia, uma leve vibração. Circe estava aqui — bem abaixo da montanha. Ela tinha vindo visitar Morte? Eles estavam juntos agora? Se fosse o caso, eu *invadiria* a sua reuniãozinha só para membros.

— Eu volto logo — eu me levantei e me dirigi à porta.

— Aonde vai?

Fiz uma pausa à porta.

— Visitar o rio.

Vovó piscou para mim.

— Por que tem tanta certeza de que vai voltar?

29

Com uma lanterna em mãos, fui em direção à água. Minha respiração eram sopros de fumaça na noite escura e gelada. A tempestade tinha diminuído, uma garoa ia e voltava.

Puxei o capuz do meu poncho por cima do cabelo...

Aric emergiu da névoa, sua forma alta delineada por uma lanterna tremeluzente a gás. Ele estava todo de preto, seu traje feito sob medida destacando seu poderoso corpo. Seu cabelo claro estava desgrenhado e não mais no estilo que ele geralmente o mantinha.

Meus passos vacilaram com a mera visão dele.

Ele vinha do rio de volta ao castelo. Enquanto se aproximava notei que ele parecia cansado, o olhar cheio de sombras.

De dor.

O que me lembrava dos sonhos que tive com ele. Nesta semana, meus pesadelos tinham vindo com menos frequência, dando lugar a sonhos-lembranças do último jogo, quando eu era conhecida como Phyta. Aric tinha me perseguido então, e eventualmente revelado que eu tinha me casado — e logo em seguida traído — com ele em uma vida anterior. Percebendo o quanto ele desejava companhia, comecei a seduzi-lo enquanto planejava matá-lo...

Todas as manhãs aqui eu acordava envergonhada pelo meu comportamento — e abalada por sua solidão. Abalada por sua frágil esperança de um futuro comigo.

Nunca diminuindo o passo, ele entoou:

— Imperatriz.

— Ei. O que está fazendo aqui embaixo?

— Visitando minha aliada — como eu suspeitava.

Franzi a testa quando ele passou direto por mim. Às suas costas, perguntei:

— Andou conversando com Circe?

Sem se virar, ele disse:

— Como de costume.

Quando eu corri na sua frente para bloquear o seu caminho, ele exalou de forma impaciente.

— O que deseja?

Perto assim, captei um filamento do seu aroma viciante. Toques de sândalo e pinheiro, duas árvores que faziam minhas pálpebras pesarem. À luz da lanterna, seu rosto era encantadoramente lindo.

Mas minha atração por ele era mais do que física. Épocas sem fim pareciam me ligar a ele. Uma conexão profunda que se perpetuava.

Se Imperatrizes passadas não foram criadas desde o nascimento para odiá-lo, elas teriam se apaixonado por ele. *Eu* teria me apaixonado por ele.

— Por quanto tempo continuaremos assim, Aric?

Finalmente interesse em seus olhos âmbar.

— Qual é a alternativa? Diga-me o que mudou.

Eu não sabia! Olhei para baixo enquanto tentava juntar as palavras e notei que suas mãos enluvadas estavam apertadas. Palavras saíram dos meus lábios.

— Você quer me tocar — ele uma vez me disse que esse era um luxo que sempre saborearia. Levantei os olhos. Incapaz de me conter, tentei tocar seu rosto orgulhoso.

Mas ele agarrou meus pulsos em sua mão forte, os olhos ficando tão frios quanto a noite.

— E desde quando o que *eu* quero importa? — Me soltando, ele foi embora.

Fiquei olhando para ele por um bom tempo depois dele desaparecer na névoa. Triste e confusa, desci até o rio.

O nível de água estava maior do que da última vez que estive aqui? Um cobertor de névoa cobria a calma superfície. Na margem, levantei minha lanterna.

— Circe? — chamei. — Onde você está?

Água no formato de uma mão acenou e então caiu com um splash. Ela não conseguia manter nem aquela forma minúscula?

Minha raiva anterior com relação a ela passou. Ela poderia não estar me evitando; poderia estar fraca demais para uma boa conversa. Especialmente se andou conversando muito com Aric.

— Pode me ouvir? — perguntei.

Uma leve ondulação. Então um murmurado:

— Eu ouço. Saudação Tar Ro.

— Saudação Tar Ro pra você também — tentei um dos meus novos poderes — sentir sementes latentes na terra — mas não encontrei nenhuma, então rasguei o polegar com uma garra e fiz crescer um pouco de grama ao longo da margem. Coloquei a lanterna no chão e tirei o meu poncho para sentar em cima dele. — Obrigada por salvar minha vida.

— Assume que eu salvei, Evie Greene?

— Ok. Então obrigada por não me matar logo. Talvez tenha feito aquilo por causa de Morte? Vocês dois parecem íntimos.

— Hmm.

— Ele acabou de sair daqui, né? — Sem resposta. Bem... — O seu maremoto foi magnífico.

— Foi algo secundário. Em breve mostrarei ao jogo um *acerto de contas* — suavizando seu tom, ela disse: — Lamento que não possa ter salvo todos aqueles mortais. O seu mortal. A Carta Fortuna evitou voar sobre rios em sua aproximação. Quando ela e Richter cruzaram a água, eu estava atrasada demais.

O torniquete girou e eu mal demonstrei qualquer reação.

— Eu me pergunto como eles sabiam dos meus poderes — falou Circe. — Suas linhagens não escrevem crônicas.

— Sol saberia?

— Possivelmente. Ele aprende muita coisa dos seus Bagmen. Ouvi do seu encontro com eles. Se tornar comida deve ter sido... desagradável.

Desagradável? Eu alguma vez me esqueceria daqueles sons de sucção, daquelas mordidas horríveis?

Essa era uma lembrança que eu desejava poder esquecer. Dizia a mim mesma que não deveria temê-los agora que já havia experimentado o seu pior. Sobrevivi a um ataque — sem nenhum efeito duradouro.

Possivelmente.

Circe perguntou:

— Ainda acha que podemos parar o jogo?

Dei de ombros. De vez em quando sentia um vislumbre tolo de esperança, mas na maioria das vezes não. O jogo exigia sangue. Eu lhe daria o do Imperador.

E depois? E depois? E depois?

— Eu disse que precisávamos matar Richter.

Eu arcava com as consequências no que dizia respeito a ela e a Aric.

— Estou ouvindo agora. Tem um plano?

— Inimigos poderosos devem se reabastecer — ela tinha nos chamado disso antes. — A não ser que pretenda aceitar o conselho da sua avó de enviar o Cavaleiro Eterno atrás dele. — Quando arqueei as sobrancelhas, Circe acrescentou: — Eu disse, sussurros correm até mim como água — ela também tinha ouvido os murmúrios cheios de ódio de vovó? — Sua avó me parece... intensa.

É.

— E paranoica — brotei alguns dentes-de-leão por entre as folhas de grama.

— Pode culpá-la? Suas crônicas dizem a ela pra ser. A história também faz o mesmo, sua linhagem é notória por suas agressivas Tarasovas e cronistas — em um tom seco, ela disse: — Transformando jovens Imperatrizes em desenvolvimento em *seriais killers* desde tempos imemoráveis.

Humor Arcano? Em meu estado atual, quase tive o impulso de rir.

— Achei que ela poderia me ajudar a parar o jogo, ou salvar a terra, ou me livrar dos meus poderes. Estúpido, né?

— Necessário. Ela era o seu Graal. Todos buscamos coisas que nos atraem para um território de caça em especial.

O que foi que Matthew me disse? *Nós seguimos MacGuffins*⁸.

— Geralmente o Graal é amor — ela disse. — O Mago e Fauna correm impetuosos um atrás do outro, ou ao menos tentam. A Lua se tornou o Graal do Arcanjo por um tempo e ela seguiu o seu mortal.

Certa em tudo. Eu me perguntava se Circe havia ouvido os *meus* murmúrios loucos.

— Kentarch busca por sua amada esposa.

— Conhece o Centurião? — perguntei. — Onde ele está?

Ela suspirou e névoa subiu da superfície do rio.

— Não acho que o Centurião — meu aliado por vários jogos — iria querer que a Imperatriz soubesse.

Justo.

— Por que nunca se alia ao Louco? — *Imperatriz é minha amiga.*

— Não pode responder a essa pergunta tão bem quanto eu, Evie Greene?

— Porque ele é mais não-confiável do que a maioria.

— Conhece a palavra *incomensurável*? Ela significa *mensurável* no sentido de profundidade. *Incomensurável* é uma palavra antiga porque o homem vem tentando em vão conhecer a profundidade do meu domínio oceânico por milhares de anos — ela fez uma pausa e então disse: — Os poderes do Louco são *incomensuráveis* até para mim.

Eu senti que tinha acabado de receber um aviso.

— Morte disse que Matthew pode lutar.

Ela repetiu em um sussurro:

— *Incomensurável.*

Engoli em seco.

— Sabe onde ele está?

— Não próximo a um corpo d'água no presente.

Obrigada por reduzir as possibilidades.

— Qual é o seu Graal?

— É segredo. Mas saiba que ele não me atrairá para a terra. *Você* não me atrairá.

⁸ Termo cunhado por Alfred Hitchcock, para designar o objeto que serve de pretexto para avançar na história, e que não tem tanta importância assim.

Com suas palavras, uma lembrança de um jogo brotou:

— *Por que você viria à superfície?* — perguntei a ela. — *Você é invencível no mar.*

— *Você me seduziu até aqui, poderosa irmã.*

— *Seduzi?*

— *Como você, eu sou uma criatura social. É a minha fraqueza. Porém meu abismo é indizivelmente solitário e cheio de eco. À distância observo aventuras empolgantes se desenrolarem, mas não faço parte delas. Vejo os costumes de homens e mulheres, mas não experimento o amor. Ouço mortais compartilhando risadas. Mas não compartilho coisa alguma. Sou atraída por você por que temos afinidades. Juntas, nós experimentamos a vida.*

Eu não conseguia compreender o raciocínio da Sacerdotisa.

— *Mas as vulnerabilidades...*

— *Eu sou amaldiçoada. Para viver verdadeiramente, preciso me tornar vulnerável e confiar. Morte não é o único que arrisca tudo apenas para sentir...*

— Eu não estou tentando te trazer para a terra — disse com firmeza. — Você precisa ficar onde está.

— Hmm.

Estava começando a odiar quando ela dizia *hmm*.

— Qual é o Graal do Imperador?

— Todos nós. Ele quer derrotar oponentes "dignos" com o máximo de carnificina possível. Ele também gosta de um terremoto ocasional, só por que lhe dá prazer.

— O que acontece se ele vencer?

O rio ficou agitado, a névoa dissipando.

— Inferno na terra. Seu reinado marcaria o fim da humanidade. Todas as cartas devem sentir isso.

Claro que essa era a raiz do meu pressentimento agourento, a sensação de que algo grande descia pelo encanamento. Então por que meu desconforto parecia não ter a ver com Richter?

— Não podemos deixar que ele vença. Se você continuar firme no abismo, pode simplesmente viver mais do que ele, certo?

— Oh, estamos de volta ao jogo? Achei que a inocente Imperatriz não desejava ter relação alguma com ele. Exceto quando um Arcano a irrita ou sai da linha de qualquer forma.

Como a água conseguia conduzir tanto sarcasmo?

— Ainda está com raiva por algo que lhe fiz no passado — embora eu tivesse encontrado evidência do seu sangue frio, ainda não li como foi que a trai. — Eu entendo. Mas nós duas somos más. Admita: você teria me enganado se eu não tivesse feito isso com você primeiro.

Redemoinhos giraram.

Redemoinhos *irritados*.

— Argh! Essa é sua forma de me ignorar, não é? — Como se ela cobrisse as orelhas e cantasse, "La la la". Eu peguei uma pedra e atirei na água. — Eu me lembrei do dia em que matamos a Lua. Você ficou com o ícone dela.

Os redemoinhos pararam.

— Eu posso ter merecido *mais*, Evie Greene, mas você o levou *depois*.

Em outras palavras, o ícone tinha se transferido a mim quando eu matei Circe.

— Imperatriz, você é quem andou declarando sua inocência neste jogo. Eu não fiz promessa alguma.

— Eu não sou inocente. Não sei o que sou. Mas sei que tenho zero interesse em vencer — eu colhi as flores que tinha brotado. — Você disse que Arcanos às vezes lhe *pedem* para levá-los ao abismo, que esse é o único lugar que eles veem para onde ir. Eu não entendi antes, mas agora entendo.

Trancei hastes de dentes-de-leão para fazer uma grinalda. O prospecto da minha morte não me incomodava — minha passagem só de ida se aproximava — mas a ideia de Aric morrer fazia meus glifos queimarem.

— No que está pensando que a angustia tanto? — ela perguntou.

Dei de ombros e atirei minha grinalda no rio. Água se ergueu debaixo da argola em formato de cabeça e eu quase sorri.

— Quando revivo nossas interações, lembro do quanto éramos próximas.

Outro suspiro.

— Aparentemente, não tão próximas assim — uma onda engoliu a grinalda.

Desta vez eu definitivamente recebi um aviso.

— Quanto tempo até que eu a veja? — murmurei do banco de trás do nosso veículo mais recente. Eu me lembrava vagamente de Matthew conseguindo outro carro e me ajudando a entrar.

Eu ainda estava deitado. Nunca fiquei doente um dia sequer na minha vida, mas não conseguia me livrar disso. Meus ossos doíam tanto que eu tinha certeza que peguei a febre quebra-ossos. Delírios começavam a surgir.

Eu dormia a maior parte das horas, mal lembrava daquelas em que ficava acordado. Minha respiração assobiava como se eu tivesse um peso no peito e a pele da minha perna avariada parecia pegar fogo, coçando como se algo rastejasse por cima. Ou por *dentro*.

Mas Matthew tinha me dado uma chance de cinquenta por cento de sair dessa. *Eu já tive probabilidades piores.*

— Quero ver minha garota.

Como sempre, *coo-yôn* não me respondia.

Continuávamos longe no oeste, até onde eu podia dizer. A maioria das estradas foram bloqueadas e a gasolina tão escassa quanto sempre. Eu não sabia onde ficava a casa de Domīnija, só sabia que podia se chegar lá em uma semana a cavalo partindo do Forte Arcana. No nosso ritmo atual, levaria *meses* para que o Louco e eu chegássemos próximo à área.

Mas eu tinha que supor que ele eventualmente me levaria até Evie.

Em uma voz rouca, eu disse:

— Não vai responder? Então me diga uma coisa, *sosie*. Se sabe lutar... por que nunca lutou antes? — Pensei em todas aquelas vezes em que precisei de ajuda para sair de um aperto, quando ele poderia ter alterado a maré.

Na mina de sal, aquele garoto tinha matado uma dúzia de homens — sem arma. Eu achava que se pudesse ver todos os movimentos que um oponente faria antes da hora, poderia mesmo derrotar praticamente qualquer um.

Apontando para a tēmpora, ele disse:

— Se eu faço isso, eu não falo *aquilo*.

Minha cabeça latejava forte demais para continuar no assunto.

— Não posso dizer que senti falta dessas conversinhas suas.

— Imperatriz fez uma lápide pra você.

Claro, ela teria achado que eu morri junto com o resto. A probabilidade da minha sobrevivência naquela explosão era de uma em um milhão. Aí veio a lava e *depois* o dilúvio, que Matthew pôs a culpa em Circe. Eu odiava que Evie tivesse sofrido por mim mesmo por um segundo.

— O que ela disse quando você contou que eu sobrevivi?

Silêncio do *coo-yôn*.

— Você *contou* a ela? — Sem resposta. Meus olhos se arregalaram. Eu ofeguei, respirando com dificuldade. — Maldição, garoto! — Nunca tinha imaginado essa possibilidade. Por que eu achava que ele gostava de Evie do jeito dele. — Ela... ela não sabe que eu estou indo?

— Não.

Putain! E eu não estava forte suficiente para sentar, muito menos estrangular o filho da mãe. Se ela achava que eu tinha morrido, teria aceitado Domīnija?

— Evie está com Morte? Eles tão juntos? — *Diga que não, diga que não.*

Depois dela ter me escolhido, eu me senti péssimo por Domīnija. Na verdade tive empatia pelo bastardo por que eu sabia como era perdê-la.

Quando ela quis ficar com ele antes, quando ele a seqüestrou... eu tinha enlouquecido.

Matthew disse:

— Ainda não.

Minhas pálpebras se fecharam com alívio. Mas foi curto. *Ainda* não.

— Diga a minha garota que estou voltando pra ela! Diga que sempre vai ser Evie e Jack.

Sem resposta.

— Pelo menos me responda isso: tenho chance com ela? — Sem ela como luz no fim desse túnel, eu não sabia como iria continuar. Meu pesar pelo exército ameaçava me destruir. Eu fiz com que toda aquela gente morresse. Usando jogadores Arcanos para estabelecer uma ordem, acabei atraindo aquele monstro.

As pessoas próximas a mim tinham o hábito de acabarem mortas. Clotile explodiu os miolos para me salvar. Selena queimou. Eu me lembrei de *maman* no Dia Zero e estremei.

— Sim. Uma chance. *Chance* significa *sorte* — Matthew olhou para mim pelo espelho retrovisor. — Imperatriz me despreza por deixar você morrer.

— Então diga a ela que estou vivo! — Eu gritei, provocando outro acesso de tontura. Não conseguia recuperar o fôlego. Suor molhava minha pele, mesmo que eu a sentisse congelando. — Você a deixou... acreditar que eu morri... duas vezes. Está tentando... deixar ela louca, seu *sosie*? Ou manipulá-la?

— Eu não manipulo a Imperatriz. Sozinha. Eu manipulo muitos.

— Me dê motivo... você a está fazendo sofrer.

Ele tocou na têmpora.

— O painel telefônico está ligado. Imperador escuta.

Então *coo-yôn* tinha desligado as chamadas para deixar ela fora do alcance de Richter. *Merde*, não conseguia criticar sua solução. Ainda assim:

— Ele pode rastreá-la de uma chamada curta... se ela não souber que estou vivo... ela vai ficar com Domínija — a ideia fez meu coração trovejar.

Minha febre subia outra vez, piorando a cada segundo. Dor arrancou um grunhido dos meus pulmões.

Inferno, as chances de Matthew para mim podem ter sido bem generosas.

— Quer que eu arrisque a chamada para ela, Caçador?

Quando pontos pretos invadiram minha visão outra vez, eu disse quase sem voz:

— *Non* — ainda não. — Por que provavelmente vou morrer...

31

**A Imperatriz
Dia 437 D.F.**

— O que está fazendo nesta ala? — perguntei a Aric. Ele tinha acabado de sair do quarto da minha avó.

Essa era a primeira vez que eu falava com ele desde o nosso encontro perto do rio. Seu treinamento tinha acelerado novamente e ele passava horas por dia praticando com suas espadas. Quando não, ele ficava em seu estúdio e em seu quarto cercado de negro.

Igual a antes, a atmosfera em volta do castelo parecia a de um barril de pólvora — exceto que agora tínhamos ameaças externas com as quais nos preocupar. Considerei exigir ter uma conversa com ele, mas o que poderia oferecer? Nada tinha mudado entre nós.

Seus olhos ficaram estrelados quando me viu antes dele fechar o olhar. Com o tom nem quente nem frio, ele disse:

— Estava em busca da sabedoria de uma Tarasova, então fui pedir ajuda.

— O que queria saber?

Ele ergueu os ombros largos.

— Infelizmente, eu... a aborreci — ele disse, sem responder minha pergunta.

— Aborreceu — eu podia muito bem imaginar. O ódio dela borbulhava mais e mais, seguindo o ritmo do declínio da sua saúde física e mental.

Ela ficou tão paranoica que não me permitia mais ligar as luzes elétricas — por causa da "Torre". Só a lareira iluminava seu quarto. Sombras rastejavam pelas paredes, pelas minhas videiras, as chamadas uma

lembrança constante de perda.

Quando sua boca ficou mole de um lado, ela finalmente permitiu que Paul a examinasse. Seu diagnóstico: um derrame e contínuos miniderrames — o que ela se recusou a acreditar. Ela falou arrastando a fala:

— Eu não ficaria surpresa se Morte estiver me deixando doente. Ele precisa de mim fora da jogada.

Paul lhe deu uma prescrição dos seus suprimentos médicos, mas as pílulas não tinham ajudado. Minha avó estava morrendo e não havia nada que pudéssemos fazer por ela.

Agora procurei ficar ainda mais perto de Aric, ansiando conforto, companhia, *qualquer coisa*. Eu continuava a vê-lo na maioria dos meus sonhos, fazendo com que sentisse ainda mais a sua falta.

— Por favor, me diga o que queria saber dela.

Ele ignorou a minha pergunta.

— Você parece exausta, Imperatriz — aquilo era uma chama de pena em seus olhos?

Minha própria linhagem Tarasova estava me derrubando — por que eu queria confiar desesperadamente nos meus aliados e em mim mesma como pessoa.

Ontem vovó tinha murmurado:

— Tudo o que você tem que fazer é se entregar... usar seu ódio e sua dor. Tornar-se ela: a Imperatriz que nasceu para ser — minha avó estava tentando me "programar" outra vez, desfazer o trabalho dos psiquiatras e terapeutas. Desfazer tudo que mamãe me ensinou sobre decência.

Minha mente parecia um campo de batalha sangrento. Eu temia ir ver vovó, o que me deixava doente de culpa.

Aric disse:

— Paul poderia ajudar mais com ela.

— Ele já passa muito tempo com ela — enquanto eu só parecia frustrá-la, ele fazia com que ela se acalmasse e até comesse. Mas ele também me disse que ela não aguentaria muito tempo. — Eu vivo pensando que cada dia var ser o seu... último — Aric não conseguia sentir a morte iminente? Eu imagino o que ele diria se eu lhe pedisse uma estimativa.

Também me perguntava por que eu não estava mais triste quanto a vovó. Sim, ela estava sendo odiosa, mas ela não foi assim na minha infância. Pelo menos, até onde eu podia confiar na minha memória.

Talvez estivesse tão entorpecida que nada pudesse me afetar. E se eu tivesse estrangulado o meu coração a ponto dele estar permanentemente danificado?

Olhei para Aric e soube a resposta para a pergunta. Eu sofria por ele o mesmo que sofria por Jack, mesmo que Aric estivesse *bem aqui* na minha frente.

Perdi o amor da minha vida. Mas o homem que eu considerava minha alma gêmea esperava por mim. Por quanto tempo mais eu conseguiria me arrastar por um apocalipse sozinha?

Estudando meu rosto, Aric disse:

— A Tarasova sem dúvida falará que eu fiz mal a ela. Só pra constar, eu jamais a machucaria.

— E eu jamais acreditaria que você pudesse.

Com um aceno curto de cabeça, ele passou por mim.

— Imperatriz.

Eu o segui.

— Se não vai me chamar de *sievā*, então use o meu nome: *Evie*.

— Eu já disse: seus nomes sempre mudando não importam. Imperatriz permanece o mesmo.

— E-V. Evangeline, se preferir — eu o segui até o estúdio. — Por quanto tempo vai me evitar? Você disse que me treinaria.

Ele levou uma garrafa e um copo até a mesa, sentando em sua cadeira.

— No presente, sua avó está tratando de sua... educação.

— Ficaré feliz em saber que Paul não lhe deu muito tempo.

— Isso não me faz feliz. Não me faz nada.

— Por que eu e você somos mero aliados. *De certa maneira*.

Encolhida de ombros.

— Então vamos passar muito tempo sem nos ver? — Tristeza me inundou.

— Você havia planejado *nunca mais* voltar a me ver, Imperatriz — sua expressão ficou tão irada que quase dei um passo pra trás. — Foi embora com essa intenção.

— Acha que foi fácil pra mim?

Ele chiou:

— *Totalmente* — então ele respirou fundo para controlar o temperamento. — Eu te ofereci tudo. E você me desprezou por outro. O mais lamentável de tudo é que eu nem posso culpá-la.

— Como assim?

— Deveaux lutava com bravura. Ele era inteligente. Era sagaz e um líder nato. Se eu iria perdê-la para qualquer um, desejaria que fosse para ele.

— Eu disse que não quero falar nele.

Como se eu não tivesse falado, Aric continuou:

— Eu o detestei a princípio, estava fervendo de ciúmes quando vocês dois ficaram juntos. Mas através das suas memórias, aprendi sobre ele. Vi com o que ele teve de lutar quando garoto. Compreendi suas frustrações e seus sonhos — Aric bebeu o conteúdo do copo e voltou a enchê-lo. — Precisava continuar a odiar Deveaux, mas no final das contas, *gostei* dele. O que tornou tudo ainda mais confuso.

Sentei no meu lugar de costume.

— Na noite em que vocês beberam juntos, alguma coisa mudou.

Aceno de cabeça.

— E quando lutamos juntos. Além do mais, ele era o único homem na terra que entendia como eu me sentia em relação à você, o único outro homem que temia sua decisão.

Como eu me sentia. No passado. Aric estava deixando de me querer? A única mulher que podia tocar?

Ele deu uma risada sem humor.

— O que foi?

— Eu sei que isso será difícil de entender, mas Jack foi o mais próximo que já tive de um amigo desde que meu pai faleceu.

Uma pontada torceu meu peito.

— Pensei nisso. Em uma época e circunstâncias diferentes, vocês dois teriam sido amigos.

— No forte eu bebi mais uísque com ele e conversamos por horas. Próximo ao fim da noite, expliquei todas as coisas que poderia lhe oferecer. Ele concordou em marchar sem você, para tornar mais fácil sua partida ao meu lado. Mas ele me falou uma verdade muito certa.

— Que foi?

— Ele disse: "Se Evangeline Greene quiser uma coisa, ela consegue. Se o que ela quiser for eu, isso vai acontecer, quer eu queira o que seja melhor para ela ou não."

— Eu quero algumas coisas no momento, mas não estou conseguindo nenhuma delas.

Aric inclinou a cabeça.

— Tal como?

— Vingança contra Richter.

Ele soltou o ar.

— Deixe-me, Imperatriz.

Eu não me movi.

— Quero que voltemos a ler juntos e a conversar durante as noites. Quero ser sua amiga de novo.

— Passar tempo ao seu lado como amigo? Impossível.

— *Por quê?*

Seus olhos brilharam.

— Porque não quero ser meramente um amigo. Eu quero minha esposa!

— Não podemos só... ver como as coisas saem?

— Nós estamos *casados*. Mas parece que sou o único que se importa com esse detalhe.

Quase falei que ele não pareceu se importar com esse detalhe quando me torturou.

Aric ergueu o copo, olhando para o líquido claro.

— Estou enojado comigo mesmo por continuar a desejá-la assim — parecendo perdido em pensamento, ele disse sem pensar: — Em um momento de fraqueza vou implorar? — Ele olhou para mim, parecendo chocado com o que tinha admitido. Ele levantou abruptamente. — Posso não culpá-la por sua decisão. Mas ela ainda me dilacerou. Quando te disse que algo morreu dentro de mim naquele dia, falei sério — ele se dirigiu à porta do estúdio.

Eu bloqueei seu caminho.

— Saia do caminho. Maldita, não serei um substituto disponível. Pare de me atormentar.

— Você ainda me ama.

Ele endireitou os ombros.

— *Eu* não disse essas palavras superficialmente.

— Acha que eu disse?

— Talvez assim que me falou de seu amor não devesse ter falado adeus logo em seguida.

Fiz uma careta.

— O que quer de mim?

— O que jamais poderei ter: que tivesse me escolhido! — Seus punhos apertaram. Mesmo agora ele lutava para não me tocar. — Quando partiu, você olhou para mim e por um segundo achei que fosse dar a volta.

— Eu também achei.

Ele abriu os lábios.

— Ficou tão próximo assim?

— Quando enfrentei Vincent, ele vasculhou meu coração e viu que estava dividido. Ele disse que eu amava dois homens igualmente.

— Você me falou o mesmo em nosso caminho de volta após ter sofrido as mordidas dos Bagmen.

E depois eu me esqueci do que disse.

Os olhos de Aric brilharam; eu conseguia sentir seu desejo. Ele queria tanto acreditar.

— O que espera de *mim*?

— Proximidade e confiança — disse a ele. — Espero que não me trate como uma inimiga. Nem como uma estranha — coloquei a mão em seu braço e seus músculos flexionaram debaixo dos meus dedos. — Com nossas vidas em jogo — *Richter, estou indo atrás de você* — não deveríamos ficar divididos assim.

— Perigo iminente é sua razão pra buscar mais tempo comigo? — Ele tirou minha mão de cima dele.

— Com armadura ou não, eu levo sua adaga no peito. Você ama torcê-la.

Eu estava falando as coisas erradas.

— Não é isso que eu quis dizer! Eu me arrependi tanto com Jack, tantas coisas que queria ter feito ou dito. Quando não consegui te encontrar, senti o mesmo arrependimento. Depois... depois você estava lá. Vivo. Quando eu morrer, vai se arrepender de não passar esse tempo comigo?

— Eu juro, Imperatriz, você *nunca* morrerá antes de mim — ele disse virando pra ir embora.

Mas ele ficou tenso quando eu sussurrei:

— É disso que eu tenho medo.

32

Dia 444 D.F.

— Você está mais do que péssima — Circe me disse.

— Queria que você parasse de amenizar as coisas que diz, Feiticeira das Águas.

Mais de um mês havia passado desde que ouvi a voz da minha avó no viveiro. Por tanto tempo eu sonhei com um reencontro. Tinha intenções tão boas e, mesmo assim, tudo foi para o inferno.

A cada dia eu a via se deteriorar. Às vezes ela me criticava com tanto veneno que Paul precisava entrar correndo no quarto para acalmá-la. Outras vezes, ela não falava coisa com coisa, muito pouco lúcida.

Por mais que ela falasse, não respondia às minhas perguntas. Por exemplo, ainda não sabia por que Aric a tinha procurado.

Apesar da raiva da minha avó, eu queria ficar com ela no fim — como não fiquei com mamãe. Então voltava ao seu quarto, dia após dia.

Circe disse:

— Você está esgotada por que vai de encontro a ela a cada segundo.

Entre minha avó, minha confusão quanto a Aric e meu temor...

Olhei de volta para o castelo. Aquele pressentimento agourento permanecia firme no lugar. *Algo* inesperado se aproximava. Estávamos em uma contagem regressiva?

Tic-tac.

Mudando de assunto, eu disse:

— Não acho que seja justo que possa comentar sobre minha aparência e minha saúde mental e eu nem possa ver suas expressões enquanto fala.

— Tentando me atrair para a terra novamente?

Eu revirei os olhos.

— Não. Mas você podia fazer aquela forma de garota na água outra vez — ela uma vez manipulou a água ao seu bel-prazer. — Ou podia fazer aquela coisa de janela.

Uma onda pequena levantou na minha frente. A água se modificou até uma forma oval emergir, como um espelho de parede — só que este era uma janela.

Para o abismo.

Circe apareceu, sentada em um trono de corais em seu templo submerso. Com seu cabelo negro fluente e olhos luminosos, ela era linda de morrer.

A Sacerdotisa inclinou a cabeça como uma rainha. À luz do fogo de seu templo, as deslumbrantes escamas azuis dos seus braços e costas das mãos cintilavam quase no mesmo azul que as barbatanas que saíam de seus cotovelos.

Vamos falar de uma boa apresentação, Sol.

Quando o som de algo se arrastando veio de trás de seu trono, eu inclinei a cabeça. Um tentáculo, possivelmente? Nunca vi abaixo dos seus joelhos, então não havia como dizer. E como alguém perguntaria sobre uma coisa dessas? Eu também tinha curiosidade de saber como ela fazia roupas com espuma do mar, mas não queria parecer infantil.

— Quando vai se encontrar com o outro membro da sua aliança? — perguntei — Acho que vai gostar de Lark — eu vinha tentando marcar um encontro para as duas.

— Você presume demais — Circe ajustou o tridente dourado em cima do colo. — Não estou em uma aliança com você e Fauna. Eu só me alio a Morte e a Kentarch. Além do mais, Fauna já está bastante ocupada — com a sua busca e com a reprodução de seus animais. — Até sua avó já notou.

Vovó tinha murmurado:

— Os chamados dos animais soam na noite. Cada nova fera é uma arma. Ouço predadores rondando o castelo. Suas garras arranham o chão. Eles comerão suas entranhas enquanto você assiste!

A última vez que visitei Lark, seu quarto parecia uma arca superlotada. Parei para confessar meu comportamento em jogos passados e para conversar sobre seu acordo com Morte para vencer o jogo presente.

Como sempre, seus olhos tinham pulsado vermelho. Seu cabelo crescia formando uma juba selvagem, e suas presas e garras ficavam ainda mais compridas. Quanto mais ela passava mesclando os sentidos com os de suas criaturas, mais animalesca ficava. Ela não estava com humor para conversar.

— Se apresse.

Assim que seus olhos voltaram ao normal, eu disse:

— Você estava apaixonada por Finn em pelo menos mais uma vida. Naquele jogo, eu traí vocês dois. Eu meio que... matei vocês.

— É, Eves, o chefe já me contou essa parte praticamente no Dia Zero — ela uma vez disse que sua família escrevia crônicas, uma mentira para ocultar de onde realmente conseguia informação. — Ele me contou um monte de coisa — seus olhos ficaram vermelhos outra vez, mas enquanto eu saía, ela chamou: — Não deixe nenhum animal sair! O chefe disse que o castelo é proibido para qualquer um que não Cyclops.

Aric tinha feito essa exceção por minha causa por que o lobo era o meu favorito... ?

Agora Circe destacava:

— Claro, sua avó também alerta contra mim.

Vovó tinha me dito que ouvia as ondas do lado de fora da janela, que meus pulmões explodiriam e meus globos oculares pulariam do meu crânio. Oh, e que Circe me levaria até seus esconderijos sombrios onde eu nunca mais voltaria a ver qualquer luz.

Circe deu risada.

— Considerando os sentimentos dela sobre o assunto, duvido que "vovó" aprovaria essas nossas visitas.

Arqueei uma sobrancelha. Eu realmente descia a maioria das noites. Às vezes, a Sacerdotisa e eu discutíamos jogos do passado. Outras, eu podia sentir a sua presença enquanto ficávamos sentadas em um silêncio mútuo.

Em cada visita, eu precisava criar mais grama — por que o nível do seu rio realmente aumentava. Água cobria a beirada do castelo e continuava a subir a montanha.

Enquanto Fauna aumentava o número de "armas" e as águas de Circe ganhavam ímpeto, eu tinha conseguido fazer nascer mais umas poucas videiras no meu quarto.

Por alguma razão, meus poderes pareciam estar... enfraquecendo.

— Não falou mais com Morte? — perguntou Circe.

Sacudi a cabeça. Como ele conseguia viver facilmente sem falar comigo.

— Ele está magoado. Sabe que a única razão de poder escolher ele é por não haver mais opção. Eu me pergunto se ele não nasceu pra sofrer.

Amaldiçoado a me desejar.

— Ele visita *você* bastante — eles conversavam "frequentemente". Embora minhas memórias dele fossem esporádicas, Aric e a bela Circe se lembravam um do outro durante todas aquelas eras. Pode ser que não pudessem se tocar, mas e se sentissem... afeição um pelo outro?

— Olha para os seus olhos ficando verdes de ciúmes — Jack tinha dito a mesma coisa.

Eu não estava só com ciúme de Circe. Estava com ciúme — de mim mesma. Minhas lembranças sonhadas de Aric e Phytia juntos me deixavam louca — como a noite em que ela planejou envenená-lo com seu beijo: *quando eu liberar o veneno, eu o terei tão envolvido nos espasmos do prazer que se perguntará se não valeu a pena.*

Eu queria tocá-lo. Eu queria levá-lo aos espasmos do prazer. Não magoá-lo, por que o amava.

Ele disse a Phytia:

— Imperatriz, você nasceu para mim e eu para você. Um dia eu a convencerei disso.

E se ele já tivesse?

Circe riu.

— Seus glifos estão brilhando novamente, Evie Greene.

— Você sente algo por ele? — questionei.

— Meu coração pertence a outra pessoa — ela disse. — Jamais amarei outro.

— Sério?

Seus olhos estavam cheios de dor.

— Acha que é a única que perdeu alguém? Meu casamento era para ter sido no... Dia Zero — o rio se agitou.

— Oh, Deus, Circe, eu não sabia — aquele dia foi decisivo para vários Arcanos em mais de uma maneira.

Meu aniversário. Aniversário de namoro de Sol. Casamento de Circe.

O olhar dela ficou distante.

— Depois que o Flash evaporou os mares, fiquei presa dentro de um aquífero debaixo do solo do oceano, incapaz de ter contato com minha ilha natal, incapaz de ir atrás do meu noivo, de toda a minha família. Levou meses para que me libertasse. Assim que encontrei o que restou deles, estava tão seca e sedenta que não consegui derramar nem duas lágrimas.

— O que você fez? — Pétalas apareceram na superfície do rio. Sem pensar, eu tinha brotado rosas pela sua dor, dispersando-as.

— Eu... eu... — ela parou de falar, ficando quieta por tensos momentos, antes de finalmente dizer: — Já basta disso — ela acenou de leve e a água do rio oscilou. — Estamos falando sobre você e Morte agora. Você tem o potencial de feri-lo mais do que em jogos anteriores.

Deixei que ela mudasse de assunto.

— Como?

— Ele tem dois milênios de idade. Passou todos esses anos de um jeito. Agora, por esse curto período de tempo, realmente um piscar de olhos comparado ao resto de sua vida, um nobre cavaleiro de uma era diferente se vê apaixonado. Você esteve com ele pelo equivalente a um segundo, mas ele já *vacila*.

Como se sofresse de uma aflição. Como os Enamorados disseram.

— Morte almeja conhecimento — disse Circe. — Que frustrante que alguns mistérios devam continuar não solucionados mesmo depois de milhares de anos. Ele agora compreende o que significa amar outra pessoa, mas não o que é ter o seu amor retribuído.

— Eu o amo.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Evidentemente.
O que eu podia dizer? Por que convencê-la?
— Morte me disse que o Louco lhe mostrou uma visão com dez espadas em suas costas.
Assenti.
— A carta do dez de espadas indica que uma catástrofe vem na direção de alguém e que atacará sem aviso. Bingo, Matthew.
— Hmm.
— Hmm *o quê?*
— Essa carta também é sobre se libertar do passado e aceitar as atuais circunstâncias.
Aceitar que eu não podia mudar o destino. Como minha mãe fez com meu pai.
— Eu deveria deixar Jack pra trás? Como *você* deixou o homem que perdeu?
Ela ergueu um ombro delgado.
— Você já se apaixonou por outro.
— Jurei vingança contra Richter. Como poderia pensar em ceder essa necessidade? — *Richter, eu... não vou mais atrás de você?* — Sabe o que temo mais do que marchar para a morte ao ir lutar com ele? Que eu possa ter que viver com o que ele fez.
— Ninguém está sugerindo que desista de sua vingança. Mas e se não pudermos encontrá-lo por seis meses? Dois anos? Vai deixar de viver até lá? Também forçará Morte a deixar? Ele anseia ser um homem normal. Nem que seja por um dia. Não dará isso a ele?
— Eu falei para ele sobre o nosso tempo limitado — eu disse, ainda sofrendo pela minha falta de jeito.
— Tudo que consegui foi insultá-lo.
— Ele queria uma esposa. Não uma amigona.
Ela ouvia *tudo* que acontecia no castelo?
— Eu não quero magoá-lo, mas não sei o que fazer.
Ela prendeu meu olhar.
— É aí que está a lição da carta, Evie Greene. A lição da *vida*. Quando não puder mudar sua situação, deve mudar a si mesma. Precisa se erguer e continuar andando, *mesmo* com as dez espadas em suas costas.
O que era mais difícil do que morrer? Viver um pesadelo.
Mamãe tinha aprendido a viver sem meu pai. Aprendi a viver sem minha mãe. Eu poderia continuar sem Jack?
— Eu nem deveria estar pensando em Aric. Desobedeci os ditames do jogo e fiz com que Jack morresse. E se eu fizer o mesmo com Aric?
Circe fez um som de divertimento.
— Você sempre se achou muita coisa. Acredita que *você* teve algo a ver com aquele massacre? Pense logicamente. Richter poderia ter revertido a ordem dos seus ataques — visando o Forte Arcana antes, vaporizando o Mago, um dos lobos de Fauna e a fortaleza dos seus inimigos. Ele poderia ter atirado no exército usando o helicóptero depois. Ao invés disso, ele visou mortais e *um* jogador. A Lua.
Meus lábios se abriram.
— Por que ela era uma ameaça maior a ele.
— Ela era o único jogador na área que poderia matá-lo *à distância*. Richter também visará a Torre, já que Joules partilha dessa habilidade — ela disse. — Então se vamos culpar alguma carta pela morte do seu mortal, culpe a Lua.
— Eu nunca a culparei.
— E ainda assim culpa a si mesma? — Circe sacudiu a cabeça e o rio ondulou. — Digo que culpemos o Imperador — podia ser fácil assim?
Richter sempre teve Selenia em mente? Se o destino não podia ser alterado — então ela estava condenada a morrer no segundo em que a salvamos dos Enamorados.
Engoli em seco. Nunca me esqueci como ela me abraçou forte naquela noite, chocada por eu ser realmente uma amiga leal. *Até o fim, Selenia.*
— O jogo continua girando — no fundo do seu abismo, Circe girou um dedo e um redemoinho surgiu aqui.
Desde que minha avó me falou para procurar símbolos, eu os via em todo lugar. Símbolos do infinito. Um arco. Uma fratura na pedra no formato de um raio.
Um redemoinho.

Recordei meus sonhos: quando o Mago tinha criado aquele símbolo do infinito para Fauna, já existia um naquela cena. Atrás dos dois, as caudas compridas dos leões tinham se curvado uma sobre a outra formando dois nós perfeitos.

Padrões continuavam a aparecer ante os meus olhos. O redemoinho de Circe era como um helicóptero ao pousar. Ou um carrossel que nunca mais giraria para o outro lado. Como um torniquete girando.

— Mas por quanto tempo? — ela murmurou e seu redemoinho foi se fechando.

— Algum jogo já durou mais que dois anos?

— O que realmente quer saber é se tem algum tempo restante pra superar. Para aceitar as dez espadas em suas costas e ainda se levantar. Para *viver*. Faça a pergunta certa que eu responderei.

Eu tive que limpar a garganta para dizer:

— Ainda tenho tempo?

— Ainda que tivesse uma mera hora, deveria se erguer — seus olhos pareciam brilhar como algo fosforescente. — Emoções são como marés. Enquanto espera que seu pesar baixe, Morte está sendo levado para longe de você. Logo ele estará fora de seu alcance para sempre.

Pânico cresceu.

— Sou a única que ele pode tocar. Ele *tem* que me querer — como vovó tinha dito.

— Estúpida Imperatriz! — Em seu templo, Circe apertava seu tridente.

Do rio, uma onda levantou na forma de uma mão, preparada para me esbofetear. Eu recuei.

— O que foi?

A onda se dissipou e a sua janela de água se dissolveu, misturando-se à superfície.

— Pode ir para a cama com ele quando quiser — ela sussurrou, a voz desaparecendo. — Mas a cada hora que passa, o coração dele fica mais frio igual sua espada.

Aric também estava estrangulando o coração.

Sozinha, fitei o rio e me lembrei de suas palavras na noite anterior à minha decisão: "que todos os deuses sejam testemunhas, eu te desejo, mas você precisa saber que tem meu amor. Ele é seu, sievã. Inteiramente confiado a você. Cuide dele."

Mas não cuidei.

Ele acreditava que se dormíssemos juntos — se déssemos esse passo — eu finalmente seria sua. Pelos últimos dois milênios, ele me levou para a cama várias vezes, só para ver suas esperanças esmagadas em todas as situações.

E não só em um passado distante. Alguns meses atrás quase dormimos, mas recusei por falta de proteção — e pelo meu amor por outro homem. Antes de finalmente escapar dele, eu o deixei inconsciente usando uma droga em meus lábios — enquanto estava na cama com ele. Ele achou que eu tinha tentado matá-lo outra vez. Com os olhos devastados, ele disse:

— Você me mataria antes de me aceitar.

Por que ele *não* me viraria o coração? Se fosse até ele com outra promessa vazia, eu o *perderia*.

Uma vida com ele tinha parecido tão complicada, tão carregada de intrigas. Mas agora a ideia de nós dois envelhecendo juntos parecia ridícula. Minha preocupação com o acordo de Morte com Lark não contava mais?

Aprendi a minha dolorosa lição: *alguns destinos* não podem ser *mudados*.

Essa lição não deveria se aplicar a tudo? Se meu destino era ficar com Aric, então talvez Morte fosse inevitável. Em todos os sentidos.

Em meu caminho de volta ao castelo... neve começou a cair.

Eu estava congelando, mas suor manchava o banco de vinil da camionete. Ardendo em febre? Minha boca estava tão seca, minha cabeça rachando. Meus pulmões crepitavam. Eu tremia, chacoalhando

incontrolavelmente.

Nada disso importava não, por que eu conseguia ver Evie. Lindos olhos azuis e lábios curvados.

Ela gostava de tomar conta de mim, de me mimar. *Ma belle infirmière*. Eu podia vê-la tão claramente que ela tinha que estar aqui comigo: conseguia até sentir seu cheiro de madressilva.

— Evie, *bébé*... é você mesma?

A camionete freou de repente. A porta de Matthew se abriu. Então *minha* porta abriu? Ele me puxou para uma posição sentada.

Evie *não estava* aqui. *Dilacerado, sim*. Eu forcei a vista, vi neve caindo.

Nevava onde ela estava? Ela poderia estar pensando em mim? Eu faria qualquer coisa para vê-la novamente.

Só uma vez.

— Seu futuro se recusa a se comportar — *Coo-yôn* arrancou a jaqueta que arrumou para mim. *Cima era baixo*. Então se afastou. E me soltou...

Eu despenquei, caindo fora do assento e no chão. O *sosie* estava me largando no acostamento? Por que eu estava pra morrer?

— Olha, vamos conversar... um pouco, *coo-yôn*.

Ele pegou meu tornozelo bom e me arrastou para longe da camionete. Ele me atirou em um... banco de neve.

A Imperatriz

Jack e eu nos maravilhamos com a neve. Eu girava em círculos enquanto os flocos caíam, tontura me devastando.

Eu sabia que isso me faria ficar louca. Ofegando eu despenquei, lágrimas correndo pelo rosto.

Os animais de Lark tinham ficado calados. A correnteza do rio parou. Para melhor ouvirem meus soluços. Eu tinha tanta saudade de Jack; tinha tanta saudade de Aric. Eu chorava pelos dois.

Os céus se abriram com uma intensa chuva de neve até o chão ficar pintado de branco.

— Não é incrível? — perguntei a Jack naquele último dia. — Tudo parece limpo.

O que eu deveria ter dito: "você está pra morrer e não há nada que eu possa fazer. E em algumas semanas, estarei tão louca que decidirei viver por mais do que uma vingança."

Para apertar o meu torniquete, até mesmo agora. Para adiar uma dor que podia me enterrar. Para me levantar e andar.

Achei que ao ver a neve — e todas essas emoções que ela trazia — me deixaria menos propensa a ficar com Aric.

Bem o oposto: pois conseguia enxergar meu futuro com muita clareza. Se ele morresse antes de mim, algum símbolo — como a neve — marcaria o fim de sua existência. Depois eu vivenciaria aquele marco (por que tudo estava conectado) e desejaria a Deus ter tomado um rumo diferente.

Morte *era* inevitável. Por que fazê-lo esperar mais? Em um mundo perfeito, eu levaria mais tempo para lamentar a morte de Jack e colocar a mente nos eixos.

Este mundo era o oposto de perfeição.

Decidi então que mapearia minha própria jornada e faria meus próprios marcos. A neve simbolizaria o fim de uma história e o começo de outra.

Uma nova página. Mas não em branco. A fita vermelha seria uma lembrança adorada, mas eu não a levaria comigo em todos os momentos.

Deitei na neve e levantei a cabeça para o céu. Flocos caíam em meu rosto molhado. Cada um deles era um beijo frio de despedida.

O Caçador

Deitado naquele banco de neve, olhei para os flocos que caíam. Eles caíam pelo meu rosto. Suaves, suaves. Como os lábios de Evie. Com esforço, levantei minha mão cheia de cicatrizes para o céu. Fechei os olhos e fingi que minha Evangeline estava cuidando de mim.

J'ai savouré. Eu saboreei cada beijo frio...

34

A Imperatriz

Dia 451 D.F.

— Ainda tem só dois ícones? — Vovó murmurou quando sentei ao lado de sua cama.

Na última semana a neve tinha derretido como se nunca tivesse caído — enquanto eu permanecia mudada. Tomei uma decisão que afetava meu futuro e depois comecei os preparativos.

Logo eu me ergueria.

— Por que não conseguiu outra marca? — ela perguntou, a voz fraca enrolada. — Por que seus poderes estão sofrendo?

Eles continuavam a enfraquecer. Eu tinha uma teoria sobre isso, mas a afastei da mente.

— Ei, eu trouxe umas fotos comigo — peguei meu laptop e sentei na cama. Embora quisesse aprender mais com ela, eu me recusava a ouvir quando falava em matar meus amigos. Então buscava outros assuntos.

Abri os álbuns de família. Enquanto passava por eles, os olhos dela pareciam ofuscados, como se não estivesse vendo as imagens. Mesmo assim, ela fitou uma foto do meu pai.

Eu disse:

— Queria me lembrar dele.

— David costumava te carregar pela fazendo em cima dos ombros — ela disse. — Ele lia para você todas as noites e a levava ao rio para atirar pedras. Ele a levava para afagar todos os filhotes de animais ao alcance de uns quinze quilômetros. Cordeiros, gatos, cachorros — ela respirou com esforço. — Ele te levava nas plantações e nos jardins. Mesmo nessa época, você acariciava a casca de um carvalho e beijava um broto de rosa. Se a cana estivesse suspirando no dia, você adormecia nos braços dele.

Eu imaginei tudo: a cana-de-açúcar, a fazenda, os carvalhos majestosos, o rio preguiçoso que sempre tinha peixes saltando. Minhas raízes estavam lá, mas sabia que nunca voltaria. O sonho de Jack era retornar e reconstruir Haven. Um sonho que compartilhamos. Eu me sentiria uma traidora voltando para casa sem ele. Além disso, seria doloroso demais. Tudo me lembraria do amor que perdi.

— A morte de David foi tão desnecessária — ela disse. — Não sei o que ele fazia perto daquele moedor de cana.

Meus olhos dispararam nela.

— Como assim? Ele desapareceu em uma viagem de pesca no Basin.

Ela franziu a testa para mim.

— Foi sim. Claro.

Arrepios subiram pela minha espinha. Ela estava *mentindo* pra mim? Por que mentiria, a não ser que...

Não, não. Sacudi minha cabeça com força. Ela tinha a mesma névoa mental que eu, compreensível já que sofreu derrames.

Com todas as trapaças no jogo, eu estava paranoica. Ela amava minha mãe. Mamãe amava meu pai. Vovó nunca o machucaria.

— O amor da vida dela foi embora para sempre — murmurou vovó. — Quase quebrou sua mãe. Agora *você* está quebrada. Está ficando mais fraca. Se não ganhar este jogo, então minha vida não significou nada. O sacrifício que Karen fez por você não significará nada. Nada! — Pela centésima vez, ela disse: — Elimine a pequena Carta da Força. A fruta mais baixa da árvore.

Meu poço de paciência cuspiu areia, seco como um osso. Fechei o laptop com força e me levantei.

— Nunca concordarei com a senhora sobre os outros Arcanos daqui. Devíamos evitar discutir isso.

Procurei outro assunto, percebendo que não existia. Todas as conversas levavam de volta ao assassinato de Aric e dos meus amigos.

Como se eu não tivesse falado, ela disse:

— Mais fraca, mais fraca. Pegue os ícones enquanto ainda pode. Até o de Morte. Seduza ele para que tire sua armadura e então dê o bote. Use o seu beijo envenenado!

Perdi a paciência.

— Eu *não* vou matar Aric. Eu *nunca* o machucarei!

Finalmente ela pareceu ter me ouvido. Compreensão iluminou seus olhos pela primeira vez em uma eternidade.

— Santo Deus... você... você... *ama* aquele monstro — seu rosto ficou vermelho e manchado. — Não nega isso? Você vai se arrepender! — Ela teve um ataque de tosse. — E-eu passei oito anos em uma instituição, enjaulada, trancafiada, por sua causa! Mas você se recusa a me ouvir. *A enxergar*.

Eu me afastei dela. Talvez ela tenha feito até mais do que aqueles oito anos. Minha avó poderia ser uma assassina pela causa Arcana. E agora sua jogadora se recusava a obedecer.

Uma veia de raiva pulsava em sua têmpora.

— Você quer tanto Morte que ele acabará com a sua vida. Ele tomará sua cabeça; eu juro. E se tiver mesmo se apaixonado por ele, vai *merecer*!

Enquanto eu a olhava em descrença, Paul entrou no quarto.

Em um tom firme, ele me disse:

— Evie, precisa descansar. Agora. Eu ficarei com ela até de manhã.

Vacilei em meus pés. Eu precisava de *Aric*. Precisava que fôssemos como éramos. Eu não estive sempre nesse caminho até ele? Nossa história se construía há dois mil anos. Eu poderia muito bem tentar conter as ondas do oceano.

Jack não me censuraria por isso, não no fim do mundo.

E desta vez, eu não iria até Aric com nada de novo a oferecer.

Falei para vovó:

— V-vou voltar logo — atordoada, fui até o estúdio de Aric. Animais passaram por mim nos corredores — um gato preto, um coelho e um bode. Na sala de estar, um filhote de urso e um de leão brincavam, rasgando o carpete.

O santuário bem ordenado de Aric tinha sido tomado. Ele ia ficar furioso.

Abri a porta do estúdio. Não estava lá. Mas senti uma dor de ver que ele deixou a papoula crescendo na mesa. Eu a abasteci um pouco para que ela se animasse e fui até o pátio de treinamento. Nem sinal dele. Depois fui ao estábulo.

Thanatos não estava.

Corri até o rio.

— Circe! Onde Aric foi?

— Hmm.

— Não vem com essa droga agora, Sacerdotisa!

— A última vez que o vi — ela respondeu em um tom fragmentado — seus olhos estavam acesos de angústia.

Corri de volta pelo caminho íngreme. Encontrei Lark em seu quarto — que agora estava até o teto de pelos, penas e escamas. Pisei na pata de alguma coisa e ganhei um silvo.

Como sempre, os olhos de Lark ficavam vermelhos enquanto ela procurava.

— Onde está Aric?

Ela sacudiu a cabeça para sair do transe.

— Saiu.

Meus glifos incendiaram.

— *O que?* — Ele saiu sozinho? Com o Imperador à solta? E se Aric nunca voltasse? Se Richter o encontrasse...

— Calma, impura. O chefe anda saindo e voltando nas últimas semanas. Você só nunca notou.

Culpa se revirou dentro de mim.

— Aonde ele foi?

— Sei lá. Ele sempre passa pela minha rede de comunicação animal quando estou dormindo. Então ele fazia de propósito por que não queria que soubessem aonde ele ia. Ainda assim...
— Lark, preciso que Cyclops fareje seu rastro e me leve até ele.
— De jeito nenhum, Evie! — Ela levantou as mãos, as garras curvadas. — Ele ficaria furioso! Isso seriamente me colocaria na lista negra dele.
Estreitei os olhos.
— O que te faz pensar que eu não faria pior que ele?
Ela inclinou a cabeça.
— Ótimo argumento.

O Caçador

*Em algum lugar a leste do velho Rio Mississippi
Mais perto ainda...*

Outra camionete. Outra estrada.
Mas Matthew jurou que nos aproximávamos do nosso destino.
Pouco menos de uma semana tinha passado desde que ele baixou a minha febre na neve. Só ontem que senti o primeiro sinal de esperança de que aguentaria em pé e com perna, afinal. Eu usava uma muleta e uma braçadeira rudimentar para andar, mas era rápido em melhorar.
Minha visão e pulmões clareavam, mas minha cabeça e coração ainda sofriam, porque eu sabia que estava ficando sem tempo para chegar na minha garota. Urgência me rasgava até eu achar que fosse endoidecer.
Ela se lembraria que sempre seria Evie e Jack? Que nem a morte — ou Morte — podia nos separar? Ela lembraria como foi perfeito entre nós dois?
Com ela eu conheci a verdadeira paz pela primeira vez na vida. Não aconteceu o mesmo com ela?
Enquanto eu e *coo-yôn* cobríamos quilômetros, ansiava ter aquele celular — com as fotos de Evie — e a fita com a gravação. Quando fiquei longe dela outra vez, usei sua voz como droga. Agora eu era um viciado precisando de uma dose, mas minha mochila foi roubada faz tempo. Perdida para sempre.
Matthew tinha conseguido outra para mim — *cima era baixo* — mas estava vazia. Apropriado. Porque eu estava começando com nada.
De trás do volante, *coo-yôn* disse:
— Você precisa dela.
— Me fale uma coisa que eu não sei.
Ele enrugou a testa me entendendo no sentido literal.
— Você não sabe do futuro. Eu vejo *longe*. Vejo uma linha contínua que se estende até a eternidade, e volta a si mesma.
— Hã-hã — *me espera, peekôn, eu tô chegando*.

35

A Imperatriz

Em algum lugar nas Cinzas

Enquanto eu seguia Cyclops a cavalo pela chuva, pânico era minha companhia constante.

Fiquei tão maluca no castelo que mal tive tempo de preparar uma mochila antes de galopar pela estrada, com Cyclops na frente.

Eu não tinha ideia de quanto tempo ou da distância que se passou desde que Circe havia aberto suas comportas para mim. Escuridão dava lugar à escuridão enquanto eu subia trilhas nas montanhas e atravessava cânions.

Nenhum sinal de vida. Sem Baggers. Só cinza.

Para me manter ocupada — e para evitar relembrar as palavras da minha avó — tentei sentir as sementes enterradas na terra. Surpreendentemente havia muitas. Em certo ponto, devo ter passado por uma antiga fazenda; o solo estava cheio delas.

Quando cheguei ao topo de outro monte com a vista de um vale, Cyclops ficou mais animado, virando a cabeça enorme para mim com mais frequência.

— Estamos perto? — *Falando com um lobo outra vez.*

Ele fungou, o que eu considerarei um bom sinal.

Seguimos uma trilha que serpenteava e descia gradualmente, contornando o vale antes de se abrir em uma clareira.

Estava quase em uma pequena cabana antes de perceber o que estava vendo; a estrutura parecia ter sido construída bem ao lado da montanha. Ao seu lado havia um estábulo sob uma saliência na rocha.

Thanatos! O enorme cavalo de guerra bufou uma ameaça para mim, mas não me importei. Amarrei meu cavalo ao seu lado e então corri para a cabana.

A porta não estava trancada, compreensível com Thanatos como vigia. Coloquei a cabeça dentro, chamando:

— Aric? — Sem resposta.

Que lugar estranho. As paredes pareciam de... cobre. Mapas de constelações estavam presos em molduras. Algum tipo de aparelho eletrônico cobria uma larga mesa de trabalho.

As coisas de Aric estavam num quarto nos fundos. A sua *armadura*! Por que ele estava lá fora, desprotegido? Meu pulso correu tão rápido que pensei que ia desmaiar. Ele poderia estar correndo perigo neste momento!

Poderia estar morto.

Com um grito, saí correndo da cabana.

— Me leve até ele! — comandeí Cyclops. O lobo começou a correr, seguindo um caminho entre rochas. Enquanto eu ia atrás dele, a chuva ficou mais intensa, tamborilando em minha cabeça. Relâmpagos reluziram...

Um bloco de gelo do tamanho de uma bola de futebol caiu a um metro de mim e outros menores salpicaram ao redor. Granizo pós-apocalíptico? Aric estava sem o elmo!

— Vamos, lobo!

O caminho fazia um desvio em uma rocha aflorada; corri por ele até uma outra clareira e então vacilei o passo. Um patamar elevado se estendia à minha frente. Em cima dele havia uma antena gigante de vários metros de altura.

Aquilo era um telescópio? Ou algum tipo de receptor? O Flash tinha pintado a expansão metálica de preto em alguns lugares.

Ergui a mão para proteger os olhos da chuva. Avistei Aric. Ele escalava a base da estrutura por entre a armação. Isso explicava sua falta de armadura. Ele nem usava camisa ao se mover sem esforço de viga em viga.

Por que ele estava aqui? Sem me importar com o granizo nem com os raios, encontrei um caminho que levava para cima. Assim que cheguei ao patamar, ele me viu.

Ele saltou do que deveria ser uns seis metros e veio em minha direção. Seus músculos flexionavam cheios de tensão e as runas tatuadas em seu torso pareciam ganhar vida.

Ele me contou que aquelas marcas agudas eram a nossa história, para lembrá-lo de nunca confiar em mim. Eu disse a ele que a história não precisava se repetir.

— O que inferno faz você aqui? — Ele parecia ficar maior a cada passo, o corpo vibrando com agressão. Na noite, seus olhos brilhavam de fúria.

Eu me recusava recuar, encontrando-o na metade do caminho.

— Eu vim te encontrar!

— Alguma emergência que não podia esperar?
 Não. Talvez. Sim!

— Que lugar é esse?

— *Era* um santuário. Já que o meu se estragou — ele olhou para o lobo com raiva e Cyclops saiu andando com o rabo entre as pernas.

— Estragado? — gritei. Ele estava tão cheio de mim que queria que eu me mudasse?
 Ignorando-me, ele se virou, voltando para a antena.

Lutei para manter o ritmo dos seus passos largos enquanto ele adentrava ainda mais da estrutura.

— Quer que eu saia do castelo? — tive que gritar quando a tempestade que piorava bateu no metal acima de nós.

Ele se virou, enfiando os dedos no cabelo ensopado.

— Não foi o que quis dizer.

— Então o que? — Eu sentia como se estivéssemos alfinetando um urso. A tempestade só elevava a tensão entre nós.

— Não posso ficar sentado lá e ouvindo aquela mulher envenenar sua mente! E se eu disser ou fizer qualquer coisa, só estarei provando suas acusações insanas.

— Você assume que a estou deixando me envenenar?

— Se ela não o fizer, suas crônicas farão.

— Eu já as li. Lembrei muito mais de você. E aqui estou.

— Por que veio? — Seu peito molhado ficou imóvel. Ele estava prendendo a respiração!

Desviei os olhos. Como dizer isso?

— Você... você não está seguro aqui sem ninguém para dar um apoio!

Ele apertou os punhos, os músculos dos braços salientes.

— Suba no seu maldito cavalo e me — deixe — em — paz.

O que pareceu uma explosão retumbou acima de nós. Dei um pulo e olhei para o lado quando um granizo ainda maior caiu do céu. Encarando-o, jurei:

— Não vou a *lugar algum* sem você, Aric.

Confusão.

— Por quê?

— Porque eu te amo.

Sua mão atacou. Seus dedos fizeram uma jaula frouxa em volta da minha garganta.

— Nunca mais repita isso!

Engoli em seco, sabia que ele conseguia sentir o movimento na mão. Sussurrei:

— Eu te amo.

Com a outra mão, ele esmurrou o metal, enviando vibrações pela estrutura.

— Eu disse que algo morreu em mim no dia em que o escolheu! Deixe esse algo em paz.

Sacudi a cabeça.

— Eu posso trazê-lo de volta à vida.

Ele estreitou os olhos.

— Por que faria?

— Séculos atrás, você me disse que nasceu pra mim e eu pra você. Me disse que me convenceria disso um dia. Você *convenceu*, através do seu cuidado. E sua paciência e generosidade. Sua proteção altruísta.

— Maldita seja, Imperatriz! — Ele estava vacilando. Moveu a mão da minha garganta para a minha nuca. Tão firme na batalha, sua mão agora tremia.

Minhas missões tinham mudado mais uma vez: destruir Richter e fazer Aric feliz. O tempo se esgotava para cumprir as duas. O que queria dizer que eu forçaria minha mente para longe do passado. Da outra metade do meu coração.

— Não temos tempo pra isso.

— Para o quê?

— Para não ficarmos juntos.

Ele soltou a mão, parecendo enrijecer contra mim.

— E ainda assim seu interesse é despertado apenas por conta de nossas circunstâncias.

Eu falei dos meus sentimentos; me expus. Nunca esperei toda essa hostilidade.

— Eu vim aqui — apesar de todas as coisas se passando na minha cabeça — pra te oferecer o meu

futuro. E se recusa a me encontrar em nem um décimo do caminho? Esta é a realidade das nossas "circunstâncias".

Ele estava fervendo com algo que parecia muito com... ódio.

— Se Deveaux estivesse aqui, você o escolheria.

— Ainda me castigando pela minha escolha? — Mas então seus olhos cederam um brilho de outra emoção. Uma percepção dos meus sonhos e do nosso passado me atingiu, e pra variar, uma clareza faiscou na minha cabeça bagunçada. — Esse não é o maior problema, é? Isso você pode superar. Não, você está me afastando... por *medo*.

Não era negação.

— Neste momento você tem medo que algo nos separe mais uma vez. Você prefere ter o sonho permanente de um futuro do que arriscar ter sua esperança esmagada outra vez.

Em um vislumbre raro de vulnerabilidade, ele disse:

— Toda vez, bem antes de dar o bote, eu... *acreditei*. No último jogo, o fim da esperança quase me destruiu. Aqueles primeiros momentos depois de sua morte, quando compreendi que passaria uma dúzia a mais de vidas sozinho... — Sua expressão ficou desolada. — Eu não sobreviveria outra vez.

— E eu não sobreviveria perdendo você — pressionei as pontas dos dedos nas têmporas. — Talvez nós *não devêssemos* ficar juntos. Parte de mim ainda teme que eu esteja arriscando a sua vida — por causa do jogo ou dos deuses ou do que seja — só por te amar.

— Eu não acredito. Mas digamos que seja verdade. Eu aceitaria qualquer risco se *soubesse* que seria seu marido de verdade. Compreenda: se eu pudesse trocar setecentos anos como vencedor por sete meses como seu marido, eu aceitaria essa barganha em um instante. — Ele deu um passo mais perto, olhando para mim. — Eu trocaria aqueles séculos por sete dias. Sete *horas*.

— Aric... — deslizei mais perto, inalando seu cheiro intoxicante. — O que vamos fazer?

— Não posso jurar que nunca vai me perder e nenhum juramento seu aliviará o meu temor — nada poderia convencê-lo de que nós realmente — depois de dois mil anos — dormiríamos juntos.

— Então talvez devêssemos fazer uma promessa *sobre esta noite* — eu disse. — Ou consumamos a nossa relação agora — ou nunca. Se não prosseguirmos, nossos maiores medos de certa forma se tornarão realidade.

— Esta noite? — Sua voz ficou rouca.

Eu assenti levantando os olhos para ele, doendo de vontade de tocá-lo. De traçar aquelas runas e fazê-lo tremer.

— Hoje — raios estalavam no céu e a chuva de granizo ficou mais barulhenta. — Antes que você decida, preciso que saiba de uma coisa — coloquei as palmas em seu peito morno. Seu coração batia depressa debaixo dos meus dedos. — Sem considerar qualquer outra coisa... eu te quero.

Uma luz hipnotizante brilhou em seus olhos.

— Isso, você *deve* dizer outra vez.

Umedeci os lábios.

— Eu te quero — desejo chiava entre nós. Logo nenhum de nós seria capaz de lutar contra ele.

— Por todas essas vidas esperei que dissesse isso e que fosse *verdade* — ele tinha séculos sem fim de solidão reprimida — e luxúria.

Eu quase tive medo do que ele estava prestes a libertar.

— Eu falo de verdade — eu me abaixei para dar um beijo em uma de suas runas, minha língua provando a chuva da sua pele molhada.

— *Meus deuses* — com a voz rouca, ele disse: — E então sou apanhado? Não vou nos negar, por que *não posso*?

Eu me afastei tirando a mochila, o olhar indo à sua boca, para aquela covinha sexy no centro do seu lábio inferior.

— Vamos conversar depois que você me beijar.

Ele passou os braços em volta de mim.

— Boa ideia — ele se curvou, os lábios vindo por cima dos meus. Com o contato, meus olhos se fecharam; seu grunhido dolorido vibrou em minha boca. Quando sua língua deslizou por entre os meus lábios, preendi as mãos em volta do seu pescoço.

Ele inclinou a boca, a língua lentamente se enrolando na minha. Para alguém com tão pouca prática, ele sabia beijar de um jeito destruidor. Ele tinha gosto de chuva e de desejo.

Meus dedos dos pés se curvavam enquanto dividíamos a respiração. Em certo ponto, ele tinha começado a me segurar nos braços — minhas pernas cedendo.

Agarrando minha bunda, ele me ergueu com facilidade. Grunhiu em aprovação quando enlacei as pernas em volta do seu quadril.

Minhas mãos voaram aos seus ombros, apertando em deleite enquanto seus músculos ondulavam debaixo das minhas palmas.

Mas nós interrompemos o beijo, o que me deixou sem fôlego. Seu olhar se estreitou cheio de objetivo. De possessividade.

— Se cruzarmos esta linha, não haverá como retornar. Jamais deixarei você ir. Você será minha esposa de verdade.

— Nem eu vou te deixar ir embora. E você será o meu marido — Ele. Era. Meu.

— Nós seremos para sempre. Nós *somos* para sempre.

Olhei para o seu rosto nobre, erguendo a mão para acariciá-lo.

— Sim.

Seus olhos se fecharam quando passei os dedos pela linha de sua mandíbula, pelo seu queixo forte e por cima de uma proeminente maçã do rosto.

— *Sievā* — essa única palavra veio carregada de anseio.

Ele deseja ser um homem normal. Eu estava determinada a lhe dar tudo que quisesse de mim. *Agora.* No meio de todas as minhas emoções, *eu* temia que algo impedisse isso. Os deuses, o universo, o que fosse... Quando tirei o capuz do poncho, seus olhos se arregalaram.

— Aqui? — Ele engoliu com dificuldade. — Eu preciso prepará-la... você deveria ter uma cama... — Sua sentença morreu quando tirei o meu suéter, relevando meus glifos brilhantes. Eles refletiram nos seus olhos.

— Aqui Aric — abri o sutiã no fecho da frente, tirando a peça.

Ele me olhava com tanta fome que meus seios pareciam se inchar, doendo para que suas palmas grossas os cobrissem. Eu choraminguei, arqueando as costas.

Ao ver isso, seu queixo caiu. Suas pupilas dilataram. E então veio mais daquela luz estelar. Como o nascer do sol.

Quando puxei sua mão, a chuva e o granizo se intensificaram. Fiquei feliz pela tempestade louca à nossa volta. *Parece apropriado.*

Ele me acariciou, contendo um som engasgado de prazer.

— Isto terá terminado antes de começar.

Meus olhos ficaram pesados.

— Não espere nem mais um segundo.

Ele sacudiu a cabeça com força.

— Eu não planejei isto, não tenho o que usar.

— Estou prevenida — eu tinha me recusado a abordá-lo sem nada de novo para prometer, então fui até Paul pedir um contraceptivo na noite da neve. — Estou pronta, Aric — para essa primeira vez. — Pra você — eu me entreguei completamente ao desejo, adrenalina e à necessidade louca de viver a paixão com ele. Meus sentidos estavam sobrecarregados. Minha pele corada, as extremidades nervosas supersensíveis.

Senti cheio de chuva, de eletricidade, o cheiro viciante dele. Como ele podia cheirar tão bem? Seu gosto permanecia na minha língua fazendo minha cabeça girar.

— Estou pronta *agora*.

Minha expressão deve ter traído as minhas emoções; ele parecia perplexo.

— *Sievā*?

Uma veia pulsava freneticamente em seu pescoço, atraindo meu olhar. Eu me inclinei para beijá-la. Com um gemido, chubei sua pele, sentindo o pulso forte contra a língua.

Ele jogou a cabeça para trás. Falou algo em Letão que parecia um palavrão. Em um tom atordoado, ele disse:

— Isto vai acontecer. Eu... eu *acredito*.

O espanto em sua voz me deixou desesperada por ele.

— Agora Aric — relâmpagos reluziam quase tão claro quanto a luz do dia, trovão estrondando meros segundos depois. — Antes que algo nos impeça!

Ele ergueu um joelho me prendendo contra um suporte de metal para livrar as mãos.

— Nada poderia me impedir. *Nada* — ele rasgou a minha calça de montaria, puxando-a junto com a

calcinha até meus joelhos. Infeliz com a barreira entre nós, ele usou sua força para rasgá-las ao meio.

Meus glifos serpeavam loucamente.

Ele arfou, o olhar arrebatado seguindo os dedos quando eles vagaram entre as minhas pernas. Por cima. Por dentro. Ele grunhiu com a sensação.

— Você é tão perfeita.

Girei o quadril em sua mão.

— *Sim, sim* — ele murmurou ao me ver contorcer. — Você gosta do meu toque — ele me provocou até eu quase chegar lá.

— Não espere!

Tecido se rasgou quando ele desceu a calça pelo quadril estreito. Entre as minhas pernas, sua ereção cutucava e experimentava.

Eu gemi, minha cabeça caindo de lado.

Ele agarrou meu cabelo com força, segurando a minha cabeça.

— Olhe para mim — nossos olhares se encontraram e ele começou a pressionar para entrar. Com os olhos maravilhados, ele falou: — Deuses onipotentes — seus músculos do peitoral flexionavam contra os meus seios, suas runas seculares beijando-os.

De repente, ventos sopraram e a estrutura grunhiu. Aric suportou cada rajada; ele era forte. Enquanto me agarrava à ele, meu cabelo chicoteava ao vento, as mechas o atacavam como videiras.

Balas de canhão de granizo espancavam a antena. Mais alto. Mais alto. *Mais alto.*

Tão ensurdecedor que precisei gritar. Vibrações sacudiam o metal nas minhas costas. Raios caíam em rochas próximas. Pedacinhos de pedras batiam como dardos na minha pele. O trovão rugia tão violentamente que eu sentia a repercussão do som na minha barriga.

Chuva torrencial, granizo, raios, ventania — como se o universo nos alertasse para não continuar. Duas forças opostas se unindo.

Vida e Morte.

Com a testa descansando na minha, ele soltou:

— Podemos ir... pro inferno por isto — mas isso não o impedia; a pressão aumentava enquanto ele entrava mais.

Eu ofeguei.

— Então o governaremos juntos.

Seus lábios se abriram.

— *Es teví mīlu* — eu te amo.

Por um momento, vi Jack em cima de mim. *Um momento no tempo...*

Eu pisquei e estava olhando para os seus olhos âmbar estrelados novamente.

— Eu também te amo.

Aric inclinou o quadril e entrou até a base.

Meu grito e o dele se perderam no uivar da ventania.

Quando estava bem dentro de mim ele me apertou, de algum modo se mantendo imóvel. Eu senti seu coração martelar enquanto ele expelia palavras em Letão.

— Inglês...?

— Você é *minha* — ele se retirou um pouco com um tremor. — Quanto tempo esperei — o calor do seu corpo me queimou quando ele estocou.

— Oh, Deus, *isso* — minhas mãos desceram para o seu quadril, incitando-o.

Entre respirações entrecortadas, ele disse:

— Nada... poderia ser... tão bom assim. Nada! — segurando-me com uma mão, ele usou a outra para me acariciar.

— Aric! — A pressão dentro de mim continuava aumentando.

Ele trincou os dentes.

— Nunca quero que acabe!

Calor e fricção. Eletricidade. Os grunhidos progressivamente desesperados de Aric. A tempestade. Tudo crescia e crescia.

— Tão perto... — Logo eu estava à beira do orgasmo, só conseguia gemer e me mover no ritmo dele.

— Não posso controlar! — Seu ritmo ficou febril. — *Sievā*, você é o paraíso!

Sensações me dominaram e eu gritei.

Fracamente ouvi ele me dizer que eu era sua, que éramos para sempre, que ele conseguia sentir o meu prazer.

Que ele não podia evitar me seguir no ápice.

Seus músculos se enrijeceram. Com os olhos perdidos, ele falou:

— *Sonho?*

— Não, não...

Seu corpo arqueou com a cabeça jogada para trás. Seus urros sacudiram a noite, várias e... várias vezes...

Depois, nós ficamos abraçados, as respirações muito altas.

Ele beijou minha testa.

— Minha — ele me abraçou ainda mais forte, seus braços presos à minha volta como se ele nunca fosse me soltar.

A tempestade foi parando. Os ventos diminuíram e o granizo parou de cair. O último raio desapareceu.

36

Estávamos deitados na cama da cabana, despidos de nossas roupas molhadas e estragadas. Voltamos para encontrar Cyclops gemendo à porta, mas Aric disse simplesmente:

— Você *está mais* que perdoado. Vá pra casa.

Agora Aric aninhava o quadril entre as minhas pernas e acariciava minha bochecha com as costas dos dedos.

— Planejo tê-la a noite inteira, amor. Precisamos fazer algo mais de contracepção? — Ele mergulhou a cabeça para acariciar meus seios com o nariz.

Com as bochechas vermelhas, murmurei:

— Eu tomei uma injeção — Paul disse que começaria a funcionar imediatamente, mas esperei alguns dias só pra garantir.

Aric levantou a cabeça.

— *Premeditou* isto? — O que pareceu agradá-lo. — Nunca tive chance, tive?

— Cala a boca! — bati em seu ombro.

Ele sorriu tão sexy que me roubou o ar.

— Você *realmente* me queria, esposinha — sua arrogância tinha retornado com toda força. — Não conseguia resistir antes de amá-la; agora... você tem meu coração na mão mais uma vez.

Eu passei a mão pelo seu peito tatuado.

— Terei cuidado com ele desta vez.

Seus olhos ficaram estrelados de novo.

— Acredito nisso.

— Não ficou desapontado por eu ter tomado precauções? Você queria um filho — eu estava pronta para um futuro com Aric — mas não com um bebê.

Trazer uma criança a um mundo sem luz parecia cruel. Teríamos que descrever o sol? Talvez disséssemos: "sim, ele ficava a milhões de quilômetros de distância, mas ainda dava para *sentir* o seu calor. Acho que seria preciso vivenciar para entender."

— Eu pareço desapontado? — ele perguntou em um tom irônico. Não, parecia mais do que feliz comigo.

— Que mudança de algum tempo atrás.

— Percebi o quanto aquilo era egoísta. E as coisas estão... diferentes agora. Se nunca tivermos um filho, eu serei feliz. Quero todo o tempo que possa ter ao seu lado.

Do pouco tempo que nos restava.

Ele abaixou a cabeça para salpicar beijos na minha linha da clavícula, os lábios quentes em mim. Ele queimou uma trilha até meu pescoço... bochecha... o canto dos meus lábios. E então na boca. Segurando a parte de trás da minha cabeça, ele me beijou com vontade.

Quando nos afastamos, ele me deixou doendo, o quadril ondulando por sua causa.

Ele se ergueu nos braços fortes, passando os olhos pelo meu rosto, meu corpo, meus glifos brilhantes e meu quadril inquieto.

— Ainda acho que é um devaneio, uma das minhas incontáveis fantasias com você — quando ele me penetrou, seus olhos quase rolaram inteiramente para trás. Com uma voz sufocada, ele disse: — Como *isto* pode... ser real?

Depois ficamos de lado na cama um de frente para o outro. Eu murmurei:

— Sei que pode não ter valido à pena a espera pra você, mas foi...

— Por todos os deuses, valeu a espera — ele segurou meu rosto, teve que limpar a garganta antes de poder dizer: — Entende o quanto é preciosa para mim? Não porque posso tocá-la, isso meramente me permitiu poder reconhecê-la.

Repousei a mão onde ficava seu coração. Por dois mil anos, eu fui de um jeito. Agora isso mudou.

Suas sobrancelhas se aproximaram, como se ele tentasse examinar pensamentos caóticos. Ele abriu a boca para falar, fechou e então tentou novamente:

— Aquela tempestade forte foi uma pequena fração do que se passava dentro de mim. Olho pra você... e *me elevo*. Faço amor com você e tudo é novo; sinto... *tanto*. Estou certo de que meu peito vai explodir disso... Deus, o que digo não faz sentido, faz? — Suas maçãs altas do rosto coraram. — Esta noite abalou minha mente. *Você* abalou minha mente — ele prendeu meu olhar. — *Sievā*, sou um planeta fora do eixo.

Eu me perdi nos olhos dele.

— Eu também te amo, Aric.

O canto dos seus lábios se curvou.

Ele cochilou comigo aninhada ao seu lado. Levantei os olhos e suspirei ante seu rosto encantador, imaginando como pude ter magoado aquele homem terno e cuidadoso.

Mas agora tínhamos reescrito a história.

Ele se mexeu e abriu os olhos, o olhar âmbar estudando minha expressão.

— Arrependimentos?

Nós transamos mais quatro vezes durante a noite.

— Nenhum — Aric merecia o que fosse de felicidade que eu pudesse lhe dar. Se eu achava que o merecia? Não. Mas eu ainda o queria para mim. — Você?

Ele sacudiu a cabeça.

— Estava sonhando em cores.

37

Dia 452 D.F.

— Quer me dizer o que estava fazendo com a antena? — Perguntei enquanto nos aprontávamos para a viagem de volta. A manhã tinha chegado cedo demais.

Ele terminou de amarrar sua calça preta e então vestiu uma camisa de manga longa para usar debaixo da armadura.

— Eu venho tentando repará-la.

— O que ela faz? — peguei roupas da minha mochila. Que bom ter trazido algumas. Atualmente só usava uma das camisetas dele.

— Ela coleta sinais de radar e de rádio do mundo inteiro. E do espaço. Tudo de pedidos de resgate a rádios amadores.

— Como a encontrou?
 Ele sentou ao meu lado na cama e calçou as botas.

— Eu paguei sua construção.

— Deve ter custado uma fortuna.

— Somos muito ricos. Não que isso importe tanto agora — Agora ele era rico em comida, água e combustível. — De qualquer forma, eu sabia que qualquer que fosse a catástrofe que o jogo traria provavelmente acabaria com a comunicação em massa... — Ele começou a falar de extensões de ondas e parábolas e outras coisas que eu não entendia.

— Em inglês?

— Ela me permitiu ouvir, rastrear e, se necessário, transmitir — ele se levantou, alongando o corpo alto.

— Por que deixar a antena longe do castelo? — vesti a calcinha por baixo da camiseta. Ele me observava apaixonadamente.

— Inimigos podem utilizar transmissões para triangular posições.

— Pode rastrear o próximo helicóptero de Fortuna? — Fui puxando a calça jeans no corpo. Ele inclinou a cabeça com os meus movimentos, dizendo sem pensar:

— Poderia, mas a antena não funcionará mais sem certas partes.

— Como assim?

— Verifiquei enquanto você dormia. O granizo a danificou quase a ponto de não ter mais salvação.

— Não está com raiva?

Ele agarrou minha mão e deu um beijo no meu pulso.

— Por alguma razão estou com um humor fantástico. O melhor de toda minha vida. Minhas bochechas esquentaram.

Soltando-me, ele foi até suas coisas.

— Teremos que contar com isto — do seu alforje, ele retirou o que parecia um telefone sem fio com uma antena bem grossa.

— É um telefone via satélite? — O pai de Brand tinha um desses em seu iate. *Pai de Jack também. Aperta...* — Ainda há satélites no espaço?

— Creio que eles continuam ilesos.

— Mas e quanto ao Flash? A tempestade solar?

— Depois da tempestade de ontem, eu me pergunto se o Flash veio realmente de fora do planeta.

— Não entendo.

Ele sentou me puxando para o colo.

— E se a terra inteira for Tar Ro, a arena sagrada dos deuses? E se eles estiverem controlando tudo de dentro? Até mesmo com uma tempestade para avisar a Morte e Vida para jamais se unirem.

— O que acontecerá agora que fizemos isso? — *Não posso perdê-lo!*

Numa exibição de absoluta arrogância, ele disse:

— Nada. Eu me recuso a desistir de você. Depois de tudo que passamos para chegar a este ponto, merecemos um ao outro — vendo minha expressão preocupada, ele disse: — Venderei minha alma se for necessário.

Eu deixei o assunto morrer por enquanto — o cavalo já tinha saído do celeiro mesmo — mas decidi que ele usaria a armadura sempre que saísse. E que nunca deixaria o castelo sem mim.

— Acha que os deuses arruinariam propositalmente a sua arena Tar Ro com um apocalipse?

Ele deu de ombros.

— Talvez este seja o jogo de todos os jogos, com um campo de batalha digno dele. Ou talvez eles estejam punindo o nosso abuso do planeta.

De qualquer modo eles ainda pareciam uns filhos da mãe.

— Quem ligaria para esse telefone?

— O Centurião. Kentarch pode ser o jogador quem vai vir a mudar o jogo para nós.

Como eu achei que Tess mudaria. Mas o carrossel não podia ser revertido. O jogo continuava. Eu quis desesperadamente pará-lo. Agora isso parecia mais impossível do que nunca.

Minhas três missões atuais: fazer Aric feliz, garantir que não nos arrependamos de nada quando morrermos e matar Richter. Jurei que completaria todas as três.

— Circe disse que ele está procurando a esposa.

— Estava na última vez que nos falamos. Eles acabaram separados.
— Como Kentarch mudaria o jogo?
— Seus poderes poderiam nos ajudar a derrotar o Imperador. Quando o Centurião é intangível, nada pode detê-lo, nem uma parede de aço, nem uma erupção vulcânica. Infelizmente Kentarch não atendeu das últimas vezes em que liguei. Achei que pudesse ser o sinal do castelo, mas não é o caso.

O castelo. *Retornar para ele*. Em breve eu teria que ver minha avó outra vez. O pensamento me deixou embrulhada.

Aric notou.

— O que há de errado?

A vida real continuava invadindo a nossa lua de mel.

— Eu queria que pudéssemos ficar aqui, apertar o botão de pausa e esquecer o jogo. Esquecer da minha avó. Eu temo voltar e vê-la e isso me enche de culpa.

— Não posso imaginar o quanto deve ser difícil, mas não terá que suportar sozinha — segurando meu rosto, ele disse: — Você é minha esposa. Somos unidos em todas as coisas. Qualquer fardo que carregue também é meu.

Eu lhe dei um aceno meio estremecido. Ansiava confiar em alguém, poder depender — mas não percebi até agora o quão cheguei perto de me perder de tudo.

— Então devíamos pegar a estrada — levantei e terminei de me vestir.

— Muito bem — ele hesitou, franzindo a testa ao olhar sua armadura. Confeccionada com suas medidas, não era muito mais grossa do que um terno, o misterioso metal negro quase leve. Ele se movia com fluidez usando a armadura, e silenciosamente. Compreensível, já que a armadura pode ter sido fabricada por uma divindade da morte.

— Por que essa cara?

— Ao retornarmos, quero que cavalgue comigo. E odeio ter este metal entre nós.

Eu sacudi a cabeça com força.

— Uh-uh. Eu te quero protegido, pelo máximo de horas possível do dia.

Minha veemência o pegou desprevenido. Ele arqueou as sobrancelhas.

— Como a minha senhora deseja.

— Falo sério, Aric.

Em um tom contemplativo, ele disse:

— Esta é a primeira vez que alguém já quis a Morte *em* sua armadura.

38

Aric e eu cavalgamos na volta no mesmo cavalo comigo na frente, seus braços em volta da minha cintura. Ele removeu o elmo na metade que faltava até o castelo, embora o deixasse por perto me dizendo:

— Eu poderia colocá-lo mais depressa do que qualquer inimigo seria capaz de atacar.

Como o resto de sua armadura, seu elmo preto era incrivelmente leve — e intimidador. Eu perguntei:

— É tão incômodo assim usá-lo?

— Realmente — ele respondeu e então demonstrou o motivo. Durante a jornada, ele me beijava, ou cheirava meu cabelo, ou simplesmente apoiava o queixo na minha cabeça.

Eu não queria ter a nossa primeira briga de casados tão cedo — mas em breve eu ditaria a lei da armadura...

Cada quilômetro que nos aproximava do castelo me preocupava mais. Passei o dia inteiro longe da vovó, o maior período ausente desde que ela chegou aqui.

Ao que deveria ser o anoitecer, nós chegamos ao rio. Circe abriu as águas com um suspirado:

— Morte e Vida. *Finalmente*.

Quando ele e eu entramos no castelo de mãos dadas, um filhotinho de coioote perseguia uma garça esbelta pelo vestibulo; uma espécie de peru estava empoleirado no corrimão, abrindo as asas como se quisesse tentar voar. Cyclops estava deitado com as quatro patas abertas, parecendo um tapete vivo. Dava para ver que ele estava trocando o pelo.

Oh, inferno. Levantei os olhos para Aric, mas ele apenas deu de ombros.

— Não está com raiva?

Ele colocou meu cabelo atrás da minha orelha, repetindo:

— Estou em um humor fantástico.

Subi nas pontas dos pés para dar um beijo rápido nele, que rapidamente se tornou mais quente. Mas me forcei a afastar. Não poderia adiar minha visita por muito tempo.

— Preciso falar com ela.

Ele exalou.

— Tem razão — então ele inclinou a cabeça. — *Sievā*, o tempo dela se extingue. Hoje.

Por que suas palavras não me faziam sentir... *mais*?

Com a testa franzida, ele perguntou:

— Posso ir com você?

Eu mordi o lábio.

— Ela não ia gostar.

— Então ficarei do lado de fora do quarto.

Paul nos encontrou no corredor. Ele parecia exausto, deve ter passado a noite inteira acordado com ela. Acrescente mais culpa à montanha que se formava.

Ele passou incontáveis horas tomando conta dela, enfiado naquele quarto.

— Fico feliz que tenha voltado, Evie. Deve entrar e se despedir.

— Obrigada por ficar com ela — o que faríamos sem ele?

— Claro — com um aceno de cabeça respeitoso para Aric, ele foi embora.

Eu bati à porta de vovó e a abri, mas olhei para trás. Aric sentou em uma cadeira no corredor, os olhos me prometendo: *não vou a lugar algum*.

Dentro, eu chamei:

— Vovó?

Ela estava por um fio, o peito subindo e descendo com a respiração pesada. Ela tinha as crônicas nos braços, abraçando-as como uma criança.

Uma onda de tontura me atingiu e fui levada de volta àquela manhã em Haven, quando vi mamãe pela primeira vez depois dela morrer.

Duas lágrimas escorreram pelas minhas bochechas. Fiquei esperando a dor me abalar, mas não aconteceu.

Vovó abriu um pouco os olhos.

— Um rato, Evie — ela murmurou. — Um rato na minha mesa... rói as cordas... a salamandra me observa nas sombras... a serpente se enrosca em volta da árvore... e sufoca suas raízes.

Como ela piorou tanto em tão pouco tempo?

— Tudo bem, vovó — puxei uma cadeira ao lado de sua cama.

Seus olhos iam de um lado a outro.

— Spite não conseguiu cuspir... e o Diabo sabia seus versos. As copas veem o futuro... em um cálice de sangue — ela divagava mais do que nunca. — Só você pode nos trazer de volta. Você precisa vencer... a terra depende disso. As cartas sabem disso... cuidado com o comportamento sombrio... do Louco. O sombrio convida, o convite sombrio.

Isso era novidade. Quando ela começou a falar de novo, toquei seu braço.

— O que tem o Louco?

— O coringa! O guardião do jogo — ela buscou minha mão, enterrando as unhas amareladas nela. — Você precisa matar Morte. Ele vai se voltar contra você, todos eles vão. Morte está me envenenando!

Eu tirei a mão.

— Não, vovó, não está.

— Ele está matando a sua última parente. Um rato! O agente da Morte. Uma salamandra. À tarde, serpentes nas sombras. À meia-noite, leva minha vida! — Ela se enfurecia comigo até mesmo agora.

Tentei pegar as crônicas, mas ela abraçou mais o livro.

— Posso ler para a senhora, vovó.

Ela hesitou e relaxou os braços.

Deslizei o pesado livro para meu colo e abri a capa, aquele cheiro familiar subindo. Eras pareciam ter passado desde que li e illustrei aquelas páginas.

Comecei a ler para ela:

Durante horas eu li e as palavras pareceram acalmá-la. Seus olhos se fecharam e ela se perdeu em contos de morte e traição.

Quando eu recontava as "vitórias mais gloriosas" da Imperatriz, os lábios de vovó se curvavam e seus dedos magros se apertavam.

Eu li até seu peito não subir nem descer mais. Minha avó estava em paz.

Por alguma razão, eu me volvei para a última página. Vovó havia atualizado as crônicas. O primeiro registro:

A sagaz Imperatriz seduziu Morte, a ponto de tudo que ele era capaz de ver era ela. Ele reúne a Arcana com a sua Tarasova, cortejando sua própria destruição.

Outro registro:

Eles estão me assassinando, mas a Imperatriz finge que não vê. Embora a tenham enganado, eu vejo claramente. Ela não fará o que é necessário, então tenho que pôr as peças em movimento.

Ela nunca poderá ficar com ele. Ela não tem ideia do que Vida e Morte se tornam...

O que ela quis dizer com isso? E que coisa "necessária" é essa que ela pôs em movimento? As últimas linhas quase não eram legíveis, sua caligrafia declinando tanto quanto seu estado mental:

Eu te deixei pistas, Evie. Nada é o que parece. As serpentes da meia-noite sufocam as raízes. O Agente. O...

Ele nunca terminou. Divagações loucas? Ou um aviso legítimo codificado? Cheia de desconforto, fechei o livro e o coloquei debaixo de suas mãos.

Aric entrou, seu olhar preocupado passando pelo meu rosto antes de me envolver em seus braços fortes.

Minha avó quis que eu *matasse* este homem.

Ele me deu um beijo na testa.

— Venha — ele me tirou do quarto e levou de volta ao seu estúdio. Desta vez serviu duas doses de vodca; nós dois tomamos a dose de uma vez. Eu fiz careta quando ardeu. Ele serviu de novo. Outra dose desceu pela minha garganta.

Ele me levou ao sofá me puxando para o colo, minha cabeça descansando em seu peito morno.

— Fale comigo.

— Ela escreveu coisas preocupantes no verso das crônicas — resumi para ele. — Acha que ela pode ter feito algo para ferir alguém daqui?

— Há muito pouca coisa vulnerável — ele me garantiu.

— Eu me sinto culpada por não sentir tanto a perda dela. E se eu não tiver mais essa capacidade de lamentar?

— Não é isso, *sievā*. Suspeito que possa estar em choque. Não sei de outra pessoa que tenha perdido tanto em tão curto tempo. Em apenas quatrocentos e tantos dias.

— Pensei que se tivéssemos funerais eu iria todo mês a um — falei. — Sei que deveria ter ficado mais com ela perto do fim, mas não trocaria a noite de ontem.

Ele esfregou minhas costas com uma mão enorme.

— Tente se lembrar de suas memórias boas com ela.

Faria isso. Eu queria que essas últimas semanas desaparecessem — comparada às lembranças da sua risada enquanto brincávamos de esconde-esconde na plantação de cana.

— O que fazemos agora? — perguntei, minha voz parecendo perdida.

— Você vai escolher um local na montanha e teremos um funeral para ela pela manhã.

Eu me sentei para olhar para ele.

— Enterrá-la aqui? Na sua casa? Mas ela foi horrível com você.

Suas sobancelhas se aproximaram.

— Em *nossa* casa. Onde a avó da minha esposa pertence — Deus, ele era um homem maravilhoso por não se ressentir de todas as coisas que ela disse.

O que me lembrava...

— Quando você foi humildemente procurá-la naquela noite, o que perguntou?

Ele hesitou.

— Conte pra mim.

— Eu a procurei por duas razões: para dar o meu juramento de que você estaria protegida pelo tempo

que eu vivesse — Oh, Aric. — E para perguntar se ela sentia que este jogo estava... diferente. Por que eu senti.

— Diferente como? — perguntei depressa. — Acha que ele pode ser interrompido? — Quando eu aceitaria a realidade?

Ele sacudiu a cabeça.

— Creio que senti *isto* — gesticulou de mim para ele — nossa iminente união. O casamento de Vida e Morte.

O casamento que parecia ser proibido em cada nível.

— O que vovó disse?

— Ela disse que este jogo *era* diferente de certo modo. Mas um aspecto sempre seria o mesmo — ele me puxou contra o peito. — Apenas um pode vencer.

39

O Caçador

Ainda mais perto...

— Suba — Matthew disse apontando para o topo de um monte — se quer vê-la.

Embora não pudéssemos estar longe do Forte Arcana, ele insistiu em parar aqui. Achei que esse era o pico de onde Evie me ligou no rádio na última vez que falamos.

Suas rosas cobriam a encosta. E elas ainda estavam *vivas*.

Assim que chegamos, eu disse:

— Ela deve estar perto! Ela está no forte? — Durante todo o tempo que passei com o Louco, nenhuma ameaça ou persuasão fazia com que ele revelasse onde ela estava atualmente.

— Um tempo atrás — ele respondeu. — Não mais.

Então como suas flores sobreviviam? Não conseguia imaginar o poder que ela deve ter usado para criar tantas. Era quase como se tivesse deixado parte de sua habilidade aqui, como um gerador.

Tirei o excesso de chuva do rosto. Mesmo na luz escura, o verde e o vermelho vivos se destacavam nas cinzas.

— Se eu conseguir subir até o topo, você finalmente vai me dizer como chegar até ela?

— Olhe para além do pico. Arrume outro ponto de vista — então ele começou a mexer na sua mochila me ignorando.

Eu estava usando o suporte, ainda mancava com a muleta, os músculos fracos. Mas pode acreditar que eu forçaria meu corpo e minha perna a subir aquela montanha. Em uma tempestade que piorava.

Por que estava desesperado para chegar na minha garota.

Enganchei a muleta debaixo da mochila para manter as mãos livres e então me pus a escalar. Logo suor se misturava à chuva, gotejando em meus olhos. Toda vez que aquele suporte pressionava meu ferimento, dor cantava dentro de mim, mas eu apertava a mão até ficar com os nós dos dedos brancos e subia.

Quando cheguei ao topo, levantei de vez quase caindo para trás. Desprendi minha muleta e me firmei. Então olhei sem acreditar. Rocha preta e rosas iam deste pico ao outro.

Bem quando eu voltava com bastante esforço ao mundo dos vivos, Matthew me mandava para o vale dos mortos.

Minhas entranhas ferveram e quase vomitei.

Incapaz de me conter, comecei a andar pela rocha de lava. Parecia que eu andava por cima de lápides em um cemitério.

Então veio o cheiro de... madressilva? Eu segui o cheiro, mancando mais pela rocha na direção do meio do vale.

Videiras começavam a se enroscar entre as rosas, mas mais distante havia uma clareira. Eu me apressei para ela, ignorando a dor na perna. Dentro da clareira havia duas lápides com epitáfios. Uma estava rodeada por videiras, a outra florida com madressilvas.

Evie tinha criado esses memoriais. Eu li:

Selena Lua

A Lua

Amiga estimada, aliada e guardiã.

Leal e forte até o fim.

Você fará muita falta.

Até o fim. Evie sabia que Selena se sacrificou para salvar a minha vida? Do mesmo jeito que Clotile fez um ano atrás.

Cada dia depois do apocalipse se estendia como um mês de vida antes dele. Parecia que Selena tinha lutado ao meu lado e guardado as minhas costas — por anos. Era justo que o seu memorial estivesse ao lado... do meu.

Jackson Daniel Deveaux

O Caçador

Adorado filho, irmão, amigo, líder

e marido predestinado.

Eu te amo.

Eu caí de joelhos.

Evie tinha cheiro de madressilva sempre que ficava feliz comigo. Ela queria que a planta florescesse em meu túmulo para sempre.

A vida toda eu achava que morreria jovem, enterrado em algum cemitério para indigentes de algum lugar. Nunca achei que seria amado assim. Ela fez parecer que eu tinha feito alguma diferença, como se eu fizesse *falta*.

Toquei na pedra para traçar aquelas palavras. Assim que estabeleci contado, visões apareceram na minha mente.

De Matthew? O Louco estava me dando as visões, como tantas vezes fez com Evie! Eu a vi no dia depois do ataque de Richter; ouvi seus pensamentos.

Em uma cena, ela estava *sem um braço*, escalando uma torre. Sua cabeça chicoteou para cima quando ela teve a ideia de voltar no tempo e me salvar. Tudo o que precisava fazer era encontrar Tess. A dor de Evie se transformou em uma determinação furiosa.

Mais cenas se desenrolaram. Ela roubou de sobreviventes e sequestrou outro Arcano. Ela sabia que estava se tornando um chapéu preto, mas era implacável em sua busca por Tess.

Para me salvar.

Ela conseguiu chegar ao forte vazio. *Uma casca do que uma vez foi*. Pensei em todo o trabalho que foi preciso para construir aquilo — todo o sangue, suor e sonhos que depus naquele lugar. E nem fui capaz de fornecer uma luz para guiar o caminho de Evie.

Dentro daquelas muralhas, ela desenterrava um túmulo. De Tess. A garota tinha tentado reverter o tempo para salvar todos nós — e morreu por isso.

Evie pareceu morrer junto com ela, balançando o corpo sugado da garota. Todas as esperanças de Evie em me trazer de volta dos mortos dependiam de Tess...

Eu passei os dedos pelas palavras do meu memorial: *Eu te amo*. Ela estava louca ao entalhar esta pedra, esta lápide.

Ela estava destruída: *Jack e eu nos maravilhamos com a neve*.

A visão desapareceu. Apertei os punhos e gritei para os céus. Como Matthew podia deixá-la sofrendo tanto assim? Cheio de raiva, voltei por aquela rocha e fui descendo a montanha.

Ele esperava por mim.

Pulei em cima dele.

— No que estava pensando, porra? — Meu punho se lançou, atingindo sua boca.

Ele caiu para trás, mas lutou para voltar a ficar de pé.

— Eu devia te matar!

Segurando a mandíbula, ele cuspiu sangue.

— Eu quebrei o sorriso dela.

Eu gritei, esmurrando sua cara outra vez.

— Maldição, *coo-yôn*! Por quê? — quase não consegui parar.

Ele me deu um sorriso cheio de sangue. O *sosie* tinha voltado.

Custou-me tudo o que tinha para não bater nele outra vez.

— Por que queria que eu viesse aqui? Por quê?

Depois de toda agonia que Evie passou naquela lápide, eu estava desesperado para encontrá-la e mostrar que estava vivo.

E então veio um pensamento traidor... *talvez ela devesse pensar que estou morto*.

Era esse o novo ponto de vista que Matthew prometeu? Quando eu disse que me levasse para ela, ele tinha dito, *se você sobreviver*. Ele não falava da minha recuperação. Falava das minhas chances de nunca alcançá-la — por escolha minha.

Meio a meio, que rumo eu tomaria.

Lutando para respirar, eu disse:

— Ela pode ser feliz com Domīnija?

— Alguém pode ser feliz D.F.?

Esfreguei a mão na testa.

— Ela está com a avó?

— Tredici entregou a Tarasova a ela.

Então Evie tinha se reencontrado com sua última parente viva — o que ela mais queria. As duas foram retiradas das Cinzas, colocadas em um lugar com comida, calor e luxos.

Finalmente segura.

Não, não, que porra de pensamento é esse, Jack? Uma vida sem Evie não valia a pena viver. *Acha mesmo que pode continuar sem ela?* Tentei olhar para aquilo com frieza: ela era indispensável para a minha sobrevivência; sobrevivência era tudo D.F.

Não sentir a sua presença a cada passo que eu dava? *J'tombe en botte*. Eu caio em ruína.

E ninguém poderia amá-la mais do que eu — *ninguém*. Ela sabia o que queria e me escolheu. *Eu* era o seu marido predestinado. Eu lhe daria opção novamente.

O que queria dizer reabrir todas as suas feridas. Minha entranha se retorceu. Naquela visão, mais do que seu sorriso foi quebrado. E se meu retorno dos mortos a levasse além dos seus limites?

Além do mais, ela não me escolheu só por mim. Escolheu o futuro que eu tinha lhe oferecido. Agora eu não podia lhe oferecer merda nenhuma. Pensei na minha mochila vazia, em começar tudo de novo.

Eu não tinha nada.

Nada.

Tinha voltado para onde estava depois do Flash me estrangulando lentamente por não ser bom o bastante para ela.

Matthew observava meus olhos, como se soubesse exatamente o que se passava nos meus pensamentos bagunçados.

Eu acreditava que ela ficaria melhor com Domīnija *antes* de ter perdido tudo. Agora eu sabia... se eu realmente amasse a minha garota, eu a deixaria.

Ela nunca seria Evangeline Deveaux. Nunca veríamos o *bayou* voltar à vida. Nem sempre seria Evie e Jack. Meus olhos embaçaram, mas não tinha nada de errado com a minha visão.

Eu amava aquela *fille* mais do que a própria vida; isso só provava.

— Não vou te matar agora não — falei para Matthew, minha voz grossa. — Mas só porque você vai jurar nunca dizer a ela que eu sobrevivi — engoli com dificuldade. — No que diz respeito a Evie, estou enterrado debaixo daquela pedra.

Coo-yôn assentiu, depois mexeu na mochila tirando... aquele celular e o toca-fitas! As fotos de Evie, sua voz. *Como ele conseguiu...?* Não importava. O garoto estava me dando outra muleta, bem quando eu mais precisava.

Deus, peekôn. Nobreza, só para registrar, dói como uma faca fincada no peito.

A chuva diminuiu para o funeral da minha avó.

Apesar do seu colapso e mensagem assassina, vovó era uma Tarasova e os outros Arcanos demonstraram respeito. Todas as criaturas ficaram silenciosas naquele dia. A superfície da água era um espelho. Aric usou um terno escuro. Ele cortou lírios do viveiro para colocar em seu túmulo.

Nós a enterramos debaixo de um carvalho que eu fiz crescer no lado sudoeste da propriedade.

Ela sempre estaria de frente para Haven.

Se o sol alguma vez retornasse, iria se pôr para ela a cada anoitecer.

Eu só queria poder ter enterrado Jack ao lado dela para que ele sempre pudesse ver o seu adorador...

41

Dia 455 D.F.

O que está acontecendo com ele? Eu me perguntava enquanto me dirigia a uma janela com vista do pátio de treinamento.

Desde o funeral, Aric não havia me convidado para ficar em seu quarto. Nós dormíamos no sofá do estúdio, comigo envolvida em seus braços.

Sim, ele gostava dos seus santuários, e sim, ele ficou furioso quando invadi o seu quarto certa vez. Mas achei que também gostava de dormir comigo em uma cama.

Ou de dormir comigo em geral. Ele não propôs nem sexo.

Eu o via cavalgando Thanatos na chuva, pressionando ambos em uma sessão bem cansativa. Até aquele tanque de cavalo de guerra parecia querer fazer uma pausa.

Meu Cavaleiro Eterno treinava como se estivesse *possuído*, como se pudesse explodir de tanta tensão. Ele não estava mais satisfeito do que eu com a nossa situação atual.

Ele tinha decidido me dar um tempo de luto? Talvez achasse que qualquer aproximação de sua parte me assustaria. Ou simplesmente não sabia muito de relacionamentos no geral.

Nós dormimos juntos; e agora o que? Não era como se algum de nós tivesse muita experiência.

Mas me comprometi com ele. Eu o aceitei como marido. Nós dois tínhamos necessidades que não estavam sendo atendidas. Então decidi tornar tudo muito fácil para ele.

Sabendo que ele estaria lá fora por algumas horas, comecei a levar minhas coisas para a sua suíte máster — para o desalento de Cyclops.

— Desculpa, garoto. A vida de casada exige um pouco de privacidade.

No banheiro, arrumei meus produtos de higiene pessoal na minha metade da penteadeira de mármore. Sua armadura estava em um suporte; joguei minha camisola de seda por cima só pra ver o que ele diria.

Pendurei minhas roupas no closet ao lado das de Aric e esvaziei algumas gavetas para colocar minhas coisas.

Em uma, guardei uma estimada lembrança...

Então comecei a fazer modificações de verdade. Seu único móvel era uma cama curvada nas extremidades. Direcionei minhas videiras a colocarem mais peças no ambiente. Logo, meu laptop estava carregando na nova mesa de cabeceira.

O teto e as paredes eram de um preto sólido, o chão de mármore negro. Achei que algumas paredes deveriam ser minhas. Em uma criei um jardim vertical, moldando flores em um símbolo do infinito. Comecei a decorar a outra parede usando a tinta que ele conseguiu pra mim.

Enquanto movia o pincel, imaginava como ele reagiria a tudo isso. Esperava que me beijando.

Nas muitas ocasiões que o vi treinar em sua calça de couro e camisa cota de malha, senti desejo por ele. E tive sonhos eróticos com ele que não vinham do passado. Em um, eu corria os lábios por todas as runas

em seu peito, traçando-as com a língua antes de descer mais.

Agora que eu estava casada, havia coisas que queria tentar, coisas que ouvi de Mel e das outras garotas na escola. E já que me prometi não me arrepender de nada...

Deus, se Aric soubesse o que eu imaginava agora.

Tinha acabado de terminar quando ouvi suas esporas pelo corredor. Seus passos desaceleraram. Ele deve ter sentido o cheiro das flores e da tinta.

Ele abriu a porta. Ele suave e estava sujo de lama, tão magnífico que barrou temporariamente meus pensamentos.

Seu olhar percorreu minhas mudanças: minha camisola atirada sobre sua armadura, meu novo jardim e arte. No centro de uma parede negra, pinteí uma enorme rosa branca.

Igual ao seu estandarte.

Seus lábios se curvaram e os olhos ficaram estrelados.

— Mudou-se?

— Devo considerar que concorda com o plano?

— Estou deleitado — ele veio se colocar na minha frente e então aninhou meu rosto nas mãos. — Eu não queria pressioná-la. E não sabia se desejava um luto formal.

Tão antiquado. O que, considerando sua idade, era compreensível.

— Achei que quisesse sua privacidade.

Ele exalou.

— Minha culpa. Eu fui um idiota quando a forcei a viver aqui inicialmente.

Não podia discutir quanto a isso.

— Também me preocupei que você pudesse preferir dormir sozinho na cama.

— Essa cama tem quatrocentos anos, o que significa que passei bastante tempo nela fantasiando com você. Assim que a tiver nela outra vez, suspeito que terei pouco controle de início. Tentei ser um cavalheiro e me conter, então o sofá parecia uma aposta mais segura.

— Não podemos esperar por nada. Eu tenho sede de mais tempo com você.

Ele sorriu ao correr o polegar pela minha testa. Estava manchada de tinta?

— Nenhum de nós tem experiência com isto — eu disse. — Mas se tiver qualquer pergunta, fale comigo, ok? Se precisar de alguma coisa, tem que me deixar saber.

Concordância.

— Se também vir falar comigo.

— Prometo.

Seu tom ficou rouco quando ele acrescentou:

— No presente, realmente sinto uma necessidade urgente — sua voz profunda fez meu coração acelerar.

Molhei os lábios.

— De quê?

— De lavar esta tinta da minha esposa — ele se abaixou e tomou minha boca. Como eu já fiquei tão viciada no seu beijo? Ele inclinou a boca, aprofundando o contato.

Entre beijos, nós de algum modo conseguimos tirar a roupa e chegar ao chuveiro. Nós nos lavamos e exploramos.

Suas mãos ásperas nos meus seios. Minhas palmas deslizando pelo seu peitoral e mais abaixo.

Passei o nariz em suas runas me aconchegando e lambi a pele. Como fiz em meu sonho, segui as marcas descendo.

Ele percebeu minha intenção e um sopro de ar deixou seus lábios. Olhos iluminados, ele passou os dedos pelo meu cabelo. Quanto mais eu descia, mais suas mãos tremiam na minha cabeça. Sua respiração ficou audível.

Quando o beijei, ele soltou um urro e arqueou. Sons agonizados explodiam do seu peito por que *eu* o estava enlouquecendo de paixão. Encorajada, eu o coloquei entre os lábios.

— *Sievā* — ele soltou vacilante. — *Sievā!* Deuses onipotentes! — Mesmo assim até enquanto seu corpo tremia, ele acariciava meu rosto com reverência usando as costas dos dedos...

— Você me disse que reescreveríamos a história — ele disse quanto eu estava deitada em seu peito mais tarde naquela noite.

Eu traçava suas runas, relaxada e lânguida. Embora ele nunca tivesse transado antes de mim, deve ter notado alguns truques safados ao longo da vida.

Meu dedo escorregou por uma tatuagem.

— Sonhei em beijá-las, seguindo cada uma delas e descendo pelo seu corpo. Mesmo quando te odiava, tinha sonhos eróticos com você.

— Bem-vinda à minha inteira existência — ele disse com ironia. — Quando fiz estas marcas nunca imaginei que elas guiarão seus belos lábios na direção do meu deleite. Diga-me, foi um impulso casual?

— Eu imaginava isso enquanto pintava a parede.

— Outra vez, premeditou! — Eu dei um tapa no seu peito e ele riu. — Se me der o nome da injeção contraceptiva que tomou, conseguirei mais delas. Estou ávido a não permitir que nada interrompa nosso desfrute mútuo — seu tom indicava que havia usado o eufemismo do milênio.

— Se chama Depo-Provera. Deve durar três meses mais ou menos e Paul tem mais algumas doses. — Quando ele me injetou, eu disse, "a ideia de viver mais três meses parece absurda no momento." Ele tinha respondido, "melhor prevenir do que remediar, né?"

Aric assentiu.

— Vou procurar por ele.

— Você não vai a *lugar algum* sem mim, Ceifador. Quanto antes aceitar esse fato, mais fácil sua vida vai se tornar — domesticar um marido de dois mil anos seria um desafio.

Aric ergueu uma sobrancelha. Depois, parecendo tomar uma decisão, ele me colocou de lado para sair da cama.

— Tenho algo para você — ao caminhar para o nosso closet, admirei seu corpo perfeito.

A visão dele voltando foi ainda mais compensadora.

Ele sentou ao meu lado e me passou uma pequena caixa de joia.

— Quero que tenha isto.

Abri a caixa, encontrando um lindo anel dourado entalhado com runas que lembravam suas tatuagens. Um âmbar oval adornava a aliança. *Linda*. A cor quente me lembrava os seus olhos sempre que ele estava contente.

— Era da minha mãe — ele tirou o anel da caixa. — Nunca te dei no passado. Mas me daria a honra de usá-lo agora?

Assenti sem fôlego.

— Sim.

— Minha terra natal era famosa pelo âmbar dos pinheiros — ele deslizou o anel no meu dedo e coube perfeitamente. Prendendo meu olhar, ele disse:

— Estamos casados agora.

Primeiro padre que eu encontrar, vou casar com você. Palavras de Jack. Eu me lembrava do amor queimando no seu olhar cinza antes de reprimir a memória.

— Aric, is-isso é muito lindo. Obrigada.

— Fico satisfeito que tenha gostado — ele deitou outra vez me puxando contra si.

Coloquei a palma sobre seu coração, olhando para o meu anel de casamento.

— De todas as pedras... — O símbolo do casamento dos seus pais tinha sido produzido por árvores. Outro indicador.

— O significado do âmbar não me vem à memória — ele passou os dedos pelas minhas costas.

Mordi o lábio.

— Ainda não tenho um anel pra você — contudo, tinha uma ideia de onde conseguir um...

— Eu usaria um fio amarrado ao dedo se isso anunciasse ao mundo que fui aceito por você.

— Se sou legalmente sua esposa, não deveria me chamar pelo meu nome? — Ele abriu os lábios pra falar, mas eu o interrompi: — Está prestes a me dizer que os meus nomes que constantemente mudam não importam, e talvez eles não tivessem importado no passado. Mas Evie é a Imperatriz que foi inteligente o bastante para te dar uma chance. E-Vie. Só brinque um pouquinho com a ideia e depois a jogue de volta pra mim.

Ele sorriu.

— Brincarei um pouco com a ideia.
— E mais uma coisa — falei. — Quero que você leia as minhas crônicas.
Sua mão parou.
— Está falando sério.
— Claro. Mesmo que me preocupe que elas te façam me odiar de novo.
— Impossível.
Então me lembrei de algumas farpas recentes de Aric.
— Pensando melhor, eu provavelmente não devesse, já que não faço parte da sua aliança e tudo mais.
— Do que está falando?
Eu levantei um ombro.
— Com Circe.
— Eu me perguntava se podia provocá-la.
Mais do que me provocar.
— Para constar, eu e você não somos aliados — ele disse. — Agora somos uma entidade.
Em um tom baixo, perguntei:
— Minha necessidade de vingança também é sua?
— Sim, juro que mataremos o Imperador. O que pra você significa treinamento. Tenha cuidado com o que deseja, *sievā*.

42

Dia 485 D.F.

— Ataque com ambos — disparou Aric, batendo na minha bunda com a parte achatada da espada.
Eu estava pingando de suor, exausta e *sem* humor para brincadeiras.
— O carvalho e as videiras, ao mesmo tempo. Vamos esposa, eu já a vi fazer isso antes. Já *senti* quando o fez antes.
Coloquei as mãos nos joelhos, olhando para o carvalho que mal conseguia fazer crescer, muito menos controlar. Entre puxadas de ar, eu disse:
— Acho que esta é... uma daquelas situações... onde ações parecem mais fáceis... do que são.
Ele esperava que eu praticasse com ele. E era rápido demais. Aquela não foi a primeira vez que ele deu um tapinha na minha bunda.
O homem não estava brincando quando prometeu treinamento. Todos os dias no último mês, garoa ou tempestade, ele me levava até o pátio e então me pressionava ao meu limite.
Ele apontou com a espada na direção do rio.
— Circe está transbordando e Fauna constrói seu exército. Se você quer o Imperador morto, também precisa se tornar mais forte.
O fosso da Sacerdotisa ficava mais largo e mais fundo a cada dia, inundando mais o campo, rastejando pela montanha. Éramos oficialmente uma ilha.
Lark continuava procriando suas criaturas, a população da nossa ilha crescendo.
Aric e eu ajudávamos com elas sempre que ela procurava por Richter e Finn. Ela ainda não tinha perdido a esperança de encontrá-lo. Ele pode ter morrido, mas sem os chamados Arcanos, não poderíamos saber.
Aric e eu recentemente fizemos o parto dos seis lobos de guerra de Maneater. Lark disse que Scarface era o pai, mas eu me recusava a acreditar. Disse a Cyclops:
— Seu cachorro velho, ainda está com tudo, não é?
Embora eu tivesse me derretido toda com os pacotes (enormes) que se contorciam, o olhar de Aric tinha ficado distante.
— Ela fica mais formidável a cada dia.
Agora eu acenava para o castelo, dizendo a ele:
— Não estou indo muito mal com os meus poderes — heras e rosas cobriam as paredes. Lá dentro,

videiras corriam por todos os corredores, escalando os tetos. Além do fosso de Circe, meus espinhos cobriam acres de planaltos. Eles atuavam como mais sentinelas — por que eu conseguia sentir através deles — e possivelmente ajudariam a capturar um exército de Baggers.

Ainda assim, alguma coisa definitivamente estava *estranha* com as minhas habilidades. Já estavam há algum tempo. Elas pareciam obscurecidas.

Aric descansou a espada em cima do ombro.

— Mas é capaz de mais.

Eu me endireitei.

— Como você? Está mais rápido e mais forte do que nunca — toda vez que o via treinar em sua sexy cota de malha, com a espada erguida enquanto controlava seu enorme cavalo de guerra, eu desacreditava que ele fosse meu. O próprio Anjo da Morte.

Sempre que me pegava olhando, ele me olhava com ardor, os olhos prometendo coisas devassas pra depois. Ele sempre cumpria suas promessas...

Agora ele tirou uma luva para tocar em minha bochecha. *Nunca se cansava de tocar.*

— Eu atribuo minha força à você. Agora tenho algo a proteger.

Em troca de tudo que Aric tinha me dado, eu o banhava com afeto. Se ele foi arrogante antes, agora tinha se tornado incrivelmente convencido.

Ele também tinha começado a mudar de outras formas. Não bebia mais, a não ser uma dose de vodca em minha companhia. Ele sorria bastante. Até dava risada.

Tudo o que ele precisava era de uma companheira, alguém para chamar de sua. O Cavaleiro Eterno não era mais equipado para lidar com a solidão do que eu.

Circe tinha comentado:

— Ele está enjoativamente feliz, Evie Greene. Como se nem fosse mais um Arcano. Isso está ficando cada vez mais *embaraçoso*.

Eu estava tendo sucesso em ao menos uma das minhas missões. Deixar Aric contente me distraía do sofrimento. Do passado. Sempre que transávamos, eu me perdia nele, encontrando o esquecimento, minha mente esvaziando...

Ele baixou os olhos para mim agora.

— Eu *sempre* a protegerei — ele disse isso à minha avó antes dela morrer. Como Jack morreu. E minha mãe.

Aric se inclinou e colocou os lábios nos meus.

Esquecimento. Eu suspirei, ficando mole contra seu corpo.

Mas quando aprofundamos o beijo, eu de algum modo me lembrei de me afastar. Tentávamos não exhibir a nossa relação na frente das criaturas de Lark ou do rio de Circe.

— Muito bem, esposinha. Vou me esforçar para esperar até a noite. Parece que está com mais humor para o treinamento.

Quase grunhi.

Ele se afastou de mim.

— Atire as sementes de seu bolso e as faça brotar no ar.

— De jeito nenhum. Não estou forte o bastante para fazer isso no momento — eu desmaiaria.

Em um tom comedido, ele perguntou:

— Por acha que está assim?

— Aric, e se aquelas mordidas de Bagmen... — hesitei, então disse de uma vez — prejudicaram permanentemente os meus poderes? — Pronto. Meu medo secreto foi revelado.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não há chance. Não estaria tão saudável. Tem energia ilimitada quando dança.

Algumas vezes durante a semana, eu dançava para ele no estúdio — o que normalmente acabava comigo de volta à nossa cama assim que minha pele começava a suar por conta do esforço.

— Então o que é?

— Ainda não estou certo. Vou te contar assim que elaborar uma teoria.

Quando a garoa se intensificou em uma tempestade, levantei o capuz do meu poncho.

— Venha — Aric pegou minha mão. — Já foi o bastante por hoje.

Começamos a voltar para o castelo, os dois perdidos em pensamento.

Eu não via a hora de um banho quente — com ele. Raramente tomávamos banho sozinhos. Para ser

justa, quem não economizaria água depois de sobreviver ao Flash?

Então comíamos em seu estúdio, ficávamos em frente à lareira lendo as crônicas que ele adquiriu ao passar dos últimos três jogos, incluindo a dos Enamorados.

Aric estava quase acabando de traduzir a deles. Quando pressionei sobre seu conteúdo, ele admitiu que não havia muito que nos ajudasse. Os registros eram basicamente fluxos de consciência de fantasias de assassinato — e eu estrelava todas elas.

Eu tinha assumido que aquelas páginas iriam, você sabe, *fazer sentido*. Ou *ajudar*. Mas até o pai dos Enamorados tinha admitido que suas crônicas eram um contrato de vingança. Não foi surpresa Aric não querer compartilhar os detalhes.

Ele também leu o meu livro. A informação contida preencheu lacunas que o atormentavam há séculos. Entre uma dúzia de outros mistérios, ele tinha se perguntado como eu havia derrotado o Centurião, como sobrevivi ao fogo da Torre e do Anjo, e o que tinha feito com as crônicas do Mago depois de matá-lo junto com Lark (queimadas depois de ler).

Ele também suspeitava que Lark pudesse criar animais, mas nunca foi capaz de verificar essa habilidade até agora.

Como nunca foi capaz de verificar os Arcanos Menores. O que fazia sentido. Os Menores provavelmente ficavam bem longe dele, deixando que fizesse o seu lance mortal. Eles repetiriam a estratégia neste jogo?

Mesmo depois de todas essas semanas, eu ainda não conseguia me livrar da sensação sinistra de contagem regressiva; talvez sentisse a aproximação *deles*?

Tic-tac. Tic-tac. Se não era eles, então que ameaça se aproximava...?

Eu contei a Aric sobre a sensação. Ele tinha respondido:

— Não podemos fazer muito mais para nos preparar para os inimigos, portanto tente não focar muito nisso. Lembre-se: este jogo *tentará* enlouquecê-la.

Ele tinha coçado a cabeça ante os manuscritos de vovó no verso das crônicas, prometendo continuar procurando respostas.

Desde que ela faleceu, eu tentava me concentrar em boas lembranças dela. Ela tinha me ensinado muito sobre minhas habilidades, e nem toda a informação tinha sido direcionada a matar.

Ela me contou que uma Imperatriz podia moldar madeira no formato que quisesse; no meu bolso havia um anel de casamento para Aric que eu produzi detalhadamente.

Eu achava que a aliança precisaria ser tão resiliente quanto o metal, então escolhi uma das árvores mais fortes do mundo: *lignum vitae*. Em Latim, *madeira da vida*.

Aric gostaria desse detalhe.

Depois de secretamente medir seu dedo anelar — usei uma videira minúscula enquanto ele dormia — criei protótipos de anéis, aprimorando minha habilidade.

Assim que fiquei satisfeita com o anel, eu o reforcei com tudo que tinha, tornando a madeira tão forte quanto aço. Escureci a madeira e a lixei, até a aliança ficar um negro brilhante.

Eu podia não deter os poderes sensoriais da flora que tive no passado, mas conseguia fazer um anel de casamento e tanto.

Seria tão duradouro quanto ele.

Mas por alguma razão, eu continuava hesitando em entregá-lo.

Por causa de Jack? Não sabia. Eu tentava nem pensar no meu primeiro amor, achando que poderia manter o torniquete por mais um tempo. Aquele nó em volta do meu coração poderia limitar o que eu sentia por Aric, mas provavelmente eu não aguentaria nada mais forte do que o amor louco que já tinha por ele...

Quando chegamos à porta de entrada, ele parou e tirou o meu capuz, avaliando meu rosto.

— Talvez sua fadiga se dê simplesmente por falta de descanso.

Às vezes o torniquete se desatava. Principalmente quando eu dormia.

— É, talvez — ainda não me liberei dos pesadelos com o ataque do Imperador. Ontem à noite eu pulei da cama gritando. Aric estava bem ao meu lado.

— *Foi apenas um sonho — ele me puxou contra si. — Está a salvo, amor.*

Tremi em seus braços. O Imperador precisava ser detido. Eu acreditava em Circe — Richter introduziria o inferno na terra.

— *Sievā, shh, shh* — murmurou Aric me balançando. — *Estou aqui.*

— *Jack costumava dizer isso — fiquei tensa, não acreditei que tinha dito aquilo em voz alta. Onde está*

a sua cabeça, Evie? — Desculpa.

— Não se desculpe — Aric disse com firmeza. — Deveria falar sobre ele. Foi uma grande parte de sua vida.

— Não quero te magoar.

Aric me puxou para encará-lo.

— Você tenta não pensar nele?

Depois de uma hesitação, assenti.

— Jack salvou sua vida e a protegeu quando estava vulnerável. Você e eu jamais teríamos este tempo se não fosse por ele.

— Eu... não vamos falar nisso — estendi a mão para Aric, buscando aquele esquecimento. — Me beije...

Agora garanti a ele:

— Dormirei mais hoje à noite — talvez estivesse mentalmente afetada por tudo. Talvez devesse me dar mais tempo para lamentar a morte de Jack.

Não, não, não poderia. Eu queria — precisava — fazer Aric feliz. E nosso tempo era curto...

Eu tinha acreditado que morrer lutando contra Richter seria mais fácil do que simplesmente aceitar o que ele fez. Agora eu sabia o que seria mais difícil que essas duas situações.

Perder Aric.

Não consegui conter um tremor.

— *Sievā*, há outra coisa a distraindo?

Eu dei de ombros.

— Só ando pensando muito em Richter.

— Devemos treinar mais nas próximas semanas. Acrescentaremos uma hora cada dia — ele passou um braço em volta dos meus ombros me puxando contra si. — Precisa estar preparada para lutar. Se algo lhe acontecer... — Ele engoliu saliva com muita dificuldade. — Acho que enlouqueceria.

Bingo, Aric.

É exatamente isso que acontece.

43

Dia 499 D.F.

— Nenhum homem algum dia teve colegas de quarto como este trio de mulheres — Aric disse com ironia.

Ele e eu estávamos na cama, olhando um para o outro à luz da lareira, tentando não notar como todo o topo da montanha tremia.

O fosso de Circe esguichava com redemoinhos e turbilhões, como se mal contivesse sua violência. Na verdade, o rio frequentemente enchia de correntes, o castelo quase que a única coisa restante de terra. Semana passada, ela levantou um gêiser a mais de um quilômetro no ar.

Toda aquela energia contida só esperando para ser liberada.

Eu abaixei a voz para dizer:

— Eu o vi olhando para o rio mais cedo com uma expressão incômoda. Ela poderia nos inundar muito facilmente.

Pra piorar? Vi a forma de água de garota da Sacerdotisa se movendo pela névoa — andando *entre* nós como um fantasma. Quando ela ficava imóvel, tornava-se completamente transparente. Eu olhava através dela.

Outra noite, Aric e eu encontramos passos molhados saindo da piscina coberta, mas nenhum passo de volta à piscina. Circe havia se hidrotransportado de um corpo d'água a outro, e depois andado livremente pelo interior do castelo.

Ele exalou.

— Inundar? Ou talvez erodir a montanha debaixo de nós?

— Uau — eu não tinha pensado nisso. — Acho que ela realmente se importa com você. Olhando pra

trás, vejo que ela fez tudo que pôde para nos ajudar a ficar juntos. Mas o calor da batalha a faria atacar?

— Ela adquiriu bastante controle ao longo dos jogos.

— Como você.

Ele inclinou a cabeça.

— Sim. De qualquer modo, ela jamais me traiu.

— Mas *eu* a trai — finalmente consegui que ele explicasse o que tinha acontecido entre eu e Circe no último jogo.

Depois de convencê-la de que eu era diferente — das outras vezes que a tinha apunhalado pelas costas — nos tornamos amigas. Mas quando matei minha aliada Fauna, Circe ficou desconfiada. Antes que ela conseguisse fugir para a segurança, eu a sequestrei, acorrentando-a na minha adega, postergando sua morte para que Morte não ficasse sabendo nem visse um novo ícone.

Aric a tinha encontrado lá embaixo — logo depois de eu tentar envenená-lo. Ele salvou sua vida, ganhando sua lealdade.

Mordi o lábio.

— Talvez ela só vise a mim — a minha sensação de contagem regressiva era com relação a Circe? Talvez não devesse esperar que a outra bomba caísse; e sim pela onda quebrar.

— *Sievā*, visá-la é me visar.

Uma fera rugiu na noite. Os chamados e gritos dos animais eram uma lembrança constante do crescente arsenal de Lark.

— Quanto mais o jogo se expande, mais forte cada um de nós ficamos.

Exceto eu.

— Richter também?

— Sim — Aric disse em voz baixa. — E Fortuna e o Sol.

— Sol disse que seria capaz de iluminar o mundo inteiro, controlando milhões de Baggers. Ele poderia?

— Possivelmente. Mas se Fortuna sozinha perceber a imensidão de seus poderes, então ela já nos derrotou.

— O que quer dizer?

— A sua manipulação de energia da sorte — ele disse. — Ela poderia cegamente afetar uma batalha antes dela até mesmo começar. Sua habilidade poderia garantir que sua aliança vencesse qualquer conflito.

— As probabilidades sempre seriam fixas a favor deles?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não probabilidades. *Resultados* fixos. Não teríamos probabilidade.

Talvez *ela* fosse a raiz do que eu pressentia. Droga, *algo* se aproximava! Agarrei o ombro de Aric.

— Quero que use sua armadura o máximo de tempo possível. Por favor. Se você morrer...

Ele segurou meu rosto.

— Preciso que entenda uma coisa. Não importa o que aconteça no futuro, não importa o que este jogo traga, esses meses com você valeram toda a minha solidão e dor — ele me deu um beijo breve e forte. — Eu repetiria esses milênios só por esse gosto de vida com você.

— Mais uma vez, eu também te amo, Aric. Agora, use a porra da sua armadura.

Seu polegar roçou a minha maçã do rosto.

— É provável que eu pereça em batalha.

— Não pereceu em dois mil anos — então franzi a testa. — Não espera mais que tenhamos uma vida juntos?

— Uma vida longa? — Ele sacudiu a cabeça. — Eu disse que as chances de vivermos os dois até os oitenta neste mundo eram excessivamente pequenas, especialmente se o jogo continuar. Somos soldados e estamos em guerra. Mas retornaremos.

— De onde virão os jogadores no futuro? — perguntei. — A maioria de nós não tem mais família.

— Mas todo Arcano tem um parente próximo em algum lugar do mundo. Essa pessoa continuará a linhagem.

Digerindo tudo que ele me disse, falei:

— Se somos soldados em guerra, então vamos lutar em uma chama de glória — *juntos*.

— Caso ambos percamos, como saberemos que não devemos nos matar no futuro? A mera ideia de poder feri-la outra vez... — Seus olhos brilharam de emoção. — Poderíamos escrever para nossas próximas reencarnações, mas quem entregará tal missiva?

— Quando me pediu para ficar com você meses atrás, como havia se planejado para isso?
— Eu teria confiado a Lark o repasse das cartas — ele disse. — Agora cada um de nós tem um alvo pintado nas costas.

— Eu não poderia te pedir para fazer outra restrição de sete séculos — ele disse para mim e para Jack que imortalidade era o *mais absoluto inferno*. — Mas também não conseguiria. Não fui feita para ficar sozinha. Aric, se algo acontecer com você... eu não poderia... — Perder os dois? Não havia torniquete apertado o bastante. — Vencer o jogo seria o meu pior pesadelo.

Com a voz rouca, ele disse:

— Realmente fala a verdade.

Eu assenti.

— Precisamos descobrir outra forma de preservar nossas memórias.

— Poderíamos barganhar com o Louco...

— Fora de questão — respirei fundo e depois suavizei meu tom. — E quanto a Circe? Talvez pudéssemos pedir que fizesse um feitiço.

— Apesar de não podermos nem confiar que não nos mate?

Bom argumento.

— A cavalo dado não se olha os dentes.

— Vamos falar com ela — ele me puxou para mais perto. — Venha aqui.

Fui para os seus braços, e por um tempo não tive que pensar em nada...

44

Dia 511 D.F.

— A impura! — Lark chamou quando passei no seu quarto. Ela estava sentada na cama no meio de uma pilha de animais.

Aric estava terminando algumas traduções, então disse a ele que iria ver como Lark estava. Secretamente quis garantir que ela não estivesse planejando nossas mortes com seus animais.

— Está descansando?

— Por alguns minutos. Só pra descansar as asas. Quer dizer, as asas do meu falcão — ela acenou para a cama. — Arruma um cantinho.

Passei com dificuldade pela infinidade de animais e então tirei uma família mal humorada de texugos do caminho para me sentar ao lado de Lark.

— Está deixando o chefe feliz — ela disse. — Tipo mil vezes mais feliz do que quando vocês ficaram antes. Ouvi o homem *assoviando* outra manhã. Sério isso?

— Sério — estendi o braço para tirar penas do seu cabelo.

Com um rugido irritado, ela sacudiu a juba.

Insisti em colocar seu cabelo atrás das orelhas.

— Suas orelhas estão ficando pontudas.

Ela bateu com os dedos cheios de garras nas orelhas e sibilou para mim.

— Acho que elas são fofas.

Com uma expressão cautelosa, ela abaixou as mãos.

— Tanto faz — mordendo o lábio com uma presa, ela disse: — Acha que Finn vai ficar ok com as minhas mudanças?

— Acho. Em jogos passados, ele amava os seus atributos animais. Tenho uma lembrança dele te dizendo isso.

— Sério? — Isso a fez sorrir. — Estou tão pronta para voltar a me encontrar com ele. Quando ele estava no Forte Arcana, trocamos cartas via falcão nos conhecendo melhor. Sou louca por aquele garoto.

— Cyclops era suposta guiá-lo até você — assim que a perna de Finn curasse o bastante para a viagem. — O que acontece agora se encontrá-lo?

Mexendo em uma garra, ela disse:

— Meu falcão pode guiá-lo do alto.

— Guiá-lo... para onde? Pra cá?

Mais inquietude da parte dela.

— Oh, merda. Sério, Lark? — Aric teria um aneurisma.

Ela finalmente encontrou meu olhar.

— Para onde acha que iríamos? Ou Finn fica ou vou embora. Quer se livrar de mim?

— Não, de jeito nenhum — suspirei. — Não sei o que eu estava imaginando. Talvez que ele teria um lugar perto daqui, um tão enganador quanto o antigo. Vocês dois teriam encontros — se é que ele ainda estava vivo.

— Vai me ajudar com o chefe?

— Assim que você encontrar o Finn, vou tentar falar com ele. Mas não posso prometer nada.

— Valeu, Eves — ela deu um sorriso largo, mostrando suas presas afiadas me lembrando a razão que faria Aric não concordar com isso. Finn podia ser meu aliado, mas ele ainda era um Arcano. — Então como é tipo, viver com alguém?

— Achei que demoraria a me acostumar, mas está sendo fácil — por que Aric e eu nos encaixávamos perfeitamente. Além disso, ele estava se revelando um marido perfeito, sem necessidade de adestramento.

Esta manhã, acordei e encontrei uma rosa em um vaso ao lado da cama. Ele cultivou a roseira sozinho, tinha plantado as sementes há dois meses.

Roseiras podiam ser difíceis de crescer das sementes, então para ele ter feito o esforço... e conseguir produzir um broto...

Ele me deu a primeira rosa.

Uma rosa branca como a de sua bandeira. Eu a pinte; ele cultivou.

Símbolos, marcos. A conexão da rosa entre nós tinha atravessado séculos e era contínua. Assim como a conexão de Lark e Finn com o símbolo do infinito.

Eu inclinei a cabeça para ela.

— Não está me perguntando mesmo como é viver junto, não é? Está tentando conversar coisas de mulher comigo. Sobre sexo.

— Dãã — ela revirou os olhos. — Eu nunca fiz isso, conversar coisas de mulher nem sexo, e você já, então...

— Então quer saber como é? — Aric e eu passávamos mesmo muito tempo fazendo isso.

Mais cedo, ele me convenceu a descrever em detalhes todo sonho erótico que eu tive com ele — para que pudesse recriá-los. Semana passada no estúdio de dança ele realizou outro. Depois de dançar para ele, tirou as minhas roupas de academia me colocando em cima da barra pra poder lamber minha pele suada, aninhando o quadril entre as minhas pernas...

Eu disse a Lark:

— É excitante — eufemismo. Enquanto ele e eu descobríamos o que nossos corpos podiam fazer juntos, experimentávamos muito. Só esta manhã, aquela rosa branca me levou a alguns beijos e depois mais.

Muito mais.

Quase me abanei, desviando rapidamente os pensamentos daquela lembrança. Limpando a garganta, disse:

— Imagine a emoção que você sente na paquera — quando seu estômago dá um nó e seus dedos dos pés dobram e você nem consegue respirar direito — e multiplique por mil.

Lark tinha uma expressão sonhadora.

— Acho que Finn vai te fazer muito feliz.

Suas orelhas pontudas se mexeram.

— Você é feliz com Morte?

Eu estava loucamente apaixonada por ele. Então por que seu anel de casamento *ainda* estava no meu bolso?

Ontem fui ao pátio de treinamento mais cedo determinada a entregar o anel. Ele estava à cavalo, tão devastador quanto sempre...

Seu corpo ficou tenso quando ele me avistou. Esse é o meu marido. Ele desmontou e veio na minha direção, esporas tinindo, o olhar brilhando no escuro com uma chuva de estrelas.

— Senti sua falta, esposa — sua expressão era possessiva... e determinada.

Com o pulso acelerado, recuei. Ele se aproximou. Lá estava eu, sendo seguida pela Morte, e tive que lutar contra a vontade de correr para seus braços.

Ele me encurralou até minhas costas encontrarem a parede do estábulo. Ele se abaixou para beijar meu pescoço, tendo descoberto rapidamente o quanto eu era sensível ali.

Eu suspirei, prestes a lhe entregar o anel... quando a neve começou a cair.

Ele me sentiu enrijecer e se afastou para avaliar meu rosto.

— O que foi, amor?

Eu levantei os olhos para ele e menti:

— Nada.

Agora eu dizia a Lark:

— Sou louca por Aric.

— Não é o que eu perguntei, Eves. Você está feliz?

— Quando estou com ele e consigo esquecer tudo que acontecer, então eu... — eu o quê? — Então fica tudo bem.

Sua expressão dizia que ela não acreditava realmente em mim, mas que ela deixaria passar.

— Quando eu recuperar Finn quero dormir com ele. Bastante.

— Paul tem injeções contraceptivas.

— Beleza! Deixarei a procriação com os meus animais.

Eu fiz um som de concordância. *Isso aí, irmã.*

— Por que *está* procriando tantos? — Ela era comprometida com isso antes, mas nunca desse modo.

— Fico nervosa o tempo todo e procriar me faz sentir mais segura. Meio que comer pra aliviar o estresse. Considere isso procriação para aliviar o estresse.

— Por que está nervosa?

— Por que temos a própria *Poseida* lá fora, ameaçando jogar um tsunami na gente! Não estou apontando a garra nem nada, mas tenho quase certeza que o rio comeu um dos meus tigres.

— Qual é, não, não comeu — zombei, mas será que eu sabia? Provavelmente não era uma boa hora de contar a Lark que Circe estava... se movendo entre nós.

— A Sacerdotisa pode gostar de você e do chefe, mas quem eu sou para ela? Não quero ir na mesma direção que aquele tigre.

— O fictício tigre vítima que foi devorado de maneira fictícia?

Ela ergueu o queixo.

— Se a água subir muito mais, o zoológico vai inundar.

Ondas realmente batiam nos portões do complexo. Cada vez que Aric tinha planejado falar com Circe sobre o feitiço, a água espumava. Eu sempre impedia que ele fosse.

— Você viu o maremoto dela — disse Lark. — Qual era o tamanho?

Eu admiti.

— Do tamanho de um arranha-céu.

— O que vai impedi-la de destruir todos nós? De destruir todos os meus animais?

— Nada — A Sacerdotisa podia nos esmagar como moscas. — Não há nada que possamos fazer para impedi-la. Mas confiamos que não nos machuque. Do mesmo jeito que eu confiei que você não iria cortar a minha garganta por Cyclops dormir na minha cama — às vezes ele ainda arranhava a porta à noite e choramingava em vão. Eu o mimava com petiscos para compensar.

— Confiança, hein? — Lark disse, acrescentando em um tom estranho: — Isso é praticamente tudo o que temos.

— Como assim?

— Você não está exatamente muito forte esses dias. Não como quando lutou com Ogen. E não tem o Louco nem Jack pra ajudar. Nem Selenia e Tess, Joules e Gabriel. Nós não temos Ogen — ela sacudiu a cabeça. — E Morte...

— O que?

— O chefe não está pensando em matar; está pensando em você.

Estreitei os olhos.

— O que você sempre planejou, certo? Sua estratégia era que nós ficassemos juntos.

Ela deu de ombros.

— No Dia Zero, ele e eu tivemos uma conversa sobre como ele me mataria em alguns anos. Eu tramei naquele momento encontrar as fraquezas dele — usando da sua determinação ferrenha.

— Como sabia como ele realmente era? Ele podia ser um maníaco homicida.

— Ele é um assassino. Mas todo assassino tem uma fraqueza.

Se minha avó falava a verdade, todos nós éramos assassinos. Todos traiçoeiros e desleais.

Lark soprou as garras.

— Fui de vira-lata a raça pura... em questão de meses.

— Quer mesmo ganhar o jogo?

— Alguém tem que repovoar os animais do mundo. Eu poderia fazer muita coisa em alguns séculos, especialmente com a minha regeneração animal.

Eu tinha explicado aquela sua habilidade não explorada para ela. Assim que localizasse Finn e Richter, ela ia começar a praticá-la.

Os olhos de Lark de repente ficaram vermelhos. Todos os animais em seu quarto ficaram imóveis e silenciosos como estátuas.

— Não posso mais conversar. Meu falcão pode ter conseguido uma pista.

— Oh. Claro — levantei e passei pelas criaturas. Por cima do ombro, disse: — Me avise imediatamente se for Richter — quando saí do seu quarto, considere descender para conversar com Circe, mas quando olhei por uma janela, o rio estava agitado. Ela não parecia com humor pra conversa.

Mais cedo ou mais tarde, Aric e eu teríamos que abordá-la sobre o feitiço.

Segui caminho para o meu estúdio. Ele o chamava de *nosso* estúdio, mas eu sempre consideraria o ambiente como só dele — o santuário onde o meu marido culto/guerreiro cuidava de seus tesouros.

Ele se levantou quando eu entrei. Que cavalheiro.

Quando inicialmente vim para este castelo, ele sempre manteve a mesa entre nós. Agora ele não ficava feliz a não ser que nos tocássemos de alguma maneira.

Aceitei a mão que me oferecia e ele me puxou para que eu sentasse no seu colo, entrelaçando os dedos com os meus.

— Senti saudades, esposinha — sua voz estava rouca, provocando-me arrepios. — Tive problemas em me concentrar no trabalho, continuei reprisando a manhã de hoje.

Eu corei.

— Em teoria, aquela posição prometia ser gratificante — ele disse com um sorriso pecaminoso. — Em prática... *estorrecedora*.

Meu corpo já estava cantando com o seu toque, meus glifos tremeluzindo. Ele notou e me deu um olhar de puro orgulho masculino — tão sexy que minha respiração ficou descompensada. Desejo se aglomerava entre nós, emitindo fagulhas.

Com o olhar possessivo no meu rosto, ele se abaixou para mim, tomando meus lábios como se não me visse há semanas, como se nunca se cansasse do meu beijo.

Eu não me cansava do seu. Minhas palmas percorreram seu peitoral para descansarem no seu pescoço, os dedos entrando em seu cabelo desgrenhado.

Ele me provocava sem vergonha, até eu ser capaz de fazer qualquer coisa para aliviar aquela dor. Eu queria que ele perdesse o controle, que ficasse tão perdido quanto eu estava. Finalmente me ajeitei em seu colo, pedindo contra seus lábios:

— *Aric...*

Ele se afastou com os olhos ardendo. Levantou-se me colocando na beirada da mesa. Com uma passada de braço fez todos os seus papéis voarem, abrindo caminho para que eu deitasse. Bem, tirando tudo de cima a não ser a papoula que ainda crescia.

Ele usou sua velocidade para nos despir o suficiente. Nem um pouco como um cavalheiro.

Ele foi voraz comigo naquela mesa.

E depois no sofá.

E depois de pé, contra a estante de livros, com minhas pernas em volta de sua cintura. Nós *dois* fomos vorazes, a força movimentando os livros das prateleiras.

Quando eles caíram no chão, eu gritei:

— Seus livros! — Eles eram tudo pra ele.

Ele riu, o rosto *glorioso*.

— Deixe que caiam!

— Mas eles são seus tesouros.

Com a voz rouca de luxúria, ele disse:

— Eu tenho apenas um tesouro — desacelerou, prendendo meu olhar com o seu estrelado. — E ela

detém a minha alma.

Entre respirações, eu disse:

— Tem mesmo?

Ele assentiu.

— Ela a mantém bem aqui — ele pressionou a palma sobre o meu coração — perto da sua...

Mais tarde, enquanto minha pulsação tentava retornar ao normal e eu me banhava em seus beijos, perguntei:

— Realmente não está chateado? — Eu reconheci o seu livro favorito no chão — *O Príncipe*. Aquele escrito no original italiano.

Com a testa descansando na minha, ele disse:

— No passado, nunca tive algo além do jogo e dos meus livros e relíquias. Não mais. Tenho uma esposa que adoro. Sou mais que um mero assassino e coletor. Sou um *marido* — ele balançou o quadril, pronto pra mais. — E se eu não estiver enganado, sou um baita marido.

— Tenho algo pra você — disse a Aric depois que tomamos banho e nos vestimos. — Pode sentar ali e fechar os olhos? — Acenei para a cama, determinada a lhe dar o anel que eu secretamente coloquei no bolso outra vez.

Com as sobancelhas erguidas, ele sentou.

— Não sou um amante de surpresas, *sievā*.

— Especialmente das minhas, né?

Com um meio sorriso, ele fechou os olhos.

Ele disse que era um baita marido. Deus, eu concordava. Então o que eu estava esperando?

Ao tocar o anel, os lobos começaram a uivar para alguma coisa. A zootopia de Lark nos enlouqueceria antes que tudo estivesse terminado. Tentei ignorá-los, dizendo a Aric:

— Espero que goste.

Os lobos ficaram mais e mais barulhentos.

Eu tinha acabado de colocar a mão no bolso quando um grito veio de algum lugar do castelo. Lark?

— ENCONTREI FINN!! — A montanha a ecoou com milhares de ruídos de animais.

Aric estava de pé em um flash.

— Devemos nos reunir mais tarde para a minha surpresa?

— Sim! — Nós dois corremos para encontrar Lark. Ela estava no hall de entrada com um trem de criaturas a seguindo.

— Bem, onde ele está? — perguntei, animada por Finn estar vivo. — Ele disse ao seu falcão o que aconteceu?

Ela assentiu com entusiasmo.

— Nos últimos meses, ele se juntou a Joules e Gabriel. Desde que não houve mais chamados Arcanos, os três vem atacando o Imperador usando técnicas de guerrilha. Assim que o falcão o encontrou, ele se separou dos outros dois. Ele conseguiu um carro, então pode seguir...

— A Torre e o Arcanjo? — Aric a interrompeu. Com a voz baixando a um tom ameaçador, ele disse: — Está guiando o Mago para esta direção? — Quando ela assentiu aterrorizada, ele disparou: — Para *este castelo*?

Ela engoliu em seco. *Gulp*.

— Pare o falcão neste instante!

Os olhos dela ficaram vermelhos. Momentos depois, ela piscou.

— Finn parou o carro.

A expressão de Aric me deu arrepios.

— Qual é o problema?

— Na melhor das hipóteses, os amigos do Mago o estão usando para nos encontrar. Na pior, ele está em comum acordo com eles.

Joules vinha apontando para Aric desde que ele matou a namorada de Joules, Calanthe. Em legítima defesa, mas ainda assim...

— Chefe, juro que Finn não é cúmplice deles!

Furioso, Aric acrescentou:

— Mesmo que ele seja inocente, como sabemos que Fortuna e o Imperador não estão seguindo a Torre e o Arcanjo? Ou que Sol não está vigiando sua localização através dos seus Bagmen? Aquele falcão pode estar guiando uma leva de Arcanos direto pra cá — com o olhar indo para mim, ele disse: — Arriscando o que eu mais tenho apreço. — Ele se voltou para Lark, aproximando-se de um jeito ameaçador. Com a voz alta, ele perguntou: — E quando diabos eu Te dei permissão para o Mago visitar este castelo?

Lark trocava o peso do corpo de um pé para o outro à beira das lágrimas, tão diferente da sua usual maneira de se portar.

— Eu escrevi para ele... pensei... que você poderia deixar... ele morar conosco...

— *MORAR* aqui?

Eu me meti entre os dois.

— Finn é meu amigo e aliado — disse a Aric. — No Forte Arcana, ele me contou do plano que ele e Lark tinham de voltar a se encontrar e dei todo o meu apoio. Lark comentou comigo sobre Finn morar aqui no castelo. Se este lugar é realmente meu lar também, então *eu* o convido pra ficar aqui pelo tempo que quiser.

Aric estreitou os olhos.

— E creio que seu marido não opina no que diz respeito ao seu *convite*?

Ergui o queixo.

— Não, ele é muito esperto pra isso. Por que ele é um *baita de um marido*.

45

— Esta é a coisa mais imprudente que já fiz — Aric me informou ao nos levar de carro até a abertura do rio de Circe. — O que é bastante notável, considerando minha idade.

Eu mal escutava, ocupada demais olhando para as paredes imensas de água. *Tanto poder...*

Aric e eu estávamos em seu Range Rover, deixando nossos cavalos para trás. Precisávamos de velocidade para alcançar Finn o mais rápido possível.

Quando tínhamos percorrido alguns quilômetros, Aric disse:

— E trazer você? Pura insensatez. Realmente não sou capaz de lhe negar nada.

— Bem, você obviamente *é*, já que não está usando o elmo — eu o segurava a postos no colo.

Ele só tinha concordado em usar o resto da sua armadura depois de muito esforço.

— Tão rápido quanto me tornei, não necessitarei de proteção da Torre ou do Arcanjo.

E quanto ao Imperador? Parte de mim gritava para enfrentá-lo, para finalmente conseguir a minha vingança. Outra parte sabia que não estávamos preparados.

— Ainda assim me trazer é uma insensatez? — Olhei com raiva para Aric. — Achei que fosse uma deusa poderosa que não precisava de ninguém estendendo-lhe a mão — foi o que ele disse a Jack.

— Seus poderes estão sendo... recalcitrantes no momento. De qualquer maneira, não há *necessidade* de vir comigo.

Lark também queria ter vindo, mas Aric estipulou um limite:

— Se o Mago está tramando, Fauna, eu não a terei presente tentando salvá-lo de mim.

Então ela dirigiu Finn a uma área de descanso que poderíamos mapear.

Enquanto Aric e eu abastecíamos o carro — com as duas mochilas que insisti em trazer e tanques de combustível extra — Lark preparou comida por que Finn não comia há séculos.

Pouco antes de eu entrar na camionete, ela me passou seu *music player* para a viagem, murmurando baixinho:

— Finn não está tramando nada.

— Eu acredito nisso. Aric só está sendo cauteloso.

— Eves, por favor, cuida do meu homem.

Assenti.

Ela tinha se abaixado para sussurrar:

— Estou matando Finn por querer que ele venha para cá?

Não tive certeza se ela falava da possibilidade de Aric realmente assassinar o Mago — ou da possibilidade de Circe fazer o mesmo.

Meu me perguntei se deveria alertar Lark que algo grande estava pra acontecer em nossas vidas. *Tic-tac*. Decidi não falar, já que Finn já estava em perigo.

— Ele está morrendo de fome, Lark. Não vai durar muito nas Cinzas — do lado de fora da nossa espaçonave. — Vou fazer tudo que puder para trazê-lo pra você.

Agora eu dizia a Aric:

— Mesmo que não haja necessidade da minha presença, não quero que a gente se separe. Quando esperamos que Circe abrisse o rio, acho que você pensou por um segundo se ela iria nos deixar sair. E se você saísse sozinho e ela se recusasse a deixar *você* voltar? Como eu chegaria até você?

— Sim, realmente pensei. Por que ela é um Arcano — ele aumentou a velocidade, voando por uma estrada abandonada, desviando de carros fritos pelo Flash e de caminhões. — Digamos que o Mago é inocente de conspirar com os outros dois. E digamos que sejamos capazes de extraí-lo limpamente e levá-lo para nossa casa. Estaremos alimentando e abrigando outro jogador que pode se voltar contra nós.

— Finn nunca faria isso.

— E ainda assim espera que Circe se vire contra mim?

Bom argumento.

— E quanto à convergência? — ele questionou. — Mais Arcanos *trazem* mais Arcanos.

— Quando cheguei aqui, havia quatro de nós. É só um a mais. De qualquer modo, quer mesmo ser a carta que separa Lark e Finn? E se o karma te fizer pagar do mesmo jeito?

Com a voz em um rosnado, ele disse:

— A ideia, *sim*, ocorreu-me. É uma razão para estar nesta viagem.

Meus lábios se curvaram ante o seu comportamento mal-humorado.

— Do que ri, esposa?

Eu dei de ombros toda indiferente.

— Gosto da sua camionete.

— Ótimo. Aparentemente, é metade sua.

Por mais ou menos cento e sessenta quilômetros, nós escutamos a *playlist* de Lark, perdidos em nossos pensamentos. Lentamente fiquei ciente que Aric me dava umas olhadas e batucava os dedos no volante — não no ritmo da música.

Abaixei o volume.

— Desembucha, Ceifador.

— Acho que sei a razão de estar lutando com seus poderes.

Eu arqueei as sobrancelhas.

— Você precisa entrar em luto.

— E como deveria fazer isso? — Soltar o torniquete e sangrar até morrer? O que restaria de mim?

Ele abriu a boca para dizer algo. Fechou. Outra tentativa:

— Meu pesadelo é perdê-la. Falei mais de uma vez que não posso imaginar a vida sem você. Mas percebi que pode ter dito o mesmo a Deveaux. E agora está *revivendo* a vida que não era capaz de imaginar. O pesadelo se tornou realidade pra você.

Apertei os punhos nos bolsos do meu casaco. *Girar, apertar, constringir*. Assim que controlei minhas emoções, disse:

— A vida com você dificilmente é um pesadelo, Aric — nossa existência era ótima; eu deveria estar feliz. — Você é o marido perfeito.

— Quando voltarmos vai conversar comigo sobre Deveaux. Vai me contar a respeito da fita vermelha e por que a neve a entristece.

Engoli com dificuldade.

— Você... você espera muito de mim às vezes. Realmente quer me ver chorar por outro homem?

— Quero estar presente em todos os momentos. *Sievā*, não pode seguir sufocando isto.

Eu sacudi a cabeça.

— Nunca iria querer te magoar.

— Antes dos últimos dois meses, vê-la sofrer por ele poderia ter doído. Mas agora sei que me ama. *Sinto* que me ama. E sei que amou Jack — ele ofereceu a mão no encosto de braço. — Então isso prova que o seu coração é grande o bastante para dois.

Eu tirei a mão esquerda do bolso e entrelacei os dedos nos dele. Ele também tinha me provado algo. Encontrei seu olhar.

— Nunca te amei mais como amo neste exato momento.

Sua expressão ficou orgulhosa, e uma calmaria fluiu sobre mim. Ao fim daquela noite ou morreríamos buscando Finn — ou eu lhe daria o anel.

— Loirinha! — O rosto de Finn se iluminou quando saí da camionete.

Ele estava nos esperando em uma área de descanso da rodovia, escorado em seu sedã queimado, o falcão empoleirado no capô.

Aric tinha estacionado não muito longe, estrategicamente visando uma fuga rápida. Ele saiu do carro, parecendo altamente alerta.

Olhei feio para sua falta de elmo. Droga, eu tinha acabado de entregar o elmo a ele pouco antes de sair.

— Sério, Aric? — Ok, talvez ele ainda precisasse de um adestramento marital.

Ele ergueu os ombros.

— Fique próxima a mim, *sievā* — tive um flash de memória de Jack dizendo: —... *você é como uma sombra*.

Torniquete.

Não via Finn há meses, mas o Mago ainda estava usando uma bengala, mancando para vir me abraçar. Ele parecia ter perdido dez quilos e suas roupas estavam esfarrapadas.

Eu o abracei, chocada com a sua magreza.

— Senti sua falta, Finn — eu sinceramente esperava que ele não estivesse tramando contra Aric. — Como se despediu de Joles e Gabe?

— Disse a eles que eu precisava ver a minha garota — ele deu de ombros. — E que não estava muito a fim de matar Morte, já que o Ceifador vai me deixar ficar no sofá pelo resto da vida e tudo mais.

Aric fechou a cara.

— Com a autorização de quem, maldição?

— Não ligue para ele — acreditei em Finn, então eu o levei para que entrasse na camionete. Quando abri a porta de trás, o falcão voou para dentro do carro.

Lark não queria tirar os olhos do garoto. Ownn.

Finn hesitou na porta.

— Sinto muito sobre Jack, Eves. O Cajun era outro nível. Um dos melhores caras que eu já conheci — Finn tinha passado meses nas Cinzas com ele, Selena e Matthew, tentando construir um lar. Eu sabia que o Mago teria dado a vida por Jack.

Eu consegui dizer:

— E Selena. Ela ficou ao lado dele até o fim — *Girar, apertar, restringir*. Senti o olhar de Aric em mim. Ele se perguntava por que meus olhos não se enchiam de água? Eles logo se encheriam, se as coisas acontecessem como ele queria.

— É. Ela ficou. Sinto falta deles — Finn tirou o cabelo loiro escuro comprido da testa. — Teve notícias de Matto?

Aric de repente puxou uma de suas espadas.

— Não estamos sós, *sievā*. Entre no carro.

De jeito nenhum. Empurrei Finn para dentro, então me virei e me preparei pra lutar. Minhas garras de espinhos afiaram e criei videiras com meu sangue pelo pavimento rachado.

Da escuridão, um raio de luz disparou na direção de Aric. Um dardo!

— Aric, cuidado...

Como um borrão, ele... *o capturou* com uma mão — antes de eu sequer terminar de falar. Fiquei de boca aberta com a sua velocidade.

— Grato por isto, Torre! — ele gritou. — Nunca se pode ter muitos — ele girou o dardo brilhante e prateado na palma e ele se retraiu em um bastão.

Putá merda! Conseguimos outro dardo de raio! Meus olhos se arregalaram com compreensão e eu disse:

— Você *planejou* isso.

Ele piscou para mim e então gentilmente me atirou o bastão. Eu me esforcei antes de deixá-lo cair. Ele sorriu como se achasse a minha falta de jeito adorável.

— Macacos me mordam — murmurei, pegando o bastão e colocando-o no bolso do casaco. — Coordenação de mãos e olhos não é *meu* forte.

— Justamente — com a expressão ficando fria, ele gritou: — Mostre-se, Torre!

Joules saiu de um jeito todo fanfarrão dos restos de uma construção, girando outro bastão, a pele saindo fagulhas com hostilidade. Gabriel desceu em um farfalhar negro de asas. Ele fez uma saudação formal para Aric e para mim.

Eles estavam horríveis. Também não vinham comendo direito e suas roupas estavam esfarrapadas. Até o terno antiquado de Gabriel — normalmente tão imaculado — estava manchado de sangue e surrado.

Notei o ícone de Tess nas costas da sua mão. Ele notou que eu notei e seu rosto entristeceu, os olhos verde-folha cheios de tristeza.

— Eu sabia que usariam o Mago para me encontrar — disse Aric. — Era seu plano matar apenas a mim? Ou também a Imperatriz e Fauna?

Joules disse:

— Só chegamos até a parte onde eu eletrocuto você.

Finn colocou a cabeça para fora da janela com o falcão nos braços.

— Mas que merda, gente? — Ele estava genuinamente magoado. — Vocês estavam me seguindo? Isso foi golpe baixo, cara. *Baixo*. Achei que éramos amigos.

Aric me olhou. *Está vendo?* A maioria dos Arcanos não era confiável.

— Ei, Imperatriz, vou pegar esse dardo de volta — disse Joules. — Nem que eu precise ter que lutar com você.

— Creio que tenha feito um voto de jamais feri-la — falou Aric. — Em todo caso, terá que passar por mim.

Joules se voltou para Gabriel.

— O que acha, Gabe? Eu deveria... — Joules atirou outro dardo em Aric com uma velocidade chocante, e um *segundo* que eu nem vi de sua outra mão!

Aric segurou um dardo enquanto sua espada voava para desviar o segundo ataque.

Antes de eu ter tempo de piscar.

Da camionete, Finn exalou:

— Caaara.

Aric sorriu.

— Já se perguntaram de onde veio a expressão *reflexos da velocidade da luz*? — Deus, ele era tão convencido. Eu amei.

Consegui segurar o bastão que ele me jogou desta vez. Conseguimos um par de dardos!

Joules deu um grito estrangulado.

— Não ligo o tempo que demore. Vou matar você!

— Concentre seus minúsculos talentos no Imperador e em seus aliados. Ou morra.

Eu disse a eles:

— *Todos nós* deveríamos nos concentrar em Richter. Onde ele está?

Finn disse:

— Ele e sua aliança tem um esconderijo, mas não conseguimos encontrar o lugar. Principalmente agora...

— Por que agora?

— Zara meio que descolou o helicóptero de ataque militar mais foda de todos — ela conseguiu depois do acidente? — Ela e Sol voam nele. É cheio de metralhadoras e até mísseis.

O arsenal de Fortuna estava ficando ainda mais poderoso, como o de Lark. Eu me perguntava se Zara tinha descoberto a ampla extensão de suas manipulações da sorte.

— Richter ainda está com eles?

Os olhos escuros de Joules brilharam.

— *Bem* ao lado. Aquele filho da puta aprendeu a surfar ondas de lava — como eu tinha lido em minhas crônicas. — Mesmo que pudéssemos atacar com raios, Zara está sempre lá para dar cobertura.

Aric parecia furioso.

— Permitiram que ela adquirisse um helicóptero de guerra? *Depois* de começarem a atacá-los?

Em um tom cheio de orgulho, Joules disse:

— Eu atingi e fritei cada helicóptero em cada base, aeroporto e hangares pelos quais passamos. Até peças de helicópteros, para que ela não pudesse fazer reparos. Mas ela estava escondendo esse.

— A embarcação emprega visão infravermelha — Gabriel falou em voz baixa. Sua fala e sotaque eram tão antiquados quanto seu terno, mesmo quando falava de infravermelhos. — Tal tecnologia demove até as ilusões do Mago. E há poucas assinaturas de calor restantes no mundo, nenhum motor, animais e humanos escassos, com as quais nos misturar. Nem árvores para fornecerem cobertura — ele abriu uma asa negra sedosa. Estava perfurada por múltiplos buracos de bala. — Como sugere que nos *concentremos* neles? Possui sabedoria, Cavaleiro Eterno. Partilhe-a. Terá minha atenção.

Por mais que eu fosse amar voar, aquelas asas realmente eram uma fraqueza. Ele já tinha um buraco de bala em uma na última vez que o vi. E Aric tinha perfurado uma delas não muito tempo atrás.

— Primeiro passo — disse Aric. — não os guie até a aliança que poderia de fato impedi-los.

— Eles não nos seguiram — disse Joules.

— E quanto aos Bagmen? — perguntei. — Eles são os vigias de Sol.

— Gabe sentiria o cheiro de qualquer Bagger — Joules dispensou minha preocupação. — Inferno, *eu* teria.

Gabriel inclinou a cabeça.

— *Esperem*.

— O que ouve, amigo? — Joules murmurou produzindo outro bastão. Embora ele normalmente soasse como um brutamonte das ruas, às vezes quando ele falava com Gabriel ele parecia mais jovem, não tão grosseiro.

Isso me fez pensar em como era o Senhor dos Raios antes do apocalipse. Antes da morte horrível de Calanthe.

— Um... helicóptero está de fato se aproximando — Gabriel disse a ele. — De algum modo, Zara tem a nossa localização.

— Me deixe aqui, Gabe.

O Arcanjo sacudiu a cabeça.

— Se eu ganhasse um dólar para casa vez que disse essas palavras... E dou-lhe minha resposta costumeira: nunca.

Franzi a testa olhando para os pés. Um tremor? Eu ouvia o helicóptero à distância e... asfalto rachando? A necessidade de lutar e matar me *empolava* por dentro, o calor da batalha ardendo tão quente quanto as chamas que quase me pegaram quatro meses atrás. Mas sem um plano e preparação, não poderíamos lutar contra um helicóptero militar e terremotos.

Aric disparou:

— Dentro do carro, *sievā!*

Corri para o veículo. No estacionamento, fissuras se bifurcavam como os raios de Joules. Meu queixo caiu quando o sedã abandonado de Finn caiu dentro de uma. Uma explosão abalou a área.

Eu cambaleei, agarrando a maçaneta da porta. Aric apareceu atrás de mim para me empurrar dentro da camionete. Enquanto corria para o seu lugar, a porta de trás se abriu ao meu lado.

Joules e Gabriel entravam! O falcão berrou quando Joules deu uma cotovelada em Finn para fazê-lo se afastar.

Aric deslizou para trás do volante, seu comportamento letal. Em um tom baixo, ele disse:

— Sou famoso por conceder últimos desejos.

Gabriel retrain suas asas sedosas, mas elas ainda eram enormes em um espaço tão confinado.

— Respeitosamente solicitamos umas *verdades* — como Matthew havia chamado uma trégua Arcana. Outro tremor. Mais fissuras serpearam em volta da nossa camionete.

Quatro vozes gritaram para Aric:

— Vai!

Com um palavrão murmurado, ele acelerou.

— Se escaparmos, eu vou jogar você pra fora deste veículo, e quando o fizer, muito provavelmente cortarei suas gargantas.

Aric acelerou pelo estacionamento, seus reflexos velozes ajustando nosso curso enquanto os tremores de terra continuavam. Ele habilmente desviou na direção da saída e então voltou pra rodovia. O motor rugia conforme a camionete corria.

Ele estreitou os olhos para o retrovisor, dizendo a Joules:

— Só um dos mísseis de Fortuna elimina cinco de nós. *Cinco*. Ela usará de tudo em seu arsenal para atingir este veículo.

— Parece que você dirige como faz tudo o mais. Então não *deixe* essa merda nos pegar!

Finn olhou para seus ex-amigos de cara feia e então deu as costas a eles, falando com o falcão em uma voz sussurrada.

Joules passou a mão pelo rosto.

— Como diabos eles nos acharam? Os Baggers do Sol?

— Não farejei um — disse Gabriel. — Eles possuem um odor bem distinto.

Joules perguntou a Aric:

— Sol pode disfarçar o fedor?

Aric olhou para mim.

— Imperatriz?

— Talvez. Se ele lavar suas peles. É a gosma que fede.

— Ei, o que faz dela uma especialista?

Com os olhos na estrada congestionada, Aric respondeu distraidamente:

— Ela passou vários dias na companhia do Sol.

— Caramba, Imperatriz. Você se move rápido.

Eu enrijeci.

Aric disse entre os dentes:

— Deseja *mesmo* morrer, Torre.

Uma nova rachadura se abriu a poucos metros da camionete.

— Uh, Aric — fiquei olhando fixamente pra baixo. — Fissura bem à sua direita — ela se abria seguindo a nossa velocidade.

Ele respondeu:

— E uma à minha esquerda.

Entortei a cabeça e avistei a terrível nova arma de Zara. O formato do helicóptero era anguloso e afiado, com armas enormes acopladas debaixo dele. O nariz pintado parecia com a boca aberta de um dragão, presas brilhando.

Zara pairava acima dos restos em chamas do carro de Finn.

— Ela está verificando a explosão. Talvez pense que alguns de nós estávamos no carro... — Minhas palavras sumiram.

A aeronave girou facilmente em um círculo controlado como uma roleta. *Onde ela vai parar ninguém sabe.*

Carrossel. Roleta. Torniquetes.

Símbolos. Marcos...

A aeronave parou a rotação, o nariz sinistro apontando diretamente para nós.

— Pisa fundo! — gritei. — Eles nos viram — o nariz abaixava enquanto o helicóptero acelerava.

As asas negras de Gabriel estremeceram.

— Que som é esse?

Eu pisquei, sem crer em meus olhos.

— Ela disparou um míssil!

— Segure-se, *sievā* — a expressão determinada de Aric me matou de medo.

Olhei para a frente.

— Carros, Aric — dois carros estavam perto demais um do outro, de jeito nenhum ele conseguiria passar pela abertura tão apertada. Mesmo assim ele acelerou ao se dirigir exatamente ao vão. Sua expressão era de frieza focada, a mandíbula travada.

Oh. Merda.

— Sai da frente! — Joules gritou, tentando alcançar a porta.

Falcão nos braços, Finn mergulhou para os fundos.

Joules formou um dardo. Antes que eu pudesse avisar, ele abriu a porta traseira e tentou lançar um raio...

O som ensurdecedor de metal contra metal. Os retrovisores quebraram. Uma chuva de faíscas iluminou a noite e a porta bateu em cima de Joules; seu dardo recuou e perfurou a asa de Gabriel.

O míssil de Zara atingiu os carros à esquerda, lançando pedaços bem alto no céu. Aric desviou de uma roda que caía. De um eixo.

Dos assentos da terceira fileira, Finn disse:

— Isso que é dirigir, cara!

Joules cuspiu:

— Tá tentando me matar? — Ele baixou a lança. — Gabe, você tá bem?

— Ficarei bem prontamente.

— Cale-se e faça algo útil — Aric disse a Joules. — Qual é o seu alcance?

Com os ombros eretos ele respondeu:

— Longe o bastante.

— Qualquer que seja, eles saberão a distância pelos seus ataques prévios, então ela nunca voará *neste* limite. Se disparar outra vez, você vai ter que atingir o míssil — Aric apertou um botão no painel e o teto solar estendido se abriu acima de nós. — Deixe que se aproxime antes de atacar.

— Porra, quer que eu acerte um alvo em velocidade? *De* outro alvo em velocidade?

Aric suspirou.

— Tente deixar o dardo do *lado de fora* do veículo desta vez.

Os olhos de Joules arregalaram, seu rosto faiscando de raiva.

— Oh, seu filho...

— Torre, vamos permanecer no objetivo — Gabriel interrompeu.

Aric olhou de relance para Joules.

— Dê alguns para o Arcanjo.

— Ninguém além de mim pode atirar essas coisinhas.

Eu disse:

— Na verdade...

Joules deu de ombros e deu alguns bastões a Gabriel; depois ele saiu pelo teto solar.

— É isso aí, dê espaço para o Senhor dos Raios — ele criou outro dardo e então rodou a cabeça, alongando o pescoço.

Aric disse:

— Arcanjo, exploda os carros. Vários. Precisamos de outros alvos de calor.

Assentindo, Gabriel levantou no banco ao lado de Joules, suas asas fechadas sacudindo.

Quando o helicóptero deu um solavanco e fumaça soprou da cauda, eu disse:

— Eu acho que ela acabou de...

— Disparou outro! — terminou Gabriel.

— Jesus, lá vem!

Gabriel e Joules bombardearam cada carro pelo qual passávamos, mas o míssil ainda estava apontado para nós e vindo rápido.

— Lance-o, Torre — disse Gabriel. — Agora!

Joules atirou um dardo... ele foi se afastando... uma explosão atrás de nós!

— Acertei essa porra!

Até Aric pareceu surpreso.

Joules gargalhava de satisfação.

— E ainda tenho um tempinho de arriar a calça e mostrar minha bunda pra ela. Acha que a minha bunda vai aparecer no seu infravermelho? — O brutamontes das ruas estava de volta.

— Míssil! — disse Gabriel.

Joules atirou outro dardo... e também destruiu aquele!

— Aguento a noite inteira, Fortuna!

Se pudséssemos viver por tempo suficiente, poderíamos fazer com que ela perdesse todo seu arsenal.

— Conserve um pouco de poder — disse Aric. — Ela pode enviar dois da próxima vez. Pelas luzes das explosões, pude ver a aeronave retrocedendo.

— Por que ela está desacelerando?

— Para dar aos mísseis tempo de acelerar. Torre não será capaz de atingi-los se vierem a toda velocidade — Aric prendeu meu olhar. — Quando eu der o sinal, quero que salte deste carro.

— Não! Se você vai continuar, eu também vou. Esse era o trato. Diga a Joules como fazer aquele campo de raios.

Joules baixou a cabeça para dentro do carro.

— Que campo de raios?

Aric trincou os dentes.

— E quando ele utilizar desse poder contra *nós*?

— Cada coisa em sua hora, Aric! Vamos lidar com isso mais tarde.

— Role quando cair — ele me disse. — Então corra na direção da água.

— Do que está falando...

Ele estendeu o braço por cima de mim para abrir minha porta.

Uma videira explodiu do meu indicador e me prendi à droga da maçaneta.

— Nem pense nisso!

Ele bateu a porta com força.

— Mulher teimosa! — Fez um som de frustração e então pediu a Joules: — Pode lançar dois dardos com precisão?

— Até dormindo.

— Lance um par para que caíam exatamente ao mesmo tempo a uns trinta metros de distância um do outro. A eletricidade entrará em combustão entre eles. Se for tão preciso quanto diz.

— Ta de sacanagem? — Joules ficou em posição.

— Você consegue — Gabriel disse a ele. — Deve.

Torre puxou o ar várias vezes e então lançou dois raios ao mesmo tempo... Os raios caíram, mas nada de incomum aconteceu.

Aric desviou de um *trailer*.

— *Exatamente* ao mesmo tempo.

Gabriel abaixou a cabeça de novo.

— Ela disparou. *Dois*. Estão ganhando velocidade!

Joules soltou mais dois. Mais duas colisões. Nenhuma combustão.

Aric disse:

— Você é capaz, Torre. Eu *já* te vi fazer isso.

Joules deu um grito e atirou mais dois. Prendi a respiração. Já podia ver o par de mísseis vindo em nossa direção.

Uma teia de eletricidade explodiu no céu. Eletricidade que estalava, maior do que tudo que já vi.

Os mísseis explodiram na teia elétrica.

— Ei, agora a gente tá cozinhando com gasolina!

— Aquela garota já deve estar sem mísseis — disse Finn. — Eu só vi quatro da última vez.

Aric desviou de mais carros.

— Ela ainda não usou as bal...

Balas pontilharam a rodovia dos dois lados do carro.

— Entrem! — eu gritei.

Joules e Gabriel desceram de um pulo.

Aric fez um desvio, quase batendo em um conversível com dois Baggers ainda com os cintos de segurança. Outra jorrada de balas atirou pedaços daquele carro em cima de nós, mas ele se esquivou dos detritos. Com a sua concentração fria, ele passou por entre dois tratores enormes e depois desviou de uma locomotiva que havia caído de uma ponte com trilhos acima.

Com o coração acelerado, eu disse:

— E pensar que eu já me perguntei se tinha dirigido um carro.

— Não posso correr dessas balas por muito mais tempo.

Mais perfuravam o chão a centímetros de distância. Pedaços de pavimento ricocheteando quebraram o vidro da minha janela.

— Merda! — Vento entrou na camionete. Meu cabelo batia no rosto, meus olhos enchiam de água.

— Está ferida, *sievā*?

— Não, estou bem — um Bagman no acostamento chamou minha atenção. Como se em câmera lenta eu o vi... acenar para mim. Nada bem. *Estou ficando louca.*

Passamos por mais um. Ele colocou uma mão gosmenta no peito, como se fizesse uma promessa.

Ou eu estava louca... ou Sol estava tirando uma com a nossa cara. Outro Bagman à frente levantou o braço, apontando pra direita — onde havia um desvio para uma estrada menor.

Ou Sol estava nos *ajudando*?

A velha Evie juraria que ela e Sol dividiram um momento, que alguma espécie de laço tinha se formado. A Evie atual diria "Não confie em ninguém. Mate primeiro; pergunte depois." Como vovó tinha dito repetidamente, *todos* os Arcanos eram traiçoeiros e assassinos desleais. Aric também tinha pouca confiança nos outros jogadores.

Qual Evie escolheria ser?

Bem quando uma linha de balas desviou na nossa direção, eu disse:

— Aric, pegue a próxima à direita! — Droga, eu criaria meus próprios símbolos. Preencheria a minha nova página em branco.

Ele fez uma curva à direita e nós deslizamos para a pista menor.

— Está familiarizada com a área?

Não respondi. Na próxima junção, outro Bagger apontou para a esquerda.

— Dobre à esquerda.

Nós derrapamos para a esquerda, a linha de fogo costurando o pavimento onde tínhamos acabado de estar. A estrada começou a se curvar por entre desfiladeiros. Balas batiam nas paredes rochosas, ao invés de em nós; eu só rezava para que elas não ricocheteassem no sentido errado.

— Um terreno bem melhor, *sievā*. O Louco está falando com você?

Gabriel disse:

— Os chamados retornaram?

Eu sacudi a cabeça.

— Hmm, os Bagmen estão nos guiando. Acho que Sol está os usando para nos ajudar.

Aric me olhou duas vezes, espantado.

— Jesus! A Imperatriz ficou doida. Como pode acontecer quando se está trepando com a *Morte*.

Gabriel colocou a mão no meu assento, suas garras se enterrando no couro.

— Se ele está nos levando a algum lugar, será a uma armadilha... ou um precipício.

— Por que ele ajudaria seus inimigos? — Finn perguntou dos fundos do carro.

Joules gritou:

— É Sol que está na porra do helicóptero atirando na gente! Ele não está tentando nos matar e nos salvar ao mesmo tempo.

Aric murmurou para mim:

— Não posso discordar da lógica deles.

— Sol precisa fazer parecer que ainda é aliado de Zara.

Joules se virou para Aric.

— Está ouvindo isso?

Finn acrescentou:

— Eves, Sol não é um cara legal. Ele é do mau.

Sim, às vezes. Mas eu também fui. Agora eu era diferente.

— Ele é *cheio de camadas* — falei, usando as palavras de Sol. — Lá em cima, tem outro Bagman apontando para a esquerda.

Aric me olhou.

— Tem certeza? Se acredita que esse é o curso certo, vou segui-lo.

— Sério?

— Confio minha vida a você.

Eu cometi tantos erros, erros trágicos, que pouco confiava em mim mesma. Então imaginei Sol à beira da lápide de lava. Ele estava dividido.

— Eu acredito que Sol está ajudando.

Aric pegou a esquerda ao passar pelo Bagman.

Joules soltou outro palavrão.

— Eu entendo que ela seja a única disponível pra você, mas não vale a pena morrer só pra trepar com alguém!

Os ombros de Aric ficaram tensos.

— E ainda assim você vive arriscando a Morte por causa da que perdeu.

A pele de Joules faiscou de novo, a mão descendo até a bota.

Ele tinha uma faca guardada ali?

— Nem pense em feri-lo, Joules! Ou te enveneno daqui.

À nossa esquerda havia um túnel. Um Bagger apontava para a direita. Aric pegou a direita.

— Olhem para lá — disse Gabriel. — O desfiladeiro leva a uma cidade, uma com edifícios ainda em pé — aquele vale tinha estruturas de montanha a montanha. Fogo em alguns locais. Bastante fumaça. Muitas coisas para confundir o infravermelho.

Aric ergueu as sobrancelhas pra mim.

— Talvez Sol *estivesse* nos auxiliando. Se alcançarmos aquela cidade, podemos despistar Fortuna — ele segurou minha mão no *console*.

Joules tossiu.

— É um anel de casamento que vejo com o meu olhinho? Já casada, Imperatriz? Jesus, o Cajun mal esfriou no túmulo há uns meses. Na realidade, ele nunca *esfriou*, né?

Joules podia muito bem ter me esbofeteado.

A voz de Aric se tornou ameaçadora.

— Se alguma vez falar de Deveaux novamente, usará palavras de respeito ou juro pelos deuses que vou cuspir um de seus próprios raios.

Finn, Gabriel e Joules pareceram chocados com a defesa a Jack de Aric. Até eu fiquei surpresa.

Joules murmurou:

— Isso que é mudança.

A rua tremeu outra vez, vibrando a camionete.

— O Imperador está se aproximando.

Aric acelerou ainda mais.

— Precisamos chegar lá antes que ele destrua a estrada.

Eu olhei pela janela; uma fratura se abria ao nosso lado, correndo atrás de nós. Mas estávamos mais a frente.

— Vamos conseguir. Estamos mais rápidos.

Aric de repente pisou nos freios. Virei a cabeça pra frente.

Um cavalo que era só pele e osso trotava na nossa frente. Todos nos admiramos ao ver um animal...

Fissuras se abriram pela estrada que levava ao vale. O cavalo desapareceu em uma rachadura a poucos metros de nós. Nossa fuga tinha sido sabotada.

47

Aric deu ré na camionete.

— Abaixas as asas, Arcanjo! — Quando Gabriel tentou em vão abaixá-las, Aric esmurrou a janela com a cabeça pra fora enquanto dirigia.

— Para onde vamos?

— Fortuna está vindo por trás. Só há uma saída.

O túnel.

Aric chegou até o desvio e pisou no acelerador mudando a marcha. Embora Richter pudesse desmoronar aquela montanha em nossas cabeças, corremos até a entrada do túnel. Aric apagou os faróis, acelerando no absoluto escuro. No centro do túnel, ele freou.

— Ouçam.

Swoop swoop swoop. O helicóptero de Zara.

— Ela está voando aqui em cima. Vai nos esperar do outro lado.

Aric assentiu.

— Ela pode ter mais um míssil. Mesmo sem um, poderia usar as armas para provocar um desmoronamento, prendendo-nos até o Imperador chegar.

— Alguns de nós sabe como é essa sensação, Morte — Finn disse em voz baixa. Por que Aric mandou Ogen bater numa montanha — enquanto meus aliados e eu estávamos dentro dela.

Aric simplesmente disse:

— Sim.

Para Joules e Gabriel, Finn acrescentou:

— E vocês dois não são os amigos com os quais gostaria de passar meus momentos finais — ele acariciou o falcão, endireitando seu pequeno elmo.

— Eu a verei logo, moça Cally — disse Joules, outra vez parecendo tão jovem, quase... inocente. Ele até fez o sinal da cruz me lembrando de Jack...

Eu me virei para Aric. Se esse era o fim, estava grata de ter passado dois meses com ele.

Fazendo um som de frustração, ele olhou para Finn por cima do ombro.

— Mago, precisa disfarçar esta camionete.

Finn pareceu surpreso de que o Cavaleiro Eterno se dirigisse a ele. Ajustando o pássaro para ver Aric melhor, ele disse:

— Zara será capaz de detectar o calor do motor.

— Oculte isso também.

O falcão deu um grito baixo como se dissesse: Ouça.

— Uh, eu apenas crio ilusões. Como fotos, sabe? Fico no banco de reserva com essas coisas maiores.

Como se as palavras fossem arrancadas dele, Aric disse:

— Você é um mago. Exerce magia. Elabore um feitiço de ocultabilidade que nos torne *totalmente* indetectáveis. Não uma ilusão.

Finn se animou.

— Sério? Eu posso fazer isso?

— Pode e deve. Não sei o encantamento exato, mas começava com as palavras... — Aric recitou algo que parecia meio que Latim.

Eu não tinha ideia do que ele disse, mas Finn ficou tenso, como se atingido pela eletricidade de Joules.

— Cara. Eu sonhei com isso.

— Significa: *Eu comando e conjuro*. Comece a invocação, imagine o que quer que se realize e o resto deve seguir.

As ilusões de Finn distorciam a realidade para os outros, mas não necessariamente para as pessoas nas quais ele trabalhava sua magia. Nós ainda pareceríamos a mesma coisa. A camionete também.

— Como vamos saber se ele conseguiu?

Aric encontrou meu olhar.

— Se passarmos por Fortuna com vida.

Finn repetiu as palavras de Aric e então pareceu chocado quando mais comandos misteriosos se seguiram. Sua respiração embaçava enquanto falava em sua língua de Mago. Ele começou a suar.

— Isso — disse Aric. — Concentre-se.

O corpo de Finn estremeceu; o falcão se agitou.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. *Algo* estava acontecendo. Magia parecia girar ao nosso redor. Joules e Gabriel se entreolharam. Eles também sentiram.

Depois de mais um minuto ou dois falando, Finn fez uma pausa.

— Sinto que completei o feitiço ou algo assim. Poderia ser para um coelho branco aparecer dentro de uma cartola preta em algum lugar da terra — com uma careta, ele adicionou: — Mas qualquer que seja esse feitiço, definitivamente o estou abastecendo.

Embora não tivéssemos ideia se ele tinha produzido uma ilusão, muito menos uma ocultabilidade, Aric dirigiu a camionete até o fim do túnel — e direto para o refletor de Zara.

Dali podíamos ver o helicóptero bem de perto.

— Ela tem mais um míssil — Gabriel murmurou.

— Qual é o seu plano? — sussurrei para Aric.

— Passar por baixo dela.

Eu sibilei:

— Não há espaço suficiente! — O teto solar ainda estava aberto; eu não sabia se iria querer ver o quão perto passaríamos.

O refletor era ofuscante ao emergimos da montanha. Se o poder de Finn vacilasse... se Zara pairasse mais abaixo...

Aric foi na direção do helicóptero.

E depois *debaixo* dele.

Todos levantamos a cabeça, prendendo a respiração...

Joules murmurou:

— Jesus, os patins de aterrissagem estão perto demais.

Se o helicóptero descesse mais um milímetro, bateria nos suportes do teto da camionete.

— Mais rápido, Ceifador — Joules disse apertando os dentes. — Tira logo a gente daqui.

— *Silêncio*. Mais rápido significa mais calor e som; não aumentarei nenhum dos dois — embora tudo dentro de mim berrasse para fugir, o frio Aric continuou deslizando para frente. Alguns metros mais... quase lá...

Pronto! Um coro de exalações.

Finn tremia, pingando de suor.

— Gente, e-eu não sei o quanto aguento mais.

— Só um pouco mais, Mago — disse Aric.

Dirigimos por mais ou menos meio quilômetro quando Zara levantou o helicóptero — e disparou seu último míssil.

O túnel explodiu, desmoronando metade da montanha, o impacto abalando a camionete mesmo à distância.

Quase que para si mesmo, Aric disse:

— Que equívoco, Fortuna — então disse a Finn: — Estamos quase ocultos por outra montanha. Se conseguir manter o feitiço até lá, eles assumirão que ficamos presos naqueles escombros, morrendo lentamente.

Embora Finn parecesse prestes a desmaiar, ele concordou dolorosamente com a cabeça.

Quando fizemos uma curva, Gabriel disse:

— Olhem para trás, à sua esquerda. Aquela era a estrada em que *estávamos*, indo para aquela ponte.

Segui seu olhar até uma ponte suspensa destrocada.

— Esteve inutilizada por um tempo — ela me lembrava da que eu pulei para fugir de Morte. Joules, Gabriel, Tess e eu tínhamos lutado com Aric e Ogen. Parecia há tanto tempo. *Realmente, que mudança...*

Aric me olhou.

— Se não tivéssemos seguido as instruções do Sol, estaríamos mortos — para Finn, ele acrescentou: — Estamos bem.

A exalação de Finn deve ter durado um minuto.

Eu dei um sorriso para ele.

— Você é um Mago e tanto.

— Valeu, loirinha — pálido e escorregadio de suor, ele deu um sorriso fraco. — E valeu, Morte, pela receita. Aquilo foi de verdade. E foi divertido. Mas não muito.

Joules bateu no assento de Aric.

— Ei, aquilo foi por pouco. Tem uns nervos de aço, Ceifador, isso eu admito.

Gabriel acrescentou:

— Bem jogado, Morte.

Eu assenti.

— Eu jamais teria a disciplina de reduzir a velocidade debaixo do helicóptero.

Aric capturou meu olhar.

— Eu jamais teria a fé de confiar no Sol.

Todos nós unimos os poderes hoje — com exceção de mim — mas minha crença em Sol tinha ajudado a nos salvar.

Percorremos mais alguns quilômetros quando avistei outro Bagman. Ele estava no acostamento fazendo sinal de carona.

Aric ergueu as sobrancelhas para mim.

— Sol tem um senso de humor *peculiar*. Pode parar? Quero agradecer — e talvez encarar uma

daquelas criaturas de perto. Enfrentar meu medo.

Aric diminuiu, mas continuou tenso e preparado pra ação.

Cortei o polegar e brotei uma flor para Sol como símbolo de gratidão. Lutando contras as lembranças do meu ataque, entreguei a flor ao Bagger me dirigindo a Sol através da criatura:

— Uma rosa amarela, apropriada para um deus do sol.

Com um sorriso horripilante, o Bagman aceitou a rosa — e me deu uma cortesia formal se curvando.

— Sol, você tem mesmo *camadas*. Obrigada, Iluminador.

Aric dirigiu noite adentro.

— Adivinhem o que isso significa? — perguntei aos meninos. — Temos um homem em terreno inimigo.

Um silêncio reinou enquanto continuávamos pela estrada.

— E agora? — perguntei a Aric.

— Encontro um local onde depositar nossa carga indesejável.

Gabriel e Joules não pareciam empolgados com o prospecto.

Eu disse a eles:

— Temos alguns mantimentos nas mochilas. Podem ficar com eles — em um tom mais baixo, falei: — Antes de irmos, quero que saibam que eu sinto muito por Tess e Selena.

— E nós sentimos por Jack — disse Gabriel e até Joules concordou. — Queria que Tess tivesse te esperado. Mas achamos que havia sido morta por Richter ou Circe. Era você quem Tess desejava trazer de volta, mais que todos.

Eu não merecia tanto respeito assim da garota. Pra salvar Jack, eu a teria sacrificado.

Mais silêncio.

Aric olhou pelo retrovisor para Joules.

— Por que os dois e Temperança me tinham como alvo?

Joules deu de ombros como se fosse um cara super durão, mas sua voz quebrou ao responder:

— Cally disse que enquanto você vivesse, nós não passávamos de cadáveres ambulantes.

— Verdade.

O rosto de Joules faiscou, uma sessão de tormenta se aproximando.

— Podemos por favor não brigar mais? — pedi a eles. — A Sacerdotisa disse que se Richter vencer, haverá um inferno na terra. A raça humana estará condenada.

— Já testemunhamos isso — falou Gabriel. — Quaisquer provisões que Fortuna não possa levar de helicóptero até seu esconderijo, ele *incendeia*. A fome nesta região está pior do que nunca.

Não era surpresa Sol ter debandado. Ele sonhou grande em alimentar milhares.

— Todos teremos que trabalhar juntos para eliminá-lo. Estou pronta para morrer: vocês estão? — Olhei para cada um deles.

— Estou dentro — disse Finn. — Richter não pode sair impune do que fez com Selena e Jack e toda aquela gente...

De repente suas palavras pareceram ir desvanecendo; eu me senti tonta. Enruguei a testa quando um líquido morno pingou nas costas da minha mão. Aquilo era sangue caindo em cima dos meus ícones? Vinha do meu nariz?

Passei a manga nele, mas o sangue continuava caindo. Tontura me atingiu, minha visão ficando indistinta.

— Aric?

— *Sievā*, está sangrando? — Ele deu uma fredda brusca. — Deuses, foi ferida?

Eu me lembrei de Jack tirando a camiseta para pressionar no meu nariz. Mesmo com o sangue eu saboreei o seu cheiro.

Imperatriz.

Fiquei tensa. Aquilo era... a voz de Matthew? Por que ele estaria na minha cabeça depois de todos

esses meses? Como ele ousava me contatar agora! *Me deixe em paz!* Um zumbido em meus ouvidos ficou cada vez mais alto, como ruído depois de usar esteroides.

Tenho um segredo. Ele não quer que eu conte.

Seu tom assustador me deu arrepios.

Aric correu em volta da camionete, abrindo a minha porta. Ele se abaixou, segurando meu rosto em suas palmas tremendo. Ele falava comigo com pavor nos olhos, mas eu não conseguia ouvir uma palavra.

Saia da minha mente, Louco!

Ouçá. Uma voz diferente veio até minha mente: *Que tipo de perigo ela está correndo? Merda, me diz! O que está acontecendo, coo-yôn?*

Eu gemi. *Jack??? É você?* Ele parecia tão perto.

Sangue continuava escorrendo. Minha respiração ficou fraca até eu começar a hiperventilar, quase desmaiando. Mas estava desesperada para ouvir mais a sua voz. *Jack, por favor, me responda!*

Ruído branco me respondeu.

Por favor, por favor, POR FAVOR...

Meus olhos rolaram para trás.

49

Dia 512 D.F.?

— Aí está ela — disse Aric quando eu abri os olhos. Ele estava ao meu lado, acariciando meu cabelo. Eu estava na nossa cama? Tão confuso.

Por que Paul tinha um aparelho de pressão no meu braço?

— Está tudo em ordem — ele disse a Aric. — Tenho certeza que o estresse pós-traumático do ataque não ajudou.

Aric disse:

— Obrigado, Paul.

Com um "Descanse um pouco, Evie," o médico saiu.

Meus olhos arregalaram quando as lembranças voltaram. *Matthew, me responda!* Sentei de um salto, ficando tonta outra vez.

Aric agarrou meus ombros.

— Calma, devagar. Qual o problema, amor?

Aquele zumbido estava de volta. Eu me sacudia tanto que meus dentes batiam. *MATTHEW, por favor, responda! Estou implorando. Jack está vivo?*

Matthew realmente nunca disse que ele estava. O Louco poderia estar canalizando algo que Jack falou antes de morrer. Talvez Matthew estivesse tentando me enlouquecer. Se fosse...

Parabéns, o plano é um sucesso.

Esfreguei as têmporas, murmurando para Aric:

— E-eu não sei — e se eu tivesse imaginado tudo? Imaginado a voz de Jack?

Oh, Deus, é claro. Eu estive me lembrando de algum detalhe de Jack e então sua voz surgiu?

Em um tom solene, Aric disse:

— Há algo que precisamos conversar, *sievā*.

E agora o que? Eu poderia ter apagado por dias. Nesse tempo, ele pode ter descoberto algo de novo e horrendo.

Então por que ele me olhava de um jeito tão estranho? Quase como se *eu* estivesse maluca.

Talvez eu... não devesse lhe dizer o que tinha ouvido. Não até que soubesse mais. Como é que eu transmitiria a revelação de qualquer modo? *Jack está vivo, mas aparentemente ele deixou esse pequeno detalhe em segredo. Ah, mas Matthew deu com a língua nos dentes!* ganhando tempo, acenei para que ele continuasse.

Mal estava escutando quando ele começou a falar de Paul, de todas as pessoas. Como o médico tinha ficado preocupado quando fiquei encerrada com a minha avó por tanto tempo. Como eu tinha perdido peso e ficado apática. O homem tinha insistido que eu fizesse um *check-up*, até se ofereceu para

conseguir os anticoncepcionais quando eu e Aric começamos a dormir juntos.

Espere. Levantei os olhos.

— Depois?

Aric assentiu.

— Ele contou que você disse a ele que não havia necessidade de contraceptivo.

Como é?

— Eu fui até ele e tomei uma injeção *antes* de ficarmos juntos. Eu te contei isso.

— Como eu disse a ele, mas ele jura que isso jamais ocorreu.

Real? *Irreal*? Eu tinha... imaginado o meu encontro com Paul? Já temia lacunas em minha memória; vovó tinha me falado de coisas das quais eu nem lembrava. Estava eu agora *inventando* memórias?

Tinha inventado o retorno de Jack?

Em uma voz tranquilizadora, Aric disse:

— Não estou com raiva, amor. Apenas fale comigo — ele não era a primeira pessoa a me olhar como se eu tivesse enlouquecido, como se eu fosse um problema com a possibilidade de piorar.

Não será a última.

Não. Eu me recusava. *Tinha* escutado Jack e *tinha* tomado a injeção.

— Isso aconteceu sim, o que significa que Paul é um mentiroso — *mas por que ele mentiria?* — Eu vou confrontá-lo — em seu tempo. Agora, tudo que eu queria era ouvir Matthew outra vez.

Ainda assim, franzi a testa quando um pensamento me ocorreu.

— Por que vocêalaria com Paul sobre contraceptivos?

Aric colocou meu cabelo atrás da minha orelha.

— *Sievā* — ele falou com gentileza — não sabe que está grávida?

Tic-tac.

FIM